MARGERY A MÉDIUM

J. MALCOLM BIRD

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

“MARGERY”, A MÉDIUM

J. MALCOLM BIRD Oficial de Investigação, American Society for Psychical Research Anterior Editor-Chefe, *Scientific American*

PREFÁCIO

Por princípios gerais, sou contra um prefácio. Quando a função do prefácio não é abertamente e assumidamente pedir desculpa pelas falhas do texto, o seu objetivo é normalmente dizer ao leitor sobre o que é o livro; e, neste último caso, a confissão de fraqueza está lá, implicitamente, no receio evidente do autor de que o leitor não saiba, depois de terminar o volume, sobre o que ele era. Mas por vezes há um propósito legítimo para um prefácio — por vezes o autor tem algo a dizer ao leitor que estaria fora de lugar em qualquer outro local que não este. O presente prefácio, assim espero, justifica-se desta forma e nesta medida.

O facto é que este livro é dirigido a vários grupos diferentes de leitores. Será, espero eu, lido com interesse por muitas pessoas que já estão satisfeitas com o facto de fenómenos do tipo aqui descrito ocorrerem, e de que são devidos à ação dos espíritos dos falecidos; o Espiritualista, julgo eu, acharia que vale bem a pena examinar os detalhes de uma mediunidade que atraiu tão ampla atenção. Será igualmente lido, se corresponder às minhas expectativas, por muitas pessoas que ou estão totalmente satisfeitas de que os fenómenos físicos da sala de sessões ocorrem, ou estão numa convicção incipiente um pouco além do estado de espírito que designamos como “aberto”; mas que ou não estão satisfeitas de que a explicação dos espíritos seja a válida, ou estão satisfeitas de que não o é. E será, confio eu, lido por pessoas que são de mente aberta, céticas ou mesmo hostis à ocorrência dos fenómenos.

Destes vários grupos, algumas pessoas acharão que o seu interesse as conduz ao longo do tratamento temático e do desenvolvimento histórico do caso que apresentei. Tais leitores começarão o livro pelo início e segui-lo-ão, confio eu, até ao fim. Mas outros concentrarão a sua atenção na questão abstrata da validade, esperando chegar a acordo comigo, ou chegar a desacordo comigo, ou alcançar uma conclusão que definiriam de antemão apenas pela esperança de que venha a estar de acordo com os factos.

A tais leitores seria inútil dissimular o facto de que os primeiros vinte ou mais capítulos, tomados por si sós, não fazem qualquer contribuição para a demonstração da validade. Exorto, portanto, todos os leitores cujo interesse primário resida em tal demonstração a lerem o livro do fim para o início, na medida em que tal se afigure possível.

Os primeiros quatro capítulos, penso eu, todos os leitores deveriam examinar primeiro; tudo isso não deverá repelir o cético, e tudo isso é necessário para qualquer compreensão razoável do que se segue. Depois disto, creio que se verificará ser viável passar para o fim do volume e trabalhar para trás, com as poucas referências aos capítulos iniciais que possam ser sugeridas pelo próprio texto — do Capítulo LII para os Capítulos XLVII e XXXVI, por exemplo.

Ou, como um meio menos drástico de entrar em contacto imediato com a questão crítica da autenticidade, o Capítulo LIV poderia muito bem ser usado como um índice e guia para a busca dos episódios que tendem a apoiar a mediunidade. Fui obrigado a organizar o material por ordem histórica, porque nesta disposição visualizo o maior valor permanente; mas é claro para mim que, se a pessoa cujo estado de espírito é mais ou menos cético ler o livro nessa ordem, em muitos casos desistirá com impaciência antes de chegar às partes que acharia impressionantes.

Aqui e ali encontrar-se-ão referências aos Capítulos LIII e LIV que não são apoiadas pelo texto destes capítulos. A intenção original era inserir após o Capítulo LII determinado material relativo ao lado subjetivo da mediunidade — ditos e feitos da personalidade de Walter e de outros controlos, que serão de importância fundamental para responder à questão da verdadeira natureza destas personalidades.

Acontece, no entanto, que há mais deste material do que eu tinha percecionado, e que será melhor retê-lo deste volume em antecipação

de uma discussão mais completa, por mim ou por outra pessoa, noutro local, sobre esta fase da mediunidade. Sou fortalecido aqui pelo facto de que tentar a inclusão deste material seria violar gravemente o clímax lógico ao qual a presente disposição dos meus capítulos tornou possível levar a minha discussão do aspeto físico do caso.

Os capítulos iniciais foram completamente tipografados antes de os posteriores serem realinhados de acordo com este plano alterado; daí ter sido impossível eliminar estas referências inválidas.

Os parágrafos acima contradizem um pouco a minha sugestão inicial de que este prefácio seria diferente dos outros prefácios; até agora, tem sido, afinal de contas, meramente uma série de explicações para os aspetos mais obviamente questionáveis do texto. Um aspeto que não seria obviamente questionável, exceto para quem siga os jornais muito de perto, resta ser mencionado. O texto do Capítulo L foi a última parte do livro a ser preparada. Foi escrito numa altura em que novos desenvolvimentos surgiam quase diariamente; foi reescrito várias vezes para acompanhar estes factos. Tem de chegar uma data além da qual os detalhes mecânicos da publicação proíbem que seja novamente alterado.

Declarações de membros individuais da comissão feitas após essa data-limite alteraram ligeiramente a situação existente entre a comissão e Margery, mas não tenho a certeza de quanta alteração seria necessária no Capítulo L se o estivesse a escrever agora. Em todo o caso, a história futura do caso será acompanhada no *Journal of the American Society for Psychical Research*. Os fenómenos obtidos durante o exame da mediunidade por parte de Dingwall em janeiro e fevereiro de 1925 são de tal caráter que sugerem fortemente que, no decurso do tempo, teremos factos suficientes, suficientemente diferentes dos aqui relatados, para exigir outro livro. A menos que e até que isto ocorra, os arquivos do *Journal* acima nomeado continuarão a apresentar, em conjunto com o presente volume, um registo completo do caso Margery, dentro e fora da sala de sessões.

O meu texto das cerca de quinhentas páginas seguintes torna abundantemente claro a qualquer leitor perspicaz que este volume foi preparado com a ajuda muito ativa do Dr. Crandon. Sem os registos documentais que obtive dele e que não poderia ter obtido de nenhuma outra fonte, nenhum relato adequado da mediunidade teria sido

possível. A ele, da mesma forma, estou grato por todas as fotografias utilizadas, uma vez que sempre ficou entendido que todas as fotografias da sala de sessões são sua propriedade. Mal preciso de reconhecer a sua gentileza em colocar este material à minha disposição; uma vez tornada clara a minha disposição para assumir o presente volume, foi para sua vantagem óbvia e necessária fazer tudo o que pudesse para tornar o livro completo. Mas estou fortemente inclinado a agradecer com extrema gratidão a completa liberdade de pressão sob a qual o livro foi escrito.

O Dr. Crandon acredita que a mediunidade da sua mulher demonstra a hipótese dos espíritos e eu não vejo as coisas assim; ele acredita que a voz de Walter está provada como sendo sempre independente e eu não vejo as coisas assim; em inúmeros outros pontos de maior ou menor importância, ele e eu discordamos. Ele está sempre ansioso por argumentar comigo sobre estes pontos, na esperança de me trazer para a sua forma de pensar; mas em momento algum houve a menor sugestão de que o livro deveria refletir mais os seus pontos de vista e menos os meus.

Não acredito, se as nossas posições tivessem sido invertidas, que eu pudesse ter mantido as minhas mãos afastadas tão consistentemente como ele manteve; e quero elogiá-lo publicamente, e agradecer-lhe, pelo seu extraordinário sucesso em deixar para mim a escrita do meu livro sobre a sua mulher!

O Autor

CONTEÚDO

Parte I: Preliminares
I. Investigação Psíquica: O Que Significa
II. O Início
III. Organizando a Mediunidade
IV. E Quanto aos Espíritos?
Parte II: A Fase Informal da Mediunidade

V. Aventuras com a Mesa
VI. O Misterioso Batedor
VII. Margery Entra em Transe
VIII. Margery e Outros Psíquicos
IX. A Música Psíquica
X. “Os Duendes Vão Apanhar-te Se Não Tiveres Cuidado”
XI. A Voz de Walter
XII. Um Resumo Até à Data
XIII. Richardson & Stinson, Demolidores
XIV. Quem Parou os Relógios?
XV. Nos Andares de Cima e de Baixo
XVI. A Aventura do Pedaço de Cordeiro
XVII. Um Intruso Indesejado
XVIII. O Pombo Psíquico
XIX. A Expedição Europeia
Parte III: Os Desenvolvimentos Espontâneos do Início de 1924
XX. Um Respiro Fundo e um Novo Início
XXI. Cinzeiros, Flores, Etc.
XXII. Dedos Fantasmagóricos na Escuridão
XXIII. Brisas Árticas Vindas do Nada
XXIV. O Surgimento das Luzes Psíquicas
XXV. O Gado Psíquico
XXVI. Letras de Fogo
XXVII. O Carteirista Psíquico
XXVIII. O Assobiador Alegre
XXIX. A Mesa Inquieta
XXX. O Misterioso Batedor Regressa
XXXI. O Varão de Cortina Circulante
XXXII. Pequenas Aventuras do Gabinete
XXXIII. Registos Típicos de Sessões do Início de 1924
Parte IV: Com a Comissão Científica
XXXIV. O Episódio do Frasco Selado
XXXV. “Aquelas M_s de Balanças!”
XXXVI. Walter Toca o Sino
XXXVII. Uma Voz do Espaço Vazio
XXXVIII. Trabalho Duro numa Sessão Científica
XXXIX. Um Documento Original

XL. O Grande Mistério da Vitrola
XLI. A Mão é a Mão de — Quem?
XLII. De Volta às Balanças
XLIII. Com Câmara e Balanças
XLIV. A História Posterior das Luzes Psíquicas
XLV. Coisas Pequenas Sob Grande Controlo
XLVI. Reentrada da Equipa de Demolição
XLVII. A Caixa do Sino Ganha Destaque
XLVIII. Houdini vs. Margery
XLIX. Walter vs. Houdini
L. E Quanto à Comissão?
LI. Incidentes Importantes de Sessões Recentes
LII. A Caixa do Sino Traz um Clímax sob Luz Vermelha
LIII. Sessões e Assistentes
LIV. Em Suma

PARTE I PRELIMINARES
"MARGERY", A MÉDIUM
CAPÍTULO I INVESTIGAÇÃO PSÍQUICA — O QUE SIGNIFICA

De tempos a tempos no passado, a ciência viu-se confrontada por novos factos e novos fenómenos, que não se encaixavam na estrutura existente de conhecimento e teoria. Nesta situação, a ciência considerou geralmente mais fácil condenar os factos do que reconstruir a estrutura para os acomodar. Casos disso mesmo são a experiência de Galileu com os seus novos factos sobre os céus; a derrota final da ciência na sua batalha de um século contra a "superstição popular" de que as pedras caem dos céus; o ridículo que recebeu a afirmação de Roentgen de que conseguia ver através de objetos opacos. Em última análise, claro, se um facto é um facto, ele encontra o seu lugar; mas tem frequentemente um longo período de desacreditação e provação.

A ciência confronta-se hoje com uma série de factos para os quais ainda não conseguiu fazer lugar. A ciência faria bem em lembrar a máxima de William James de que, quando tem havido disputa entre a ciência e o misticismo, o misticismo tem tido geralmente razão quanto aos factos e a ciência quanto à sua interpretação. Mas a ciência tem-se mantido fiel à sua praxe ao rejeitar os factos, sem tentar uma explicação ou interpretação.

Refiro-me, naturalmente, aos fenómenos da sala de sessões. Na presença de certas pessoas excecionalmente constituídas, conhecidas como médiuns, ocorrem coisas que, se não forem totalmente devidas a fraude mediúnica, a erro de observação e à operação das leis do acaso, apontam para o funcionamento de uma causa ou de causas que ainda temos de identificar.

Destes fenómenos, um grupo é totalmente de caráter físico. Objetos movem-se, sons e luzes são produzidos, correntes de ar frio são sentidas, os termómetros descem, toques são sentidos por aqueles que estão presentes — tudo sem meios físicos aparentes. Um segundo grupo principal encontra-se nas manifestações às quais Richet aplicou o nome genérico de "criptestesia". Estas tomam formas externas amplamente diferentes, das quais a telepatia, a clarividência, a clariaudiência, as premonições, os sonhos proféticos, a escrita automática e a voz em transe são talvez razoavelmente representativas; mas o seu denominador comum é sempre identificável — a posse e a transmissão, por parte do médium, de informação que ele não poderia obter através do uso normal dos seus sentidos normais.

Ora, um dos objetivos da ciência é associar cada facto à sua explicação; e é a este, mais do que a qualquer outro dos seus deveres, que o leigo exige do cientista maior rigor. No entanto, está longe de ser novidade para a ciência ver-se obrigada a aceitar factos, na ausência de uma explicação, mas na esperança de vir a ser capaz de fornecer uma; dizer: "Ocorre, mas ainda não sabemos como nem porquê." A confissão não é de fraqueza; o isolamento lúcido da questão da ocorrência relativamente à da causa é uma marca do pensamento científico competente. De facto, se tivéssemos de ter a explicação com o facto, teríamos de negar a existência do universo, da vida, da personalidade humana; pois de tudo isto, ninguém sabe o como nem o porquê!

Com isto em mente, há quarenta anos Sidgwick caracterizou como um dos escândalos da investigação o facto de os meros factos da sala de sessões ainda serem questionados. O escândalo pouco diminuiu desde os anos oitenta. Neste único campo, a própria ciência é propensa a tornar-se acientífica, ao ponto de falhar em isolar a questão da ocorrência da questão da causa. A ciência pode ser perdoada pelo erro, pois é mais fácil cometê-lo neste campo do que em qualquer outro. Paralelamente a e como parte dos fenómenos à medida que ocorrem, corre a alegação de causalidade pelos espíritos dos mortos. É difícil desembaraçar os próprios fenómenos desta alegação, difícil até por vezes percecionar que duas coisas diferentes estão envolvidas, cujo desmembramento é exigido. Os fenómenos explicam-se a si mesmos, enquanto estão a ocorrer, por esta teoria que cresce fora da fé e da emoção, e que contradiz muito da religião ortodoxa, por um lado, e muito da ciência ortodoxa, por outro. Os factos e a explicação, ambos novos e ambos incríveis, um deles repugnante para a maioria das nossas noções preconcebidas, são-nos apresentados num único pacote que ostenta o rótulo "Espiritualismo". A combinação é demais para a maioria de nós e é rejeitada, sem que percebamos que deveríamos olhar por baixo do rótulo.

Ora, é concebível que os factos e a explicação (por mais indesejada que esta última seja) sejam ambos válidos, e que tudo o que na ciência e na religião for verdadeiramente irreconciliável com eles tenha de ruir. Negar esta possibilidade abstrata seria acientífico e preconceituoso. Ou os factos podem ser válidos e a explicação não. Em qualquer dos casos — em qualquer caso —, deveríamos fazer e responder às duas perguntas independentes de forma independente. Ocorre um determinado fenómeno? Se sim, devemos então, e só então, considerar o problema da sua causa.

Intelectualmente, estou interessado em saber por que razão as mesas levitam e por que razão a clarividência existe. Cientificamente, não estou no menor grau interessado nestas questões até que tenha sido universalmente aceite que os fenómenos ocorrem. Assumindo que a sua ocorrência tenha sido provada, claro que o problema final é explicá-los. Isto pode muito bem vir a revelar-se uma questão de extrema dificuldade. Mas se alguém o atacar hoje, encontra uma dificuldade puramente artificial e de modo algum inerente ao

problema. A tentativa de explicação é recebida com a afirmação desdenhosa de que estas coisas não acontecem, de que apenas um tolo crédulo imaginaria por um momento que acontecem. Não se pode atacar com proveito a questão da causa enquanto o assunto estiver a todo o tempo sujeito a tal obscurantismo.

A primeira coisa a fazer para afastar esta névoa é escapar da superstição. A ideia de que a superstição desempenha um papel na negação dos fenómenos psíquicos pode ser nova — o sapato é normalmente ajustado ao outro pé. Mas em que fundamentos específicos é negada a ocorrência de, digamos, uma levitação? Não conheço outra resposta além da alegação de que a ciência nega a possibilidade de mover objetos materiais sem contacto material. E esta resposta é duplamente errada. Em primeiro lugar, se a ciência não conhecesse nenhuma forma de mover objetos materiais sem contacto, diria simples e precisamente isto; não negaria que tal meio exista. Em segundo lugar, a ciência hoje conhece pelo menos três formas de mover objetos sem lhes tocar. Certos objetos mover-se-ão sem contacto se expostos, sob condições apropriadas, a um campo elétrico ou magnético; e qualquer objeto, seja ele qual for, mover-se-á sem contacto se exposto sob quaisquer condições a um campo gravítico. Requer na verdade contacto para o impedir de se mover!

Não; a negativa categórica é um negócio arriscado, e quando dada sugere sempre uma superstição científica. As coisas não podem ser porque não são; nada resta por descobrir — essa é a sua filosofia. Se isto não é superstição, falta-me um nome para lhe dar. Para mim parece autoevidente que possa haver — não que haja, claro, meramente que possa haver — outros "campos" nos quais o fenómeno do movimento possa surgir. E se eu tivesse de especular sobre o que poderia gerar tais campos, sugeriria certamente como uma possibilidade a mais misteriosa de todas as coisas da natureza, a personalidade e o organismo humanos.

Assim é para outros tipos de fenómenos psíquicos. Pode-se formular uma declaração negativa de um alegado princípio científico negando a sua possibilidade; mas ela provavelmente negará algo mais que se sabe ocorrer. Se por boa sorte evitar isto, ainda assim não passa de uma negativa universal, não provada e impossível de provar. Os fenómenos da sala de sessões não contradizem leis conhecidas; eles

meramente transcendem-nas e sugerem leis mais gerais, ainda por descobrir.

A superstição científica está também inclinada a criticar as condições sob as quais os fenómenos da sala de sessões ocorrem.

CAPÍTULO I
A INVESTIGAÇÃO PSÍQUICA
O QUE SIGNIFICA

Dependem elas, em grande medida, da ausência de uma atmosfera de hostilidade, certamente; mas que importa isso? A mediunidade é uma função mental tanto quanto física; e, para a maioria de nós, a eficiência mental definha na presença de hostilidade, suspeição ou desconforto físico. É lamentável que o médium não possa dar o seu melhor desempenho ao homem que o trata como um criminoso, mas é um facto.

Da mesma forma, os fenómenos psíquicos dependem em grande medida da ausência de luz. A luz está ela própria longe de ser totalmente compreendida, mas sabemos pelo menos que possui propriedades físicas, químicas e elétricas marcantes. O processo químico da fotografia, a permanência das cores, a condutividade elétrica do selénio e de outras substâncias, os ciclos de vida da maioria das plantas e de muitos animais — estes são apenas alguns, convenientemente citados, dos muitos fenómenos que são afetados de uma maneira ou de outra pela luz. Por que razão havemos nós de insistir com tanta leviandade que a força envolvida nas manifestações psíquicas deve, de entre todas as coisas do universo, permanecer imune à influência da luz?

Se o(a) caro(a) leitor(a), escarnecendo da analogia, assim insiste, se amaldiçoa a força psíquica porque ela não é constituída como o(a) senhor(a) gostaria — bem, só me resta expressar pesar por o Criador não o(a) ter consultado, para que as suas ideias sobre a conveniência

das coisas tivessem prevalecido. Estou disposto a aceitar o universo tal como o encontro; e, quer queira quer não, o(a) senhor(a) é obrigado(a) a aceitá-lo assim.

O crítico mordaz está neste momento, sem dúvida, a rebentar de ira porque, embora falando tão imparcialmente sobre leis e forças, nada disse sobre os espíritos. Onde é que eles entram? No que a mim diz respeito, eles não entram de todo. Não estou a falar de espíritos ou de manifestações espíritas. Estou a falar de fenómenos psíquicos — fenómenos que ocorrem de tal modo que são uma função da presença de alguma personalidade humana particular, com o seu organismo acompanhante; e sem explicação em termos da doutrina científica conhecida.

A definição é inequívoca. Os fenómenos são desafortunados por chegarem até nós com o rótulo do espiritualismo colado — um rótulo que muitos de nós abominamos. No fim, claro, ou mostraremos que são de origem espírita, ou então mostraremos por que razão fingem tão consistentemente sê-lo. Por enquanto, aqueles que não gostam do rótulo precisam apenas de o rasgar. O cientista tem de o rasgar; não pode permitir-se, nem mesmo por implicação, ficar restrito a uma única das muitas explicações possíveis.

Menos ainda pode ele permitir-se ficar amarrado a uma explicação que não explica. Mesmo que os espíritos estejam presentes na sala, resta demonstrar, em termos mecanicistas, como podem eles mover os móveis ou dizer o que se passa à distância. Com ou sem os espíritos, os fenómenos da sala de sessões surgem através da ação de forças que não identificámos. São estas presumivelmente de natureza elétrica ou biológica, ou apresentam analogias elétricas ou biológicas. O problema imediato é isolá-las e aprender as leis que regem o seu funcionamento. Quando estas leis e estas forças forem reconhecidas, se apontarem para os espíritos dos mortos como os operadores inteligentes, muito bem. Mas assumir que o fazem quando nem sequer sabemos o que elas são é procurar problemas, enquanto assumir que não o fazem é igualmente fora de propósito. Não temos direito a suposição alguma sobre este ponto.

A presente proposição é simplesmente que certos fenómenos ocorrem. Para isto, no meu entender, deveria ser possível obter o assentimento de todas as pessoas inteligentes que não tragam para o

assunto a predisposição adversa e o preconceito de um Houdini. Nenhum ataque proveitoso pode ser feito ao problema da causa até que o da ocorrência esteja assim resolvido. Por isso creio que a investigação psíquica deveria, por agora, concentrar-se em demonstrar a realidade dos seus fenómenos, não prestando atenção à causa, salvo através da exclusão sistemática de todas as causas conhecidas.

Esta questão da ocorrência é uma com que cada investigador tem de lidar a partir da sua própria experiência. Dos muitos que assim a enfrentaram, creio que nenhum cuja mente estivesse aberta em primeiro lugar deixou de lhe responder afirmativamente. Isto não causou a impressão que deveria na mente do público, por uma razão peculiar.

Suponha que, quando Madame Curie falou ao mundo sobre o rádio, houve descrença geral. Suponha que uma comissão foi formada por eminentes cientistas, todos convencidos de que ela estava errada. Suponha que, após investigação exaustiva, eles relataram que os factos, afinal, estavam com ela. Suponha que foi então alegado e acreditado que, por esta aceitação das suas afirmações, os investigadores se tinham desqualificado a si próprios para relatar, de modo que uma nova comissão teria de ser formada, de céticos frescos. Suponha que isto aconteceu de novo, e de novo, e de novo. O único resultado possível seria a seleção final de um júri tão incompetente que não pudesse, tão retrógrado e cobarde que não quisesse, ver os factos.

Ora, isto é suficientemente ridículo; no entanto, é exatamente o padrão pelo qual a capacidade de alguém como investigador psíquico é frequentemente julgada. Enquanto alguém permanece inflexivelmente cético, as suas qualificações são consideradas garantidas. Mas não se pode examinar um caso indefinidamente sem o achar genuíno ou fraudulento. Se alguém é honesto e competente e se ocorre um caso genuíno, pode abordá-lo com todo o ceticismo, mas o seu ceticismo tem de ser vencido pelos factos. Fica então, por aqueles que acham que isso vai contra os seus interesses ou inclinações conceder os fenómenos, imediatamente desqualificado em favor de uma espécie mais permanente de cético, mais impermeável aos factos.

Esta atitude é menos geral com referência à fase subjetiva do que à objetiva. O cético mais endurecido geralmente está disposto a

conceder que alguns dos fenómenos subjetivos ocorrem genuinamente — eles são tão mais comuns que alguns deles lhe aconteceram geralmente em condições que tornam impossível explicá-los!

Além disso, ele percebe muito bem que não sabe tudo o que há para saber sobre a mente humana; aprecia que ela provavelmente tem funções e capacidades muito para além das normalmente exibidas. Mas com referência ao mundo objetivo dos seus sentidos, ele toma distintamente (embora tacitamente) a atitude de que sabe tudo o que há para saber, de que nenhum fenómeno pode jamais transgredir os limites atuais do seu conhecimento, e de que quaisquer que pareçam fazê-lo são necessariamente fraudulentos.

A controvérsia sobre a ocorrência centra-se, portanto, nos fenómenos objetivos. Acontece também que, quando estamos prontos para debater as causas, o lado objetivo é aquele para o qual podemos voltar a nossa atenção com mais proveito. Assim, é com referência particular aos fenómenos objetivos que eu gostaria de insistir na importância de deixar de lado tudo o resto enquanto resolvemos, de uma vez por todas, a questão da ocorrência. Esta opinião cheguei a ela numa altura em que ainda não tinha uma opinião definida minha sobre se eles ocorrem ou não. Desde então, as minhas observações do caso em torno do qual este volume gira convenceram-me de que eles ocorrem.

A tradição quereria que isto me desqualificasse para ulterior discussão de coisas psíquicas; mas não me curvarei à tradição. Mantenho que as minhas observações têm tanta importância como sempre tiveram, apesar do facto extraordinário de me terem levado a uma conclusão. São, espero, de mais valor do que as daquele que remexe e remexe e remexe no problema e chega apenas a um tímido "talvez". Assim, ofereço este volume como um contributo para demonstrar a validade dos fenómenos objetivos da investigação psíquica.

Tal empresa exige uma escolha entre dois caminhos. Das doze ou mais pessoas que frequentam assiduamente as sessões de "Margery" e dos cem ou mais visitantes ocasionais, nem todas têm o mesmo ponto de vista. Alguns, como eu, estão interessados primariamente em colocar a questão da ocorrência numa base sólida. Alguns são

igualmente investigadores, mas sentem que é altura de atacar o problema da causa. Alguns são francamente espíritas, vindo para a experiência de ver as manifestações físicas e falar (como eles acreditam) com os mortos. Alguns estão presentes por pura curiosidade. Alguns são amigos do médium, alguns conhecidos, alguns estranhos. Alguns são cientistas, alguns homens de negócios, alguns profissionais, alguns são apenas pessoas.

Segue-se que nem todas as sessões apresentam condições uniformes. Umas vezes pode-se ter a certeza de que a prevenção da fraude está em mãos competentes, outras vezes não. Umas vezes pode-se sentir que não está presente nenhuma pessoa contra quem a questão de cumplicidade possa razoavelmente ser levantada, outras vezes não é o caso. O exame da sala e do médium varia necessariamente em minúcia. Os fenómenos aparecem ora na escuridão ora com luz. Umas vezes o programa da noite compreende o esperado, de modo que quaisquer preparações feitas antecipadamente são pertinentes ao que ocorreu; outras vezes não é o caso.

Hoje os participantes são aqueles em cuja precisão de observação se tem confiança, amanhã há que fazer reservas aqui. Independentemente de se acreditar realmente que há fraude ou erro, por todas estas razões e por muitas outras, temos de enfrentar o facto de que uma percentagem relativamente pequena dos fenómenos é obtida e relatada em condições de certeza absoluta. Obtêm-se suficientes em circunstâncias à prova de fraude e à prova de tolos para estabelecer a mediunidade como indubitavelmente genuína; isso é tudo o que se pode esperar.

Mas os episódios que, quando isolados da mediunidade como um todo e considerados apenas pelo seu próprio valor facial desacompanhado, não seriam demonstrativamente genuínos — que faremos com eles? Há apenas uma resposta possível: registá-los honesta e fielmente, fazendo um registo completo da mediunidade. Os factos que seriam suprimidos se selecionássemos as manifestações que transportam a sua própria prova, fazem parte do registo. Quando soubermos mais sobre as leis psíquicas, muitos destes factos que agora parecem carecer de autonomia talvez venham a revelar-se da maior importância científica.

E entretanto, a oportunidade absolutamente única de apresentar um registo, baseado em relatos escritos de cada sessão feitos na altura, e abrangendo uma mediunidade importante desde a primeira sessão, é uma oportunidade que não pode ser sacrificada por qualquer outra consideração. Se a prossecução desta oportunidade torna um pouco mais difícil separar a prova de genuinidade dos itens que não contribuem para tal prova, isso é lamentável mas inevitável.

Além disso, nós que melhor conhecemos a mediunidade não temos medo dos episódios menos conclusivos. É muito melhor incluí-los na narrativa do que confessar a sua supressão e deixar o leitor a perguntar-se quão oblíquos eles realmente eram. Eles não provam fraude, nem sequer indicam fraude. No máximo, significam simplesmente que, em certas ocasiões, nem todas as possibilidades físicas elementares de fraude foram excluídas com sucesso. O leitor descobrirá, creio, que em quase todas as categorias de fenómeno, a falha em atingir a definitividade em algumas ocasiões é compensada pela definitividade atingida noutras.

Ao empreender um relato completo da mediunidade, não é possível dar sempre o lugar mais proeminente às sessões mais conclusivas. Muitos dos capítulos conduzirão a um clímax de conclusividade, mas mesmo isso não se verificará invariavelmente. Assim, entre o material de referência recolhido no fim do livro, encontrará o(a) leitor(a) uma espécie de índice dos episódios que são considerados como tendo ocorrido sob garantia inescapável de validade. O(A) leitor(a) cujo interesse reside primariamente neste aspeto da matéria poderá tirar desse índice o proveito que entender.

CAPÍTULO II
O COMEÇO

Passarão por estas páginas um número considerável de pessoas cuja posição científica ou profissional é tal que lhes granjeou um lugar no "Who's Who", e um grande número de pessoas igualmente estimáveis, mas menos na ribalta pública. Para os propósitos do presente capítulo, preciso apenas de apresentar ao leitor seis pessoas que estavam vivas em Maio de 1923, quando a minha história começa;

e uma que nessa data já tinha falecido. Outras das minhas personagens receberão apresentação apropriada à medida que aparecerem.

O Dr. L. R. G. Crandon, da Rua Lime, n.º 10, Boston, é um cirurgião bem conhecido. Vem de sólida estirpe da Nova Inglaterra. Foi educado naquela atmosfera de materialismo extremo que se encontra frequentemente na família da Nova Inglaterra de convicções inabaláveis como alternativa ao extremo da fé congregacionalista, batista ou metodista de carapaça dura.

Toda a sua educação foi direcionada para a sua atual profissão e, com a prática subsequente dessa profissão, enfatizou o credo materialista de linha dura que herdou. Ensinou cirurgia na Harvard Medical School durante dezasseis anos, e é o autor de um manual de referência sobre pós-tratamento cirúrgico.

A Sra. Crandon, a minha personagem principal, nasceu e foi criada no Ontário rural. O seu nome de solteira era Mina Stinson. Em idade relativamente precoce, conseguiu emprego em Boston como secretária da Igreja Congregacional da União, sob o pastorado do Rev. Allen A. Stockdale. Além das capacidades executivas que isto sugere, é uma música consumada; e os seus retratos indicarão que é de aparência atraente. A caracterização pessoal e alguma análise psicológica serão necessárias, mas serão adiadas.

De vários filhos, a Sra. Crandon era a mais nova; um irmão, Walter, era o seguinte, cerca de cinco anos mais velho que ela. Cresceram juntos, em relativo isolamento dos filhos mais velhos, e eram muito próximos um do outro. Walter foi morto num acidente ferroviário há cerca de doze anos. Durante a sua vida, foi-lhe atribuído poder psíquico.

O Dr. Edison W. Brown é suficientemente caracterizado pelo prefixo profissional, e pela afirmação de que é um velho e valioso amigo do Dr. Crandon. Da Sra. Brown, preciso apenas de dizer que o seu nome de solteira era Katherine Caldwell, e que ela é uma das íntimas da Sra. Crandon.

Frederick Adler tem sido, durante anos, agente-superintendente do edifício onde o Dr. Crandon tem o seu consultório; tornou-se um amigo próximo da família através deste contacto. A sua perspetiva mental é uma combinação invulgar dos tipos profissional e empresarial.

Alexander W. Cross, devido ao interesse dramático dos seus últimos anos, requer mais espaço. Rapaz inglês, criado em Cantuária, a sua escolha de carreira levou-o para a China, onde durante muitos anos ocupou um posto na alfândega britânica em Xangai.

Aqui, as suas funções puseram-no em contacto com os nativos quase exclusivamente, e a sua visão da vida tornou-se distintamente chinesa. Em 1916, tentou ir para casa para se voluntariar. O seu navio foi afundado pelo corsário alemão Wolf, e durante seis meses navegou pelos mares como prisioneiro a bordo desse navio. Quando o Wolf, depois de atravessar os campos minados do Mar do Norte numa tentativa de chegar a casa, encalhou na costa dinamarquesa, Aleck, sendo ainda civil, recebeu passagem para Inglaterra em vez de ser internado com os seus captores. Durante o resto da guerra, serviu com distinção como comandante de uma grande unidade de trabalhadores chineses na frente francesa, ascendendo ao posto de capitão.

Quando a desmobilização o deixou sem rumo, em idade fatalmente avançada, gravitou para a América e para a casa do Dr. Crandon, com quem se tinha tornado bem familiarizado através do seu hábito de passar as férias em Boston. Mantinha-se uma esperança polida de que encontraria uma posição que estaria qualificado para preencher, e o Dr. Crandon ajudou o quanto pôde a busca de tal posto; mas, na verdade, o longo isolamento de Aleck na China tinha-o fundamentalmente inabilitado para o sustento próprio, e até certo ponto mesmo para a existência, num país ocidental.

Tornou-se, portanto, um adjunto da casa dos Crandon, e um extremamente útil. Embora tivesse um quarto em Cambridge, dormia, tantas vezes como não, no sofá da sala de livros da Rua Lime; e, em geral, o Doutor cuidava das suas necessidades materiais. Em troca, Aleck realizava todos os serviços imagináveis pela casa, desde bibliotecário a moço de recados, desde datilografar laboriosamente as cartas e registos do Doutor até manter o gato amarelo longe de travessuras.

Era uma pessoa extraordinariamente grande, no rosto e na cabeça como no corpo; extraordinariamente inocente e simples; extraordinariamente simpático. Estava entendido que um dia o seu coração lhe falharia, e assim aconteceu no dia 8 de Setembro de 1924, na rua, à vista da casa da Rua Lime. O grau em que ele é sentido falta

na casa assinala o extraordinário sucesso com que evitou parecer o que realmente era — uma das tragédias da guerra.

Posso agora prosseguir com a minha história, que é a da origem, ou descoberta, conforme preferir, da mediunidade da Sra. Crandon. A primeira pergunta que o leigo faz ao investigador, com referência a qualquer caso mediúnico, tem a ver com a forma como o poder foi primeiramente trazido à luz. A primeira disposição para levar o caso a sério depende geralmente do grau em que parece que a descoberta foi um acidente não premeditado; e a este respeito, a Sra. Crandon tem uma excelente apresentação. Com efeito, tenho de introduzir a sua mediunidade falando não sobre ela, mas sobre o seu marido.

Durante muitos anos, o Dr. Crandon foi um leitor voraz. Costumava levar um livro para a cama, terminando-o antes de se entregar ao sono. Tal programa implica uma universalidade de interesses, pelo que, como é natural, tinha estado exposto a livros sobre espiritualismo e investigação psíquica. A sua reação a estes não fora maior do que a outros assuntos; mas na primavera de 1923, uma profunda impressão foi feita sobre ele pelos volumes de Crawford descrevendo o seu trabalho com o círculo Goligher.

A doutrina materialista, quando desenvolvida até um clímax lógico, exige um lugar primordial no mundo externo para o facto observado; e, portanto, o materialista deveria encontrar-se particularmente capaz de avaliar e classificar novos factos, e de se submeter a qualquer revisão dos seus fundamentos que eles possam indicar. Foi assim com o Dr. Crandon; foi levado a aceitar as observações de Crawford como factos que se estabelecem a si próprios e requerem ser correlacionados com o resto da estrutura científica. Desenvolveu, a partir deste início, um interesse que o levou a ler praticamente toda a literatura disponível sobre investigação psíquica, e o assunto passou a ocupar um lugar importante na sua vida mental extra-profissional.

A princípio, este novo interesse não foi levado muito a sério pelos seus amigos. Foi sobretudo a título de brincadeira que a Sra. Crandon e a Sra. Brown foram, um dia, numa aventura psíquica. Certa vidente tinha sido bem falada; foram ter com ela, num espírito de troça, para ver o que aconteceria. Esperavam que ela tentasse adiá-las para uma data posterior, ou que encontrassem alguma outra variedade

facilmente reconhecível de chicanice mediúnica. Em vez disso, obtiveram uma audiência imediata, e o choque das suas jovens vidas.

Insistem em que nada foi dito ou feito que sugerisse a sua vinda ou a sua identidade; que devem ter sido completamente desconhecidas. Mas o médium, em transe, informou a Sra. Crandon de que um espírito masculino estava presente, dando o nome de Walter e afirmando ser o seu irmão. Muito material válido foi trazido à luz sob a forma de mensagens do visitante para a sua irmã. O nome de um potro que tinham domado juntos quando eram crianças, com incidentes menores relacionados com o treino do animal — este é o tipo de coisa que foi dado.

O carácter sério do incidente foi reforçado quando, alguns dias depois, novamente sem indicação da sua identidade ou da sua ligação com um participante anterior, o Dr. Crandon obteve do vidente mais mensagens probatórias alegadamente vindas de um cunhado Walter.

À Sra. Crandon tinha-lhe sido dito na sua leitura que ela era ela própria uma potencial médium de grande poder. Ela riu-se disso, como um lugar-comum da sala de sessões, que de facto o é. Mas tendo em conta a forma como a sessão do Doutor se ligava à dela, concordou-se que a proposição deveria ter um ensaio. Foi feita uma mesa a partir das especificações de Crawford, e num dos últimos dias de Maio de 1923, os Crandon, os Brown, Adler e Cross reuniram-se numa sala no último piso da casa da Rua Lime. Não existe registo da sessão senão nas memórias dos presentes.

Os seis estavam sentados à volta da mesa, em boa luz vermelha, com as mãos apoiadas levemente no tampo da mesa — tudo de acordo com a convenção. O motivo da ocasião era descontraído, e este não foi totalmente deixado de lado quando a mesa começou a mover-se lateralmente e a inclinar-se sobre duas pernas. Assumiu-se que o seu comportamento se devia a artimanha consciente ou subconsciente de um ou mais do grupo, e um após outro foram mandados sair da sala. Na ausência da Sra. Crandon, a mesa permaneceu imóvel; a exclusão de nenhum outro participante a afetou minimamente. Nem qualquer ação direta das suas mãos, pés ou joelhos sobre a mesa pôde ser observada.

Isto era, naturalmente, um assunto mais sério do que se as experiências tivessem indicado uma responsabilidade coletiva. Se a

mesa se movia apenas para uma única pessoa, podia-se dispensar a questão de saber se os seus movimentos eram o resultado da sua atividade muscular subconsciente, ou de uma força genuinamente supranormal; podia-se perguntar se não estaria envolvido, em qualquer dos casos, um problema de mediunidade efetiva. Em reconhecimento da fórmula estabelecida para tais ocasiões, foi proposto vocalmente um simples código de respostas para não e sim, e foi aceite pela inteligência que operava a mesa. As perguntas eram feitas vocalmente à mesa e respondidas neste código. A coisa aconteceu aproximadamente assim, até este ponto, com milhares de grupos. Mas o presente caso é excecional porque todo o elaborado resultado que vou descrever fluiu deste começo simples e pouco impressionante.

Quando o caso chegou finalmente à fase de publicação, fê-lo sob os meus auspícios. Era desejo dos Crandon evitar publicidade pessoal; por isso inventei o nome Margery para a psíquica, e ao Doutor apliquei a designação F. H. (“Friend Husband” — Amigo Marido). Neste capítulo, dei à minha narrativa todo o contexto pessoal necessário; pelo que, para o resto da história, empregarei estes pseudónimos. No que respeita às cento e cinquenta pessoas, mais ou menos, que assistiram às sessões de Margery, ocultarei a identidade em alguns casos, quando houver excelente razão para o fazer. Na sua maioria, darei aos participantes os seus próprios nomes; mas para poupar espaço e energia, depois de introduzir os participantes masculinos pelo título, deixarei cair este e usarei apenas os apelidos.

CAPÍTULO III
A ORGANIZAÇÃO DA MEDIUNIDADE

As seis pessoas presentes na sessão inaugural tinham seis opiniões diferentes sobre aquilo com que exatamente estavam a lidar. Nenhuma delas estava preparada para aceitar imediatamente a afirmação da mesa de que havia agência espiritual; e tinham várias tonalidades de opinião sobre a questão abstrata da genuinidade, e sobre o grau em que a orientação subconsciente dos próprios participantes explicaria o que tinham visto. Mas estavam de acordo

em que tinham algo que exigia uma investigação cuidadosa e sistemática.

Com o acréscimo do Dr. Frederick Caldwell, irmão da Sra. Brown, dentista em exercício em Boston, completaram o que apelidaram de grupo ABC, a partir dos seus apelidos. Este grupo reuniu-se sempre que conveniente, alternando no início entre a casa da Rua Lime e a residência dos Brown em Beachmont, mais tarde concentrando-se na Rua Lime, onde podiam ter uma sala inteiramente dedicada a fins de sessão. Dos amigos acrescentados ou admitidos de tempos a tempos, devo colocar ênfase, em primeiro lugar, em:

Dr. Mark A. Richardson, médico de Boston com muitos anos de prática, a quem se deve trabalho científico valioso no estudo da vacinação contra a febre tifoide. Há doze anos, após a perda de dois filhos na epidemia de paralisia infantil, retirou-se em grande parte da prática ativa para se dedicar à procura do organismo maligno desta doença; e creio que a sua modesta declaração no "Who's Who" não mede adequadamente a sua realização aqui.

O nome de solteira da Sra. Richardson era Lord. Uma irmã solteira; uma casada, Sra. Frothingham; um filho David; uma filha "Patty" — todos estes parentes a Sra. Richardson tem contribuído para as sessões de tempos a tempos.

Da família de F. H., o seu pai, D. G. C., e a sua mãe têm assistido ocasionalmente; mas o seu pai tem a mente fechada sobre o assunto e prefere não assistir. A sua esposa não vem sem ele. A irmã de F. H., no entanto, Laura C., instrutora de espanhol no “Teachers College”, Nova Iorque, compensa em entusiasmo o que os seus pais não têm.

Outros nomes que ocorrem sem caracterização serão entendidos como representando amigos da família. Destes, os Stewart, os Litzelmann e os Janney são provavelmente os mais próximos, pois são os participantes mais frequentes. Wendell Murray deve ser mencionado pelo nome como um proeminente advogado de Boston, o Dr. Harry W. Goodall como um médico de igual peso profissional.

A partir da segunda sessão, de 3 de Junho de 1923, foi mantido um registo cuidadoso de todas as sessões. A Sra. Richardson assumiu o encargo de preparar este documento sempre que estava presente; na sua ausência, F. H. fá-lo ele próprio. Criticaria a medida em que estes registos são documentos individuais, apresentando observações e

impressões individuais. Raramente, se alguma vez, foram lidos e formalmente aceites pelos outros presentes.

Isto deixa a sua precisão mais aberta a questionamento do que seria se tivessem sido redigidos sob um procedimento diferente; e na sua face são frequentemente incompletos de forma angustiante, deixando por mencionar precisamente aquilo que mais se deseja saber. Mas são o único registo dos primeiros meses da mediunidade — do seu primeiro ano, de facto; e devem ser recebidos com gratidão pela informação que efetivamente dão.

Nas primeiras sessões, a luz vermelha era contínua. Música do vitrola era intermitente. O grupo sentava-se à volta da mesa, com as mãos apoiadas levemente no tampo, e esperava a ação, que viria, após um intervalo indeterminado, na forma de uma curiosa rotação viajante da mesa, à volta e à volta, poucas ou muitas voltas, sem tendência a sair do círculo de joelhos e cadeiras. Isto era reconhecido como uma saudação geral dos espíritos presentes, e o passo seguinte era perguntar quantos eram. A mesa contava-os por solavancos ou inclinações; já reivindicou tantos como quarenta e quatro e tão poucos como um; durante os primeiros meses, cerca de uma dúzia era o número habitual.

As perguntas eram então feitas sobre quantos pertenciam a cada participante; após o que, percorrendo os nomes de parentes e amigos desencarnados, com a mesa a responder "sim" ou "não", a lista era completada. Por vezes, um equilíbrio não era alcançado, não ocorrendo a nenhum participante o nome que presumivelmente daria conta do último espírito ou dois.

Completa a lista, as perguntas eram feitas pelos participantes e respondidas pela mesa, sob a suposta influência de um ou outro dos espíritos. A única alternativa aqui a uma sugestão muito livre de tópicos e respostas específicas pelos participantes, é o processo complicado de deixar a mesa comunicar dizendo "sim" às letras à medida que os participantes percorrem o alfabeto repetidamente, soletrando assim finalmente uma mensagem. Este recurso só era usado em emergências extremas, quando nenhum outro método parecia capaz de obter o que era considerado uma mensagem importante.

Com a técnica mais habitual e menos probatória de sim-e-não, a comunicação livre era desfrutada dentro das limitações do método. Os

visitantes desencarnados revezavam-se na mesa, e frequentemente meia dúzia ou mais eram ouvidos em rápida sucessão. O que tudo isto significava em termos de comportamento da mesa será esclarecido noutro local.

Numa direção, este programa foi muito simplificado, no final. Onde originalmente havia vinte ou trinta controladores espirituais, qualquer um ou todos os quais podiam irromper com mensagens numa determinada noite, a maior parte deles foi gradualmente relegada para segundo plano, e o irmão Walter assumiu uma posição dominante. Durante o último ano, ele tem sido muito definitiva e explicitamente o operador principal do outro lado. Mark e John, os dois rapazes Richardson, seus principais ajudantes, ainda são ouvidos de tempos a tempos.

Os outros controladores, embora ainda imaginados pelos participantes espíritas como presentes, nunca mais são ouvidos, e raramente, se alguma vez, mencionados por Walter; qualquer apoio que lhe dão é silencioso. Este parágrafo, devo dizer, antecipa o ponto de vista em relação aos supostos operadores espirituais que é explicado completamente no próximo capítulo.

Em todos os outros sentidos, o programa simples original foi enriquecido por complicações, que tomaram duas direções principais. Várias manifestações físicas, não relacionadas com o negócio da comunicação, mas afirmadas como sendo realizadas por Walter e oferecidas aparentemente por si mesmas, começaram a ocorrer com frequência e vigor crescentes. E, por outro lado, embora a mesa tenha continuado durante muitos meses a ser usada para as saudações iniciais, para o censo e identificação dos espíritos, e para bastante outro trabalho preliminar, desenvolveu-se cedo uma variedade de canais mais eficazes para o negócio sério de falar com os operadores espirituais.

Assim, durante a segunda sessão (3 de Junho de 1923), F. H. sugeriu que uma comunicação mais rápida poderia ser efetuada por meio de pancadas; seria possível realizar isso? A mesa disse sim e parou; dentro de um minuto, pancadas fracas mas definidas foram ouvidas, vindo de vários quadrantes a pedido. A partir de então, pancadas e mesa foram usadas alternadamente, empregando o mesmo código.

O código em si foi expandido, um passo de cada vez, até compreender os seguintes sinais:

Uma — Não.
Duas — Não sei.
Três — Sim.
Quatro — Boa noite.
Cinco — Boa tarde.
Seis — Às vezes.
Sete — Silêncio.

Além disso, uma curiosa inclinação incompleta da mesa, seguida de repouso, passou a significar uma objecção aos termos da pergunta como injustos ou inadmissíveis.

Uma melhoria conclusiva na técnica de comunicação veio muito pouco depois da introdução das pancadas, e consistiu na passagem da psíquica para o transe. Enquanto ela estava neste estado, uma extensa conversação fluía dos seus lábios, em nome dos vários espíritos que figuravam no caso. Para encorajar isto, fez-se uma aproximação mais estreita à técnica da mediunidade de transe convencional, colocando Margery num gabinete.

Este termo técnico da sala de sessões não implica nada mais sério do que um espaço parcialmente fechado. Foi montada uma armação retangular com madeira de sete oitavos de polegada, consistindo apenas de um fundo e dois lados. Tinha quatro pés de largura, três pés de profundidade e seis pés de altura. Estava aberta em cima e na frente, exceto pelas cortinas. Estas cobriam o topo bastante bem e pendiam na frente até um ponto bem abaixo do nível do rosto da médium sentada.

O procedimento era agora começar com Margery ao ar livre, perto da mesa como antes, mas com o gabinete atrás dela, esperando que ela se retirasse para dentro dele; ou então que ela se sentasse inicialmente no gabinete, com as cortinas levantadas. Outra inovação por volta da mesma altura foi o círculo convencional: geralmente quando se esperava transe, e por vezes quando não se esperava, os

participantes davam as mãos em círculo. Sob este procedimento, que durou todo o ano de 1923, a sessão começava com luz vermelha, com as mãos na mesa; depois, na altura apropriada, quando Margery se retirava para dentro do gabinete para o transe, o contacto com a mesa era abandonado e o círculo formado. Ao longo deste volume, o uso da palavra "círculo" implica a junção das mãos em volta; quando um círculo não existe neste sentido, uso outra palavra.

Restava ainda um avanço a fazer, no desenvolvimento da comunicação vocal sem transe. Não me deterei para discutir aqui a questão de saber se esta voz é automática (produzida pelo uso normal do aparelho vocal da médium, sem a sua direção consciente) ou independente (produzida no espaço, fora do seu organismo físico). O seu lugar no presente capítulo é apenas para assinalar a necessidade que veio com ela de se sentar parcialmente no escuro. Pois esta voz sem transe, embora ocorrendo em certo grau com a luz vermelha, realmente prospera apenas no escuro. Assim, quando foi desenvolvida até à posição de uma característica importante da rotina da sessão, houve frequentes passagens para a escuridão para comunicação com Walter, e novamente para a luz quando ele tinha dito o que tinha a dizer. Isto introduziu certas dificuldades de observação, mas não teve influência adicional sobre a forma externa das sessões.

Durante todo o verão de 1923, o processo de desenvolvimento acima delineado estava em curso. Uma sessão típica deste período começaria com luz vermelha, com Margery ao ar livre, todas as mãos na mesa. Feitas as saudações rotineiras da mesa, o círculo era formado, Margery entrava no gabinete, e podia haver uma mudança nas condições de iluminação.

A conversação com os controladores prosseguia, frequentemente a mesa, as pancadas, o transe e a voz comum sendo todos usados em diferentes momentos; e através deste complexo de comunicação projetava-se outro complexo de fenómenos físicos. Salvo na medida em que a própria comunicação procedia através de efeitos físicos como as pancadas e a voz independente, o lado objetivo da mediunidade não se tornou imediatamente um factor proeminente; mas fenómenos objetivos de um tipo ou de outro, como descritos nos capítulos subsequentes, eram geralmente obtidos.

Nos capítulos seguintes, como medida de economia de espaço, omito muita informação rotineira sobre a constituição do grupo e o local da sessão em determinadas noites, a fonte de informação, etc. Tudo isto se encontrará no final do volume, em ligação com a lista ali dada de todas as sessões que foram realizadas por Margery. Todos os episódios ao longo do texto são dados sob data, o que torna a referência a esta lista para os detalhes rotineiros uma questão simples.

CAPÍTULO IV
E QUANTO AOS ESPÍRITOS?

A mediunidade de Margery apresenta uma combinação de fenómenos objetivos e subjetivos. Isto é perfeitamente normal. Praticamente todos os casos de mediunidade objetiva apresentam um lado subjetivo acompanhante, que apresenta reivindicações de interposição espiritual e controlo espiritual; e sempre estas reivindicações cobrem também o lado objetivo, representando as manifestações físicas como realizadas sob a agência dos mortos.

Claramente, o investigador não pode aceitar estas reivindicações sem um exame muito cuidadoso — muitos investigadores terão a maior repugnância em aceitá-las de todo. O que é menos óbvio é que a validade dos fenómenos objetivos não depende minimamente da disposição que fizermos das reivindicações subjetivas.

Uma voz fala ou uma mão escreve ou de alguma outra forma a personalidade estranha aparece e afirma ser Fulano, e estar a dirigir a manipulação da mesa, as pancadas, as luzes psíquicas. Se não se acredita nele, mas ainda assim se acha os fenómenos físicos desconcertantes em si mesmos, deve-se concluir que estes são genuínos; e que a personalidade espiritual foi inventada, consciente ou subconscientemente, porque se sabe que a tradição psíquica envolve espíritos.

Não há muito tempo, ter-se-ia considerado alguém de coração e cabeça moles por esta disposição de atribuir ao subconsciente o que

quer que se encontre de fictício no controlo espiritual. Mas hoje, tanto leigos como cientistas compreendem tão bem os vastos recursos do subconsciente humano que esta censura já não se aplica. Quer a médium entre em transe quer permaneça consciente, a psicologia define facilmente o seu comportamento em termos do subconsciente. Consideramos o controlo espiritual total do transe como uma dualidade de algum tipo; e a entidade que escreve ou fala automaticamente é então uma dualidade parcial, que comprime apenas uma parte do ego normal para fora do quadro.

Esta hipótese cobre mais terreno do que parece à primeira vista. Há evidência de que a dualidade da personalidade é inteiramente um truque subconsciente — que a identidade extra é uma mascarada subconsciente, inteiramente fictícia. Há igualmente evidência de que é uma possessão real vinda de fora.

Mas se a dualidade é alguma vez, em qualquer caso, devida a possessão externa, enfrentamos um enorme problema em determinar a verdadeira natureza do invasor, e em responder à questão de onde ele vem; e não podemos negar de imediato que por vezes ele possa ser um humano que já faleceu. Assim, a noção de dualidade, assim analisada, vê-se que cobre todas as alternativas e todas as teorias, incluindo a espírita.

Quando a dualidade ocorre, o experimentador tem negócios com a personalidade invasora. Deve obviamente tratá-la com decência, chamar-lhe pelo nome que ela própria se dá, e camuflar quaisquer reservas que possa ter quanto à sua natureza precisa. Caso contrário, ela "fugir-lhe-á", como qualquer outra personalidade que se preze sob tratamento semelhante, e ele não poderá investigá-la de todo. A personalidade Walter, real ou fictícia, domina largamente a sala de sessões de Margery. Não se pode assistir às sessões senão como espectador ocasional sem contacto constante com Walter. Deve-se estar disposto, enquanto na sala de sessões, a dissimular quaisquer dúvidas que se tenha sobre ele. Se se lhe chama Walter e se lida com ele como com a inteligência diretora (que de facto, sob qualquer teoria, ele é), raramente ele exige mais.

Deve-se, no entanto, enfrentar na mente a questão que o controlo ocasionalmente propõe: "Sou eu o Walter?" Pode-se responder afirmativamente a isto, identificando a personalidade diretora com o

irmão que já faleceu. Pode-se ficar em terreno intermédio, acreditando que é uma dualidade de menor tipo — quer um invasor vindo de fora, quer um usurpador vindo de dentro.

Finalmente, pode-se adotar a negativa mais categórica, insistindo em que Walter é o eu normal de Margery, mascarando-se consciente e fraudulentamente. Pareceria que se deve fixar definitivamente uma ou outra destas três teorias, como representando a sua crença sobre esta característica muito importante da mediunidade. Mas acho isso desnecessário; acho que é praticável, até desejável, sentar-se sem qualquer teoria sobre Walter.

Indiquei que o meu programa atual na investigação psíquica gira inteiramente em torno do esforço para trazer acordo geral sobre a questão da ocorrência dos fenómenos objetivos. Walter, um factor subjetivo, não precisa de contar, não conta, neste programa.

Estou inteiramente disposto a encontrá-lo em qualquer base que possa parecer conveniente no interesse de provocar uma boa exibição das manifestações físicas. A atitude de cada um em relação à personalidade, se se tiver uma atitude em relação a ele, colorirá naturalmente a sua atitude em relação às coisas que ele diz; mas o seu suposto carácter fictício não deve colorir a visão de cada um sobre os fenómenos físicos em si mesmos. Estes devem ser sempre julgados pelos seus méritos físicos intrínsecos, com a compreensão de que qualquer elemento de ficção na personalidade Walter foi inventado para acompanhar a matéria física porque a convenção exige um controlo espiritual na sala de sessões.

Tendo tudo isto em mente, é obviamente muito mais fácil assegurar que se terá uma atitude correta em relação aos eventos físicos das sessões se se tiver o cuidado de não ter atitude nenhuma em relação a Walter. Esta é a única maneira certa de impedir que Walter colore a visão de cada um sobre o lado físico.

Portanto, a verdadeira natureza de Walter, penso eu, deve ser deixada de lado até chegarmos a acordo sobre a ocorrência e à determinação da causa. No momento presente e na presente conjuntura, não me importa um pingo se é o próprio Walter a falar, ou outra coisa. Na sala de sessões e fora dela, ignoro esta questão — sou completamente indiferente se o Walter da sala de sessões é o irmão falecido, ou outra coisa, ou o quê.

Um ponto, no entanto, deve ser esclarecido. Separamos os lados objetivo e subjetivo da mediunidade, por conveniência da presente investigação. Mas estes dois aspetos ocorrem juntos; devem pertencer juntos e partilhar uma causa comum. Pois não são meramente simultâneos, estão completamente entrelaçados.

Em todas as fases, o comentário do controlo paraleliza e lida com os fenómenos. Desembaraçamos os dois elementos como um expediente de investigação; mas, em última análise, para completar a investigação, devem ser novamente reunidos, em ligação com a formulação da causa. Portanto, embora ignore a questão do que é Walter, ele continua a ser uma parte integrante dos fenómenos e a sua presença não pode ser ignorada. Terei constantemente de me referir a ele, citá-lo, etc.; e chamar-lhe-ei sempre Walter, sem aspas. Quando parecer necessário para um relato completo dos fenómenos que eu dê as suas palavras ou os seus pontos de vista in extenso, farei precisamente isso.

Este livro é um registo de factos observados. Em muitos lugares, as afirmações de Walter constituem uma fração tão fundamental do facto que não podem ser omitidas. Pois no fim, a explicação que explica os atos físicos deve explicar Walter; e se ele deve ser explicado, deve ser registado. Portanto, não vou omitir as suas palavras; vou incluí-las ao longo de todo o texto, sem mais explicações ou desculpas.

Quando o fizer, por favor não leiam no nome Walter nada mais do que ele carrega; não posso repetir esta explicação da minha atitude em relação a ele em cada página. Poderia, suponho, colocar um asterisco ao seu nome sempre que ocorre, com notas de rodapé remetendo para o presente capítulo; mas também não vou fazer isso. Vou exigir da memória e do senso comum do leitor que ele carregue consigo ao longo do livro esta explicação do que quero dizer quando digo Walter. E o mesmo se aplica na sua totalidade a John e Mark e todos os outros controladores e comunicadores que aparecem de tempos a tempos.

Há mais um ponto aqui que deve ser compreendido. Muitas coisas acontecem na sala de sessões que são demonstrativamente, ou aparentemente, de origem psíquica. Muitos rearranjos do aparato, por outro lado, são feitos pelas mãos dos participantes. O expediente

convencional para alguém que desejasse fugir à responsabilidade pela realidade de Walter seria descrever os efeitos psíquicos na voz passiva: a mesa foi levantada, a voz foi ouvida a dizer, a campainha foi tocada, os pratos da balança foram movidos, etc. Mas em muitos casos, este modo de expressão deixaria o leitor em dúvida se a ação deve ser tomada como psíquica ou como realizada pelos participantes. Portanto, ao longo deste volume, uso as afirmações mais diretas: Walter disse, Walter fez, Walter moveu, Walter levantou, Walter tocou, etc. Isto é puramente uma questão de vocabulário; e com a presente explicação, espero que o leitor se abstenha de interpretar tais afirmações como algo mais do que uma atribuição a supostas causas psíquicas dos atos assim descritos.

PARTE II
A FASE INFORMAL DA MEDIUNIDADE

CAPÍTULO V
AVENTURAS COM A MESA

Ao relatar a mediunidade em qualquer escala como a presente tentativa, é costume dar a história sessão por sessão. Mas a narrativa da mediunidade de Margery será mais interessante e mais informativa se abandonarmos a tentativa de reproduzir sessões inteiras, e traçarmos a história de cada tipo de fenómeno, desde o seu início até ao que quer que seja de clímax que ofereça. Apresentarei, portanto, o material desta forma, começando com o aspeto físico das manifestações da mesa que marcaram o início dos poderes de Margery.

Temos, em última análise, de lidar com duas coisas aqui. Há o arrastar e inclinar da mesa, com as mãos no tampo; a isto chamo "animação" da mesa. Depois há a "levitação" completa, com as quatro pernas a deixar o chão simultaneamente. As condições que envolvem as duas durante o período coberto por este capítulo eram geralmente as mesmas. Mas há uma distinção importante. A animação está sempre aberta à suspeita de que pode ser devida a empurrões e pressões subconscientes dos participantes; a verdadeira levitação, se genuína, é uma manifestação de poderes objetivos reais, e se

fraudulenta deve necessariamente depender de algum outro truque que não o uso das mãos no tampo da mesa.

A sugestão aqui levantada, de que as duas sejam tratadas separadamente, no entanto, é vetada pela maneira como ocorrem juntas. Não só a levitação frequentemente procede da animação comum; há numerosos casos em que é impossível dizer qual das duas está presente, ou em que uma passa para a outra. Portanto, lido com ambos os aspetos da manipulação da mesa neste único capítulo.

Os incidentes aqui relatados não impressionarão quem esteja inclinado a encarar a mediunidade de forma crítica. Alguém disposto a atribuir os fenómenos da mesa a fraude procurará nos pés e pernas a fonte dessa fraude, bem como nas mãos; e embora os membros do grupo ABC tenham construído satisfação nas suas próprias mentes contra essa possibilidade, os seus registos não apresentam qualquer evidência contra ela.

Além disso, tinham luz vermelha tão geralmente que não costumam especificar que ela estava presente; mas o registo mostra que ela esteve ausente apenas com frequência suficiente para nos roubar a confiança de que, quando não mencionada, estava presente. Em parte por falta de experiência no registo de sessões e em parte porque não perceberam que os seus registos viriam a ser a fonte para uma publicação geral do caso, deixaram muitas outras questões importantes em aberto. O tema deste e dos capítulos seguintes deve, portanto, ser a interessante sucessão de fenómenos mais ambiciosos, em vez de uma progressão em direção à prova de validade. A presunção de genuinidade deve brilhar sobre esta fase da mediunidade por reflexo de episódios posteriores e melhor registados.

O registo de 3 de Junho de 1923 pode ser citado com algum detalhe para mostrar exatamente o que a mesa estava a fazer. Com a Sra. Caldwell, mãe de dois dos participantes, como a operadora espiritual acreditada, "a mesa seguiu Caldwell pelo corredor até ao quarto, e obrigou-o a subir para a cama, amassando todos os tapetes pelo caminho. Depois, a pedido de mais, a mesa começou a descer as escadas atrás dele, quando a parámos para salvar o estupro da parede.

De volta à sala de sessões, a operadora mostrou a sua afeição pelo filho e pela filha, em extremos opostos do grupo, deixando o chão completamente e tentando colocar-se primeiro num colo, depois no

outro. Brown disse: 'Aparentemente ninguém aqui gosta de mim', ao que a mesa disse 'Sim' e subiu para ele com duas pernas. A avó de F. H. veio então, trepou para o seu colo, e respondeu a todas as perguntas como seria de esperar." Noutro ponto, o registo indica que a mesa deu a resposta "sim" repetidamente enquanto estava total ou parcialmente no colo de um participante.

O uso da palavra "completamente" não foi um erro. O que a mesa estava realmente a fazer era inclinar-se bruscamente sobre duas pernas, colocando as outras duas no colo ou nos joelhos do participante. A impressão de que isto envolveria movimento da mesa sobre o chão enquanto estava sobre duas pernas é verificada enfaticamente pelos participantes presentes. Não é totalmente claro se, sem deteção imediata, isto poderia ser feito por manipulação normal a partir de cima da mesa. Mas quando chegamos ao "completamente", dizem-nos que as duas pernas restantes se levantaram do chão, de modo que a mesa repousava inteiramente sobre as duas pernas que se apoiavam na anatomia do participante. Isto, se não for genuíno, deve ter envolvido fraude por baixo da mesa.

A sessão seguinte, de 9 de Junho, realizou-se na casa dos Brown. Usou-se primeiro uma mesa ligeira, depois uma de trinta e oito libras. Os fenómenos decorreram mais ou menos como antes. Mas um prato de lata, colocado na prateleira por baixo da mesa, foi movido e caiu no chão sem qualquer movimento da mesa. Colocado de novo em cima da mesa, foi novamente, a pedido dos participantes, movido lateralmente sem que a mesa fosse inclinada ou o prato tocado.

Ocorrendo com luz vermelha, isto foi tomado pelos participantes como prova da independência da força que estava a atuar sobre a mesa; e embora o registo não mostre a impossibilidade de um fio ter sido preso ao prato nas condições que prevaleciam, essa impossibilidade provavelmente existia.

Quando se procurou uma repetição do episódio do prato de lata na sessão seguinte em Beachmont, os operadores ignoraram o convite. O relato desta sessão especifica que a mesa foi inclinada para todos os quatro lados, e em cada um com graus variáveis de intensidade, o que novamente oferece terreno para debate sobre a suficiência da pressão subconsciente comum exercida pelos participantes.

Esta técnica dos quatro lados tornou-se bastante regular. De facto, as saudações do carácter geral descrito, inclinação ou solavancos ou círculos da mesa para contar os espíritos presentes e dar respostas no código de sim-e-não e nas suas extensões, tornaram-se tão habituais, em todas as sessões até ao final de Novembro, que o tomarei como garantido, e registarei apenas os incidentes de conteúdo ligeiramente mais significativo.

Em 23 de Junho, as ambições dos participantes tinham chegado ao ponto em que se perguntou a Walter se ele não poderia fornecer verdadeira levitação. Ele não sabia, mas tentaria. Após um período considerável de silêncio e inação, Brown "sentiu que a mesa estava prestes a levantar-se"; dentro de cinco segundos assim aconteceu, permanecendo completamente no ar durante cerca de três segundos, quase na horizontal, a quatro polegadas ou mais do chão.

Desceu suavemente, sem esforço ou queda. Após tentativas repetidas, isto pareceu tornar-se mais fácil; e no final, os quatro sinais habituais de boa noite foram dados através de levitação completa. Embora o registo não seja explícito, sugere fortemente que tudo isto ocorreu com luz, e os presentes têm bastante certeza de que o costume de apagar a lâmpada de tempos a tempos ainda não tinha surgido. As mãos estavam sobre a mesa durante esta levitação, como na animação comum da mesa.

No final desta sessão, Brown e Adler tinham perdido um quarto de libra cada um, e Margery uma libra e meia. Esta observação não foi novamente tentada — porquê, não posso imaginar. Pareceria que um discípulo de Crawford a teria feito quase automaticamente.

A inclinação da mesa da variedade comum foi realizada de forma lenta e insatisfatória no início da sessão de 24 de Junho, devido, acreditava-se, a mudanças frequentes no pessoal e na ordem dos que estavam à mesa, e a um rápido e confuso fogo de perguntas por parte de participantes inábeis. O registo faz a sugestão intrigante de que a mesa viajava em torno de um caminho circular, como que para transmitir a ideia de que estava confusa. Mais tarde, com maior calma, a inclinação melhorou. Estava presente, pela primeira vez, um participante não diretamente conhecido da casa da Rua Lime — o Dr. A. A. Roback, instrutor de Psicologia em Harvard. Ele e Goodall passaram muito tempo no chão, com lanternas, verificando que

nenhuns pés ou pernas tocavam a mesa; no entanto, ela continuava a inclinar-se bruscamente.

Depois, tomando posições em pernas diagonalmente opostas, seguraram primeiro uma e depois a outra destas, sem que os que estavam à mesa soubessem qual perna estava imobilizada num dado momento. Mas a mesa continuou a inclinar-se limpa e sem qualquer traço de experiência para determinar em que direção estava livre.

A levitação foi novamente solicitada em 30 de Junho; novamente Walter não sabia mas tentaria. A mesa fez várias excursões circulares, aparentemente a tentar levantar-se, permanecendo ao mesmo tempo com aparente preferência a cerca de um comprimento de braço da psíquica. Após dois ou três minutos disto, elevou-se completamente cerca de uma polegada acima do chão. Esforços repetidos obtiveram um sucesso acumulativo. Finalmente, a mesa foi mantida em levitação por bons intervalos, várias vezes; e a levitação completa foi uma ou duas vezes usada para responder "sim" ou "não".

Mais tarde, tendo sido levada para baixo, até onde estava o piano, a mesa foi usada como instrumento num episódio muito divertido. Clark, um amigo artista de F. H. e Murray, estava entre os controladores espirituais da noite. Em vida, a sua única proeza musical tinha sido uma única melodia, que costumava tocar em staccato, com um dedo, no piano. Com a mesa em frente do piano, Clark tentou colocar um canto dela sobre as teclas, mas a ausência de saliência impediu; e a tentativa de colocar uma perna para cima resultou em a parte de cima da mesa se separar das pernas e cair no chão. Após outras falhas, os participantes ofereceram-se para aparafusar um pedaço de madeira ao tampo da mesa, projetando-se como um dedo. Feito isto, e com as mãos dos participantes no tampo da mesa como de costume, a atuação foi realizada com sucesso, a melodia de Clark sendo tocada várias vezes, correta na nota bem como no ritmo, e com um efeito estrondoso na nota final característico da versão de Clark em vida. Todos os membros do grupo deviam ter os olhos fechados e a cabeça virada; todos afirmaram ter cumprido este requisito. Nem todos conheciam a melodia de Clark.

Em 4 de Julho, como ocasionalmente noutras datas, foram feitas perguntas que obtiveram respostas alegres e tristes por ordem; e foi atribuída à mesa uma variação de ritmo representando estas emoções.

Os pais de F. H. estiveram presentes em 13 de Julho, e entre os espíritos revelados pelo censo habitual estava a irmã de F. H., Nannie, que morreu aos quatro anos. A mesa trepou para os colos de ambos os idosos da maneira habitual, depois dirigiu-se rapidamente para as escadas. A sessão era na residência de D. G. C., pelo que foi possível inferir que Nannie queria que a sua cadeirinha de bebé fosse trazida para baixo. Ela verificou isto; e quando foi trazida, "a mesa esmagou-a".

O pai dela quis saber porquê, se a mesa podia inclinar-se, não podia levitar. Podia, e fê-lo, após uma série de esforços, até uma altura de quatro polegadas. D. G. C. disse que não a viu, pelo que repetiu a performance, desta vez caindo com estrondo.

14 de Julho viu uma repetição da comédia musical de um dedo de Clark, e no final houve boa noite com quatro levitações completas, consideradas as mais "sem esforço" até então experimentadas.

O registo de 23 de Julho fala pela primeira vez em apagar a luz para magnificar os fenómenos. O resultado foi imediato; obteve-se uma levitação extraordinária, com travessuras divertidas, numa escala que me tenta a uma citação bastante longa:

"Quase imediatamente a mesa levitou cerca de meio pé acima do chão. Ao nosso deleite, Walter mostrou uma alegria quase hilariante. A mesa andou em círculos rápidos e alegres como se risse connosco, depois fez uma série de levitações, cada uma mais alta que a anterior — elevando-se finalmente pelo menos um pé e meio acima do chão. Após cada levitação, às nossas expressões de deleite e admiração, a mesa inclinou três rápidos sim, em cada um dos quatro lados consecutivamente, depois andou em círculos rápidos como de deleite e riso, e repetiu a levitação.

Enquanto contávamos os segundos, a mesa permaneceu em levitação, contando connosco parte do tempo baloiçando-se para trás e para a frente no ar. Uma vez permaneceu em levitação durante dezasseis segundos, novamente durante trinta segundos. Seguiu-se uma conversa hilariante, cada resposta sendo repetida em todos os quatro lados da mesa, seguida por uma série de círculos rápidos no chão como se risse."

Não há indicação se as mãos estavam unidas durante esta performance, ou livres no tampo da mesa; em toda a probabilidade, estavam livres. Toda a demonstração depende então da boa fé dos participantes, com a ressalva de que seriam necessários vários deles, trabalhando em sincronismo difícil, para produzir o que foi experimentado. Devo também reservar que o meu contacto com eles não deixa dúvida na minha mente sobre a sua boa fé.

Mais tarde nesta noite, a avó (paterna) de F. H. veio à mesa "e trepou para os seus ombros". Isto marca um recorde de altitude para esse tipo de coisa.

Em 28 de Julho, dizem-nos, "a mesa levitou um pé e meio, permaneceu no ar enquanto contávamos segundos — uma vez vinte e um, novamente vinte e cinco — depois bateu no chão vinte e uma vezes com as quatro pernas ao mesmo tempo, i.e., levitando completamente após cada batida para tornar a próxima possível. A mesa foi empurrada para baixo no chão aqui com uma força tremenda." Como explicação parcial deste sucesso, Walter afirmou que dois dos presentes eram psíquicos — Stewart e Whittaker.

Parece improvável que alguém testemunhasse exatamente nos termos citados sem evidência visual, portanto infiro que havia luz na ocasião acima. O registo do dia vinte e nove é específico; havia luz, ténue mas suficiente. Após uma performance bastante circense com a mesa animada, obteve-se levitação até trinta e cinco segundos. Duas técnicas foram experimentadas. Primeiro sentaram-se com todas as mãos unidas e apoiadas na mesa perto da borda; depois com todas as mãos fora da mesa e unidas no círculo mais convencional.

O contacto entre as mãos enquanto estavam na mesa da maneira habitual não era novo; tinha sido costume, mas sem o grau de insistência que lhe daria direito a classificar-se como uma medida de controlo das mãos. Com ambos estes procedimentos, obteve-se levitação de quatro e cinco polegadas.

A operação da mesa continuou a avançar em vigor, se não em rigor de condições. Em 30 de Julho, "Walter veio imediatamente e dentro de um minuto e meio tinha a mesa em levitação, embora normalmente lhe levasse dez minutos para chegar tão longe. Todas as respostas da mesa vieram em quatro lados consecutivamente, seguidas de uma repetição adicional através de levitação completa.

As levitações tornaram-se cada vez mais vigorosas, desenvolvendo-se em choques tão terríveis da mesa sobre o chão que a prateleira se desprendeu da mesa. Walter e Clark, os operadores, ficaram muito satisfeitos consigo mesmos por terem assim partido a mesa." Pareceria quase certo que a luz não tinha sido apagada cedo o suficiente para lançar esta performance no escuro, mas o registo não é explícito.

O registo de 29 de Julho, como vimos, indica que a variação na posição das mãos durante a levitação tinha sido introduzida. Registos posteriores não especificam o que foi feito com as mãos numa determinada data. A afirmação para 2 de Agosto, no entanto, sugere que o estilo mãos-na-mesa ainda era o regular, pois "D. G. C. queria levitação sem contacto, pelo que as mãos foram unidas e mantidas na borda da mesa sem a tocar. A mesa levitou, após esforços repetidos, primeiro apenas algumas polegadas, depois cerca de um pé e meio." Houve um incidente aqui, que não precisa de ser registado pois foi inteiramente pessoal, mas que permite a F. H. recordar distintamente que havia luz, embora o registo se cale.

Em 4 de Agosto, houve levitação de dezoito polegadas durante treze segundos, levitação sem contacto, e uma dança da mesa ao ritmo da música do vitrola — se deve ser reconhecida como verdadeira levitação ou como mera animação, o registo não indica. Na noite seguinte, a mesa "manteve o ritmo com o canto através de inclinações, círculos e verdadeira levitação. Inclinou-se com Stewart sentado em cima dela, atirando-o para o chão." Novamente no dia onze, houve levitação sem contacto, e Stewart foi duas vezes atirado para fora da mesa.

A mesa exibiu um comportamento invulgar em 12 de Agosto. Elevou-se longitudinalmente muito lentamente e ficou suspensa; manteve um ritmo lento com a música; desceu lentamente, atingindo a horizontal com a última nota da música de um disco de três minutos. Isto foi repetido nos quatro lados da mesa. Numa ocasião, a mesa saiu de três pernas ao mesmo tempo, e finalmente libertou-se de todas as quatro, retomando a posição normal muito lentamente. O seu comportamento curioso foi prontamente explicado em termos de um controlo espiritual que estava presente pela primeira vez. (Ver Capítulo LIV.)

18 de Agosto desenvolveu outro incidente estranho. Ao tentar sentar-se na casa dos Brown, nada se obteve exceto uma sugestão do mesmo comportamento da mesa que no dia doze, após o que se tornou completamente quieta e o grupo se transferiu para uma hora mais tarde na Rua Lime; aqui realizou-se uma sessão bem-sucedida, comportando-se a mesa em todos os aspetos como de costume.

A levitação é registada para o dia dezanove, e quando Walter respondeu a perguntas com a mesa, as vibrações das suas respostas foram sentidas na cadeira de Margery. Algumas destas respostas vieram como inclinações, sem contacto das mãos; o mesmo aconteceu com as quatro inclinações de boa noite. Isto, em distinção da levitação sem contacto, era novo. Como episódio final, a performance do dia doze foi aqui repetida, pelo mesmo controlo.

9 de Setembro viu boa levitação com e sem contacto. No dia vinte e um, "Walter veio com a mesa e manteve o ritmo da música através de levitação completa durante toda a duração da seleção. Dançou no ar com a mesa." F. H. recorre à sua memória para a afirmação de que a dança, nesta ou noutra data, trouxe as quatro pernas do chão ao mesmo tempo.

Algo novo e surpreendente foi proporcionado em 30 de Setembro. Com luz vermelha, a mesa moveu-se e levitou quase imediatamente. A luz foi apagada para acelerar os fenómenos, e, com que filosofia não sei, formou-se um círculo de todos os homens com o mesmo objetivo. A mesa virou-se imediatamente de costas; ninguém presumivelmente a tocou, diz o escriba, acrescentando devidamente que, embora não tenha dúvidas disso, claro que não sabe realmente.

A luz foi acesa, a mesa inspecionada e recolocada, a luz apagada; e a mesa virou-se de costas novamente. Em cada viragem, houve dois estrondos altos, com cerca de um segundo de intervalo; o primeiro, sem dúvida, quando a mesa se pôs em pé, o segundo quando se virou de costas. "Richardson & Stinson, demolidores", disse Walter, ao atribuir uma parte nesta performance a John e Mark.

Torna-se, naturalmente, cada vez mais difícil, quanto mais este tipo de coisa avança, para Walter encontrar algo novo para fazer com a mesa. Em 7 de Outubro, virou-se meio sobre si sem contacto das mãos. No dia catorze, após levitação bem-sucedida, a luz foi extinta;

e, após uma pausa de alguns momentos, a mesa virou-se completamente duas vezes, muito rapidamente e sem o mais ligeiro aviso.

Em 11 de Outubro, na esperança de obter impressões dos "terminais" com os quais Walter faz o seu trabalho — F. H. e os seus amigos insistem sempre que há um aparato psico-físico para estes fenómenos, que não são de modo algum milagres — as superfícies inferiores do tampo e da prateleira foram revestidas com barro de modelar. Com luz vermelha, a mesa respondeu da sua maneira habitual, mas não tão livremente como de costume.

Foi perguntado a Walter se o barro poderia ser responsável por esta lentidão. Esta pergunta ele não respondeu, mas expressou dúvida de que o barro fizesse o que estava lá para fazer; podia-se obter uma impressão de uma rajada de vento? Antes da sessão de 18 de Outubro, o barro foi removido, e a performance atingiu o seu habitual alto nível.

Com luz vermelha, a mesa respondeu rapidamente, inclinou-se ao ritmo da música, inclinou boa noite em todo o círculo, e duas vezes levitou seis polegadas ou mais acima do chão. Com a mesa no ar, experimentou-se levantar-se, com as pontas dos dedos na mesa, para ver se ela seguiria; recusou-se a fazê-lo, caindo pesadamente no chão.

O registo de 18 de Outubro dá lugar a um incidente relatado por Margery, apenas pela sua própria autoridade. Ela entrou num restaurante às três horas da tarde, e sentou-se numa das mesas mais pequenas. Depois do seu pedido ser servido, a senhora em frente chamou a empregada e pediu-lhe que colocasse algo debaixo da mesa, que a estava a enjoar. Estava de facto a inclinar-se bruscamente primeiro para uma extremidade e depois para a outra. Margery retirou-se em embaraço, deixando a sua refeição meio comida.

Em 20 de Outubro, após a performance habitual com luz, a mesa foi duas vezes virada no escuro. No dia vinte e dois, houve levitação completa até uma altura de oito polegadas ou mais, com movimentos de dança para acompanhar a música. Isto repetiu-se no dia vinte e cinco, com a mesa, enquanto totalmente levitada, movendo-se em saudação em direção aos novos participantes. E em todas as ocasiões ao longo de Outubro e Novembro, com uma exceção dramática a ser devidamente registada (Capítulo XVII), a acção da mesa foi forte e contínua. A sessão mais significativa foi a de 3 de Novembro, na

presença de três investigadores sérios de Harvard, sem nenhum do grupo ABC exceto Margery e F. H. Esta sessão é descrita completamente noutro local; menciono-a aqui como a negar qualquer teoria de cumplicidade.

Durante uma viagem relâmpago à Europa em Dezembro de 1923, Margery realizou várias sessões em que a mesa foi uma característica importante; estas aparecem no Capítulo XIX. Após o regresso, a rotina da Rua Lime foi retomada sob novas condições, que trouxeram uma mudança radical na importância da mesa e no seu comportamento. Parece melhor, portanto, encerrar aqui o presente capítulo, reservando os incidentes com a mesa de 1924 para um lugar posterior. A narrativa, espero, terá justificado a afirmação inicial de que seria amplamente interessante, mas, quando isolada de outros factos que tendem a apoiar a mediunidade, de modo algum conclusiva.

A estes factos de apoio chegaremos a seu tempo. Por agora, apenas enfatizo que os episódios com a mesa de 1923, se devem levar a qualquer conclusão, devem apontar ou para a genuinidade, ou para um tipo de fraude que envolve a cumplicidade de vários participantes. Dificilmente preciso de insistir neste ponto; deve ser óbvio que a própria Margery, sem ajuda de outras partes do círculo, não poderia ter usado mão e pé para induzir a mesa a comportar-se como se comportou. Que os registos deste período não dão informação sobre a ordem de assento, e portanto não permitem análise em busca do ou dos hipotéticos cúmplices, continua a ser uma grave deficiência apenas enquanto a hipótese de trabalho da fraude permanece em aberto. Quando chegarmos a grandes grupos de fenómenos, muitas vezes repetidos, e necessariamente genuínos, podemos dispensar a questão de quem estava em posição de dar às manifestações uma mão ou pé amigo nas sessões anteriores.

CAPÍTULO VI
O MISTERIOSO BATUTA

Já vimos, no Capítulo III, que quase coincidentemente com o início das perturbações da mesa surgiram pancadas. Tal como o movimento da mesa, estas eram primariamente um instrumento de comunicação, e apenas secundariamente um fenómeno objetivo.

Eram, no entanto, objetivas, e com elas a ideia de fraude subconsciente desaparece em grande parte. São de origem decididamente alegada como supranormal; devem ser discutidas, e aceites ou rejeitadas, nessa base.

Quando surgiram pela primeira vez, em 3 de Junho, provaram que estavam sob controlo inteligente ao mudar o seu local a pedido e ao responder a perguntas. Eram produzidas em qualquer extremidade da mesa, ou no chão, à vontade. Foram descritas como fracas mas definidas, soando como algo macio dentro de uma caixa de madeira. Quando ouvidas através do estetoscópio de F. H., aplicado à mesa, foram tão magnificadas que não se assemelhavam a nada na sua experiência.

As pancadas repetiram-se em 16 de Junho, sendo dirigidas a Murray, que usou o estetoscópio de Brown sobre elas com o mesmo resultado. No dia dezassete, "o pai de Murray veio com pancadas muito enfáticas, identificou-se e retirou-se"; por isso assumiu-se que ele tinha sido o batuta do dia dezasseis. 24 de Junho trouxe mais pancadas, durando algum tempo, vindo sem qualquer movimento da mesa, e claramente audíveis com ou sem o estetoscópio.

Depois disto, o próximo surto notável veio em 29 de Julho, quando pancadas foram ouvidas, com luz vermelha ténue, no tampo da mesa, na perna da mesa, em vários pontos da cadeira de Stewart, e noutros lugares. Na noite seguinte, tendo Walter prometido algo novo, ouviram-se ruídos como de pancadas de lápis na moldura da porta, como de passos no corredor, e como de pancadas em várias partes da sala.

Em 19 de Agosto, com Margery fora do gabinete, as pancadas foram ouvidas distintamente; depois, após ela entrar no gabinete, houve pancadas distintas na lateral do gabinete. As mãos de Margery, podemos presumir, estavam seguras, pois este era o costume inviolável enquanto ela estava no gabinete; mas o escriba não especifica isso.

Novamente em 9 de Setembro, estando Margery no gabinete na escuridão, ouviram-se batidas na lateral do gabinete — primeiro como com unhas ou uma mão, depois batidas pesadas como de um joelho. Seguiram-se batidas no chão e na mesa. Walter pediu silêncio e, após

algum atraso, dezoito pancadas foram ouvidas no gabinete. O que estas supostamente significavam nunca se soube.

Em 23 de Setembro, disse-se boa noite com pancadas; no dia vinte e oito, Walter bateu seis e nove quando estes números foram mencionados em conversa. "Pancadas para silêncio" são mencionadas sob a data de 20 de Outubro. Na minha experiência, Walter é mais propenso a usar pancadas para este sinal do que para qualquer outro propósito — mesmo quando está a falar e a usar a mesa livremente, já o ouvi pedir silêncio com pancadas.

Em 3 de Novembro, os investigadores de Harvard ouviram pancadas no chão, quer de dentro do gabinete quer perto dele. Estas não eram demonstrações aleatórias como as pancadas são por vezes; vieram apenas em saudação ou em resposta.

Realizou-se uma sessão em 11 de Novembro, num hotel em Andover, Massachusetts. O pai de Stewart, de noventa e um anos, esteve presente como uma espécie de convidado de honra; a realização da sessão num local tão invulgar era de facto uma marca de respeito no seu aniversário, e um meio de tornar possível a sua participação. Perto do fim da sessão, o relógio da cidade bateu nove horas lá fora; e após cada badalada do relógio, ouviu-se uma pancada metálica na sala, aparentemente batida no suporte de um candeeiro de latão na parte de trás e longe de qualquer pessoa presente.

O registo não cobre o ponto explicitamente, mas a descrição de outros fenómenos implica visibilidade e deixa inferir que a luz vermelha era provavelmente contínua. Em qualquer caso, luz ou escuridão, a sessão foi naturalmente realizada num quarto privado, com a porta trancada contra a possibilidade de intrusão; e o incidente é tão fortemente sugestivo de genuinidade como qualquer coisa registada deste período da mediunidade.

CAPÍTULO VII
MARGERY ENTRA EM TRANSE

Chegamos agora a uma fase muito importante da mediunidade, e uma que, embora inteiramente subjetiva, é de extremo valor nas suas sugestões de genuinidade. Digo "sugestões" com conservadorismo deliberado, bem ciente de que o presente capítulo parecerá, a muitos que tiveram contactos mediúnicos, justificar o uso de uma palavra mais forte.

Durante a terceira sessão, em 9 de Junho de 1923, F. H. ficou convencido de que os fenómenos eram o que aparentavam ser — o resultado da ação sobre esta esfera por parte daqueles que já faleceram. Com a energia e ambição que o caracterizam, dedicou-se à tarefa de manter a mediunidade apontada para a frente. Lembrou aos operadores invisíveis que a técnica de comunicação com a mesa e as pancadas era desajeitada e expressou a opinião de que melhores maneiras deveriam ser encontradas.

Ele próprio sugeriu a possibilidade de usar o aparelho vocal da médium. Margery compreendeu que isso significava transe; tinha um pouco de medo do passo, e relutava em renunciar à posição de espectadora. Por isso disse enfaticamente: "Não farei nada disso." O seu marido retorquiu: "A irmãzinha fará exatamente como o irmão mais velho diz." A esta proposição, a mesa deu um assentimento entusiástico.

As mãos permaneceram sobre a mesa durante vários minutos, sem mais ação. Então a atenção de todos foi atraída para Margery, que se sentava a tocar os lados do rosto com as mãos, de uma maneira curiosa, estranha a qualquer gesto habitual seu. Suspirou profundamente, fechou os olhos, baloiçou-se na cadeira — então, numa voz abrupta e alta, saíram dos seus lábios as palavras: "Eu disse que conseguia fazer isto!"

Durante quarenta minutos, falou constantemente nas personalidades de Walter, da Sra. Caldwell, e da avó paterna de F. H. Depois acordou, lentamente, com as bochechas e o queixo molhados com o que os participantes pensaram não ser nem lágrimas nem transpiração; suponho que o que tinham em mente era ectoplasma.

A voz de transe tornou-se imediatamente o procedimento padrão da sala de sessões da Rua Lime para comunicação extensa, mas sob um esquema invulgar. Ordinariamente, claro, um médium entra em

transe para marcar o início da sessão, e sai para marcar o seu fim. Mas Margery ficava normal durante a maior parte do tempo, entrando simplesmente em transe quando Walter estava pronto para a usar para conversas longas, e voltando a si quando ele tinha dito o que tinha a dizer. Frequentemente, ela passava assim para dentro e para fora do transe várias vezes no decurso de uma única sessão; e entre os transes, a ação continuava, usando outros métodos de comunicação e produzindo fenómenos físicos.

O número de controladores que falavam diretamente através da médium em transe era severamente limitado. A maioria dos espíritos menores tinha de ter Walter a retransmitir o que queriam dizer. Walter, de facto, era o único que falava com grande liberdade; depois dele, os dois controladores do transe inicial; de nenhum outro operador espiritual se obtiveram diretamente mais do que palavras isoladas ou frases curtas. Estes três faladores de transe tinham, desde o início, vozes facilmente distinguíveis umas das outras e da fala normal de Margery. Nem o transe era exclusivamente falado. Gestos, mobilidade facial, pantomimas, controlo motor de todo o organismo — tudo isto marcava as personalidades de transe como completamente na sela, em vez de dualidades parciais de carácter automático.

Houve transe em 10 e 16 de Junho, seguindo o modelo do dia nove, e não revelando nada de particular interesse exceto alguns controladores adicionais. No dia dezassete, Margery foi lançada em transe para a produção da música psíquica (ver Capítulo IX). Este transe durou vinte e oito minutos sem uma palavra falada, sendo a ideia de que Walter estava a trabalhar na manifestação física prometida. Sem dúvida, o transe, usado nesta conexão, poderia ser explicado em termos da necessidade de manter a psíquica passiva. Quando o clímax foi finalmente alcançado, ao ouvir-se o fenómeno prometido, a cabeça da médium levantou-se num sorriso e ela apertou as mãos dos que estavam ao seu lado; então acordou imediatamente.

23 de Junho foi dedicado a fenómenos físicos, com pouca comunicação e nenhum transe. No dia vinte e quatro, também, Walter usou o transe apenas para explicar o seu fracasso em cumprir uma promessa. Mas em 30 de Junho, o transe desenvolveu uma nova faculdade de escrever e desenhar. Houve fala de transe, com Walter a retransmitir mensagens de vários outros. Então, subitamente, com luz

vermelha e com os olhos da psíquica fechados, a sua mão apontou para Roback e ela disse: "Vou desenhar algo para si." Lápis e um envelope velho foram apressadamente procurados e colocados diante dela. A sua mão desenhou uma série de arcos circulares, côncavos para cima, o inferior desenhado primeiro e o superior por último. A voz interpôs, em explicação: "Aqui está o(a) senhor(a) (apontando para a parte inferior); aqui estou eu (no primeiro arco); e aqui (enquanto a mão desenhava, num traço audacioso, uma linha vertical que atravessava todos os arcos) estão os restantes."

O envelope foi então virado, e uma mensagem impressa no verso, fluentemente e sem hesitação. O envelope foi empurrado em direção a Roback e segurado pela mão da psíquica até ele o pegar; depois ela deixou o lápis, como se tivesse terminado. A mensagem, em latim, dizia: "Qui creavit te sine te, non salvit te sine te." A tradução, um pouco mais solta do que o idiomático latim conciso, seria: "Aquele que te criou sem qualquer ajuda tua não te pode salvar sem a tua ajuda." Não sei se é uma citação, mas presumo que seja; a sua pertinência consistiria na implicação de que se deve aceitar a verdade do espiritualismo antes de se poder chegar a algum lugar, espiritualmente, neste mundo ou no vindouro.

Houve um convidado distinto em 1 de Julho — ninguém menos que o Dr. William McDougall, Professor de Psicologia em Harvard, e decano da sua profissão nos países de língua inglesa. Apresentado por Roback, esta foi a primeira das suas numerosas sessões. Após outros incidentes terem decorrido, Margery entrou em transe; então, na personalidade de Walter, levantou-se e apertou a mão de McDougall de forma muito cerimoniosa, dizendo que ele era muito estimado do outro lado e era uma grande ajuda para o círculo, que o comunicador queria servi-lo e estava muito feliz por fazer o seu conhecimento. Uma mensagem foi então escrita automaticamente para ele: "Nós criamos o nosso mundo para nós mesmos; fazemos o nosso próprio céu e inferno." Foi-lhe perguntado se se lembrava de quem lhe tinha dito isto. A sua resposta não está registada.

Walter desenhou a seguir para Roback um desenho semelhante ao da noite anterior. Os arcos eram desta vez côncavos para baixo, e foram colocados de cima para baixo. Havia vinte e um deles; a linha

de intersecção também estava lá. Os arcos foram desenhados primeiro; depois as palavras "1-2-3, tu; 4, eu" foram escritas, como se vê na fotografia; depois veio a longa linha e as palavras finais, "o resto de nós." Este e o seu protótipo da noite anterior pretendiam obviamente representar uma representação gráfica das três dimensões em que nós, mortais, residimos, uma quarta que é o habitat de Walter, e as superiores — aparentemente até um total de vinte e uma — habitadas por personalidades ainda mais avançadas.

Em 4 e 13 de Julho não houve transe, sendo a comunicação feita pela técnica do código. No dia catorze, Walter falou livremente através do transe, retransmitindo mensagens da sua "turma". Queixou-se de que havia grande confusão lá do outro lado, que pareciam pensar que ele tinha uma dúzia de línguas. Já ouvi outros controladores espirituais, com outros médiuns, a descrever a mesma imagem de espíritos a empurrarem-se uns aos outros para fora da fila para comunicar.

Walter escreveu novamente uma mensagem para Roback, desta vez em italiano. Dizia: "Benche mi addia detto la verita non gli potei credere. E sazziilvoler sapertutto." F. H. levou-a a um linguista, que não foi capaz de a traduzir completamente. A primeira frase significa: "Embora a verdade seja clara para mim, ele não é capaz de acreditar"; mas a palavra que termina em consoante deixou-o perplexo. Esta deve ser ou uma expressão de gíria importada, ou puro disparate. O linguista não a reconheceu como gíria; mas o engraxador de F. H. reconheceu, e forneceu a tradução: "Ele está saturado ao ponto do nojo com a crença de que sabe tudo." Tomou-se aqui uma liberdade; a figura de linguagem que o original emprega para representar a noção de saturação até à repleção não é uma que possa ser apresentada a um público de língua inglesa respeitável[1]. O facto de o texto ser imprimível em inglês não argumenta contra ter sido impresso em Itália, pelo que ainda pode ser uma citação — não sei.

Roback recebeu outra nota em italiano no dia vinte e dois, após as sessões dos dias quinze e vinte e um terem produzido transes que não precisam de ser mais relatados. Tal como escrita originalmente, dizia: "Mi prolai in una selva oscura che la diritta via era smaritta." Imediatamente, a palavra "prolai" foi riscada, e "volai" escrita por cima; e a última palavra foi revista para "smarrita". Na noite seguinte,

a palavra "trorai" foi escrita sozinha, sem explicação. Estudantes de italiano reconhecerão a passagem como uma da Divina Comédia: "Encontrei-me numa selva escura que a direita via estava perdida." Mas o ponto crítico ainda está por contar. As palavras "prolai", "volai" e "trorai" são três leituras variantes para esta linha, entre as quais, segundo me informam, os classicistas não conseguiram escolher!

Em 23 de Julho, Walter falou longa e livremente em transe, mas não disse nada que precise de citar aqui.

No dia vinte e quatro, vieram para Cross dois pedaços de escrita em chinês anglicizado. Um dizia: "Kein Yuen hang li ching" — o grande General Kein Yuen está aqui. Aleck disse que este nome era um para evocar horror, e que a sua única explicação para o facto de lhe ter sido entregue era que algum amigo chinês falecido o estava a gozar. Ver-se-á que Aleck tinha ido até ao fim na aceitação.

O segundo destes escritos dizia: "Chu hi", e significa "homem chinês". Quando era rapaz na Canterbury School, Aleck tinha um rosto tão largo e olhos tão peculiares que os rapazes, como os rapazes fazem, lhe penduraram um nome, tal como um jovem americano pode ser apelidado de "Chink" se os seus contornos faciais sugerirem o tipo chinês. Rupert, o irmão falecido de Aleck, foi indicado como responsável pela reprodução deste velho apelido na sala de sessões de Margery; e Rupert estava de facto em Cantuária com Aleck.

Walter estava em veia de escrita nesta ocasião. Roback recebeu uma linha em francês: "A bon entendeur, salut" — Ao bom ouvinte, saudação. F. H., tendo perguntado à sua avó sobre as possibilidades de converter o seu pai, recebeu a linha muito apropriada: "Serena, cruzo as mãos, e espero." Murray recebeu uma do falecido artista Clark: "Quando a última imagem da terra for pintada, compreenderás."

Uma tentativa de escrever em alemão para Laura C. produziu uma grande confusão, com as palavras perfeitamente inteligíveis, "Ruckert says," seguidas de: "Vor reden steht ein bild des das er werden soli und voerves nicht ist is nicht trieds soil." Isto foi escrito, uma vez, de tal maneira que escorreu do papel para o tampo da mesa. Uma nova folha foi oferecida, e sem abrir os olhos Margery repetiu o escrito, todo no papel desta vez.

Na noite seguinte, foi oferecida uma versão corrigida, com substancial precisão, permitindo a tradução. O alemão corrigido era:

"Vor jedem steht ein bild des, das er werden soil; and vor er es nicht ist, ist nicht sein friede voll." O segundo "vor" ainda parece questionável, mas o sentido é claro: "Diante de cada homem está uma imagem daquilo que ele há de ser; e enquanto ele fica aquém disso, não está em paz consigo mesmo."

Para 29 de Julho, houve um regresso ao chinês, desta vez na forma de ideogramas. Dois símbolos complexos foram escritos, ambos significando algo, segundo Cross. Um representa Shang ti, Deus dos lares; o outro Tu ti, Grande Deus de Todos os Deuses. Aleck não conseguiu atribuir qualquer pertinência particular à menção destes nomes na sua presença. Walter disse que não o fez, que foi outra pessoa do seu lado.

Durante várias noites, Walter tinha falado sobre um plano para levar a psíquica para o lado dele e ver o que ela podia ver. Enquanto estava em transe no dia vinte e nove, ela começou a respirar pesadamente, a gemer, e a choramingar: "Não quero, não quero!" Chorou como se estivesse em grande agonia mental e física, e chamou o nome do seu marido. Após vários minutos disto, que os participantes acharam bastante aterrorizante, ela voltou a si. Não se lembrava de nada exceto uma sensação de cair num buraco negro a uma velocidade terrível. Deixou uma impressão muito desagradável, com um desejo de evitar uma repetição.

Na noite seguinte, Walter disse que a experiência se devia a um fracasso dos seus planos para a levar "para lá"; ele "não tinha conseguido fazê-la chegar a lado nenhum."

Um amigo próximo de D. G. C. durante muitos anos tinha sido Minot J. Savage, proeminente ministro unitário. Em 2 de Agosto, Walter escreveu: "Mr. Minot says, T min faders hus er mange voligar.'" Isto acaba por ser uma versão sueca de "Na casa de meu Pai há muitas moradas." Não há razão aparente para Savage se dirigir a D. G. C. em sueco ou produzir esta passagem na sua presença, mas é o mais perto que F. H. consegue chegar para fazer algum sentido do incidente.

F. H. tem na sua posse, naturalmente, todos os escritos de Margery; e a coleção inclui três que devem ter sido esquecidos ao fazer os registos das noites em que apareceram. Um é aparentemente em holandês: "Fred voer miteder" — Fred quer participar; o seu

significado nem sequer é sugerido por F. H. Um segundo, em inglês: "I will send you word from Morales" — Enviarei notícias de Morales — foi entregue a Laura C. alguns dias depois de ela ter regressado de Espanha, mas não significa nada para ela. O terceiro é auto-explicativo, a palavra grega "skeptomai" — "estás cético" — escrita duas vezes em boa escrita grega, e dirigida a Roback.

Ocorreu transe em 5, 11, 18 e 19 de Agosto, mas nada foi dito ou feito que precise de detalhar aqui. A técnica de comunicação vocal sem transe tendo então se tornado suficientemente desenvolvida, foi substituída pelo transe e este, para todos os efeitos, foi abandonado. Walter não costuma descartar assim uma ferramenta antiga, mesmo quando tem uma nova; prefere manter ambas. A sua disposição para dispensar o transe deveu-se sem dúvida à questão de saber se é sensato a psíquica estar em transe se isso pode ser evitado.

Em 20 de Outubro, contra a sua resistência, ela foi lançada momentaneamente em transe enquanto Walter explicava que o fazia apenas para mostrar que ainda podia. Em Novembro, o transe foi reavivado durante quatro dias numa emergência que constitui um capítulo (XVII) por si só. Com estas exceções, a fase de transe da mediunidade terminou em Agosto, após uma vida de cerca de dois meses.

Os transes eram indubitavelmente genuínos, vistos fisiologicamente. Margery estava rodeada por médicos de alto gabarito — F. H., Richardson, Goodall, Brown. Nenhum deles fez a mais ligeira exceção às suas crises. Quando o vi em Novembro, também, o transe exibiu sintomas válidos tanto quanto o meu conhecimento e julgamento alcançavam. Resta a questão da origem das personalidades invasoras, que não discutirei; e a da fonte das coisas que elas disseram e escreveram, sobre a qual devo dizer uma palavra.

Margery foi exposta, na escola, a francês, latim, e até a grego. Estou certo de que não sabe uma palavra de sueco ou alemão, ou mais italiano do que se possa juntar a partir do conhecimento escolar do latim. Do chinês, a presença de Cross em casa sugere que se fale com um pouco mais de reserva científica; a menor pertinência dos fragmentos chineses introduz uma maior possibilidade de que possam ter sido apanhados subconscientemente dos livros e caixas de Aleck.

De facto, é convencional explicar assim o uso automático de línguas estrangeiras, como devido à memória subconsciente de fragmentos com os quais o olho teve contacto casual — um contacto que deve ocorrer com alguma liberdade a toda pessoa civilizada e alfabetizada.

A natureza fragmentária dos escritos de Margery apoiaria esta teoria no seu caso, mas a sua pertinência muito geral pesa fortemente contra ela. Mesmo a seleção de Dante, o único item conhecido como uma citação, é apropriada ao que os espíritas consideram o progresso desastrado da investigação psíquica. A frase sueca não está fora de lugar na sala de sessões.

A maioria dos outros escritos sugere fortemente que a inteligência que os colocou sabia o que eles significavam. Mas a mediunidade em geral é objetiva, e podemos muito bem permitir que este problema subjetivo permaneça em aberto, na esperança de que a resposta a alguns dos objetivos o responda.

CAPÍTULO VIII
MARGERY E OUTROS MÉDIUNS

O desenvolvimento do transe deu oportunidade para uma interessante série de observações ligando Margery e Miss Scott, uma conhecida de vários do grupo ABC, que era ela própria uma médium de transe de forma amadora, e que ocasionalmente assistia às sessões de Margery. A sua primeira presença foi em 1 de Julho de 1923. Durante a sessão, ela deu um pequeno gemido, e a sua cabeça caiu para a frente; e não ouviu o som da música psíquica que foi produzida no intervalo de dois minutos antes de recuperar. Não tivera intenção de entrar em transe, mas deu-se como certo que era o que lhe tinha acontecido.

Enquanto Miss Scott teve esta crise, a própria Margery estava em transe. Mais tarde, com o círculo formado e as mãos apoiadas na mesa, Miss Scott esteve novamente em transe durante alguns minutos, enquanto Margery estava normal. A história é contada com algum prazer sobre como Margery, nunca tendo visto transe na sala da Rua Lime antes, exclamou excitada para os participantes: "Oh, olhem para a Scotty! Ela apagou-se!" Ao recuperar, Miss Scott retirou-se do círculo, e não voltou a entrar em transe.

Miss Scott esteve novamente presente em 14 de Julho, e perguntou a Walter se a sua mãe (falecida) não poderia falar através dela, ou através de Margery. A psíquica regular de Walter estava em transe no momento; ela acordou antes de a promessa de Walter de deixar entrar a Sra. Scott poder ser cumprida. Mais tarde na noite, no entanto, após Margery ter estado novamente em transe por alguns momentos, e ter acordado, Miss Scott entrou em transe, e falou na pessoa da sua mãe. Ao sair, Margery entrou em transe. De facto, durante a maior parte da noite, uma ou outra destas duas estava em transe, mas nunca ambas ao mesmo tempo.

No dia quinze, "Scotty" esteve novamente presente, e o curioso transe alternado foi mais pronunciado, mas desta vez ambas estavam por vezes em transe ao mesmo tempo. Para dar uma afirmação completa: duas vezes, no início da sessão, enquanto Margery estava num transe prolongado, Miss Scott apagou-se; depois alternaram em transe, várias vezes, uma entrando em transe enquanto a outra voltava; depois a visitante entrou em transe três vezes enquanto Margery permanecia normal; e finalmente alternaram várias vezes mais. A razão para toda esta excitação foi declarada ser uma tentativa determinada mas malsucedida da Sra. Caldwell e da Sra. Scott para comunicar através de Miss Scott.

A próxima presença de Miss Scott foi em 4 de Agosto, e novamente houve interação entre as duas psíquicas. Através de Margery em transe, Walter disse que iria tentar Miss Scott; deixou a sua irmã, e seguiram-se várias tentativas malsucedidas de lançar Miss Scott em transe. Este estado de coisas pareceu reagir sobre Margery, e durante algum tempo ele não conseguiu produzir um transe satisfatório com nenhuma das duas. Finalmente, após rearrumar os lugares, conseguiu pôr ambas em transe ao mesmo tempo.

Walter falou aos participantes através de Margery, a Sra. Scott através da sua filha. Além disso, Walter, dirigindo o espetáculo, instruiu a Sra. Scott sobre como proceder, quando começar e parar de falar, etc., usando a voz de Margery audivelmente para os participantes. Já ouvi dois controladores a conversar audivelmente entre si usando o aparelho vocal de um único médium. Mas este é o primeiro caso que ouvi de dois espíritos a conversarem assim audivelmente, cada um usando o seu próprio médium. Toda a ideia de

ouvir dois espíritos a falar era nova para os participantes, e eles divertiram-se imenso com isso. Miss Scott saiu primeiro, quando a sua mãe terminou de falar; Walter ficou para dizer boa noite antes de libertar a sua própria psíquica.

Walter pareceu sempre pensar que a presença de Miss Scott, embora desejável em termos gerais, introduzia complicações que ele tinha de resolver antes de poder obter qualquer vantagem dos seus poderes psíquicos. Mostrou sempre a maior preocupação sobre onde ela se deveria sentar, e por vezes exigiu que se fizessem dois círculos, um com Margery e outro com a outra médium.

Na presença dos Stewart, um ou ambos dos quais parecem ter algum poder psíquico, ele mostra preocupação semelhante. É um facto observado, no entanto, que com a Sra. Stewart no círculo, os fenómenos de Margery têm um alcance espacial muito maior do que o habitual. Walter explica isto dizendo que a Sra. Stewart é suficientemente psíquica para o ajudar.

Se ela fosse uma médium realmente poderosa, traria o seu próprio controlo consigo e haveria conflito entre ele e Walter, resultando numa sessão fraca ou em nenhuma; mas como as coisas estão, ele consegue sobrepor-se inteiramente ao controlo dela e usar os seus poderes em conjunto com os de Margery.

Aleck Cross, como resultado das primeiras sessões no grupo ABC, ficou completamente convertido ao Espiritualismo, e levou a sua nova crença a extremos ridículos. Cada ruído na casa, cada pequeno pedaço de boa sorte que qualquer um do grupo pudesse experimentar, era Walter; e não havia como discutir com ele. Em 22 de Julho, obteve permissão para trazer à sessão da Rua Lime outra médium que ele tinha descoberto, que acabou por ser uma senhora de proporções tão elefantinas que houve dificuldade em levá-la para cima, até à sala de sessões. A visitante entrou no que passou por um transe, rabiscou marcas ilegíveis num pedaço de papel, murmurou incoerentemente, tirou as suas contas e agitou-as, mas não produziu nada de interesse ou valor.

Era impressão de Margery que a criatura era uma fraude total. Walter, interrogado na noite seguinte, não confirmou isto. Admitiu que ela tinha perturbado o seu programa e impedido de fazer o que tinha planeado; mas insistiu que, embora ela fosse de um tipo

diferente do dele e dos seus participantes, estava bem no seu lugar. O próximo capítulo relatará, de facto, um incidente desta sessão que sugere o uso de poder psíquico contribuído pela visitante.

CAPÍTULO IX
A MÚSICA PSÍQUICA

Durante a sessão de 10 de Junho, concordou-se que a sessão seguinte seria no dia dezassete. Usando a voz de transe, Walter disse então que ele e o Tio Elliott (Almirante Pillsbury; ver Capítulo LIII) tinham combinado fazer algo nessa data que não deixaria sombra de dúvida. Era algo nunca antes feito, muito difícil, e cansaria Margery; mas seria uma performance espantosa. Muitos do lado dele estariam lá para a ver.

Quando o dia dezassete chegou, Walter cumpriu esta promessa, iniciando uma nova fase da mediunidade que durou alguns meses. Primeiro perguntou a F. H. se ele se lembrava do funeral do seu Tio Elliott; e tendo recebido resposta afirmativa, perguntou que aspeto tinha sido particularmente impressionante. F. H., em resposta a isto, nomeou a execução de Batidas (Toque de Silêncio) na sepultura. "O teu Tio Elliott esteve ao teu lado ali, enquanto ouvias", retorquiu Walter.

Após uma pausa considerável, sem qualquer declaração direta das suas intenções, Walter prosseguiu: "Façam todos aqui dar as mãos num círculo; não quebrem o círculo por motivo algum. Isto nunca foi feito antes. Vou ter de me afastar da Miúda (o seu nome habitual para a irmã, tanto em vida como na sala de sessões) e deixá-la sozinha em transe, para o fazer. Ouçam e tenham paciência; temos de ter muita aqui do outro lado." Depois, após uma breve pausa, deu instruções para mudar o círculo de tal modo que os participantes que ele reconhecia como fortes se alternassem com aqueles que considerava fracos.

Feito o rearranjo, houve silêncio absoluto durante vinte e oito minutos. A luz vermelha estava acesa, e a cabeça da psíquica podia ser vista, inclinada para a frente como se estivesse a dormir. Estava completamente imóvel, e todos os restantes estavam tão próximos disso quanto humanamente possível. Talvez se Margery não estivesse

em transe tivessem desanimado e desistido; mas estavam profundamente impressionados com a natureza séria do transe, a necessidade de não interferir com ele, a urgência vital de permitir que terminasse por si mesmo. Teriam permanecido in status quo durante horas, se o transe tivesse durado tanto tempo!

No final do intervalo mencionado, a psíquica em transe levantou a cabeça com um sorriso triunfante, e apertou as mãos dos que estavam ao seu lado. Nesse instante, soaram as notas de Batidas, "como num sino tão puro que não suportava vibração — quase como se fosse soprado sem o uso de um instrumento." Todos os presentes ouviram isto, exceto um que é surdo. Margery saiu do transe imediatamente.

Os participantes não conseguiram chegar a um acordo absoluto sobre o ponto de onde o som vinha. A maioria descreveu-o como parecendo originar-se a uma curta distância abaixo das escadas. Estavam unânimes em que vinha de fora da sala. Walter disse, quando interrogado, que não tinha usado nenhum instrumento na casa. O gongo do jantar, as barras de sino do relógio de pêndulo no corredor, etc., foram todos experimentados, e não se aproximaram do efeito correto.

O leitor compreenderá que se isto lhe acontecesse, na sua própria casa ou numa que lhe fosse familiar, com apenas amigos de longa data presentes, não daria tanto valor às possibilidades físicas salientes de fraude como dá quando acontece na Rua Lime. Mas concedendo isto, não se deveria pedir ao leitor que não conhece a casa da Rua Lime ou os participantes da Rua Lime para aceitar o incidente sem verificação para além da que o registo lhe dá. Se descartarmos qualquer confiança nas boas intenções dos presentes, havia realmente muito pouca segurança contra o uso de um instrumento escondido, que poderia ter sido programado para funcionar automaticamente ou poderia ter sido manipulado por um cúmplice.

O investigador desejaria naturalmente adiar a sua busca por uma fonte de fraude ou por um cúmplice até ter mais experiência com o fenómeno, e esperaria que tal experiência adicional tendesse a reduzir o aparente local possível da fraude. Talvez o leitor esteja disposto a esperar, com o investigador.

Com McDougall e Roback presentes em 1 de Julho, houve uma repetição de batidas. Quase imediatamente ao sentar-se, Margery entrou em transe; permaneceu em silêncio durante cinco minutos, após os quais a voz de Walter pediu aos participantes que se juntassem num círculo. Após outro silêncio de cerca de dez minutos, Margery levantou a cabeça como antes, e todos os presentes, exceto Miss Scott, que estava ela própria aparentemente em transe, ouviram batidas soar, "nos mais requintados puros tons, completamente além de qualquer descrição, como em sinos, mas não batidos em qualquer instrumento." Havia luz na altura. Para todos, exceto Roback, o som pareceu vir do andar de baixo, embora não a grande distância; a impressão específica de Roback não está registada. O gongo do jantar estava desta vez na sala de sessões, na lareira; e os sons certamente não vieram dele.

A performance de Batidas foi feita pela terceira vez em 15 de Julho. Miss Scott estava presente, e tinha havido muita experimentação com arranjos de lugares, pelo menos em parte sob a direção de Walter. Dois círculos tinham sido experimentados, um para cada uma das psíquicas, e houve um regresso ao único círculo grande. "Não o quebrem", advertiu Walter; e Margery entrou no que parecia ser um transe mais profundo do que o habitual. Após doze minutos deste transe, mantendo os participantes silêncio como antes, a música foi ouvida, muito claramente, dando a mesma impressão de fonte e carácter que anteriormente.

Após a execução inicial de Batidas em 17 de Junho, houve, durante o resto de Junho e o início de Julho, muita conversa com Walter sobre este e outros fenómenos musicais prometidos. Em 24 de Junho, como indicado noutro local, houve muita confusão e mudanças de lugar dos participantes. Não estava claro durante este período o que Walter estava a tentar fazer; mas depois de a sessão ter começado a decorrer sem problemas, ele disse, com voz de transe:

"Que pena — que pena por aquele rapazinho da Sra. Richardson. Ele queria tocar piano e não conseguia. E queria que eu o fizesse por ele, e não consegui. Ficou desapontado. Mas vocês quebraram o círculo três vezes." Mark e John tinham nesta noite sido incluídos pela primeira vez no censo espiritual. Não apareceu indicação se Walter se referia a tocar psíquico de um piano material, ou a música de piano de carácter totalmente psíquico, tocada sem qualquer instrumento

material. O incidente foi referido novamente em 30 de Junho, com a promessa: "Mas ele ainda o fará; ele o fará"; e em 15 de Julho, Walter repetiu que John queria tocar piano, e que ainda o faria.

Em 22 de Julho, ele fê-lo. Houve escuridão completa, com Margery em transe. Walter disse que John estava lá e tentaria tocar piano. Um círculo foi formado, e o silêncio foi mantido durante cerca de doze minutos, momento em que quatro notas como de piano foram ouvidas por cinco dos doze participantes. Estavam no estilo geral de notas batidas sucessivamente por um único dedo, mas formavam uma harmonia válida. Tanto quanto se pôde julgar pelos que as ouviram, estavam demasiado próximas para terem vindo do único piano na casa, localizado no rés-do-chão, três andares abaixo da sala de sessões.

Na noite seguinte, Walter disse que John seria capaz de dar a performance de piano novamente se os participantes juntassem as mãos e não quebrassem o círculo ou o silêncio. Fizeram-no, e após cerca de cinco minutos obtiveram seis notas, muito semelhantes em todos os aspetos às da noite anterior. Houve transe; o registo não menciona a luz. Todos os participantes ouviram esta execução do piano psíquico, e o veredicto foi mais decidido de que os sons não podiam ter vindo do rés-do-chão. Tal como com Batidas, Walter parece nunca ter feito qualquer afirmação específica sobre a sua suposta fonte.

Prometendo grandes coisas para a noite seguinte, Walter, em 21 de Julho, sem dar nomes, referiu-se a três amigos de Caldwell do tempo de guerra, que serviu a maior parte da guerra como dentista ligado às forças britânicas. 22 de Julho foi a data em que Cross trouxe a sua amiga médium de estatuto incerto. A música psíquica, até agora e por algum tempo depois, vinha regularmente apenas com Margery em transe. Mas a presente ocasião forneceu uma exceção; pois num momento em que Margery estava normal mas a visitante estava em transe, ouviu-se distintamente, como de uma corneta, a alguma distância, a Chamada às Armas inglesa. Foi repetida pouco depois, não sendo claro no registo qual das psíquicas, se alguma, estava em transe desta vez.

Aparentemente, a ligação completa entre os três amigos de Caldwell e a chamada de corneta psíquica não foi estabelecida

imediatamente. Em 28 de Julho, Caldwell pediu os seus nomes, e outro espírito, segundo Walter, insistiu para que não fossem dados. Em 4 de Agosto, Caldwell perguntou a Walter se ele não escreveria os nomes; e Walter disse que talvez o fizesse, alguma noite em que os três estivessem lá.

De alguma forma que os registos não tornam clara, os três amigos foram finalmente localizados, mas não identificados pessoalmente, como três rapazes corneteiros com quem Caldwell tinha tido associações enquanto estava no serviço; e a afirmação foi especificamente apresentada de que todas as chamadas de corneta psíquicas (ver abaixo) foram executadas por eles, em instrumentos não materiais.

Esta afirmação foi parcialmente formulada na sessão de 29 de Julho. Houve um transe prolongado; e após a conversa de transe comum ter cessado, um círculo foi formado. Não aparece qualquer afirmação sobre a luz. Em cerca de oito minutos, Batidas foi tocado muito claramente, correspondendo às várias performances anteriores. Após isto, e separando assim Batidas da corneta no esquema da filosofia da sessão, Walter disse: "Aí vêm os teus rapazes." Dentro de três minutos mais ou menos, a Chamada às Armas britânica foi ouvida distintamente, "como de uma corneta a grande distância e num espaço aberto." Pouco depois, Walter disse que iam tocar novamente, e tocaram, desta vez a Alvorada britânica, muito claramente, e distintamente como de três cornetas.

Em 30 de Julho, pela primeira vez, a música psíquica foi produzida sem a ajuda do transe. Após considerável conversa através da mesa, Walter disse que Clark queria tocar piano — presumivelmente o mesmo em que John tinha anteriormente tocado! Os participantes esperaram cerca de oito minutos e, percebendo que música sem transe era algo novo, quase tinham desistido quando ela veio — Batidas brilhantemente tocado no agudo, muito alto e distintamente. Walter indicou que ele e Clark o tinham feito juntos.

A próxima performance musical envolveu uma recaída para a técnica do transe. Em 2 de Agosto, após um silêncio de oito minutos, que julgo constituir um esforço para obter música sem transe, Margery apagou-se. Todas as mãos estavam sobre a mesa, e permaneceram assim no silêncio subsequente de cinco minutos. Então Walter falou e

disse que encontrava as condições difíceis esta noite (a presença do incurável cético D. G. C. era suficiente para explicar isto aos outros participantes), e pediu que juntassem as mãos. Antes de terem tempo de o fazer, ouviram Batidas como antes, soando como em sinos de algum tipo. Foi tocado desta vez com uma deliberação invulgar, muito alto e distinto.

Novamente, em 9 de Setembro, a música psíquica foi obtida sem transe. Desta vez não houve silêncio preliminar ou aviso de qualquer tipo; a Chamada às Armas inglesa irrompeu, seguida por Batidas. Este último, tal como o primeiro, pareceu ser numa corneta — a primeira vez que Batidas tinha sido assim executado.

A performance musical de 23 de Setembro foi atribuída por Walter a dois dos rapazes corneteiros de Caldwell; e ao ouvido envolvia duas cornetas. O Último Toque britânico foi dado primeiro, e depois Batidas, ao estilo americano.

30 de Setembro trouxe dois novos itens, um mais ou menos definitivamente prometido, o outro uma surpresa. Walter tinha dito que tocaria uma harmónica para eles alguma vez; o instrumento foi ouvido, pouco depois do início, dando duas ou três notas fracas. Quando o registo de 7 de Outubro se refere à "chamada de Walter na harmónica", sem mais detalhes ou descrição, está a lidar com o mesmo fenómeno. A implicação de uma melodia familiar deve ter sido emprestada da voz assobiadora que descrevo noutro local; a harmónica foi ouvida apenas nestas duas ocasiões.

À sua outra inovação de 30 de Setembro, Walter rapidamente atribuiu o nome de "relógio celestial". Há uma igreja mesmo ao virar da esquina da casa da Rua Lime, que possui um relógio que toca as horas de forma muito atraente. Às dez horas desta noite, imediatamente após o relógio da igreja ter feito o seu dever, ouviram-se mais dez badaladas, de carácter diferente de qualquer relógio conhecido por estar na casa ou na vizinhança, como um sino suave. O efeito geral era como se pudesse estar na casa ao lado, mas o facto de não tocar qualquer outra hora para que pudesse ser ouvido no n.º 10 descartaria a explicação fácil com base nisso. Havia luz vermelha na sala de sessões no momento.

Walter disse que daria o relógio celestial todas as noites em que se sentassem, às dez horas; e em 6 de Outubro cumpriu. No dia sete

também foi dado, mas indistintamente. No dia catorze foi ouvido muito claramente por todos. No dia dezoito, em vez do relógio celestial, Walter deu o seu "pequeno relógio" — quatro badaladas num sino ou gongo, aparentemente em emulação do tempo de navio. Esta variação não foi acidental, pois imediatamente antes de o som ser ouvido, Walter disse:

"Ouçam o meu pequeno relógio." No dia vinte, tanto o relógio celestial como o pequeno relógio atuaram. Em 3 de Novembro, como descrito no registo completo desta sessão (ver Capítulo XVI), o relógio celestial foi dado sob condições invulgarmente boas. O registo descreve o efeito "como em suave instrumento musical ou sinos", e estima o intervalo de tempo entre as badaladas do relógio da igreja e as do instrumento de Walter em cerca de um minuto completo. Após isto, os registos indicam apenas mais uma manifestação sob esta rubrica; o relógio celestial foi ouvido, na minha presença, em 15 de Novembro.

Além da chamada de harmónica acabada de registar, a sessão de 7 de Outubro viu uma repetição da performance de 30 de Julho, a harmonia de Batidas sendo ouvida, distintamente como de um piano e distintamente como de baixo. Nesta ocasião, como antes, veio após um anúncio definitivo e uma espera.

20 de Outubro trouxe um novo ruído, não especialmente musical, mas listado aqui na falta de um lugar melhor. Walter, com um humor sombrio que lhe é bastante característico, chamou-lhe o chocalhar das suas correntes. Soou a alguns participantes como o tilintar de vidro, a outros como o ranger de travões de automóvel. Imagino que tenha sido dado noutras ocasiões sem entrar no registo, porque ouvi falar dele como o "chocalhar" das correntes de Walter, e sei que foi uma expressão corrente na sala de sessões durante algum tempo.

Os três rapazes corneteiros foram ouvidos em quatro pontos diferentes durante esta sessão, sendo uma ou duas das suas chamadas novas. Tudo isto veio depois de o grupo ter descido a mando de Walter e ter voltado à sala de sessões. Esta é aparentemente a última vez dos rapazes corneteiros.

Na presença dos investigadores de Harvard em 3 de Novembro, e após um exame e selagem das instalações que parecia adequado para excluir toda a possibilidade de cumplicidade nos andares inferiores,

Walter disse que Batidas seria tentado. Após cerca de dez minutos de espera, veio, sem transe, como no caso de todos estes incidentes musicais posteriores. Correspondia às versões anteriores da melodia em vez das mais recentes, na medida em que parecia ser em sinos em vez de uma corneta ou piano.

Houve um número musical em 4 de Novembro que levou a algum desacordo entre os participantes. Walter primeiro anunciou-o como uma performance de Clark, na harpa de boca; pouco depois falou dele como se fosse num piano psíquico. Houve um atraso considerável, sem sons de todo, enquanto Walter observava que Clark estava sempre atrasado. (Creio que em vida ele era tão pouco confiável quanto possível.) Walter continuou a conversar, e pouco depois a música veio. A Sra. Richardson comparou-a a uma passagem de dedos pelas cordas dentro de um piano. F. H. ouviu-a como um tom perfeito de harpa de boca, sendo três notas tocadas; colocou-a na sala, entre as janelas.

A sugestão é feita de que a Sra. Richardson recorreu a um símile mais familiar do que a harpa de boca, para o que era na realidade perfeitamente bem descrito em termos desse instrumento. A Sra. Richardson e alguns dos outros participantes, se não todos, fizeram a observação de que estas notas, vindo enquanto Walter falava, coincidiam realmente com a sua voz. O registo não indica quais as medidas de controlo de mãos e pés, etc., que estavam em vigor nesta ocasião, mas para tornar este ponto de alguma consequência, temos de contestar a localização da música por F. H.

Durante a sessão em grande parte malsucedida de 15 de Novembro, na minha presença, Batidas (com o efeito de sino) foi obtido, bem como o relógio celestial acima mencionado. Isto marcou o fim dos fenómenos musicais. Nunca foi perguntada a Walter qualquer razão específica para o seu abandono, nem ele a ofereceu. Nenhuma, de facto, era necessária; o abandono da música foi um desenvolvimento perfeitamente natural.

Os incidentes perturbadores da minha visita, seguidos pela viagem ao estrangeiro, poderiam muito bem ter sido suficientes para suspender este fenómeno por enquanto. E no regresso da Europa, novas condições, novos pontos de vista e toda uma nova série de participantes transformaram a mediunidade num canal totalmente

novo. O que quer que se possa dizer em resumo aqui é dito no final do Capítulo XVI.

CAPÍTULO X
"OS PAPÕES HÃO-DE TE PEGAR SE NÃO TOMARES CUIDADO"

Durante a sessão de 23 de Junho, depois de Walter ter prometido levitar a mesa se descobrisse que conseguia, e enquanto se presumia que estava a trabalhar neste problema, Brown e Adler, sentados ao lado da psíquica, um de cada lado, e provavelmente tendo algum grau de contacto com as suas mãos na mesa, declararam que sentiam sensações frias e de formigueiro nos seus antebraços. F. H. observou ao mesmo tempo, projetado da região dos seus dedos, o que descreveu como ténues emanações, semelhantes a auroras. Estou confiante de que isto foi com luz vermelha, embora o registo se cale. Isto constituiria uma explicação válida de como F. H. pôde ver o que os outros participantes perderam. A visibilidade dos objetos fracamente luminosos, psíquicos e outros, na sala de sessões escura é incerta em algum pequeno grau; com luz vermelha depende em grande parte de factores acidentais como a medida em que se tem um fundo escuro contra o qual olhar.

A própria Margery relata o próximo item que encontra lugar neste capítulo. Estava a caminhar pela rua em Bar Harbor, na manhã de 9 de Julho, quando subitamente parou e disse para si mesma: "Oh, ali está o Walter." Pensou que se a Sra. Brown e Laura C., suas companheiras na viagem de automóvel que a tinha levado ao Maine, estivessem com ela naquele momento, poderiam ver como Walter se parecia. Ele tirou o chapéu, passou a mão pelo cabelo, e desapareceu. Margery parece ter percebido, mesmo enquanto a experiência decorria, que Walter não poderia estar presente em corpo e que a visão dele teria de ser um item psíquico de algum tipo. A minha preferência seria classificá-la como subjetiva, e inferir que se as outras senhoras estivessem lá não teriam visto nada. O relato é naturalmente não verificado, mas não conheço razão para recusarmos considerá-lo como uma aparição provavelmente válida, embora totalmente impossível de provar.

Sentado na casa de verão de F. H. na praia de Winthrop, em 5 de Agosto, estava presente um certo Dr. T., a quem são atribuídos poderes clarividentes. Walter estava a retransmitir mensagens usando a voz de transe, quando o Dr. T. lhe perguntou se não havia um espírito de pé à esquerda de F. H. Com o assentimento de Walter, o Dr. T. deu o que vários participantes reconheceram como uma descrição válida de um dos espíritos nomeados no censo, um certo Sr. Waldo.

Deixa-se ao leitor a sua própria suposição de que o Dr. T. não tinha conhecido Waldo durante a vida deste. Após esta visão espontânea do Dr. T., Walter concordou em tentar fazê-lo ver outros do grupo espiritual. Para este fim, arranjou todos os participantes com muito cuidado; fez o mesmo com a lâmpada elétrica, experimentando eventualmente com esta, ligando-a e desligando-a alternadamente, com a explicação de que não sabia qual seria a maneira mais vantajosa para a clarividência. Tendo Walter dito onde Clark estava, o Dr. T. a princípio não viu nada, depois distinguiu o contorno de uma figura fracamente fosforescente no local designado. Com a avó de F. H., várias falhas, com luz e na escuridão, precederam o esforço bem-sucedido do Dr. T. para a visualizar.

Tudo isto era reminiscente de 29 de Julho, quando a Sra. Mackie, uma das participantes, desenvolveu espontaneamente uma impressão supostamente clarividente de um dos controladores que estava a comunicar através da mesa no momento. Nunca se pediu a Walter que verificasse a experiência da Sra. Mackie; em 11 de Agosto, foi-lhe colocada a questão de saber se o Dr. T. tinha realmente visto alguns dos visitantes espirituais. Ele respondeu que era realmente muito difícil para ele dizer o que os participantes viam e o que não viam; achava provável que o Dr. T. tivesse visto espíritos, mas não se comprometia com a proposição.

O Dr. T., apesar da sua clarividência, deixou o grupo ABC frio. Tinha-lhe sido perguntado por Walter se se juntaria permanentemente ao círculo; era do tipo que ajuda a materialização. Respondeu com bastante desinteresse que talvez o fizesse, se visse algum valor nisso. Esteve presente apenas mais uma vez, em 19 de Agosto; e quer devido ou não à contribuição feita pela sua presença, houve aqui uma

considerável visão por vários participantes de coisas que não estavam lá em termos materiais.

Margery começou isto ao ver uma luz brilhante sobre a mesa, num momento em que as mãos estavam unidas em círculo, a seis a dez polegadas da mesa. Foi perguntado a Walter se ele tinha feito a luz, e ele reivindicou-a. Margery ouviu uma voz, assim pensou, e Walter foi interrogado sobre isso também. Não houve resposta audível, quer por voz quer pela mesa; mas todos os participantes viram imediatamente um raio de luz, com três a cinco pés de comprimento, vindo do canto sudoeste da sala onde não há janela, e dando duas vezes três lampejos.

Neste momento ou mais tarde, os poderes clarividentes do Dr. T. revelaram-lhe três rostos, um homem escuro e duas mulheres. Foi perguntado a Walter se ele poderia materializá-los para que todos os presentes pudessem ver; não sabia mas tentaria. Aparentemente nada resultou dos seus esforços.

Ainda mais tarde na noite, num momento em que o controlador Crawford estava a falar, muito parcamente, com o que foi tomado como voz independente (a segunda experiência deste tipo), Margery, não em transe, exclamou que sentia um aperto frio na nuca. Inclinando-se para a frente, encontrou uma pressão semelhante no seu queixo, seguida por uma sensação como de cabelo, ligeiramente perfumado, a cair-lhe sobre o rosto. Durante este período, exclamou sobre o frio do gabinete; as mãos de Cross foram observadas pelos seus vizinhos como estando extremamente frias e húmidas; e pouco depois Aleck desenvolveu um ataque de histeria — algo a que era bastante propenso quando a presença sugerida dos espíritos tomava um rumo mais material do que o habitual.

Esta série de contactos relatados pela própria psíquica vem do quarto onde se procura qualquer fraude que possa ser considerada como marcando o caso. Esteve sozinha durante algum tempo, mas em 11 de Novembro, na sessão na estalagem em Andover, Massachusetts, foi duplicada; e como se verá pela citação que faço do registo, houve, intencionalmente ou acidentalmente, luz suficiente desta vez para permitir uma visibilidade decente:

"Por esta altura, a Sra. Stewart disse que viu um contorno sombrio entre a psíquica e o Sr. Stewart, pai. Pouco depois, o Sr. Stewart, pai, declarou que sentiu uma faixa agarrar o seu antebraço

direito; mas na altura todas as nossas mãos eram claramente vistas como estando entrelaçadas no círculo. Um momento depois, a Sra. Stewart, que estava sentada dois pés atrás e fora do círculo, teve a sua cadeira empurrada violentamente para a frente cerca de dois pés para dentro do círculo, ao que Walter riu com grande divertimento." A óbvia ambiguidade sobre as mãos é de lamentar; a falha do registo em cobrir a Sra. Stewart prejudica seriamente o que teria sido um dos incidentes mais impressionantes de toda a história de 1923 da mediunidade de Margery.

Eventualmente, a mediunidade atingiu um estágio em que os toques psíquicos e as luzes psíquicas do presente capítulo se tornaram epidémicos. Penso que devemos considerar os incidentes aqui relatados como uma previsão do que mais tarde aconteceria regularmente. Estes incidentes são totalmente isolados no que diz respeito ao curso dos acontecimentos para 1923, mas a maioria deles aponta distintamente para o futuro. E quando obtivermos, sob condições válidas de controlo, o mesmo tipo de manifestações surpreendentes que estas, toda a presunção de genuinidade é projetada sobre os itens aqui catalogados.

CAPÍTULO XI
A VOZ DE WALTER

A passagem para dentro e fora do transe sempre que se desejava manter uma conversa extensa com Walter era um grande incómodo; e F. H. tinha a sua mente voltada para um estado de coisas em que isto deixasse de ser necessário. Abordou o assunto pela primeira vez com Walter em 4 de Julho de 1923.

Perguntou se não seria eventualmente possível comunicar através de voz independente; Walter, usando a mesa, indicou que tentaria trabalhar nessa direção. Alguma ideia foi transmitida no sentido geral de que seria necessário tentá-lo cinco vezes. Então a mesa ficou imóvel, e todos os presentes ouviram uma voz, primeiro mais como um sopro suave sem forma, depois tornando-se sibilante, finalmente articulando um som que todos concordaram ser um "Sim" sussurrado. Isto foi repetido de sete a dez vezes. Laura C., Adler e Margery colocaram este sussurro atrás da cadeira da psíquica; F. H. localizou-o

no canto da sala. Walter, interrogado se tinha sido ele a falar, respondeu rapidamente "sim" com a mesa.

A comunicação vocal recaiu na técnica do transe após este episódio, e não foi dado mais estímulo à voz independente. Mas em 19 de Agosto, ocorreu espontaneamente. O controlador Crawford tinha aparecido e identificado com a mesa. Falou então várias vezes, sem transe, dizendo "sim", "não" e "boa noite". O "sim" era muito sibilante, como um "sim" sussurrado tende a ser; o "não", também, parecia ser soprado.

O "boa noite", embora sussurrado, era distinto. Este sussurro foi precedido por dois assobios distintos, vindos individualmente; depois por uma barra assobiada da melodia do Trompetista, que nesta fase era um dos discos do vitrola em uso. Não há afirmação se isto veio com o acompanhamento da música, mas infiro que, como era geralmente o caso mais tarde, quando o assobio se desenvolveu numa performance constante, assim aconteceu.

Novamente em 9 de Setembro houve voz sem transe. Após um intervalo de silêncio, iniciado a pedido de Walter e com duração de cerca de dez minutos, todos os participantes ouviram o nome Lord distintamente sussurrado. Depois de o visitante ter sido localizado através da mesa como o pai da Sra. Richardson, o sussurro continuou tempo suficiente para apoiar uma breve conversa; depois mais algumas palavras foram sussurradas de John e Mark para a sua mãe. Tudo isto foi em completa escuridão; e não são registadas observações sobre a fonte aparente da voz.

Após saltar uma sessão, a voz sem transe voltou para ficar em 22 de Setembro, sendo "ouvida com maior tom e distinção do que nunca antes". O registo cita sete observações, duas delas bastante longas, feitas através desta técnica. Numa ocasião, Margery estava a falar ao mesmo tempo que Walter.

O registo para 23 de Setembro começa com a afirmação: "Walter veio sozinho, e rapidamente começou a comunicar por voz direta e com crescente distinção." Aqui e daqui em diante, não se fez qualquer tentativa de perpetuar tudo o que era dito desta forma. Na presente data, além de uma quantidade considerável de conversa, Walter assobiou duas vezes. Durante a sessão, Margery teve de descer para acalmar o pesadelo do seu filho pequeno.

Enquanto ela esteve fora, os outros ouviram o assobio a vir de baixo; no seu regresso, ela insistiu que o ouvira de cima. Aceitar a sua observação aparentemente colocá-lo-ia algures nas escadas, de acordo com muitas observações futuras. O pai da Sra. Richardson falou-lhe novamente em voz direta; o registo não indica se a sua fala era diferente da de Walter. A recordação de Margery concorda com o meu julgamento de que tudo isto ocorreu no escuro, mas não é feita qualquer afirmação específica.

Em 28 de Setembro, com luz vermelha, o assobio de Walter foi ouvido seis vezes, primeiro aparentemente do gabinete, depois aparentemente das janelas. Não tendo sido feito registo de quem estava presente, não posso estimar a probabilidade de a imobilidade dos lábios de Margery ter sido observada ou esta observação tentada; mas a ausência do ponto no registo presume-se que significa que não foi feita com brilhante sucesso. Seria uma observação difícil, na melhor das hipóteses, com Margery nas sombras do gabinete.

A luz foi então apagada, e a voz sussurrante começou a falar livremente. Numerosas afirmações sobre as supostas condições da vida e obra de Walter do outro lado foram feitas; e tanto quanto posso julgar, ele estava muito mais fluente do que alguma vez tinha sido nesta técnica. Estaria inclinado a escolher esta sessão como marcando o estabelecimento definitivo da voz direta como um meio de comunicação de utilidade igual à mostrada pela técnica do transe. Uma longa sessão foi inteiramente dedicada a esta conversa com Walter.

Novamente no dia trinta, com luz vermelha, o assobio de saudação de Walter foi ouvido várias vezes. Mais tarde, no escuro, houve observações sussurradas por ele e por outros controladores. Estes sussurros foram localizados em vários lugares dentro e fora do gabinete, mas sem grande acordo entre os vários participantes. Todos os que os ouviram, no entanto, insistiram que havia uma diferença marcada entre os sussurros atribuídos a Walter e os atribuídos aos outros controladores.

O registo para 6 de Outubro diz: "Walter começou a falar e apagámos a luz." Isto tornou-se procedimento regular por esta altura. Com luz vermelha, no início, Walter assobiava uma saudação (geralmente) e sussurrava algumas palavras; depois a luz apagava-se e

ele começava a falar livremente. Na presente ocasião, Walter estava muito fluente, e fez muitas afirmações, com grande extensão, sobre a sua existência e a técnica dos seus fenómenos. Numa ocasião, pelo menos dois participantes tinham a certeza de que ele falou enquanto Margery bocejava audivelmente. A coincidência entre a fala de Walter e o bocejo ou riso de Margery é bastante frequente; duvido que as suas palavras e as dele tenham alguma vez coincidido na minha presença.

Foi acordado que a fala aqui foi a mais distinta que Walter tinha até então produzido. Foi audível na maior parte para todos os participantes, enquanto que antes, e geralmente desde então, até ao presente, F. H. tinha de repetir o que Walter dizia, sendo ele, com o ouvido no gabinete, o único que conseguia perceber.

Houve bastante assobio, que aqui pela primeira vez foi intercalado pela conversa em vez de concentrado no início. Uma vez, tendo sido mencionada a melodia "Sweet Afton", Walter assobiou parte dela. Este assobio no gabinete, no meio da conversa, foi considerado bastante diferente do assobio relativamente distante da sua chamada de saudação regular. No gabinete, era uma espécie de assobio sussurrado, aparentado com a sua fala.

O assobio em 7 de Outubro é caracterizado como "o melhor que tivemos". A fala direta não foi tão contínua como na noite anterior, mas foi abundante.

O registo para o dia onze, seguindo o do dia seis, afirma inequivocamente que após a saudação habitual com a mesa, Walter começou a falar com luz vermelha, com a psíquica apenas parcialmente no gabinete. Há aqui uma presunção mais forte do que em qualquer momento anterior, de que o movimento da boca de Margery teria sido procurado, e poderia ter sido observado se tivesse ocorrido.

Assim que a presença da voz foi bem estabelecida, a luz foi dispensada. Ela tinha tomado gás no dentista nessa manhã, e o seu rosto e boca ainda estavam doridos. Isto pareceu ser um handicap; Walter observou várias vezes que a Miúda estava doente ou anormal; ela tinha introduzido alguma nova substância química no seu sistema, o que o deixava perplexo sobre como lidar com ela. Apesar disso, no entanto, ele fez uma longa conversa. O "boa noite" falado que

terminou a sessão veio com luz vermelha enquanto o grupo estava no andar de baixo em busca de uma experiência (Capítulo XV).

Durante uma conversa de meia hora em 12 de Outubro, o sussurro de Walter irrompeu duas vezes em voz real. Novamente no dia treze, houve conversa constante — desta vez, nada mais. No dia catorze, Walter assobiou e falou; e várias vezes, quando lhe foi pedido para repetir uma observação que não tinha sido ouvida, fê-lo num sussurro muito alto, quase vocal. Sugiro que este é um forte indício psicológico de genuinidade.

Quando se pede a alguém para repetir, a sua tendência é falar mais alto do que da primeira vez. Estou muito certo de que, se a personalidade sussurrante tivesse algo a esconder, venceria esta tendência e daria a repetição no mesmo tom da observação original. A maioria dos argumentos psicológicos a favor da validade impressiona-me pouco, sendo o meu sentimento de que Margery é suficientemente inteligente para antecipar o observador se estivesse inclinada para a fraude; mas o presente avanço com bastante confiança.

A voz sussurrante tinha-se tornado agora uma parte tão integrante da rotina da sessão que se sentiu que estavam em ordem esforços para determinar o seu carácter exato, enquanto se mantinha algum grau de confiança de que isso poderia ser feito sem inibir a sua manifestação.

A crença de alguns, pelo menos, dos psicólogos de Harvard era de que a voz era fraude consciente da parte de Margery. Outros, incluindo talvez alguns dos participantes regulares, estavam inclinados a considerá-la como um automatismo, análogo ao da mão na escrita automática. E ainda outros estavam confiantes de que se descobriria que tinha o seu lugar no espaço, fora do organismo físico da psíquica — constituindo em todos os sentidos um fenómeno psíquico objetivo.

Um teste a estas hipóteses foi feito em 18 de Outubro, que, tanto quanto se pôde tirar conclusões, indicou a validade da última alternativa. O assobio precedeu a voz, como de costume; quando esta estava bem estabelecida, a experiência foi feita. A psíquica encheu a boca com água; ao que Walter foi ouvido a exclamar: "Bem, bem, bem!" A tentativa foi repetida várias vezes; a primeira vez, o sussurro de Walter pareceu abafado; mais tarde, as palavras vieram claras e distintas.

A luz vermelha foi usada quando Margery encheu a boca, mas por alguma razão não quando a esvaziou novamente. Walter criticou este procedimento, apontando que o retorno do volume correto de água era altamente importante; e também que o seu retorno prematuro, libertando a boca para o teste, devia ser prevenido. Como a sua sugestão não foi seguida, ter-se-ia de aceitar este teste em particular com reservas; mas é extremamente interessante encontrar Walter a procurar falhas na prova da sua própria validade.

No final desta sessão, Walter disse: "Fiquem em silêncio, e verei o quão alto posso falar." Foi feito um esforço tremendo e ele quase irrompeu em vocalização. O efeito foi muito curioso, diz o relatório, com apenas os começos de sons vocais.

O dia dezanove viu conversa livre com Walter, como de costume. No dia vinte, houve um pouco de conversa, e um ou dois assobios. Depois de a companhia ter descido de acordo com a rotina deste período (ver Capítulo XV), Walter assobiou um obrigato à melodia do vitrola, sendo esta a sua performance de assobio mais elaborada até à data. No dia vinte e dois, o registo indica pela primeira vez que a voz assobiante dava ordinariamente uma série de notas (cinco no número) da melodia "Souvenir", que era a favorita de Walter. Na altura da minha primeira visita em Novembro, isto já se tinha tornado padronizado. Podemos assumir que quase invariavelmente, nesta fase, quando o assobio de saudação é mencionado ou o assobio de um acompanhamento ao vitrola figura no registo, é este trecho de música que está envolvido.

A voz sussurrante foi ouvida do gabinete no dia vinte e dois, parcialmente com luz vermelha e parcialmente na escuridão. A voz foi novamente uma característica da sessão de 25 de Outubro. No dia vinte e seis, o registo menciona pela primeira vez uma "risada vocal de Walter", em distinção da técnica anterior de rir através do tremor circular da mesa.

Isto veio a tornar-se outra característica padrão, e assim permanece até hoje. Na presente ocasião, Walter pareceu decididamente ansioso por exibir a nova habilidade; durante a primeira meia hora, nada foi dado exceto esta risada de escárnio, a cada três ou quatro minutos. Finalmente foi abandonada e a voz passou.

Durante a tarde de 25 de Outubro, no decurso normal da vida doméstica, ocorreu o que foi tomado como manifestações psíquicas. Estas foram acompanhadas por fenómenos vocais; mas para maior coerência, estes últimos são descritos com os primeiros no Capítulo XIV. Durante a sessão desta data, Walter assobiou um acompanhamento muito elaborado para um novo disco do vitrola. Esta expressão, naturalmente, aqui como noutros lugares, refere-se apenas a algumas notas da música.

Usando a voz direta, Walter, em 27 de Outubro, fez muito troça dos cientistas e dos pontos de vista científicos. No dia vinte e oito, a voz estava invulgarmente distinta. Durante esta sessão, a voz retirou-se várias vezes por um intervalo considerável, recusando-se a responder a perguntas ou a manifestar-se de qualquer outra forma. Durante estes intervalos, ouviram-se ruídos inexplicáveis no andar de baixo, e a investigação revelou que móveis tinham sido movidos no rés-do-chão. Walter reivindicou que tinha sido feito de forma supranormal, mas não por ele.

Outra novidade desta data dizia respeito à voz assobiante. Walter deu a sua familiar chamada de "Souvenir" no andar de baixo; e foi respondido por uma repetição da chamada de cima. Disse mais tarde que o eco vinha de John, e o registo relata que a diferença entre as duas performances era aproximadamente o que se esperaria se um assobiador fosse perito e o outro um imitador inexperiente. É de lamentar que o escriba não tenha considerado igualmente importante registar a distribuição dos participantes pela casa no momento.

A sessão de 1 de Novembro foi marcada por muito uso da voz sussurrante. A experiência de 14 de Outubro tinha sido feita pelo grupo ABC, em antecipação da presença dos investigadores de Harvard e da sua repetição por eles. Esta repetição teve lugar na presente ocasião.

Com a psíquica apenas parcialmente no gabinete e com luz vermelha ténue, o assobio de "Souvenir" foi ouvido, aparentemente da parte inferior da casa. A psíquica retirou-se então para dentro do gabinete, e ouviu-se um risinho, que os regulares, naturalmente, atribuíram à satisfação de Walter pelo sucesso do seu assobio de saudação. Ele instruiu então que a experiência com a água fosse realizada. Cito o registo aqui, notando com pesar que não dá

informações sobre o grau de iluminação, ou os momentos em que a luz foi usada.

"O controlador disse a todos os presentes para porem água na boca e as vozes viriam ainda do gabinete. Isto foi feito, e as palavras 'bem, bem' e 'bom' vieram muito distintamente. Nenhum membro do grupo foi capaz de emitir um som enquanto retinha a água, exceto Roback, que conseguiu emitir uma palavra com bastante clareza, mas com manifesto esforço. Então todos mostraram que a água ainda estava nas suas bocas, após a experiência, expelindo-a à vista de todos. [Isto, naturalmente, implica sem dúvida que havia luz no momento da expulsão.] O teste foi mais tarde repetido apenas pela psíquica, e a conversa foi mantida [pela voz sussurrante] enquanto a sua boca continha água, que foi depois medida num copo" [e verificou-se ser a quantidade total ingerida].

Em 3 de Novembro, na presença do grupo de Harvard e sob as condições mais severas de tentativa de exclusão de possibilidades de fraude a que a mediunidade tinha até então sido exposta, a rotina vocal foi realizada como de costume. Esta sessão é dada integralmente noutro local, pelo que omito aqui os detalhes.

4 de Novembro, segundo Walter, foi uma noite social, dedicada ao relaxamento das suspeitas expressas e implícitas da noite anterior; e passou a maior parte do tempo em conversa, usando inteiramente a voz direta. Sete controladores diferentes falaram brevemente, alguns fazendo-se entender melhor do que outros; todos os outros eram menos distintos que Walter, e nenhum, exceto ele, falou mais do que algumas palavras. Mais ou menos a mesma coisa aconteceu no dia seis; e 8 de Novembro, também, não viu nada além de conversa, expressando Walter o desejo de conservar as suas energias para a minha visita, agendada para começar no dia quinze.

Em 11 de Novembro, em ambiente estranho, com gabinete estranho, sem cortina na frente ou em cima, Walter deu saudações vocais e conversa tão livremente como nas suas próprias instalações da Rua Lime. A correspondência completa entre a ação desta sessão e a geralmente obtida na Rua Lime contribuiu muito para afastar a ideia de que havia cumplicidade vinda de fora da sala de sessões; embora

no que diz respeito a esta sessão, tal teoria ainda pudesse ser mantida em relação ao assobio, que aqui esteve ausente.

Durante a minha visita, como detalhado no Capítulo XVII, Walter viu o seu programa seriamente interferido por uma personalidade invasora de aparente intenção maléfica. No dia quinze, houve muito pouca voz direta, e algum assobio de "Souvenir" que me impressionou como a melhor característica da performance. Foi dado várias vezes, começando num ponto aparentemente remoto, no andar de baixo, e com cada repetição avançando em direção à sala de sessões. Era perfeitamente aparente que era ou genuíno ou devido a cumplicidade fora da sala. Os fenómenos físicos foram fracos ou totalmente ausentes; e quando Walter quis fazer uma conversa extensa, lançou a sua irmã em transe, sendo esta a primeira vez em muitas semanas que o transe era uma parte séria do programa.

Nos dias dezasseis e dezassete, com exceção do aviso sussurrado para terminar (página 117), a voz falhou completamente durante a minha presença na sala de sessões, nem sequer conseguindo fazer passar o assobio. Mas numa destas noites, enquanto estávamos sentados à mesa de jantar, ouvimos a melodia "Souvenir" assobiada muito claramente do andar de cima. Vários dos participantes previstos para a noite que não estavam entre os convidados para o jantar tinham chegado, e eu não podia ter a certeza, por meu próprio conhecimento, de que nenhum tinha subido; e ainda havia o potencial, não identificado, habitual cúmplice doméstico a ser descartado. No dia dezassete, quando encontrei um pretexto para me retirar temporariamente, a voz passou na minha ausência, da maneira habitual sem transe, e falou livremente. Mas no dia dezoito novamente, na minha presença, estava mais uma vez ausente.

Em 20 de Novembro, realizaram-se duas sessões — uma no Laboratório Psicológico de Harvard, que foi um branco no que diz respeito a efeitos vocais; e uma apenas com participantes amigos, ao regressar à Rua Lime. Houve a voz habitual aqui, falando livremente. Nos dias vinte e dois e vinte e cinco, houve conversa abundante e algum assobio. Novamente, no dia vinte e seis, a voz de Walter estava presente com toda a sua força; e no dia vinte e oito, após um intervalo de mais de duas horas, durante o qual apareceu algum motivo para receio de que uma presença maléfica estivesse a interferir, Walter

passou e falou durante meia hora. E aqui devemos suspender a história da voz, para a retomar quando tivermos trazido Margery em segurança de volta da Europa.

CAPÍTULO XII
UM RESUMO ATÉ À DATA

Estamos agora na iminência de uma mudança bastante pronunciada no procedimento empregue pelo controlador durante a sessão; e como forma de fixar o progresso que fizemos, parece aconselhável dar um ou dois dos registos de sessão na íntegra. Para este fim, selecionei sessões que são típicas, uma do curso dos acontecimentos antes de a voz sem transe ser desenvolvida, a outra da maneira como as sessões decorriam depois de Walter ter adquirido esta ferramenta. Isto não só mostrará exatamente como a sessão decorria, mas mostrará bem o contraste entre a técnica de Junho e a de Agosto e Setembro.

Ao mesmo tempo, acho viável usar, para a sessão de tipo mais antigo, aquela de entre todas as sessões de 1923 para a qual existem registos independentes, de duas fontes. Darei ambas, como um estudo interessante dos diferentes ângulos a partir dos quais diferentes participantes viam os procedimentos. O registo de F. H. da sessão de 16 de Junho diz o seguinte:

"Quinta sessão; 16 de Junho de 1923; casa do Dr. Brown, 21h30.

"Presentes: Dr. e Sra. Brown, Adler, Cross, Dr. Caldwell, Sr. e Sra. Murray, Margery e F. H. Usada mesa de trinta e oito libras.

"Walter veio rapidamente através da mesa, e com ela manteve uma conversa inteligente de sim-e-não. Pedimos então pelo Sr. Clark, que veio cerca de um minuto após a chamada. Expressou alegria pela presença de Murray movendo repetidamente a mesa em sua direção e trepando para o seu colo.

"Walter, em resposta a uma pergunta, disse que havia seis presentes além dele. Eram o Sr. Clark, a Sra. Caldwell, os seus dois filhos infantis, e a mãe de Adler. Não conseguimos obter o sexto, que vinha para F. H., embora tenhamos nomeado todos os que nos ocorreram. A mãe de Fred teve uma comunicação considerável com ele através da mesa.

"Walter fez então muitas pancadas simples para Murray, que usou o estetoscópio. Walter não quis tocar na caçarola de lata. Às 22h33, tomou posse da médium e falou através dela, apenas na sua própria pessoa, durante sete minutos.

"Tinha uma mensagem, nomeadamente, que o sobrinho de Margery no Canadá acabara de ter um rapaz nascido na sua família. Isto foi confirmado no dia seguinte pela chegada da carta de anúncio.

"Walter dirigiu-se então a F. H., dizendo que ele e o Tio Elliott tinham combinado para a sessão de 17 de Junho fazer passar algo que não deixaria sombra de dúvida nas nossas mentes, embora deixasse a Miúda bastante cansada. Que o que fariam passar nunca tinha sido feito antes; que seria difícil; que muitos do lado deles estariam lá também."

Uma razão pela qual selecionei este registo para apresentação integral é que ele não é característico dos registos feitos da maioria das sessões, na medida em que não dá grandes detalhes da conversa com Walter e outros controladores. O registo para 4 de Agosto, por exemplo, estende-se por quatro páginas densamente datilografadas, e noventa por cento dele é transcrição literal de perguntas feitas aos espíritos e respostas recebidas.

Isto, naturalmente, é interessante para muitos de nós, mas não faz parte do meu esquema apresentar mais dos ditos do controlador do que aqueles que parecem uma parte integrante dos fenómenos físicos. O outro registo preservado de 16 de Junho foi elaborado por um dos outros participantes, cuja identidade não é declarada. Diz:

"Fenómenos psíquicos invulgares observados por nove pessoas, 16 de Junho de 1923, na casa do Dr. Brown em Revere, Massachusetts; 21h30. Presentes: [A mesma lista que acima.]

"Foi formado um círculo sem contacto entre si, mas com todas as pontas dos dedos apoiadas numa mesa de carvalho envernizada de trinta e oito libras. Este grupo estava agora a sentar-se apenas pela quinta vez na experiência de qualquer um deles. Os dedos repousavam levemente sobre o tampo da mesa. Um operador, Walter, irmão da psíquica, que tinha falecido há mais de onze anos, que tivera em vida poder psíquico de inclinação de mesa, veio agora rapidamente.

Com inclinação característica, manteve uma conversa inteligente de sim-e-não durante algum tempo, e finalmente, em resposta a uma

pergunta, disse que havia seis lá além dele. Cinco destes foram identificados por eliminação; e vários, através de um método de inclinação de mesa, fizeram comunicação considerável com diferentes participantes. Mais cedo ou mais tarde, todos os lados da mesa foram inclinados e com graus variáveis de intensidade. A luz na sala era vermelha.

"Às 22h33, Walter tomou posse de transe da psíquica e falou através dela durante sete minutos. Disse que tinha uma mensagem para a própria psíquica, nomeadamente, que o seu sobrinho no Canadá acabara de ter um rapaz nascido na sua família. Isto foi confirmado no dia seguinte pela chegada de uma carta de anúncio. Walter dirigiu-se então a F. H., dizendo que ele e o Tio Elliott, que era aparentemente o sexto operador presente que não tinha sido identificado, ..." [o registo termina com uma duplicação quase exata das notas de F. H. sobre o que Walter e o Tio Elliott planeavam fazer.]

O registo para 9 de Setembro, que também apresento na íntegra, inclui uma série de manifestações que nos levam para o próximo capítulo; mas é o melhor registo que encontro para o presente propósito, pelo que ignoro esta objeção e uso-o:

"Sessão na Rua Lime, n.º 10, 9 de Setembro de 1923. Presentes: grupo ABC, Sr. e Sra. Litzelmann, Dr. e Sra. Richardson, Laura C.

"Walter veio através da mesa, marcou o ritmo de música foxtrot, que preferiu enfaticamente a seleções mais sóbrias ou clássicas.

"Havia nove com Walter, que identificámos como a avó de F. H., a sua irmã Nannie, a Sra. Adler, a Sra. Caldwell [mães de participantes em ambos os casos], o Dr. Maurice Richardson [irmão de um participante], John e Mark Richardson, uma amiga da Sra. Litzelmann chamada Ella Long, e um dos rapazes corneteiros do Dr. Caldwell. Escuridão completa.

"A psíquica estava no gabinete. Após levitação com e sem contacto, o gabinete moveu-se rapidamente para trás e para a frente e de um lado para o outro, dando solavancos súbitos e veementes. A cadeira da psíquica também foi movida de um lado para o outro. Ouvimos então pancadas num lado do gabinete, primeiro como com uma mão ou unhas, depois como com um joelho, batidas pesadas. Seguiram-se pancadas no chão e na mesa. Então a mesa fez uma excursão de cerca de três pés e inclinou-se em pé.

"Ficámos em silêncio durante dez a quinze minutos a pedido de Walter. Houve dezoito pancadas no gabinete. Não descobrimos o que isto significava. Ouvimos então um sussurro distinto do nome 'Lord'. Assumindo que era o seu pai, a Sra. Richardson perguntou pelo seu primeiro nome, que nenhum dos outros, exceto o seu marido, sabia. Ouvimos vários sussurros indistintos, depois dez pancadas. Assumimos mais tarde que isto devia significar a décima letra do alfabeto. Isto foi repetido várias vezes, depois houve mais sussurros. Após muitas tentativas vãs de entender, ouvimos um distinto 'Joseph'. Seguiu-se então uma breve conversa entre a Sra. Richardson e o seu pai. Ela perguntou sobre os seus dois irmãos e soube que eles não estavam com o seu pai. Ele disse então: 'Amo-te. Foste uma rapariga corajosa. As crianças estão bem.'

"Após alguns minutos de silêncio, ouvimos outra voz dizer: 'John. Pai, pai; amo-te. Mãe, mãe. John é maravilhoso. Boa noite.'

"Subitamente, ouvimos, muito alto e distintamente, uma corneta tocar a Chamada às Armas inglesa, seguida de Batidas. Pouco depois, veio um assobio alto de uma frase musical de cerca de sete notas.

"Walter disse através da mesa que Ella Long falaria alguma vez. Depois disse 'Boa noite'."

Se apresento isto como uma sessão típica do período, devo fazer a confissão de que é típica apenas na direção física. A coisa do tipo "Mãe, filha, amo-te" é distintamente não típica das sessões de Margery. Walter nunca fala assim; e quando os seus assistentes são ouvidos, raramente o fazem. O que eles dizem não precisa de ser acreditado se não se quiser acreditar, e raramente é de carácter probatório; mas banal e trivial, como regra, distintamente não é.

CAPÍTULO XIII
"RICHARDSON & STINSON, DEMOLIDORES"

Com novos tipos de fenómenos físicos a ocorrer de tempos a tempos, espontaneamente, é natural que mais cedo ou mais tarde o próprio gabinete, o móvel mais proeminente da sala de sessões, se torne objeto de atenção. Episódios sérios de perturbação do gabinete ou mesmo de destruição do gabinete ocorreram na sua maioria no período de 1924 da mediunidade, mas aconteceu o suficiente deste tipo de coisa em 1923, em casos isolados, para exigir segregação. O primeiro exemplo ocorreu em 9 de Setembro.

Aqui, como sempre quando o gabinete era manipulado pela força psíquica, a médium estava dentro dele. Após a levitação da mesa com e sem contacto das mãos, o gabinete moveu-se rapidamente para trás e para a frente e de um lado para o outro, em solavancos súbitos e veementes.

A cadeira da psíquica também foi movida violentamente de um lado para o outro, dentro do gabinete. Isto pareceria ser propriamente classificado com o movimento do gabinete, quer olhemos para o incidente como genuíno ou como fraudulento. Em qualquer das bases, devemos considerar a cadeira da psíquica como dando o ponto fixo necessário para a aplicação de força ao gabinete; e se no momento este último acontece estar melhor fixo do que a primeira, a cadeira deve mover-se em vez do gabinete.

Tudo isto foi em escuridão total. Não há indicação do grau de controlo. Arriscaria o palpite de que as mãos de Margery eram seguradas de ambos os lados; os seus pés, neste período, certamente não o eram.

Em 23 de Setembro, com luz vermelha, ouviram-se seis batidas definidas, "como de uma mão a bater na barra das cortinas" do gabinete. Com cada golpe, o gabinete tremeu violentamente. Brown estava sentado no gabinete com Margery, e não tenho dúvida de que isto implica controlo das mãos, embora não ocorra qualquer afirmação explícita. Após os impactos descritos, a barra foi subitamente deslocada do seu lugar no topo do gabinete, através da frente; caiu dentro do gabinete, escapando por pouco da cabeça de Brown.

Tal como originalmente construído, o gabinete foi concebido para permitir o abaixamento das cortinas na frente, e a barra estava presente primariamente nesta ligação. Não havia sugestão inicial de que a barra se tornaria o centro dos fenómenos, e não foram incorporadas características especiais de construção.

Após o presente incidente, foi alterada para que não pudesse ser deslocada do seu assento por um mero afastamento lateral das paredes do gabinete. Isto foi efetuado adicionando pequenos ressaltos nas extremidades da barra, encaixando em ranhuras nos suportes. Enquanto estes ressaltos permanecessem intactos, a barra só podia ser removida levantando-a verticalmente até ficar livre.

A queda da barra, aqui presumivelmente devida a mero afastamento do gabinete, não concluiu a presente demonstração. A ala esquerda do gabinete foi forçada para trás, até ser arrancada completamente do fundo, sendo nove parafusos necessariamente deslocados dos seus orifícios antes de a ligação entre o lado e o fundo ser totalmente quebrada. A ala destacada foi primeiro atirada contra a parede, depois deitada de costas no chão.

Durante toda esta performance, houve um grau satisfatório de luz vermelha. Brown, sempre o mais difícil de convencer de qualquer coisa no grupo ABC, foi forçado a aceitar este incidente como genuíno, e creio que foi a primeira vez que encontrou qualquer episódio suficientemente nítido para se manter por si mesmo.

Nenhuma fineza delicada com as mãos ou pés desmantelará o gabinete e atirará a pesada ala destacada; uma manifestação desta magnitude exige ação em grande escala. Quando ocorre com luz decente, os presentes, se não os ausentes, ficam satisfeitos de que a psíquica não poderia tê-lo feito sozinha sem a sua observação, que o mesmo se aplica uns aos outros, e que nenhuma entrada e saída de um cúmplice vindo de fora poderia ter sido feita de modo a escapar à deteção.

Em 7 de Outubro, McDougall ocupou o lugar no gabinete com Margery que tinha sido de Brown na ocasião anterior. Desta vez, com o ressalto adicionado como descrito, a barra saiu novamente e caiu dentro do gabinete. Quando dois dos participantes masculinos tentaram recolocá-la, encontraram a maior dificuldade em fazê-lo, forças que não conseguiam identificar resistindo-lhes fortemente. O

registo, embora se esforce por especificar que o "material pesado" veio apenas após pedido repetido, e que parecia desagradável a Walter, não diz uma palavra sobre as condições de luz! McDougall verifica a memória dos outros de que havia luz vermelha. O gabinete foi novamente desfeito, tal como tinha sido para Brown.

O registo silencia sobre o ponto, e McDougall expressa ignorância sobre ele; mas como os membros do grupo ABC contam a história, os nove parafusos deslocados foram desta vez encontrados, cuidadosamente empilhados num canto da sala! Isto foi atribuído, por Walter, a Mark, e era extraordinariamente característico; quando tinha quatro anos, Mark costumava seguir o seu irmão mais velho para apanhar os seus brinquedos.

De todos os incidentes da história de 1923 deste caso, este impressiona-me mais. McDougall, dentro do gabinete, não poderia ele próprio testemunhar que nenhum cúmplice tinha entrado; e a posição de Roback era aparentemente tal que o impedia de ver a área crítica tão bem quanto teria desejado.

Além disso, não tenho a certeza se o facto de os parafusos serem encontrados todos num só lugar não os fez perguntar-se se parte do trabalho de destruição não teria sido feito antecipadamente, escapando a qualquer exame que pudessem ter feito. Se lhes concedermos o privilégio de declinar, por estas razões, de endossar o fenómeno como genuíno, penso que devemos fazê-lo com o entendimento de que estamos a permitir-lhes que se mantenham tão direitos que correm grave perigo de cair para trás.

O gabinete tinha sido ligeiramente movido em 6 de Outubro, sem qualquer tendência para a desintegração. Novamente no dia catorze, aparentemente num momento em que havia pancadas, pontapés e arranhões nele, foi movido com bastante liberdade, sem danos. "Vou puxar a barra para fora para vocês, com luz vermelha", disse Walter; e assim fez. Além deste item acidental, as condições de controlo e de iluminação são ignoradas pelo registo.

Em 18 de Outubro, aparentemente com luz mas não certamente, o gabinete moveu-se, novamente enquanto era alvo de pancadas e arranhões. A barra não tinha sido vista a sair do seu assento, mas a psíquica notou que estava fora e levantou-se para a recolocar. Walter disse que tinha feito isto para a ter pronta para F. H., e houve algumas

brincadeiras aqui, com F. H. a opor-se a que os seus óculos se partissem.

Yerxa foi convidado por Walter, em 25 de Outubro, a vir e colocar a cabeça dentro do gabinete. A barra foi então desengatada e bateu-lhe suavemente na cabeça. Nada é dito sobre a iluminação, mas é óbvio que a barra deve ter estado sob controlo desde o instante em que foi libertada, caso contrário teria caído bruscamente. Houve alguma dificuldade aqui, como antes, em recolocar a barra.

Com McDougall e Helson, que serão apresentados no Capítulo XVI, no controlo das mãos de Margery, mas não dos seus pés, o gabinete em 3 de Novembro recebeu vários empurrões violentos que o enviaram em direcção a McDougall e para longe de Helson. Após este incidente, a barra e o gabinete mantiveram-se bem-comportados até que, na primavera de 1924, enlouqueceram completamente e marcaram assim uma fase bastante distinta da mediunidade. Portanto, podemos deixá-los novamente no momento apropriado.

CAPÍTULO XIV
QUEM PAROU OS RELÓGIOS?

No final da tarde de 25 de Outubro, F. H. entrou em casa vindo da sua rotina profissional, e encontrou o relógio na sala de livros parado. Pô-lo a andar sem anotar a sua leitura; depois, mais tarde no dia, foi informado de que quase ao mesmo tempo, por volta das 17h15, os relógios do corredor e da sala de receção também tinham parado, "pela primeira vez na sua história". Margery e Cross tinham ouvido um som peculiar, sem dúvida à hora mencionada, embora sobre isto o registo não seja específico; e tinham-no atribuído a um destes relógios. Nenhum dos três relógios que falharam estava desarmado. Durante a sessão, Walter admitiu, sob interrogatório, que isto era obra sua. O relógio celestial não tocou às dez horas, e ele explicou que, para ser perfeitamente justo, também tinha parado esse.

Na noite seguinte, Walter enviou Adler e Roback para baixo com uma lanterna, para examinar todos os relógios e reportar. Encontraram todos a funcionar em boa ordem. Depois de terem feito isto, Walter saiu às 23h15. Um exame posterior mostrou o relógio da sala de receção parado às 22h54, nove minutos após a ronda de inspeção.

Nada se poderia dizer em favor de qualquer um destes incidentes que respondesse à hipótese de cumplicidade.

Algum progresso foi feito na direção da segurança aqui em 27 de Outubro. Adler e Margery foram enviados para baixo para ficarem cinco minutos; e no caminho de subida deveriam examinar os relógios. Reportaram que todos estavam a funcionar, e que o do corredor, um grande relógio de pêndulo, estava trancado. Presumo que tenham deixado a chave na fechadura; o registo não afirma nada diferente. Quinze minutos depois disto, Walter saiu; e o relógio do corredor foi então encontrado parado às 22h01, o da sala de receção às 22h02.

Na noite seguinte, McDougall, Roback e F. H. foram os últimos a sair do andar de baixo. McDougall, por sua própria vontade, trancou as portas do relógio do corredor e guardou a chave no bolso, para testar a capacidade de Walter como mexedor de relógios. Acreditava-se que apenas ele e F. H. sabiam deste trancamento; mas Walter acusou-os disso, e fingiu ressentir-se como se fosse uma partida pregada a ele. Referiu-se continuamente a isso ao longo da noite e gozou F. H. severamente por causa disso, apesar dos pedidos de desculpa deste último. Não foi feita qualquer tentativa de parar este ou qualquer outro relógio.

Para compensar isto, em 1 de novembro, Walter ofereceu-se para parar o relógio do corredor a uma hora a ser selecionada pelos participantes. Foi nomeada as dez horas; ele opôs-se a isto por ser demasiado cedo (eram então 21h30), e 22h15 foi substituído. Walter disse a Margery para descer para observar os relógios, "com um amigo"; Roback foi sugerido, e revelou-se aceitável para Walter. Desceram e anotaram a hora nos dois relógios, que estavam com cinco minutos de diferença.

O relógio do corredor tem um carrilhão elaborado, que dá quatro notas no quarto de hora; às 22h15 foi ouvido, mas aparentemente estava inacabado, dando apenas duas ou três notas. Após a sessão, este relógio foi encontrado parado exatamente às 22h15; e o da sala de receção às 21h55. Tendo em conta o atraso deste último, foi apontado que tinha parado à hora primeiro nomeada. Acho este incidente fortemente inclinado para a genuinidade.

Novamente, em 3 de novembro, mas desta vez sem sigilo, McDougall trancou o grande relógio do corredor e reteve a chave. Por volta das dez horas, Walter pediu que fosse nomeada uma hora para parar os relógios, mas especificou que lhe fosse dado pelo menos meia hora de margem. McDougall nomeou a hora exata de 22h30, provavelmente sentindo que se fosse feita uma tentativa de o antecipar, seria esperado que desse mais do que a meia hora pedida.

Roback desceu com Margery, voltando atrás dela; relataram que os relógios do corredor e da sala de receção estavam a funcionar. No final, Helson e Roback desceram primeiro e encontraram o relógio do corredor parado exatamente às 22h30; e McDougall, ao repor a chave no seu lugar, encontrou as portas ainda trancadas. A minha própria investigação na casa convenceu-me de que há apenas uma chave, e que os Crandon não conhecem forma de arrombar a fechadura. O relógio da sala de receção, desprotegido, também tinha parado às 22h30. As precauções tomadas no início e no final desta sessão foram tais, como se verá pelo relato completo da sessão dado noutro local, como para dar uma garantia bastante grande de genuinidade aqui.

CAPÍTULO XV
CIMA E BAIXO

O uso dos andares inferiores da casa da Rua Lime em ligação com os fenómenos da sessão foi bastante definitivamente indicado pelas observações, registadas no Capítulo IX, do aparente local da música psíquica. A extensão da mediunidade por toda a casa foi colocada numa base mais definida em 11 de outubro. Cedo aqui, Walter bateu para silêncio, depois afirmou que tencionava tocar o vitrola, no rés-do-chão.

O círculo foi instruído a descer no escuro, às 21h32, de mãos dadas no caminho; e a sentar-se nos degraus mais baixos das escadas, mais próximos do instrumento. Perguntado se desejava que um disco fosse colocado na máquina, respondeu que trataria disso. As suas instruções foram mal compreendidas ou descuidadamente ignoradas: as mãos não foram mantidas no caminho para baixo, nem o círculo foi mantido na sua totalidade depois de chegar lá em baixo. Quando o grupo se sentou nas escadas por alguns momentos, o vitrola começou

a tocar, mas parou quase imediatamente. Nada mais veio, até que a voz de Walter foi ouvida a ordenar o regresso para cima.

De volta à sala de sessões, informou o seu público de que o fracasso da manifestação se devia ao seu fracasso em manter o círculo intacto. Repetiu em detalhe a sequência de ação que queria que seguissem. Então, sendo a ocasião uma espécie de ensaio geral para uma sessão prevista com o grupo de Harvard, olhou para o futuro e deu instruções e conselhos para a performance com eles. "Têm de pôr o Brown no degrau junto ao fundo — que ele segure a Miúda se quiser. Eles dirão que foi ela que o fez. Mas quando ele o ouvir tocar!"

A seguir a Brown, indicou que mais queria convencer Roback.

Perguntado se a experiência deveria ser repetida naquela noite, disse que sim, e especificou a hora de 22h15; mas devido à má condição física da Miúda, ofereceu pouca esperança de conseguir resultados. No entanto, insistiu que descessem, para a prática. Justificou isto afirmando que, uma vez dada a manifestação do vitrola, se tornaria cada vez mais fácil — este era de facto o facto aparente com os seus fenómenos em geral.

Desenhou um quadro do eventual enchimento do corredor inferior com ouvintes ansiosos. "Mas os do degrau de cima não acreditarão; dirão: 'Não vimos.' Não se sentem como varas de ferro nas escadas", continuou a advertir a companhia, "relaxem. Deixem a Miúda rir se quiser." Esta é uma falha persistente dela, e uma que quase leva F. H. à distração. Ela tem o hábito de agradecer à Providência pelo seu sentido de humor, mas a sua pior metade insiste que é um sentido mal colocado.

Finalmente, o sinal para descer veio. Todos desceram em fila, de mãos dadas, auxiliados por luz ocasional de uma lanterna elétrica, que Walter tinha dito que tudo bem, desde que não "enchessem o ar de luz". Sentaram-se durante algum tempo nos degraus inferiores, mas nada aconteceu.

Para 12 de Outubro, o grupo foi instruído a descer precisamente às 21h32,5, em fila indiana, ligados pelas mãos, no escuro exceto na medida em que tivessem absolutamente de usar a lanterna. Margery e Brown deviam sentar-se no penúltimo degrau; ele não queria ninguém no chão do andar inferior, para não tropeçar neles. Deviam formar um "círculo colapsado" assim nas escadas e ele tocaria o vitrola.

Estas instruções foram cumpridas à letra; e, de facto, o vitrola começou — "não com o prelúdio habitual de uma ou duas voltas em branco zumbidoras, e não com o guincho gradual de velocidade ascendente, mas começando com velocidade total, instantaneamente, no próprio início da melodia. Chegando ao fim do disco, parou na última nota, com efeito de staccato extremo."

Antes de subir esta noite, F. H. tinha colocado a agulha na extremidade exterior do disco e dado corda ao motor. "O travão automático, no entanto, foi colocado completamente fora da posição operacional, de modo que tanto para iniciar como para parar o instrumento a alavanca manual deve ter sido movida; e no início a agulha deve ter sido colocada com mais do que a precisão comum sobre o disco já em rotação." Após a proeza, Walter falou algumas palavras da sala de jantar, onde não havia fonte normal de voz; depois, ao bater das dez horas, disse: "Tenho de ir agora," e foi.

Os participantes pediram em 14 de Outubro uma repetição da proeza do vitrola. Walter marcou humoristicamente a hora para as 21h33,5, insistindo que fossem precisos. Disse-lhes para usarem o flash vermelho se quisessem; para se sentarem no chão se quisessem, e ele passaria por cima deles. À medida que as 21h30 se aproximavam, mudou a hora para as 21h35,6.

O grupo desceu a seu tempo, sentando-se ou ficando de pé nas escadas perto do vitrola. Após uma curta espera, começou a tocar. F. H. tinha colocado o disco no lugar, posto a agulha na borda exterior, e arranjado as alavancas de modo que o instrumento não parasse a não ser por se desarmar.

Tinha deixado a tampa levantada, e ela continuava assim. Apesar de tudo isto, a melodia começou, com apenas uma ou duas revoluções preliminares, em vez de várias; e parou uma ou duas frases antes do fim. A luz vermelha foi projetada sobre o vitrola várias vezes durante a performance, não mostrando nada. Era totalmente improvável que Margery pudesse ter manipulado quaisquer fios que pudessem ter sido presos, sem ser descoberta. A voz de Walter ordenou ao grupo que voltasse para cima, onde continuou a falar com eles.

Durante esta conversa, discutiu a filosofia do descer. Esta explicação não foi feita completa ou claramente em nenhuma ocasião, mas conforme finalmente reunida a partir das observações de Walter

em diferentes momentos, resumia-se mais ou menos a isto: Que ele recolhia a força ou o material (nunca ficou totalmente claro qual) para estas demonstrações dos participantes, enrolava-o numa bola como neve mole, depois espalhava-o escadas abaixo para o tornar suficientemente atenuado para uso.

Se tivesse um círculo, conseguia obter força suficiente, fio suficiente, como ele o chamava, para efeitos físicos; se tivesse apenas a Miúda, não conseguia. Disse que por vezes corria à volta e à volta das costas das cadeiras no círculo, como meio de conseguir o estiramento necessário do fio; mas prender uma extremidade dele à Miúda e enviá-la para baixo era uma maneira mais conveniente. O uso da palavra "fio" aqui, e sem dúvida de outras, constituiu reconhecidamente uma tentativa de transmitir, por analogia, ideias para as quais nós, deste lado, realmente não temos palavras. Walter concordou tacitamente com a conclusão formada pelos participantes de que o seu fio e o ectoplasma convencional eram tentativas de formulação do mesmo conceito.

No dia dezoito, sem enviar os participantes para baixo, Walter foi creditado por eles com uma tentativa de produção de fenómenos nos andares inferiores. Bateu para silêncio; durante dez minutos nada ocorreu. Depois houve sons como se alguém estivesse a tentar operar o vitrola no rés-do-chão. Walter mais tarde, em resposta a uma pergunta direta, disse que tinha sido esse o caso; mas só tinham conseguido levantar a tampa do instrumento. Alguns dos participantes estavam inclinados a verificar isto a partir do carácter dos sons ouvidos; e, ao sair da casa, os visitantes encontraram a tampa levantada. Testemunharam que estava fechada quando subiram para iniciar a sessão. Walter deu permissão para que fosse trancada a partir de então.

19 de outubro viu a técnica mais complicada de cima-e-baixo-escadas até então tentada. Margery foi instruída a descer três lances, sozinha; e a sentar-se sozinha no corredor durante sete minutos e meio. Depois os outros deveriam descer dois lances pelas escadas da frente, o terceiro lance pelas escadas de trás, e sentar-se na mesa da sala de jantar com os pés no chão. Assim fizeram; o registo afirma: "Walter tocou o vitrola para nós," e F. H., falando de memória,

interpreta isto como significando que, com um disco previamente colocado por meios normais, Walter iniciou e parou o instrumento.

Mais tarde na noite, Walter instruiu Margery a descer novamente, e a esperar lá durante dez minutos. Ela deveria então ligar o vitrola ela própria no momento em que os outros participantes descessem para o lance médio das escadas. Depois disto, ela deveria juntar-se aos outros, em cima, e Walter tocaria o disco vezes sem conta. Isto ele fez um esforço definitivo para conseguir, mas no final da primeira execução a agulha foi transferida para um ponto fora do início do disco, de modo que se prendeu no feltro da cama, travando a máquina. Uma segunda tentativa resultou de forma semelhante. Na terceira vez, Walter instruiu a Miúda a descer sozinha e esperar quinze minutos; depois os outros deveriam juntar-se a ela, desta vez na sala de jantar.

Isto foi tentado, mas enquanto Margery cumpria o seu tempo solitário, o homem de todos os trabalhos, que dormia na casa naquela época, chegou a casa, encontrou a porta trancada e entrou pela janela. Depois do alvoroço ter acalmado, a experiência foi retomada, e com sucesso. O vitrola, iniciado pelos participantes, tocou o disco vezes sem conta, não afirmando os documentos quantas repetições da melodia fez; e o sino de vaca pendurado acima dele tilintou no ritmo da música.

Margery estava de pé a oito pés da máquina enquanto isto acontecia. Os repetidores estavam nesta altura no mercado, mas a família da Rua Lime nunca tinha ouvido falar deles. Pode-se mais facilmente acreditar nisto, mesmo do ponto de vista distanciado do leitor, tendo em conta o facto de que o vitrola foi iniciado normalmente; a presença de um repetidor teria de ter sido observada.

Imediatamente após esta demonstração, antes de os participantes terem voltado para cima, à vista de todos, o banco do piano da pequena sala de receção do rés-do-chão, na frente, moveu-se para fora desta sala e atravessou o corredor, cobrindo uma distância medida de quase oito pés, e parando num ponto a cinco pés de onde Margery estava sentada. Este foi o fim, para aquela noite.

No dia vinte, numa sessão que começou tarde e durou uma boa fração da noite, Margery foi enviada para baixo pelo menos seis vezes. Umas vezes ficava por um tempo estipulado e depois os outros seguiam-na; outras vezes voltava e juntava-se a eles na sala de

sessões. Walter insistiu que ela removesse o espartilho, afirmando que as hastes interferiam com o seu trabalho; e durante bastante tempo, este pequeno preparativo da sua parte para a sessão era rotina.

Três vezes no total os participantes foram enviados para baixo atrás dela para a sala de jantar. Duas vezes não houve resultados; depois, após instruções mais explícitas terem sido dadas e cuidadosamente seguidas, um terceiro ataque ao problema trouxe sucesso. Walter tocou o vitrola (se ele próprio o iniciou e parou, ou se o tocou em repetição após ter sido iniciado para ele, não é especificado); e quando o pôs a funcionar, assobiou um "obrigato distinto" à melodia.

Novamente em 25 de Outubro, a psíquica foi enviada para baixo, e os outros foram instruídos a seguir em sete minutos. Assim fizeram, reunindo-se na sala de jantar enquanto ela se sentava no corredor adjacente, sozinha, mas à vista e bem fora do alcance do vitrola. Um disco diferente tinha sido montado; pouco depois tocou, e quando o fim da melodia foi alcançado, variou o seu costume continuando a rodar até o motor ser desligado por mãos humanas. Isto não pode ser feito acontecer por qualquer manipulação normal dos controladores antecipadamente. Apesar da melodia desconhecida, um acompanhamento elaborado foi assobiado — o registo para nenhuma destas noites dá qualquer indicação do aparente local deste assobio. Novamente em cima, foi perguntado a Walter porque não tinha parado o vitrola, e deu a razão mais do que suficiente: "Porque não quis!"

Durante a tarde desta data, sem intenção de provocar quaisquer fenómenos psíquicos, Margery tinha ligado o vitrola do rés-do-chão, na presença apenas de Cross, da sua própria criada, Lydia, e do criado japonês de E. A. Filene, Taya. Este começou a tocar o disco vezes sem conta, umas vinte vezes, com os ouvintes a dar corda ao motor quando este ameaçava parar. Por medo de perturbar os arranjos psíquicos de Walter, a tampa não foi levantada em busca de um repetidor. Enquanto os ouvintes estavam de pé à volta do instrumento, um alto "Woof, woof!" foi ouvido, vocalmente. Mais tarde, enquanto Margery estava em cima, afirmou que ouviu o seu nome ser chamado seis vezes, em voz de homem; Cross e Taya negaram tê-lo feito. Não é feita qualquer afirmação sobre se o ouviram.

Walter afirmou na noite do dia vinte e seis que desejava fazer algumas experiências. Enviou a Miúda para baixo, para ficar cinco minutos e depois voltar. Instruiu em seguida todos os participantes a descerem para a sala da frente no rés-do-chão, e um após outro a sentarem-se no banco do piano durante dois minutos, mantendo os restantes um círculo fixo entretanto. No final de cada período de dois minutos, duas pancadas sinalizavam a mudança do ocupante do banco. Depois, sob instruções, todos foram e sentaram-se na mesa da sala de jantar durante cinco minutos, e finalmente durante cinco minutos nas escadas. Durante todo este tempo, nada ocorreu fisicamente exceto as pancadas.

Margery foi enviada para baixo durante cinco minutos, sozinha, em 28 de Outubro. Voltou com a notícia de que pedaços de mobiliário tinham sido movidos lá em baixo — um banco estava em cima do vitrola e uma cadeira ao pé das escadas. Ela e todos os outros participantes negaram ter feito isto, e recordou-se que tinham sido ouvidos ruídos curiosos que poderiam ter sido causados pela mudança destes artigos. Mas Walter também negou qualquer responsabilidade pelo feito, embora tenha indicado que sabia quem o tinha feito, do seu lado mas fora do seu grupo.

Houve uma excursão para baixo em 3 de Novembro, na presença do grupo de Harvard; está registada integralmente noutro local. Entre esta data e a minha primeira sessão em 15 de Novembro, o material físico foi mantido em suspenso, expressando Walter o desejo de conservar as suas forças. Descemos a seu mando no dia quinze, mas nada aconteceu; e ele não esteve novamente durante a minha visita suficientemente no comando da situação para repetir a experiência. E, exigindo o clímax do negócio de cima-e-baixo um capítulo especial, devo suspender este aqui para satisfazer essa exigência.

CAPÍTULO XVI
A AVENTURA DO PEDAÇO DE BARBANTE

O Professor McDougall e o Doutor Roback, de Harvard, já foram apresentados ao leitor. A sua presença na Rua Lime desenvolveu-se numa consideração formal do caso por um grupo de investigadores sérios que incluía McDougall, Roback, o Dr. Gardner Murphy, e o Sr. Harry Helson. Murphy era conferencista de psicologia em Columbia, e investigador associado no mesmo campo em Harvard. O seu posto em Harvard era em parte financiado pela Sociedade para a Investigação Psíquica, e o seu trabalho lá situava-se no campo psíquico. Nas investigações telepáticas que estava, e está, a realizar, está a fazer, no meu julgamento, a contribuição mais importante que até agora foi registada nesta matéria. Helson era seu assistente em Harvard, trabalhando para o seu doutoramento e mantendo o trabalho conjunto durante o período de cada semana em que Murphy estava em Nova Iorque. O próprio Murphy, em parte devido à sua agenda sobrecarregada e em parte porque não se considera competente no campo físico, assistiu a poucas das sessões de Margery, deixando a maior parte deste trabalho a Helson.

Os investigadores de Harvard tinham assumido seriamente o caso por volta da altura em que os fenómenos começaram a estender-se por toda a casa. Do seu ponto de vista, a primeira tentativa de responder adequadamente às dificuldades desta situação foi feita em 3 de Novembro. Incluo aqui o registo completo da sessão, modificando os nomes para estar de acordo com o meu próprio uso. Este documento tem a assinatura de Helson e parece ter sido elaborado por ele.

"Sessão realizada na Rua Lime, n.º 10, 3 de Novembro de 1923.

"Psíquica: Margery.

"Presentes: F. H., McDougall, Roback, Helson.

"McDougall e Helson chegaram a casa por volta das 18h45 e jantaram lá. Após o jantar e antes da sobremesa ser servida, Helson e Margery ouviram distintamente um som que parecia vir de algum

lugar dentro da casa. Margery acreditava que vinha do vitrola, que pensava que Walter estava a tentar ligar; Helson localizou-o como vindo de cima e pensou que fosse como se uma pequena caixa de cartão tivesse caído de uma mesa para o chão. Margery e Helson subiram para a sala de livros, mas nada parecia estar fora do lugar. Cross, que esteve presente ao jantar mas saiu antes da sessão, pensou ter ouvido um ligeiro ruído; o mesmo F. H.; McDougall não tinha certeza suficiente para o descrever.

"Após o jantar, F. H., McDougall e Helson subiram para a sala de livros; Roback chegou por volta das 20h35. Margery ficou em baixo para supervisionar o trabalho dos criados, subindo várias vezes. Foi trazida lenha e ela e Helson foram para a sala de sessões no quarto andar para acender uma lareira. Margery desceu, ficando Helson para ver se o fogo estava bem e depois juntando-se aos outros cavalheiros na sala de livros.

"Parte I: Inspeção Preliminar da Casa.

"F. H. liderou o caminho, acompanhado pelos três visitantes. Parte do tempo Margery estava com o grupo. A casa foi completamente revistada e, tanto quanto sabíamos, fomos os primeiros a entrar e os últimos a sair de cada sala. Sem entrar numa descrição completa da planta, conteúdo e estrutura da casa e arredores, que nos foram todos mostrados, a nossa inspeção foi da seguinte natureza geral:

"Cada sala, da cave ao último andar, foi cuidadosamente inspecionada, todos os armários abertos e examinados, todas as camas olhadas por baixo, malas, arcas, cômodas, etc., abertas, sofás inspecionados, etc. O relógio de pêndulo e o vitrola foram trancados por McDougall, que guardou as chaves. As três possíveis entradas para o rés-do-chão, e portanto para o resto da casa, foram fechadas como se segue:

As duas portas que levam à cave foram seladas com cera, com a impressão digital de McDougall. As portas exteriores que dão para a Rua Lime foram trancadas. Não havia possibilidade de entrada na casa. Os criados foram mandados embora antes de o grupo chegar à cave. A criada regressou às 23h00, antes de a sessão terminar, mas

permaneceu na cozinha na cave, não podendo entrar no primeiro andar por causa dos selos e porque não tinha chave para as portas da frente.

"Parte II: Sessão no Quarto Andar.

"Entrámos na sala de sessões, após a inspeção, por volta das 21h25. A psíquica entrou no gabinete e o resto agrupou-se à volta da mesa, com as mãos a tocar ligeiramente o tampo, em luz vermelha ténue. Quase imediatamente, cinco pancadas vieram no chão, de algum lugar dentro do gabinete ou na extremidade direita da mesa. A mesa moveu-se em direção a vários membros do círculo, parando em McDougall uma vez durante vários segundos.

Inclinou-se em direção à psíquica, permanecendo duas vezes sobre duas pernas no ar durante talvez meio minuto. Respondeu a saudações e perguntas sobre o procedimento com pancadas no chão.

"Por volta das 21h30, ouviu-se a chamada habitual: um assobio, parecendo vir da parte inferior da casa, pelo menos não localizável como estando no andar do círculo, que dava os dois primeiros compassos de 'Souvenir'. Foi distintamente ouvido por todos os membros do grupo. A psíquica retirou-se para dentro do gabinete, com uma mão segurada por McDougall e outra por Helson. Ouviu-se um som de risinho, denotando satisfação pelo sucesso do assobio."

[O parágrafo seguinte refere-se ao teste da água com a voz, e foi dado integralmente na página 80. Não precisa de ser repetido aqui.]

"Às 21h40, o controlador disse que tentaria tocar Batidas. Após cerca de dez minutos de espera, todos ouviram distintamente, como se da parte inferior da casa, ou assim me pareceu, Batidas tocado como num conjunto de sinos. Às dez horas, dentro de sessenta segundos após o relógio da igreja ter batido, todos ouvimos dez badaladas no que parecia ser um suave instrumento musical ou coisa de sinos. O controlador chamou a isto o seu 'relógio celestial'.

"O controlador perguntou se gostaríamos que o relógio fosse parado e respondemos afirmativamente. Pediu que lhe fosse dada uma margem de meia hora, e perguntou a McDougall a que hora gostaria que fosse parado. McDougall disse que 22h30 lhe convinha. O controlador perguntou então se confiava em Roback, e tendo recebido resposta afirmativa, sugeriu que Roback acompanhasse a psíquica para baixo e regressasse com ela. Isto foi feito; Roback relatou que, ao

subir as escadas, com a psíquica à frente, os relógios estavam ambos a funcionar.

"Enquanto a psíquica e Roback estavam em baixo, Helson colocou o gongo do jantar no canto interior direito do gabinete. Quando a psíquica regressou ao gabinete, foi pedido ao controlador que o tocasse. Isto não aconteceu até ele ter sugerido que a psíquica e Helson se sentassem nas escadas, o que foi feito durante cerca de três minutos, após os quais a psíquica entrou novamente no gabinete. Em breve, o gongo foi ouvido a soar, como se algo estivesse a ser raspado ao longo das suas bordas.

"O gongo foi trazido para a frente do gabinete, onde repousou entre os pés da psíquica e de Helson. Entretanto, o gabinete recebeu vários empurrões muito violentos, que o enviaram em direção a McDougall e para longe de Helson; de modo que Helson teve de puxar a sua cadeira para colocar a psíquica devidamente entre ele e McDougall.

"O gongo foi colocado em cima da mesa e pedimos ao controlador que o tocasse ali, se possível. Seguiu-se alguma discussão, e enquanto ela decorria, vieram quatro pancadas, anunciando boa noite. Com isto, o círculo terminou, às 23h15.

"Parte III: Inspeção dos Relógios, Portas, etc., em Baixo na Casa.

"Saímos todos da sala, primeiro Roback. Helson e Roback viram que o relógio de pêndulo nas escadas tinha parado exatamente às 22h30. As portas ainda estavam trancadas; depois de McDougall o ter examinado, destrancou-o e devolveu a chave. Um pequeno relógio na sala de receção também tinha parado exatamente às 22h30.

"Um exame dos selos e das portas trancadas revelou que ninguém poderia ter tentado entrar por estas, ou ter ganho acesso ao primeiro andar através delas.

"Uma palavra sobre o gabinete em que a psíquica se senta. É uma tela em forma de caixa de madeira de pinho, com cerca de quatro pés de largura e três de profundidade. A parte da frente, voltada para os outros membros do círculo, está aberta, tendo apenas um leve drapeado de pano preto, pendurado numa barra transversal.

É assim fácil olhar para dentro do gabinete a qualquer momento e, com a luz vermelha ténue, pode-se ver o contorno da psíquica. As suas mãos são seguradas em todos os momentos." Nestas experiências, não foi tentado qualquer controlo dos seus pés. Quando a luz comumente usada está apagada, predomina a escuridão total. Mas os fenómenos ocorrem sob ambas as condições. Algumas pancadas foram ouvidas em várias partes do gabinete, uma vez algo semelhante a um som de arranhão.

"Os factos registados acima foram, exceto onde indicado em contrário, aqueles que todos os membros do grupo observaram. (Assinado) Harry Helson."

"Neste período, apenas intermitentemente, exceto quando os investigadores de Harvard estavam presentes; mais tarde, em todos os momentos.

Salvo o facto de os fenómenos não terem sido tentados em baixo na presença dos investigadores, isto era tudo perfeitamente típico do tipo de ação obtida nas sessões do período. As elaboradas precauções contra a fraude, naturalmente, eram inteiramente uma função da presença do grupo de Harvard. A sua experiência com o caso tinha sido em grande parte sob a técnica segundo a qual os fenómenos tinham de ser perseguidos pela casa pelos investigadores. Era inútil tentar qualquer disfarce do facto de que, em princípios gerais e de um ponto de vista crítico, isto era altamente objetável. Colocava o investigador sob uma desvantagem fundamental que o roubava de toda a confiança para formular conclusões favoráveis. Já teria sido suficientemente mau ter simplesmente toda a casa como teatro. Acrescentava-se a isto a complicação de que a psíquica estava à solta e desacompanhada, imediatamente antes da produção de fenómenos em locais que se sabia terem sido assim visitados por ela.

O investigador não precisa de ser acusado de criticar ninharias quando expressa as mais graves dúvidas sobre a sua capacidade, sob estas condições, de se convencer de que os fenómenos são genuínos. Qualquer que seja a ocorrência, qualquer que seja o seu exame antes e depois do facto, a sua reação será necessariamente que talvez tenha sido superado, em vez de que viu seguramente fenómenos válidos.

A própria casa de Margery acrescentava um factor de incerteza. Possui uma complexidade arquitetónica (em grande parte resultado de

extensas remodelações) que ultrapassa a crença. Há dois lances de escadas de trás, oferecendo quatro pontos independentes de acesso à frente da casa; há uma despensa do mordomo com um elevador de pratos.

Toda a casa abunda em armários curiosos, recantos, buracos grandes e pequenos, poços cegos, etc., cuja utilidade ou necessidade nem sempre é aparente. Os mais misteriosos ocupam sem dúvida espaço que pesava nas mãos do remodelador, mas mesmo quando se formula esta ideia, alguns deles são muito intrigantes. Seria necessário viver na casa durante muitos dias, como eu fiz, para aprender todas estas complexidades e adquirir confiança na capacidade de revistar as instalações adequadamente, de selar uma parte da casa contra a invasão de outra, ou toda a estrutura contra a invasão de fora.

O grupo de Harvard tinha visto o suficiente da casa para avaliar este problema no seu pior, acrescentando esta preocupação específica às questões de princípio envolvidas na técnica de cima-e-baixo. Sem pensar em apresentar acusações diretas contra Margery, eram naturalmente obrigados a considerar as possibilidades físicas de fraude. E ao fazê-lo, foram capazes de delinear uma hipótese de trabalho de cumplicidade que explicaria muito, se não tudo, do que tinham visto.

O cúmplice sob esta hipótese não era um dos conhecidos por estar na sala de sessões. Era um outsider, a trabalhar em baixo quando os participantes estavam em cima, e na cave quando estavam em baixo. Os criados eram, naturalmente, os suspeitos mais óbvios, mas não tinha sido feito qualquer progresso na identificação do cúmplice. Na formulação tipicamente conservadora de McDougall, ele era visualizado simplesmente como "qualquer residente do distrito da Grande Boston" que não o ABC e o pessoal de Harvard.

Após a sua experiência de 3 de Novembro, na qual fenómenos familiares não tinham ocorrido depois de precauções contra a cumplicidade terem sido tomadas, o grupo de Harvard trouxe consigo para a sua sessão seguinte uma forma mais ativa desta hipótese do que para qualquer sessão anterior. A data foi provavelmente 10 de Novembro; não foi feito registo, devido às condições emocionais induzidas pelo resultado da sessão; pelo que só posso reconstituir o que aconteceu consultando as memórias de Margery, F. H.,

McDougall, Roback e Helson, que parecem ter sido os únicos presentes. Todos me contam substancialmente a mesma história.

Na fase que se revelou crítica, a companhia foi enviada para baixo, Margery primeiro. Deveriam entrar na sala de jantar, dando apenas um passo longo no corredor; colocar a mesa através da porta; sentar-se nela, com os pés fora do chão. Fizeram tudo isto, e obtiveram uma performance perfeitamente típica, do tipo que tinham perdido na semana anterior.

Havia boa luz vermelha; o vitrola tinha sido colocado no início do disco. Quando todos estavam sentados, começou e tocou até ao fim; o que fez no final não é lembrado. Depois de estar a funcionar bem, o banco do piano na sala de receção entrou em ação simultânea com a música — a primeira vez que duas coisas aconteciam ao mesmo tempo no andar inferior.

O banco marchou para o corredor, viajando, segundo Helson, em linha reta; segundo F. H., num ligeiro arco. Parou no corredor, tendo percorrido cerca de oito pés, e estando agora a sete pés do participante mais próximo. No instante em que o seu movimento cessou, o grupo de Harvard lançou-se sobre ele para exame. Não encontraram nada de anormal.

Novamente em cima, Walter perguntou-lhes o que gostariam a seguir. McDougall, calculando que qualquer aparelho de fraude teria sido desligado, usado, ou de alguma outra forma tornado, pelo uso, incapaz de operação renovada sem preparação renovada, disse muito astutamente a Walter que preferiria uma repetição do que acabavam de ver. Walter concordou com isto. Mas estipulou que, se após o segundo ato quisessem um terceiro, não deveriam tocar em nada no final do segundo. Poderiam olhar para as coisas à vontade, mas teriam de se contentar com isso. Os investigadores consideraram isto altamente suspeito. Mas não captaram a implicação de que, se não pedissem mais, poderiam no final do segundo ato examinar o teatro de ação da maneira que quisessem — nem precisavam de dizer a Walter antecipadamente que propunham fazê-lo. Isto tiraria o problema das suas restrições.

A companhia dirigiu-se agora novamente para o rés-do-chão, quer sob os mesmos arranjos exatos, não sei. O programa foi repetido em todos os detalhes da performance do vitrola e do banco. O grupo

de Harvard deu apenas exame visual, deixando o caminho aberto para mais fenómenos. Subiram, e após eventos menores não lembrados, a sessão terminou sem mais excursão para baixo. Isto, naturalmente, até certo ponto, tiraria a bênção do meu último parágrafo.

O movimento do banco, quer retilíneo quer curvilíneo, tinha-o levado diretamente em direção a uma grelha no chão do corredor, parte do sistema de aquecimento por ar quente original. Mas a casa tem agora aquecimento a vapor, e esta grelha em particular foi desligada. É apenas uma abertura no chão, sem ligação de tubagem na cave que interfira com o seu possível uso como canal de comunicação entre a cave e o rés-do-chão. Estes factos eram conhecidos de Helson através do seu exame da casa.

Quando viu o banco a mover-se em direção ao buraco no chão, saltou da hipótese de trabalho perfeitamente justificável de fraude, e deu como certo que a fraude estava realmente presente. Assumiu, não como uma hipótese de trabalho, mas como um facto, que o cúmplice estava na cave, com um fio, cuja extremidade passava pela abertura no chão e ia até ao banco. O único problema era que não conseguia encontrar qualquer vestígio do fio — a primeira vez.

Da segunda vez, teve mais sorte. Durante a busca visual da sala, apanhou secretamente e guardou no bolso, sem dizer nada sobre isso, um pedaço de barbante. Não há disputa sobre onde ele realmente o encontrou, pois isto foi finalmente acordado. Mas uma disputa muito séria gira em torno de onde ele disse que o encontrou.

Murphy pelo menos não tinha dúvidas na altura. Disse-me, por telefone em Nova Iorque, que notícias de Boston descreviam a descoberta de um fio preso ao banco. O comportamento de McDougall, também, só é consistente com a sua crença nisto. Foi seu o dever desagradável de escrever a F. H., dizendo-lhe que tinham apanhado a sua esposa a enganar, e definindo a sua atitude futura em relação ao caso.

Que a carta foi magistral é suficientemente indicado pelo facto de, após todas as questões de facto terem sido esclarecidas, não havia nela nada que impedisse que ele fosse novamente convidado a observar a mediunidade, ou que impedisse a sua aceitação. No entanto, fez, naturalmente, a acusação perfeitamente clara de fraude comprovada.

Foi dado a F. H., nesta carta, a escolha de dar a triste notícia a Margery, ou de deixar este "delicado ofício" a McDougall. Ele fez de ambas as maneiras; contou-lhe os factos nus ele próprio, depois enviou-a para resolver a questão com McDougall. Tenho dela um relato muito divertido da longa entrevista que se seguiu; e de McDougall tenho o comentário sorridente: "Bem, penso que isso está substancialmente correto." A substância do que ocorreu é que McDougall adotou sucessivamente todas as atitudes que se poderia pensar que levariam a obter uma confissão da senhora, por intimidação, ameaças, lisonja, bondade, persuasão ou argumentação — e que cada rumo que tomou o levou exatamente tão longe como o outro, ou seja, exatamente a lado nenhum. Finalmente, descobriu completamente a sua mão e mostrou-lhe a prova. Ela deixou-o pouco depois, dividida entre a indignação e o riso incontrolável, para me encontrar na Estação Back Bay.

Durante o final do verão de 1923, enquanto Sir Arthur Conan Doyle estava neste país, F. H. escreveu-lhe, dando os factos salientes da mediunidade; e Sir Arthur manteve a correspondência. Em parte por palavra e em parte por carta, passou os detalhes para mim; e eu tinha escrito para a Rua Lime, pedindo sessões.

Em resposta, a casa foi colocada à minha disposição; disseram-me para vir como seu hóspede quando pudesse, e ficar o tempo que quisesse. Não consegui ausentar-me até 15 de Novembro. A minha ida foi inteiramente na minha capacidade pessoal, mais a de representante da função de recolha de notícias da Scientific American, da qual eu era na altura Editor Associado. Estava numa aventura psíquica.

Margery e F. H. encontraram-me no comboio, estando a senhora acabada de enfrentar o leão na sua toca. Naturalmente, não falámos de mais nada. O assunto mal tinha começado quando nos sentámos para jantar na Rua Lime. Durante a refeição, Margery entregou-me um pedaço de barbante, cordão — não sei realmente como descrevê-lo exceto em termos do que realmente era.

Não vi onde ela o arranjou, e não tinha observado o local de onde, afinal, ela o tinha arranjado. Ela perguntou-me, se o encontrasse no chão durante uma sessão, o que pensaria. O mais casual olhar deu-me a resposta — que indubitavelmente inferiria que era um desfiar do

tapete. Se o tivesse encontrado no chão de uma sala vazia, teria especulado sobre o que teria sido feito com o tapete.

Foi-me então mostrado o local de onde tinha vindo, e incidentalmente o local onde Helson tinha obtido a sua amostra. O tapete na sala de receção, de onde o banco do piano tinha marchado para o corredor, tinha uma franja que, se alguém sequer pisasse nela, se soltava em pedaços, dos quais o meu era reconhecidamente um — pedaços com cerca de seis a oito polegadas de comprimento, e de um curioso efeito de cor alternada que só podia significar a origem que descrevi; pedaços que em espessura e textura não podiam ser senão fios de tapete. E certamente não esperaria arrastar um banco de piano sobre esta franja sem soltar pedaços dela; nem poderia arrastar o banco oito pés na direção da grelha desusada sem atravessar a franja.

Não era possível no momento uma comparação direta com a peça de Helson; esta estava em Harvard. Um ou dois dias depois, no entanto, ele trouxe-a para a Rua Lime, comparou-a cuidadosamente — e admitiu que era idêntica à minha amostra, idêntica à franja do tapete, e que era um pedaço dessa franja. Admitiu que não era prova contra Margery, que no seu fracasso não tinham provas contra ela, que ele pessoalmente tinha agido precipitadamente; e pediu desculpa por isso. O pedido de desculpa não foi aceite. McDougall retirou prontamente a sua carta, a sua explicação foi aceite e foi-lhe pedido que não pedisse desculpa, e tem sido um participante bem-vindo desde então.

Helson insistiu que tinha sido mal citado; que nunca tinha afirmado ter tirado o barbante do banco. Tinha, disse ele, apenas descrito como tendo sido encontrado "no chão perto do banco". Isso, naturalmente, era necessariamente o local onde o tinha encontrado. A sua ligação universitária deveria fazer-nos dispostos a dar como certo que ele não falsificou deliberadamente; se disse inocentemente mais do que tencionava no seu entusiasmo para fazer um caso, ou se foi realmente mal compreendido, não pretendo saber.

Naturalmente, uma médium inteligente, empenhada em fraude, e necessitando de um barbante para realizar essa fraude, não poderia fazer melhor do que usar um que combinasse com a franja do seu tapete — se conseguisse obter um, de comprimento suficiente. Seria muito extraordinário, de facto, se o barbante se partisse de tal modo que não deixasse nenhum fragmento preso ao próprio banco, e um

fragmento no chão, exatamente do comprimento para apoiar a defesa de que era um pedaço da franja.

Mas mesmo assim, se a médium é tão inteligente como isso — e tão sortuda — o investigador deve esperar superá-la em matéria de perspicácia, e rezar para que a supere em matéria de sorte. Deve esperar provar que a sua peça não é um pedaço da franja, ou que foi usada para mover os móveis. As últimas palavras de comentário de McDougall para mim foram: "Não consigo impressionar estes jovens impulsivos de que não devem adiantar-se à sua evidência." Isto poderia muito bem servir de texto para a investigação psíquica.

A própria Margery é uma pessoa extremamente perspicaz. Se quisesse divertir-se à custa dos seus investigadores, não conheço ninguém com os recursos mentais para o fazer melhor, ou a capacidade de obter mais diversão ao fazê-lo. A minha impressão dominante dela, quando a trouxe comigo após os meus quatro dias na sua casa nesta primeira visita, era de alerta mental; e ela tem um sentido de humor tão perverso como o meu.

A minha visita nesta altura transformou-se num circo contínuo pela forma como aquela teoria da cumplicidade era atirada de um lado para o outro pela casa, sob a sua liderança. Concordámos que Lydia não seria uma cúmplice satisfatória; que no momento crítico apareceria na porta da sala de sessões, com uma expressão de horror chocado no rosto, e as palavras na boca: "Oh, Sra. Crandon, esqueci-me de dar corda ao assobio de 'Souvenir'!" Concordámos que Aleck Cross não servia; que tropeçaria nos seus próprios fios pretos e se trairia pela sua falta de jeito de outras formas divertidas.

Andávamos na ponta dos pés pela casa, à procura do cúmplice debaixo dos cinzeiros e nas chávenas de chá. Se contávamos uma piada sobre barbantes, contávamos cem. Margery apontava gravemente esta ou aquela característica da arquitetura ou dos móveis, e explicava gravemente o seu papel nos seus truques. E assim por diante, ad libitum.

Isto, por si só, apontaria igualmente em qualquer direção. Um trapaceiro inteligente não poderia fazer melhor do que passar a acusação de fraude como uma piada; poderia até esperar ocupar a minha mente com a piada, e com ela própria, em exclusão de coisas mais pertinentes. Por outro lado, se ela tenta isto, está a colocar-se

num pé de intimidade bastante desnecessária comigo, e se tem um segredo, é mais provável que o descubra. Apesar de todas as oportunidades, não cheguei perto de descobrir qualquer segredo, e não acreditava que ela tivesse um para descobrir.

Margery, durante os quatro dias da minha visita, estava obviamente muito agitada, embora a tentar esconder a sua emoção. Era-lhe impossível falar de qualquer outra coisa que não a alegação de fraude, ou ouvir qualquer outra coisa, por mais de um minuto de cada vez. Divertiu-se com a brincadeira e pareceu sentir-se aliviada por isso; mas considerei isso apenas como uma válvula de escape emocional. O seu óbvio tumulto suprimido não me impressionou de todo como mera reação à tensão da operação fraudulenta ou ao choque da exposição. Particularmente na discussão da questão do possível motivo para o engano, deu indicações de uma indignação controlada que me pareceu muito real.

Uma atitude consistente de divertimento, de inocência esmagada e sangrenta, ou de ira justa, teria sido incomparavelmente mais fácil para ela manter ficticiamente do que a muito impressionante multiplicidade de reação que observei. E com base nisso, embora os fenómenos físicos, como deixarei imediatamente claro, simplesmente não tenham acontecido na minha presença, a impressão geral que levei foi muito boa.

Estava, no entanto, bem satisfeito de que o incidente tivesse surgido; e desenvolvimentos posteriores aumentaram a intensidade desta reação. Tinha-me dado, por um lado, uma oportunidade inestimável para observar a conduta de Margery face a acusações sérias, e uma que de outra forma não teria tido até dez meses depois. E resultou em que toda a questão em torno da qual as acusações originalmente giravam fosse completamente esmiuçada.

Através deste esmiuçar, o carácter desesperadamente inadequado da técnica de cima-e-baixo tornou-se mais claro para Margery e para F. H. do que por qualquer possibilidade poderia ter sido na ausência de um incidente de gravidade comparável. F. H. colocou a questão a Walter nos termos em que assim tinha sido levado a vê-la, e ele também compreendeu o senso comum da situação.

Embora tenha sido bastante acre em algumas das suas observações sobre os cientistas e os pontos de vista científicos,

abandonou por sua própria iniciativa a prática de levar a médium e os fenómenos para baixo. A partir desta data, as sessões realizaram-se inteiramente numa única sala, na Rua Lime ou noutro local, na qual foram iniciadas. E isto tem sido um factor importante para tornar possível a investigação proveitosa do caso a que chegaremos em breve.

CAPÍTULO XVII
UM INTRUSO INDESEJADO

Quando deixamos a casca corporal e partimos desta vida, a doutrina espírita diz-nos, passamos para uma nova vida noutras "esferas" ou "planos", que são descritos como de alguma forma "além" ou "acima" deste mundo material em que vivemos. Mas nós que vivemos neste mundo e morremos fora dele não constituímos toda a população dos mundos para os quais transitamos. O espírita descreve as suas esferas superiores como habitadas por uma grande variedade de entidades inteligentes de origem não humana. Algumas destas são benéficas, algumas distintamente maléficas; e o mesmo se aplica aos ex-humanos que chegaram ao outro lado.

Os vários espíritos maléficos, dizem-nos, invadem a sala de sessões juntamente com os bons, e procuram controlar o médium para os seus próprios fins maléficos; de modo que um grande problema do procedimento da sessão, como o espírita o vê, é a sua exclusão. Os bons espíritos ajudam nisto com a sua melhor capacidade, mas não são infalíveis e por vezes não conseguem impedir o intruso de ganhar domínio. Quando isto ocorre, as consequências para o médium são descritas em termos vagos mas alarmantes.

Os membros do círculo de Margery começaram sem qualquer conhecimento particular deste item do credo espírita; mas cedo foram avisados de forma geral por Sir Arthur Conan Doyle. A questão foi referida a Walter, que lhes garantiu que estava tudo bem — "Pensam que eu deixaria que algum mal acontecesse à Miúda?" Durante muito tempo, a mediunidade prosseguiu sem consequências desagradáveis. Mas na ocasião da minha primeira visita ocorreu algo que os participantes regulares identificaram como uma invasão por um controlador maléfico.

Na minha primeira sessão, em 15 de Novembro de 1923, o controlador Walter foi lento a entrar; e depois de entrar, tudo o que fez foi falar, através do transe (pela primeira vez em quatro semanas), sobre o episódio Helson, e as expectativas que se poderiam ter sobre os cientistas. No dia dezasseis, houve uma espera muito mais longa antes de algo acontecer. Eventualmente, a mesa entrou em ação; mas moveu-se, com as mãos sobre ela, apenas para trás e para a frente em linha reta, de uma forma que os participantes insistiram unanimemente ser claramente distinta da manipulação circular habitual de Walter. Após bastante disto, a sugestão foi lançada, e aceite pela maioria dos participantes como um facto óbvio, de que não Walter, mas alguma outra personalidade era responsável.

O código de sim-e-não foi explicado a este indivíduo, e foi-lhe pedido que desse respostas com solavancos da mesa, no seu próprio estilo retilíneo. As perguntas que lhe foram feitas tinham todas como objetivo verificar que ele não era Walter e saber quem ou o que era. Tornou-se claro que estava a responder "Não" a todas as perguntas, mesmo quando esta resposta não se aplicava. As opiniões dividiram-se sobre se ele não queria ou não conseguia fazer a mesa dar mais do que um solavanco de cada vez.

Pouco depois, a mesa mudou de comportamento, e a presença habitual de Walter foi reconhecida pelos seus amigos. Saudou-os, colectivamente e depois individualmente, da sua maneira habitual. Mas o alívio foi curto, pois subitamente ele tinha ido embora novamente. A mesa aqui não voltou claramente à técnica anterior de viagem em linha reta, para trás e para a frente, mas comportou-se de maneira mais excêntrica e insustentada. Finalmente, deu várias inclinações bruscas e ficou quieta. Alguns participantes contaram cinco destas, para "Boa tarde", e inferiram que Walter estava a verificar a sua presença; outros contaram quatro, para "Boa noite", e não souberam o que pensar. Então recebemos subitamente a ordem, num sussurro tenso que alguns tomaram por voz direta e outros por voz de transe: "Quebrem o círculo rapidamente!" Cumprimos instantaneamente.

Tendo em conta o que acabou por acontecer, foi acordado pelos regulares que tinha havido quatro inclinações, e que a inclinação e o sussurro representavam os esforços de Walter para terminar a sessão

antes de ser completamente excluído. Sem compreender isto, continuámos os nossos esforços para obter algo. Sem razão que depois conseguisse identificar, a psíquica sugeriu que formássemos o círculo, no escuro. Assim fizemos; ao que, instantaneamente, ela entrou em transe. Durante um pouco, dormiu tranquilamente; depois tornou-se ativa, e a luz foi acesa, para observação e na esperança de a trazer de volta mais rapidamente.

A sua expressão facial era agora claramente desagradável — "resmungona", penso que seria a palavra mais descritiva; e foi aqui que a preocupação começou a ser sentida em relação ao que lhe estava a acontecer. Os movimentos bruscos do corpo e dos membros tornaram-se pronunciados, e a cabeça sacudiu violentamente; sons grosseiros foram articulados de forma grosseira. Era óbvio que, genuína ou ficticiamente, tínhamos a ver com uma possessão maléfica.

Subitamente, com um resmungo particularmente vicioso, as palavras "Saia daqui para o inferno!" foram articuladas, em tons mais de sarjeta do que da Back Bay. Deu-se como certo que a perturbação representava o esforço de Walter para expulsar o invasor, e que a observação deselegante era a resposta deste. Após cerca de quinze minutos, a calma física instalou-se; e pouco depois a psíquica acordou, um pouco desconcertada por ter estado "adormecida", mas de resto normal e aparentemente de modo algum exausta. Escusado será dizer que a sessão terminou imediatamente.

Para o dia dezassete, o grupo de Harvard tinha sido convidado; e embora McDougall sentisse que era cortesia não comparecer, Roback e os dois "jovens impulsivos" estiveram presentes. A sessão foi desprovida de todas as características físicas, exceto o movimento da mesa — em algum ligeiro grau aparentemente por Walter, mas na sua maior parte considerado como sendo do estranho que empurrava a mesa da noite anterior. A questão de saber se deveríamos identificar esta personalidade com a do transe maléfico permaneceu em aberto. Foram tomadas precauções contra a médium entrar em transe. Walter pareceu estar presente por um curto período no meio da ação, mas rapidamente deixou o campo ao estranho.

Primeiro e último, obtivemos bastante dele. Limitou-se novamente a movimentos retilíneos da mesa, mas agora era capaz de

escolher participantes individuais empurrando-a na direção deles. A sua insistência em assim me honrar confirmou as suspeitas, que surgiram naturalmente do facto de eu ser o único participante estranho, de que eu era de alguma forma responsável pela sua presença.

Finalmente, tentámos obter as suas iniciais percorrendo o alfabeto e fazendo-o dizer "sim" nas letras apropriadas. Ele deu imediata e inequivocamente B como inicial do seu apelido, o que poderia muito bem fazer por especulação na minha presença. Quando tentámos a sua inicial do primeiro nome, pareceu que talvez nos tivesse dado G; mas na repetição, passou G sem um pestanejo, e de facto deixou-nos percorrer até XYZ. Perguntado se realmente queria dizer G, respondeu tanto "sim" como "não", e no final recusou-se a responder. Parecia confuso sobre se tinha três iniciais ou apenas duas. Finalmente, recusou-se a continuar, respondendo "sim" com ênfase à pergunta: "Está indisposto a indicar as suas iniciais?"

Quando se tornou evidente que não conseguiríamos nada de interessante do misterioso visitante e que não nos conseguiríamos livrar dele, parámos. Era cedo; saí com o grupo de Harvard, e vaguei com eles pelas colinas de Beacon durante um período suficiente para dar aos regulares a oportunidade de tentar novamente, na minha ausência, se quisessem. Quiseram, e fizeram-no. Por consideração pela minha possível sensibilidade (uma total não existência), dispensaram Walter quando me ouviram chegar, e não disseram nada sobre isso; mas acabou por se saber, através do registo de F. H.

"Walter veio imediatamente. A mesa moveu-se na sua maneira característica, reconheceu os amigos de Walter à medida que eram nomeados, etc. A voz [direta, não de transe] disse então que tinha havido dificuldade, e admitiu, quando questionado, que tinha estado ligada a Bird. Disse que o espírito intruso estava num plano inferior ao dele, mais perto de nós e, portanto, mais capaz de nos alcançar. Falou muito seriamente sobre isso; disse que a situação era séria. Uma sessão poderia ser realizada na noite seguinte, como planeado; mas se desse quatro pancadas para 'Boa noite' devia ser terminada imediatamente." Não lhe foi perguntado nem ele se ofereceu para dizer se as duas personalidades perturbadoras eram uma.

Na sua parte inicial, a sessão assim autorizada para 18 de novembro foi assinalada apenas por movimentos da mesa, demasiado esporádicos para serem marcados como devidos a Walter ou ao estranho. Helson, que estava presente com Murphy e Roback, estava inquieto e impaciente. "Oh, estou cansado destas coisas da mesa", exclamou; "vamos para a levitação e a música." Esta ideia de produzir fenómenos psíquicos por encomenda, abrindo uma torneira, divertiu imenso os outros participantes; e o sentimento foi considerado como o desqualificando para a investigação psíquica, se a sua conduta anterior já não o tivesse feito.

Pelo seu comportamento e pelo facto de Murphy ter de sair para apanhar um comboio, houve bastante confusão; pelo que depois foi sugerido que o sinal para dispersar tinha sido dado e não tinha sido ouvido. A ideia originou-se sem dúvida na insistência de Cross de que ele sentia a presença do mal. Nenhuma atenção foi dada à sua declaração, embora ele se tenha levantado e saído do círculo para o que considerava um lugar mais seguro na linha lateral. Este ato característico provocou considerável riso.

No esforço de pôr as coisas a funcionar, a luz foi apagada num momento em que estávamos sentados em formação de círculo, com conversa desconexa a decorrer como de costume. Subitamente, percebemos que Margery estava novamente em transe; e ficámos apenas em dúvida momentânea de que era novamente a possessão maléfica. As reações físicas desta vez foram excessivas. Margery chutou a cadeira de debaixo de si e colapsou no chão, derrubando o gabinete. É considerado da maior importância manter o círculo ininterrupto na presença de tal crise; isto foi feito com extrema dificuldade contra as suas convulsões musculares. Vários ruídos guturais medonhos foram emitidos, mas não houve voz coerente. A crise não durou tanto como a do dia dezasseis; e novamente não houve efeitos posteriores.

A minha próxima visita à Rua Lime foi no início de Abril de 1924. Houve considerável apreensão, e creio que alguma dúvida sobre a conveniência da minha presença. Nada se tinha ouvido entretanto sobre G. B., como lhe chamávamos por conveniência; e não havia desejo de o provocar. Estávamos preparados para terminar ao mais ligeiro sinal de problema.

Mas Walter passou imediatamente, e ficou; e obtivemos uma excelente exibição de efeitos físicos, com uma noite perfeitamente decisiva na noite seguinte. Parecia que o espectro G. B. tinha sido posto de lado. Mas após o meu regresso a Nova Iorque, Walter chocalhou os seus ossos, afirmando que ele tinha aparecido comigo, mas que Mark e John o tinham capturado, e nalgum canto escuro da quarta dimensão tinham "sentado em cima dele" durante oitenta e quatro horas consecutivas para se certificarem de que não criava perturbação na sala de sessões!

O problema ainda não tinha uma solução final, disse Walter. Mas uma deve ter sido encontrada, pois já sentei dezenas de vezes desde então, e G. B. não foi ouvido novamente. Quando é mencionado hoje, Walter apenas se ri.

Ora, fui a Boston em novembro na minha capacidade pessoal, mas com uma grande reputação como mau remédio para fantasmas falsos. De facto, F. H. sugere que a precipitação de Helson pode ter-se devido ao medo de que eu roubasse a exposição dele e do seu grupo. Fui em Abril para discutir a proposta de aparição de Margery perante o comité de investigação da Scientific American. Seria fácil imaginar, como motivo para um G. B. fraudulento, o desejo de escapar a dar a performance habitual em companhia perigosa. Igualmente, tal fraude, a longo prazo, através da relutância de F. H. em arriscar expor a sua esposa à influência maligna, ofereceria uma saída quando se tornasse demasiado perigoso continuar. Os "jovens impulsivos" estavam confiantes de que este estágio tinha sido atingido, que deveríamos ter persistência de G. B. e abandono da mediunidade.

A atribuição de tal motivo à invenção, consciente ou não, de G. B., baseia-se no pressuposto de que a própria mediunidade é fraudulenta no todo ou em grande parte. Fica ou cai com esse pressuposto, e não precisa, portanto, de ser discutida pelos seus próprios méritos. Mas há um motivo para a invenção de G. B. por um médium genuíno; pois há sempre noites em branco e outros acidentes da mediunidade genuína para os quais o vício de tal controlador como G. B. ofereceria uma explicação brilhante e permanente. Uma vez iniciada a sua carreira, poderia ser arquivado para uso conforme a necessidade futura ditasse; se a necessidade nunca surgisse, nunca precisaria de ser trazido novamente. Menção de passagem como a de

11 de Abril seria justamente o necessário para o manter graciosamente vivo.

A evidência de sessões subsequentes, no entanto, é toda contra a teoria de que G. B. foi uma invenção, mesmo desta variedade mais inocente. A crise provocada em novembro de 1923 pela minha presença numa altura em que a acusação de Helson ainda não estava resolvida, não foi mais severa do que outras crises que desde então vieram e passaram sem provocar qualquer sinal da presença de G. B. O leitor dos capítulos posteriores encontrará numerosos lugares onde uma sugestão da visitação de G. B. teria explicado coisas que ficaram por explicar, ou teria permitido a Margery evitar muitas sessões que, em perspetiva, podiam ser identificadas como desagradáveis. Que nenhuma das situações críticas por que passou desde Abril de 1924 tenha levado ao mais ligeiro indício do controlador G. B. deve ser argumentado fortemente contra o seu carácter fraudulento.

Estou inteiramente inclinado a considerar G. B. como uma dualidade, de profundidade igual à de qualquer caso comum deste tipo de visitação. Mas seja o que for que possamos finalmente descobrir ser o caso com Walter e os outros controladores regulares da mediunidade de Margery, a discussão abrangente de G. B. pelos seus próprios méritos dificilmente é viável; falta-nos o material. Pouca oportunidade lhe foi dada para estabelecer uma identidade ou para exibir uma continuidade de personalidade. Tanto quanto tal julgamento era possível, estaria inclinado a negar que ele fosse contínuo ou consistente de si. Os solavancos com a mesa de Sexta-feira não me impressionaram de todo como uma tentativa de discurso, mas meramente como uma tentativa de criar uma perturbação. A exibição de Sábado, real ou fictícia, foi certamente uma tentativa de comunicação.

O transe de G. B. foi ativo, e deu ainda mais razões para um veredicto sobre a sua validade fisiológica do que o transe comum de Walter. F. H. e Brown ficaram fortemente impressionados com a correção dos sintomas. As mãos geladas eram conspícuas e certamente denotavam uma crise funcional de algum tipo — embora não necessariamente uma de transe, naturalmente. Eu também fiquei bem impressionado com o transe de G. B. como um fenómeno biológico. Tudo isto argumentaria fortemente contra a mascarada consciente, e,

exceto no evento muito improvável de Margery ser uma histérica, em igual grau contra a variedade subconsciente.

Então, deve dar-se atenção à questão da aquisição dos dados por Margery. Se a coisa é fraude, de qualquer tipo, ela não deve meramente saber que tal crise é boa forma, mas deve ter um fundo de informação definida em que basear o comportamento de G. B. Nunca a apanhei a ler nada exceto cartas, e estou inclinado a concordar com F. H. que ela provavelmente não tinha esta informação — na Sexta-feira, dia dezasseis. Mas após esta visitação, pouco mais se falou durante um dia ou dois, e ela deve, portanto, ter estado mais bem preparada para Sábado e Domingo. A performance desses dias foi além da primeira?

A possessão de transe não foi. Houve mais convulsão física, mas qualquer pessoa sabe que uma possessão maléfica deve ter um ataque. Não encontrei evidência de novo conhecimento no transe de Domingo em comparação com o de Sexta-feira. A performance de Sábado, com o seu comportamento caprichoso do controlador, foi altamente artística.

Mas apenas neste aspeto foi além do seu predecessor, e o controlador Walter é caprichoso; pelo que isto não significa nada. Além disso, no Sábado, a médium não estava em transe, e deveríamos considerar seriamente a teoria de que havia aqui manipulação subconsciente da mesa por vários participantes. É particularmente significativo, nesta ligação, que a operação da mesa de G. B. tenha insistido tanto na minha própria inicial, B., e depois tenha falhado tão completamente no esforço de dar mais iniciais. Isto é exatamente o que se esperaria de propulsão subconsciente da mesa, por vários participantes unidos, e sem o elemento psíquico que a Ouija por vezes mostra.

Com isto em mente, estou inclinado a dissociar o controlador perturbador que se manifestou através da mesa e aquele que se manifestou através do transe. Disse a F. H. na altura que o último me impressionou, um pouco emocionalmente motivado contra a hipótese espiritual como estava, como mais sugestivo de possessão genuína vinda de fora do que qualquer controlador que alguma vez tivesse encontrado antes. Devo insistir que o leitor leia isto com precisão, e que perceba que o que eu disse não implica qualquer grau extremo de

probabilidade, qualquer opinião de que G. B. era "provavelmente" uma possessão genuína. Com esta advertência, o que disse na altura ainda representa a minha opinião.

O meu primeiro contacto com o caso foi o meu último durante quase cinco meses; e durante este período, graças a G. B., estive na posição angustiante de ter encontrado um caso de mediunidade física sem ter visto nenhum dos fenómenos físicos. Estava, portanto, dependente, durante este intervalo, das minhas observações da psicologia de Margery para qualquer estimativa que pudesse fazer da sua provável genuinidade.

Poderia expandir este capítulo consideravelmente aprofundando esta questão, mas tendo em conta que as minhas experiências finais com a mediunidade de Margery foram abundantemente físicas, parece desnecessário fazê-lo. Quando os fenómenos são mostrados, em bases físicas, como genuínos, a psicologia do médium é uma questão de interesse menor. E espero mostrar, a qualquer leitor razoável, bases físicas amplas para declarar os fenómenos genuínos. Portanto, não direi nada sobre a psicologia de Margery, exceto para fazer uma observação.

Em relação à destreza manual de Margery, à sua capacidade de pôr realmente em prática quaisquer dos recursos da profissão de ilusionista, não posso testemunhar. Mas é abundantemente claro para mim que os seus recursos mentais nesta direção seriam amplos. Qualquer coisa que possa ser feita no sentido de aplicar os truques da ilusão e da prestidigitação à mediunidade, Margery seria perfeitamente capaz de compreender.

Esta admissão deve ser feita, para preservar a boa fé com o leitor. Mas se a faço, devo insistir que não é por si só um factor desfavorável. Não podemos exigir que o médium seja um débil mental, como pré-requisito para o levarmos a sério. Tudo o que esta afirmação implica é que aquele que se propõe investigar a mediunidade de Margery deve estar muito confiante da sua própria competência neste campo, ou não tem direito a pedir-nos que aceitemos as suas conclusões.

CAPÍTULO XVIII
O POMBO PSÍQUICO

A única época do ano em que é possível a F. H. ausentar-se da sua prática é em Dezembro; e mesmo assim é suficientemente difícil. Durante meses, ele tinha estado a aguardar uma breve viagem europeia a ser feita nessa altura em 1923, e a fazer arranjos para que a sua ausência fosse possível. Na altura em que o episódio do barbante e o incidente G. B. estavam a ferver até ao seu clímax coincidente e a arrefecer novamente, todos os arranjos tinham sido concluídos para ele e Margery partirem em 1 de Dezembro e ficarem fora até à Véspera de Natal.

Houve, portanto, pouco tempo para uma retoma pacífica da rotina da Rua Lime após a guerra; mas várias sessões foram realizadas no que restava de Novembro.

Uma tentativa previamente agendada para produzir os fenómenos da mediunidade na atmosfera neutra ou hostil do Laboratório Psicológico de Harvard foi realizada no dia vinte. A sessão seria um prelúdio para outras, e nesta primeira tentativa o grupo de Harvard não deveria estar presente, deixando o terreno inteiramente a Walter e seus amigos. Helson estava lá para os deixar entrar e para lhes dizer o que precisassem de saber sobre os arranjos físicos. Um fio atravessava um canto da sala suportando uma cortina, como gabinete.

Cumpridas as suas funções preliminares, Helson retirou-se e deixou o grupo ABC sozinho no edifício. Sentaram-se, e o comportamento inicial da mesa sugeriu a presença do notório G. B.; mas cedo ficou claro que Walter estava realmente lá. Houve um pouco de conversa, inteiramente através da mesa. Então alguém perguntou a Walter se ele estava novamente no controlo da situação, e ele respondeu com um enfático "Não". Alguém foi tão imprudente a ponto de mencionar o meu nome, com as suas associações diretas com G. B.; ao que o sinal imperativo para parar veio.

Naturalmente, obteve obediência instantânea; mas mais tarde, de volta à Rua Lime, tentaram novamente. Obtiveram as saudações habituais da mesa e bastante da voz de Walter. Ele expressou o seu completo desprezo pelos cientistas de Harvard, e todos se divertiram de modo geral. Mas novamente terminou subitamente, com um "boa noite" falado e sem mais explicações.

22 de novembro trouxe apenas conversa, com a mesa e com a voz, em parte de Walter e em parte de outros controladores; a de

Walter tratou principalmente do seu compromisso de acompanhar a família na viagem oceânica. O dia vinte e cinco foi novamente dedicado a conversa; o vinte e seis a conversa mais o incidente que descrevo em detalhe abaixo; e finalmente houve uma sessão de despedida no dia vinte e oito. Esta foi quase inteiramente um branco durante duas horas, embora todos os esforços tenham sido feitos para chegar a Walter; mas eventualmente ele entrou, imediatamente após as onze horas, e disse algumas palavras. Pensou-se que havia significado ligado a esta hora; os detalhes disto são dados no Capítulo LIII.

O único incidente de qualquer nota no intervalo coberto pelos parágrafos anteriores foi o que constituiu a espinha dorsal da sessão de 26 de Novembro. Durante algum tempo antes da minha visita à Rua Lime, houve mais ou menos conversa de Walter, girando em torno da ideia de um aporte vivo. Provavelmente tenho leitores que não estão familiarizados com o termo, pelo que explicarei que é uma variedade muito especial, de longo alcance, do movimento de objetos materiais sem contacto material. Consiste na entrega, na sala de sessões, de algo de um local remoto — em alguns casos alegados, de um local tão remoto como a outra metade do mundo.

Num instante, o objeto em questão não está lá, no instante seguinte está. Os espíritas têm claro nas suas mentes que não se trata de um fenómeno de materialização a partir do nada, mas sim de transporte de um objeto material. Na maioria dos casos, há uma presunção prima facie de que, se o fenómeno é genuíno, o objeto aportado teve de ultrapassar as barreiras físicas de portas e janelas fechadas para entrar na sala. É, naturalmente, um dos mais improváveis de todos os fenómenos psíquicos alegados, intrinsecamente, mas contam-se casos que são difíceis de explicar. Entre os que levam o fenómeno a sério, a opinião parece estar dividida aproximadamente ao meio entre pensar em desmaterialização real, filtração através dos interstícios moleculares da parede, e remontagem do outro lado; ou considerar o aparecimento do objeto aportado como evidência da sua passagem para, através e para fora de uma quarta dimensão. Se fosse colocado numa posição em que fosse obrigado a garantir a genuinidade de um aporte, sentiria que esta última ideia faz muito menos violência a outras coisas que pensamos saber do que a sua alternativa.

A conversa de Walter tinha-se voltado pela primeira vez nesta direção quando a minha visita proposta foi submetida à sua aprovação, algumas semanas antes de eu realmente vir. Ele comentou em tom de brincadeira que providenciaria uma companheira para o Pássaro (ele se referia a mim e dirigia-se a mim assim desde o início, e, de facto, depois de descobrir que eu era realmente um ser humano, e não um icebergue científico, toda a companhia fazia o mesmo). A partir daí, ele passou, com que grau de seriedade não sei, para uma promessa bastante definida de que um dia aportaria um pombo vivo. Devo pedir desculpa aos meus clientes de Boston pelo uso desta palavra. Estou ciente de que na Beacon Hill são pombas, mas na expectativa de que este volume terá uma circulação geral, uso o nome mais comum.

Durante a minha visita, o aporte prometido foi discutido consideravelmente fora da sala de sessões. Tentei fazer F. H. concordar comigo que Walter os estava a gozar do princípio ao fim, como tinha obviamente feito na sua primeira menção ao tópico; mas não consegui obter a mais ligeira aceitação desta ideia. Em 25 de Novembro, regressando vigorosamente ao assunto, Walter falou como se fosse um gatinho que ele entregaria. Houve muitas piadas sobre isso; uma senhora expressou uma marcada preferência por um gatinho em vez de um pombo; outra perguntou a Walter se ele não poderia trazer-lhe um bebé, e foi lembrada do escândalo que se seguiria se o fizesse. Finalmente, prometeu o evento para a noite seguinte, se as condições fossem favoráveis; as expectativas de todos, na medida em que as tinham, centravam-se no gatinho em vez do pombo.

A sessão de 26 de novembro começou ao longo das linhas habituais, e seguiu estas até cerca das 22h40. Então Walter começou a dar instruções para arranjos preparatórios para o aporte, falando como se estivesse plenamente confiante em produzir a manifestação. "Têm de ter um homem em cada sala. Temos de fazer isto cientificamente. Confiam nestas pessoas?" F. H. tranquilizou-o sobre este ponto, ao que Walter observou que não havia cientistas entre eles. À pergunta: "Onde colocarás o gatinho?", Walter respondeu: "Não posso dizer. Tenho de dar uma corrida e um salto, e não posso dizer onde vou aterrar." F. H. liga isto com a suposta origem quadridimensional do fenómeno, e a aparente necessidade de Walter dar o salto entre o seu mundo e o nosso.

Alguns momentos foram passados a tornar claras as instruções de Walter. O programa que ele traçou era para Charles, Brown, Caldwell e a Sra. Richardson irem, pouco antes das onze horas, para a cozinha; e irem subindo, examinando a casa cuidadosamente pelo caminho. Poderiam ir para onde quisessem, usando luz branca no nível da cozinha, vermelha em todos os andares superiores. Não colocou restrições aos seus movimentos, exceto que, ao passar da cozinha para o rés-do-chão e daí para o segundo andar, usassem as escadas de trás; e que ao atravessar os corredores andassem calmamente e com cuidado.

Margery, Cross e Adler deveriam formar um segundo esquadrão. Quando o grupo de inspeção saísse da sala de sessões para descer, estes três deveriam seguir calmamente; deveriam ir todo o caminho até ao rés-do-chão, usando as escadas da frente; deveriam sentar-se nos degraus inferiores, perto do relógio.

O resto da companhia deveria seguir atrás deles, em número de nove, em qualquer ordem em que calhassem. Todos os doze deveriam dar as mãos durante toda a experiência, e não falar. O próprio Walter fez a escolha para o grupo de busca e para os dois companheiros imediatos de Margery; foi indiferente quanto à ordem dos outros nove.

Os buscadores deveriam permanecer durante cinco minutos no andar da cozinha, depois continuar a subir, procurando enquanto subiam. Todas as instruções foram cumpridas, diz o registo, em perfeito silêncio; não houve confusão nem excitação. Isto é mais do que posso dizer da busca média das instalações, ou preparação para uma experiência crítica, por um grupo de cientistas!

As instalações da cozinha, diz o registo, foram revistadas com alguma minúcia — suficiente para ter a certeza de que não havia cúmplices presentes. As portas e janelas foram observadas neste andar, por volta das 23h05, como estando fechadas. Após os cinco minutos estipulados, os quatro buscadores subiram, entraram na sala de jantar, atravessaram o corredor, e continuaram a subir, olhando para todas as salas principais pelo caminho. Isto foi feito em grande parte como um exame a posteriori, no entanto, pelo facto de que, quando Brown liderou o caminho para a sala de jantar, viu algo branco no chão, que apanhou. Era um pombo; levou-o consigo na mão

para a sala de sessões. A sala de jantar neste momento estava razoavelmente bem iluminada com uma lâmpada vermelha.

Alguns do grupo maior nas escadas tinham ouvido um ligeiro ruído na sala de jantar antes de os buscadores nela entrarem. Margery disse que o identificou como um bater de asas; mas era audível para os mais próximos da porta.

Quando todos estavam novamente na sala de sessões, tendo a sua progressão para lá sido realizada em perfeita ordem, a luz vermelha foi acesa e a conversa com Walter retomada. O pombo estava na borda da mesa, onde Brown o tinha colocado. Permaneceu quase imóvel, aparentemente calmo e sem medo; Brown disse que o seu coração não estava a palpitar quando o segurou.

A atitude geral dos participantes é registada como de espanto e admiração. Walter teve de aliviar um pouco a atmosfera com um pouco do seu humor habitual. Lembrou ao grupo que a promessa do pombo precedeu a do gatinho, e insinuou que talvez este último viesse mais tarde. "Podia dizer-vos uma coisa, mas não vou", disse ele; sob persuasão, ampliou um pouco isto. "Lembrem-se da hora em que a ave foi encontrada; lembrem-se que eu disse que podia dizer-vos uma coisa." A hora foi portanto registada — 23h06, tão precisamente quanto pôde ser determinada. Walter parecia não ter pressa de ir, mas quando lhe disseram que O'Dell tinha de apanhar um comboio, disse boa noite por volta das 23h40.

O pombo foi examinado com luz branca. Tinha permanecido, mal se movendo, durante a meia hora ou mais desde a sua transferência para a sala de sessões. Isto, no entanto, era característico; a ave viveu, aos cuidados da Sra. Brown, durante seis ou oito meses, e vi-a frequentemente. Era uma das criaturas da Natureza mais plácidas e imperturbáveis. Quando Brown o levantou da mesa de sessões, ele resistiu ligeiramente. Era todo branco, com olhos vermelhos, sem marcas. Trazia uma etiqueta de registo numa perna com a marca 1921 R. I. Evidentemente um pombo-correio, não mostrava semelhança com os pombos encontrados tão livremente em Boston.

Enquanto esta inspeção decorria, a questão das janelas abertas surgiu. Das que estavam na sala de jantar, a única que abre foi encontrada trancada. É impossível ter a certeza de que nenhuma outra janela na casa estava aberta antes de a ave chegar; mas o ar frio

exterior teria sido sem dúvida notado se alguma tivesse estado aberta durante algum tempo.

No final, cada pessoa presente negou, por sua vez, ter trazido a ave. Os criados estavam fora naquela noite e regressaram apenas depois de o pombo ter sido encontrado. Sabia-se que o filho pequeno de Margery estava no seu quarto, presumivelmente a dormir

Isto é o que diz o registo. F. H. diz-me, além disso, que o pombo produziu excrementos em intervalos frequentes depois de ser apanhado, mas que nada do género foi encontrado em qualquer lugar da casa, indicando a sua chegada muito recente. Uma tentativa de rastrear o número de registo revelou que esta não era a ave a que tinha sido originalmente emitido. Dizem-nos que os criadores de pombos transferem frequentemente estas anilhas de aves mortas para vivas não registadas.

Dois ou três dos participantes passaram muito tempo a percorrer todos os lugares que conseguiram encontrar em ou perto de Boston onde se pudessem comprar pombos. Contaram uma história onde quer que fossem, no sentido de que a loira de boa aparência que recentemente tinha comprado um pombo ali queria outro da mesma criação. Não tiveram sucesso com esta história onde quer que fossem.

Ora, não defendo este aporte, e igualmente não tenho nada contra ele — este último ponto provavelmente precisa de mais ênfase do que o primeiro. É, naturalmente, a única performance deste carácter de Walter, sendo vários aportes subsequentes que lhe são atribuídos não da mesma classe que este. Intrinsecamente, um aporte de pombo vivo impressiona-me como a coisa mais improvável que é descrita como tendo acontecido na Rua Lime — mas isso não prova nada, num sentido ou no outro. A maioria dos participantes, creio, está totalmente satisfeita com a sua genuinidade; e, naturalmente, como é sempre o caso pela natureza das coisas, os presentes ficaram mais impressionados com a adequação das condições circundantes e das precauções tomadas do que os ausentes que leem sobre o incidente em letras frias.

A própria Margery, no entanto, se posso acreditar no que me diz, dá pouco crédito ao pombo. Ofende o seu senso comum tal como ofende o meu e suponho que o da maioria dos meus leitores; por isso ela pensa que um dos participantes o trouxe consigo, o soltou na casa,

e depois, quando descobriu que a brincadeira tinha saído do seu controlo, teve medo de confessar.

No que diz respeito ao elemento Walter, seria comparativamente fácil imaginar Walter a entrar no espírito da brincadeira. Isto seria igualmente viável, quer se considerasse Walter como uma mascarada subconsciente, como um elemento indefinido da sessão, ou como o irmão real do outro lado. Neste último caso, pelo que ouço das suas façanhas em vida, a sua aceitação da piada e participação nela seriam totalmente de acordo com o seu carácter. Walter teve toda a confiança, desde o início do incidente, de que o aporte prometido seria entregue naquela noite, mas não é uma grande complicação imaginar a personalidade Walter como tendo adquirido, telepaticamente ou por meios normais, conhecimento da presença do pombo, se ele realmente entrou com um dos participantes. O perigo que confronta aquele que acredita que este foi o caso reside na extrema facilidade de tirar uma conclusão mais prejudicial para Margery do que os factos conhecidos justificam.

Muitos dos episódios deste período da mediunidade, embora não se mantenham solidamente por si próprios, são tais que, após considerar as demonstrações de genuinidade com que 1924 foi preenchido, podemos voltar aos eventos de 1923 e sentir que uma grande presunção de genuinidade lhes pertence por reflexão. No presente caso, o fenómeno é de tal carácter surpreendente e está tão isolado que não penso que seria justo pedir ao cético que fizesse isto.

Poderíamos apontar que nunca tivemos qualquer evidência real de fraude da parte de Margery, e, portanto, não deveríamos assumir fraude neste caso; mas isso é o mais longe que deveríamos ir em apoio do pombo a partir dos outros factos da mediunidade. No que diz respeito a acreditar no pombo, não tentarei ditar-lhe; não posso provar que aconteceu e não posso provar que não aconteceu. Terá de fazer a sua própria escolha.

CAPÍTULO XIX
A EXPEDIÇÃO EUROPEIA

O meu contacto com Margery em Novembro tinha-me dado certas impressões favoráveis; mas estas eram inteiramente de natureza psicológica, ou diziam respeito ao fenómeno puramente subjetivo do episódio G. B. A mediunidade era alegada como sendo de carácter objetivo notável, e eu tinha visto praticamente um fracasso completo em produzir fenómenos objetivos. Não tendo, com pouca exceção, meios de julgar quanto crédito deveria depositar nos relatos e observações dos participantes que tinham visto fenómenos objetivos, fiquei sem qualquer meio de julgar as probabilidades de genuinidade objetiva, ou a importância do caso se genuíno.

Mas os relatos que F. H. me transmitiu do que aconteceu a Margery na Europa, na maioria dos casos pude submetê-los a verificação independente através de declarações daqueles com quem Margery se tinha sentado em Inglaterra e França. Foi isto que me deu a minha primeira compreensão do caso, a minha primeira base para julgá-lo. O papel da expedição europeia como dando assim ao caso um contexto e uma posição que não possuía anteriormente é de grande importância, que o leitor deve apreciar, depois de ler este capítulo, como eu apreciei depois de ler os documentos em que se baseia.

As experiências de Margery na Europa lidaram com cenários estranhos e aparelhos estranhos. Ao tentar abstrair o seu significado vital, descobrimos que demonstra três proposições muito fundamentais:

I. Que a mediunidade não é uma função da localidade de Boston.

II. Que se depende de cumplicidade, apenas F. H. e mais ninguém deve suportar esta acusação.

III. Que se manterá perante o escrutínio de observadores treinados e especializados na avaliação dos fenómenos objetivos da sala de sessões.

Partindo de Nova Iorque em 1 de Dezembro, a primeira experiência psíquica de Margery do outro lado consistiu numa sessão que deu na residência parisiense do falecido Dr. Gustave Geley, às

17h30 de 8 de Dezembro de 1923. Estavam presentes Geley, a sua filha e o seu secretário; o Professor Richet; e três outros do círculo de Geley. Foi montado um gabinete improvisado, usando um biombo de três painéis, com um xaile atirado por cima e descendo cerca de dois pés na frente.

No início, Richet estava à esquerda da psíquica e F. H. à sua direita; pouco depois, no entanto, Geley substituiu o marido de Margery no controlo do seu lado direito. Havia luz vermelha regulada por reóstato, e uma caixa de música que tocava mais ou menos continuamente. O controlador foi o mais severo a que Margery tinha até então sido submetida. Richet e Geley seguravam cada um uma mão; ambos os pés de Margery estavam no colo de Richet; e cada um destes cavalheiros tinha a cabeça num dos seus ombros.

Com as mãos sobre ela (as de Margery sendo temporariamente libertadas para o efeito), a mesa inclinou "Boa tarde" (cinco inclinações) em todos os quatro lados, e afirmou que havia seis espíritos presentes. O círculo foi então formado, e durante o resto da sessão o controlo das extremidades de Margery foi completo. A voz de Walter passou imediatamente, dizendo "Boa tarde" a cada um dos anfitriões, e recitando, a pedido, um dos versos humorísticos de Walter (Backward, Turn Backward; Capítulo LIII). Houve excelente levitação da mesa três vezes, na luz vermelha mais brilhante a que a mediunidade tinha ainda sido exposta. O trabalho começou então no gabinete; e após numerosas pancadas e batidas, toda a estrutura foi derrubada sobre as três cabeças de Geley, Richet e Margery, todos os quais estavam dentro dela. Isto trouxe grande aplauso, e gritos de "bien" e "encore". Restaurado o gabinete, foi repetido duas vezes. Walter afirmou que seria feita uma tentativa para dar "Batidas", mas aparentemente isso foi considerado impossível.

Londres foi a próxima paragem. Em 12 de Dezembro, às 20h00, Margery deu uma sessão no British College of Psychic Science, o centro da maioria das minhas aventuras psíquicas britânicas. Os presentes incluíam o Sr. e a Sra. J. Hewatt McKenzie, diretores do Colégio; dois outros cavalheiros; e uma outra senhora.

O gabinete era o que estava em uso quando visitei o Colégio dez meses antes. Dois pilares colocados a cerca de cinco pés da parede constituíam os cantos e forneciam a base para as cortinas castanhas

pesadas que formavam os lados. Foi usada uma mesa retangular, pesando cerca de trinta e cinco libras; e, como em Paris, toda a sessão foi realizada com luz vermelha.

McKenzie sentou-se à esquerda da psíquica e F. H. à sua direita. Walter passou com inclinações da mesa, e pouco depois com algumas palavras de saudação. Houve pancadas no chão, num dos pilares, e no centro da mesa. Walter assobiou uma vez, dentro do gabinete. E foi tudo.

A atmosfera no Colégio seria muito mais recetiva do que na casa de Geley, e muitas pessoas aplicariam uma palavra mais forte, como "crédula", nesta ligação. É uma evidência conspícua de boa fé que uma performance pior tenha sido dada aqui do que lá. Mas encontraremos o caso cheio de evidência desse tipo particular; o sucesso da sessão raramente se verifica ser uma função das coisas que seriam o factóide controlador se a mediunidade fosse fraudulenta.

Em algum momento do dia seguinte, Margery e F. H. sentaram-se com a Sra. Cooper no Colégio. Houve fenómenos físicos de alguma nota, mas estes eram aspetos da mediunidade da Sra. Cooper e não da de Margery, pelo que não os descrevo. Mas o controlador da Sra. Cooper, Nalda, aparecendo prontamente, saudou os visitantes e continuou: "E ali está o Walter; e isso é um teste."

Como tal, foi inadequado, receio, pois cinco pessoas ligadas ao Colégio tinham-se sentado com Margery e encontrado Walter no dia anterior. Mas Nalda continuou: "E aqui está o John; e isso é um teste. E aqui está o pequeno Mark; e isso é um teste." F. H. insiste que os nomes de John e Mark não tinham sido mencionados e eram totalmente desconhecidos no Colégio. Se isso acontecesse hoje, estaria aberto à crítica de que muito conhecimento específico do caso foi publicado e de outras formas se tornou propriedade geral.

Mas em dezembro de 1923, este não era o caso; e se posso pedir ao leitor que assuma a boa fé de Margery e F. H., considero praticamente certo que, pelo menos, esta indicação dos nomes dos rapazes Richardson foi uma criptestesia genuína. A junção do adjetivo habitual "pequeno" com o nome de Mark, Jr., foi especialmente boa — a probabilidade de ser conhecido em Inglaterra é ainda menor do que no caso dos meros nomes.

O maior triunfo europeu de Margery veio em 16 de Dezembro, quando se sentou às 20h00 nas salas da British Society for Psychical Research, em Tavistock Square. Os presentes incluíam o Sr. Eric Dingwall, investigador da Sociedade, e a Sra. Dingwall; o Sr. Fielding, o prestidigitador e investigador psíquico; Lady Barrett; três outros cavalheiros e uma outra senhora. O gabinete consistia no canto da sala, isolado por cortinas. A sessão foi realizada com boa luz vermelha desde o início. Dingwall sentou-se à esquerda da psíquica, controlando essa mão e ambos os seus pés; F. H. segurava a sua mão direita à vista de todos os participantes.

A mesa usada foi a famosa mesa armadilhada do Sr. Harry Price, o mágico. Tem cerca de trinta polegadas quadradas, com uma armadilha articulada no centro e uma prateleira a meio das pernas. Esta prateleira está presa de tal forma que qualquer pressão na sua parte inferior a deslocará infalivelmente com um grande estrondo de chapa de ferro. O espaço entre a prateleira e o tampo da mesa é bloqueado com rede mosquiteira. A superfície inferior do tampo da mesa está inteiramente dentro desta rede.

Com todas as mãos sobre a mesa, incluindo as unidas em controlo, Walter passou quase imediatamente e disse "Boa tarde" em todos os lados da mesa, com as habituais cinco inclinações. Levitou então a mesa seis vezes separadamente, de duas a oito polegadas acima do chão de cada vez, em excelente luz vermelha. Por sugestão de Dingwall, uma luz branca foi então acesa, e nesta a mesa foi duas vezes levitada a uma altura de seis polegadas. Isto era algo nunca antes visto por qualquer dos presentes, e causou uma prodigiosa impressão. A sessão encerrou após alguma voz de Walter. O testemunho de Dingwall contém uma ressalva contra a publicação, mas é-me permitido dizer que especifica que havia luz suficiente apenas da lâmpada vermelha para permitir ler o relógio; e que todas as mãos estavam visíveis, levantadas acima da mesa, enquanto esta levitava. Dingwall ficou suficientemente impressionado para fazer uma viagem à América com o único propósito de ver mais do caso; chegou em Dezembro de 1924, e está aqui enquanto este volume vai para a imprensa.

Seguiu-se outra sessão, na noite deste dia, no British College. Os McKenzie estavam presentes, com duas outras senhoras e um outro

cavalheiro. Os arranjos eram como antes no Colégio, exceto que desta vez foi usada uma mesa de doze libras. Walter manteve esta a dançar continuamente ao som da música, e finalmente levitou-a quatro a oito polegadas, com luz branca total, repetindo a performance várias vezes. Enquanto isto acontecia, McKenzie controlava as pernas da psíquica; e as suas mãos eram seguradas nas dele, fora da mesa. Todos os presentes declararam que esta foi a melhor levitação das suas respetivas experiências.

A sessão final europeia de Margery foi dada em 17 de Dezembro, no apartamento de Sir Arthur Conan Doyle, do outro lado da Estação Victoria. O gabinete consistia num biombo de três painéis, com um tapete por cima a descer cerca de dois pés na frente. A mesa era quadrada, com cerca de dez libras. Não havia música.

Sem qualquer luz, exceto a que se infiltrava acidentalmente do exterior, Walter veio rapidamente, inclinando a mesa em saudação. Depois fez uma levitação muito alta; ao que F. H. voltou ao tema da luz branca, acendendo-a sem consultar Walter. Todas as mãos estavam visíveis na sua totalidade em cima da mesa, e obteve-se levitação contínua de quatro a oito polegadas. Os pés de Margery estavam no colo de Sir Arthur, os de F. H. em contacto com os de Lady Doyle no chão.

Restaurada a escuridão, Walter passou vocalmente, assobiando no gabinete. Depois assobiou no ouvido de Sir Arthur, em reconhecimento da sua surdez; após o que assobiou atrás de Lady Doyle. Em seguida, abanou o gabinete e deixou cair o tapete sobre a cabeça da psíquica.

À esquerda de F. H. havia uma prateleira, sobre a qual estava um molho de flores secas, deitadas. Durante cerca de dez minutos, durante outros fenómenos, houve perturbação contínua destas. No final, quando a luz total foi restaurada, uma flor deste molho foi encontrada no chão, aos pés de Lady Doyle. O círculo não tinha sido quebrado em momento algum.

As próprias sessões de Margery, dadas como descrito, não esgotaram as suas experiências europeias. Em todas as oportunidades em Inglaterra, ela e F. H. sentaram-se com os fotógrafos psíquicos britânicos, Hope e a Sra. Deane. Todas as chapas expostas na presença de Margery mostraram, senão rostos extra, então boas quantidades de

marcas estranhas sem forma, do tipo geralmente reconhecido pelos Espíritas como ectoplasmáticas. Isto foi tomado como uma forte verificação dos poderes de Margery, uma vez que com a generalidade dos participantes, cerca de uma em cada sete é a proporção das chapas expostas por estes dois médiuns fotográficos que mostra resultados.

A primeira experiência deste tipo foi em 12 de Dezembro, com a Sra. Deane, no Stead Psychic Center. F. H. relata: "Sem conversa introdutória de significado entre nós, vi a Sra. Deane tirar duas chapas do seu próprio pacote de chapas de tamanho quarto, especiais rápidas, no seu quarto escuro, e colocá-las no seu suporte de chapas obviamente vazio. Examinei a câmara, entreguei-lhe o suporte, e vi-a colocá-lo na câmara. Focou primeiro em Margery, depois em mim. Foi feita uma exposição de cada um de nós; depois fomos com ela para o quarto escuro e vimos as chapas ser reveladas; tendo eu, quando as chapas foram primeiro colocadas no suporte, escrito a hora e a data em cada uma."

A chapa exposta a F. H. mostrou, ao ser revelada, dois extras: um rosto completo de um jovem de boa aparência, e outra meio rosto. Nenhum foi reconhecido.

A chapa exposta à própria Margery mostrou também, ao ser revelada, dois rostos extra. O rapaz de tez morena permanece não identificado. O rosto loiro Margery recusou-se a comprometer-se no momento; insistiu em dormir sobre ele. Quanto mais o olhava, mais certa ficava; e ao regressar à América com ele e mostrá-lo à sua mãe e irmã sem declarar a sua própria opinião, elas concordaram com ela que não é menos do que um excelente retrato de Walter. Além da proposição geral de que é uma boa semelhança, três detalhes pertinentes são avançados.

O cabelo, repartido à esquerda e puxado para trás e para cima numa mata, é afirmado como característico. Walter partilhava com Margery um traço familiar consistindo num ligeiro torcer da boca para a esquerda, com correspondente ausência de simetria no queixo; a imagem psíquica mostra isto admiravelmente. Mais significativo do que qualquer um dos itens é um que só se mostra com uma lupa. Walter tinha uma cicatriz na sobrancelha esquerda, onde tinha sido chutado por um cavalo; e com um pequeno aumento, o rosto extra mostra isto.

Penso que podemos rir da ideia de que esta é uma imagem normal de Walter obtida de qualquer forma pela Sra. Deane; e a crítica deve então pendurar-se sobre a alegação de que a semelhança com Walter é acidental ou coincidente. Não gostaria de ser interpretado como dizendo que Walter, desencarnado, estava presente quando a exposição foi feita. Existem outras explicações para a fotografia psíquica e, no meu julgamento, são igualmente plausíveis. Mas que esta é uma fotografia psíquica genuína parece-me razoavelmente provável.

14 de dezembro viu uma peregrinação apressada a Crewe, para uma sessão fotográfica com William Hope. F. H. tinha lido o meu relato da minha sessão com Hope, e fez religiosamente tudo o que eu fiz, com o acréscimo de mais uma ou duas coisas que a sua própria experiência como fotógrafo amador lhe sugeriu. Não aborrecerei o leitor com uma declaração detalhada destas precauções; são suficientemente conhecidas, ou se não, suficientemente acessíveis. Das duas chapas expostas, uma mostrou um extra. Não foi reconhecido por Margery; mas quando ela o mostrou à sua mãe, a Sra. S. ficou tão afetada que "lhe atingiu o estômago" e a deixou doente. Reclamou-o imediatamente como o pai de Margery, numa idade anterior a Margery o conhecer. O estudo do rosto mostra muitos pontos de semelhança com imagens existentes do Sr. S.

Na manhã seguinte, foram feitas mais quatro exposições, por Hope e pela Sra. Buxton como sempre, mas na casa da Sra. Buxton. Destas, duas mostraram extras. Um deles, um jovem sobre a cabeça de F. H., é totalmente não identificado. Outro, para citar a sua declaração, "pode ser a minha avó.

O cabelo é repartido da mesma forma, há linhas profundas em cada extremidade da boca, e há uma sobrancelha esquerda direita, tudo característico dela. A imagem é a de uma mulher de cerca de cinquenta anos; a minha avó morreu aos oitenta e cinco." Este não precisamos de o levar a sério, a menos que as nossas emoções nos movam a fazê-lo.

Ao regressar a Londres, obteve-se outra sessão com a Sra. Deane. Foi feita uma exposição, mas estragada quando a Sra. Deane confundiu a chapa com o ecrã de vidro, "revelando" este último e deixando a primeira exposta à luz. Isto, aliás, parece ser uma

demonstração tão válida da habilidade fotográfica da senhora, e um comentário tão válido sobre as probabilidades de ela se safar com qualquer fraude na presença de participantes razoavelmente perspicazes, quanto se poderia oferecer; embora, naturalmente, o seu uso insistente das suas próprias chapas deixe amplamente aberta a possibilidade de fraude fora da presença dos participantes.

Pode-se, de facto, apoiar o seu trabalho apenas insistindo na semelhança fotográfica dos rostos extra. Uma segunda exposição foi feita na presente ocasião, e devidamente manipulada no quarto escuro; trazia um extra, não reconhecido.

Qualquer coisa na natureza de uma conclusão sumária sobre estas experiências europeias que eu pudesse dizer, já o disse no início deste capítulo. Por isso, apenas reitero que a sua importância em estabelecer uma presunção de genuinidade é enorme; e que a mediunidade Margery regressou a casa aos gritos por um exame científico. Veremos como, finalmente, o obteve, como se saiu nas mãos dos investigadores — e como os investigadores se saíram nas mãos de Walter.

PARTE III
OS DESENVOLVIMENTOS ESPONTÂNEOS DO INÍCIO DE 1924

CAPÍTULO XX
UM LONGO SUSPIRO E UM NOVO COMEÇO

Após o regresso do estrangeiro, a rotina de sessões de Margery em sua casa foi retomada. Os fenómenos antigos continuaram em formas antigas e novas, e novos fenómenos foram desenvolvidos. Mas muitas novas ideias e novos procedimentos foram trazidos de casa do contacto com o espiritualismo britânico, e outros cresceram espontaneamente em Boston; de modo que a mediunidade entra agora numa fase decididamente nova. A divisão feita nestas páginas não é arbitrária; corresponde aos factos.

F. H. trouxe para casa a convicção de que o grupo ABC tinha experimentado todos os fenómenos padrão da sala de sessões, com exceção da materialização. Sentiu que tinha havido sugestões disso, mas apenas sugestões; que nesta direção residia o espaço para progresso. Ao mesmo tempo, não desejava regressar à técnica do transe; e, sem transe, a sua única esperança de materialização numa escala que valesse a pena residia na escuridão. Após alguma incerteza e hesitação preliminares, portanto, a rotina da Rua Lime estabeleceu-se numa de escuridão contínua em todas as sessões.

Se isto foi de certas formas infeliz do ponto de vista do investigador, tinha pelo menos uma vantagem compensatória. As hesitações preliminares foram superadas em poucas sessões, e um dos princípios rigorosos estabelecidos pelo processo de tentativa e erro foi a necessidade permanente de um círculo. A partir de meados de janeiro, pode-se ter a certeza de que as duas mãos de Margery eram seguradas de ambos os lados, e que este controlador prevalecia, ou pelo menos se acreditava que prevalecia, durante toda a sessão. Embora instituído meramente como um meio de provocar a ocorrência de fenómenos, será considerado pelo observador distanciado como um valioso meio de verificação e um longo passo na direção certa.

A partir de agora, a hipótese de uso fraudulento das mãos de Margery envolve definitivamente negligência ou conivência real por parte dos seus vizinhos no círculo. Além disso, uma vez que o círculo era mantido em toda a volta da mesa, a hipótese de cumplicidade ativa envolve dois participantes em conivência ou negligência ou ambas.

Durante três meses da nova época, ainda não é geralmente possível atribuir responsabilidade específica pelo controlo. O círculo estava, nas mentes dos participantes, como uma medida de rotina espírita e não como uma de controlo. Catalogavam sempre os que estavam no círculo e os que estavam fora, na esperança de aprender o pessoal mais favorável para o círculo; mas não lhes tinha ocorrido que fosse necessário especificar a ordem de assento. Este instrumento de precisão foi introduzido apenas quando comecei a sentar-me frequentemente, em abril. Mas encontramos, a partir de janeiro, menção ocasional da identidade dos dois participantes ao lado de Margery, em ligação com o seu testemunho explícito de controlo manual contínuo durante algum intervalo crítico.

Durante 1923, não era habitual que certos participantes tivessem lugares fixos, exceto que Cross, um pouco tímido em relação a um contacto demasiado próximo com o supranormal, queria sempre estar em frente a Margery, o mais longe possível de Walter sem sair da mesa. Após o Ano Novo, tornou-se habitual Caldwell sentar-se a um lado de Margery quando estava presente. Quando Caldwell estava ausente, Brown ocupava frequentemente o seu lugar; quando Caldwell estava presente, Brown ou F. H. sentava-se geralmente do outro lado de Margery. Com Richardson presente, Brown ou outro cedia em seu favor o privilégio de segurar a mão da psíquica. Eventualmente, no entanto, F. H. reservou especificamente e expressamente para si um destes dois postos críticos.

Isto, naturalmente, para um recém-chegado à sala de sessões parecia motivo para suspeita. Mas F. H. considerava-se, e com razão, como o principal investigador do grupo amigo; portanto, como aquele que deveria, e que mais vantajosamente poderia, ocupar o lugar de contacto mais próximo com os fenómenos. Isto é exatamente paralelo ao acordo tácito segundo o qual, quando eu estava presente, na ausência de qualquer outro investigador a quem desejasse deferência, eu ficava com o lugar do outro lado de Margery.

Através da sua ocupação desta posição e do seu estatuto de cunhado do controlador, cresceu uma relação entre F. H. e a voz de Walter sob a qual havia muitas observações pessoais de natureza semiprivada dirigidas a ele pelo controlador, geralmente censurando-o pelas suas longas horas de trabalho e tentando persuadi-lo a aliviar-se. Uma vez que a maioria das observações sussurradas de Walter têm de ser repetidas pela pessoa mais próxima do gabinete, para benefício dos mais afastados, era uma questão de economia colocar o destinatário do maior número dos seus comentários na posição de maior audibilidade. Além disso, em ocasiões havia dúvida sobre a propriedade de transmitir o que Walter estava a dizer, e F. H. preferia atuar como censor em vez de delegar o dever. Depois de todas estas considerações lhe terem dado um lugar ao lado da psíquica durante um certo período, ele tinha-se tornado mais hábil do que qualquer outro participante em captar as palavras de Walter quando estas eram indistintas; por isso tornou-se vantajoso ter o seu ouvido em vez de outro no lugar junto à voz de Walter.

E, finalmente, confessou um elemento de egoísmo na sua ocupação permanente da cadeira à direita de Margery. Os participantes ABC, naturalmente, e amigos como os Richardson, nunca tiveram qualquer inclinação para questionar esta permanência; os de fora, igualmente como é natural, estiveram inclinados a questioná-la.

O advento da escuridão permanente teve um resultado de longo alcance. O aspeto vocal da mediunidade tornou-se cada vez mais marcado, e rapidamente tornou supérfluo o uso da mesa para o contacto preliminar entre Walter e os participantes. A mesa foi empregue, com as mãos sobre ela, para anunciar a vinda de Walter em 30 e 31 de dezembro de 1923, e 1 de Janeiro de 1924; e só depois de a sua presença estar assim assegurada é que o círculo era formado e a luz apagada. Na noite de Ano Novo, a inclinação e a levitação, com as mãos na mesa, assumiram a dignidade de um episódio formal da sessão. A Sra. Cadwaiader, editora do Progressive Thinker, semanário espírita, nunca tinha visto uma mesa comportar-se exatamente desta forma, disse ela.

Em 3 de Janeiro de 1924, a mesa respondeu ligeiramente ao contacto, mas não houve verdadeira saudação até o círculo ser formado, quando veio, tanto através da mesa como vocalmente. No dia dez, com luz vermelha, com as mãos na mesa, esta dançou ao som da música, saudou um novo participante avançando na sua direção, e "riu" da maneira habitual das piadas dos participantes. No dia treze, foi empregue como meio de saudação; no dia dezassete, moveu-se algumas vezes sem contacto das mãos. Mas a substituição da conversa da mesa pela fala vocal tinha nesta data atingido um estágio em que Walter fez o censo da sua "turma" vocalmente. No dia dezoito, também, houve comunicação vocal, com a maior liberdade e sem quaisquer preliminares com a mesa.

A partir desta data, salvo em raras ocasiões e sob circunstâncias excecionais, Walter fez toda a sua conversa por palavra oral e toda a sua saudação por assobio, riso, fala, ou algum outro meio que não envolvia o uso da mesa. Esta deixou de ser um instrumento de comunicação e recuou para uma posição bastante discreta entre o aparato físico comum da sessão. E, também, a partir desta data, a voz tornou-se tão completamente padronizada como uma característica das

sessões que parece já não ser necessário ou mesmo desejável catalogá-la por datas.

A sua ausência tornou-se muito mais motivo para comentário do que a sua presença; a partir de agora pode ser assumido, a menos que especificamente negado, que sempre que o círculo se sentou e ouviu Walter, ele falou com eles — geralmente no escuro, claro, mas de vez em quando com luz. Pois mesmo que o princípio geral de se sentar em escuridão constante tivesse prevalecido por enquanto, houve necessariamente momentos em que a luz estava presente para fins de experiência, exploração, ou rearranjo por mãos humanas das propriedades da sala de sessões.

Durante cerca de quatro meses, o pessoal dos participantes não foi materialmente alterado. O grupo ABC continuou a ser os regulares, estando Caldwell ausente com mais frequência do que todos os outros juntos. Os Richardson eram participantes frequentes; outros velhos amigos vinham quando podiam, e novos apareciam de tempos a tempos. Apresentarei aqui apenas a Sra. S., mãe de Margery e Walter; e "Charlie" Ekland, antigo imediato do iate de F. H., que vem de Bridgeport sempre que pode, apenas para assistir a uma sessão, ou no máximo duas. McDougall vinha de vez em quando, tal como Roback.

Em abril, tudo isto mudou, e tenho de voltar para retomar outro fio. No verão de 1922, em grande parte por minha influência, a Scientific American decidiu, como questão de política, que a ciência da investigação psíquica era uma que se enquadrava no seu campo, e que teria de cobrir. Convidámos contribuições neste campo, e obtivemos e publicámos várias. Algumas eram daqueles que assumiam que os fenómenos ocorrem; outras daqueles que assumiam que não ocorrem. A maioria eram declarações bastante extremas; e tornou-se claro que o problema de obter contribuições sobre matérias psíquicas que pudessem ser reconhecidas como autoritárias não estava resolvido.

O nosso Editor-Gerente na época era o Sr. A. C. Lescarboura, bem conhecido como um dos antigos amadores de rádio originais, nos dias em que os amadores de rádio estavam a fazer verdadeira pioneirismo, e cujo nome também ocupa um lugar proeminente no campo elétrico geral, na literatura do cinema, e no mundo da escrita de revistas.

Ele e eu elaborámos um plano pelo qual a Scientific American seria capaz de manter o seu interesse na ciência psíquica, publicando material que teria de ser aceite como autoritário porque seria o resultado das nossas próprias investigações em primeira mão. Adotámos o ponto de vista, exposto anteriormente neste volume, de que a questão premente girava em torno da realidade dos fenómenos objetivos. O nosso plano envolvia um esforço definido para fazer uma contribuição de importância aqui. Formámos um comité de cinco pessoas proeminentes, todos interessados em coisas psíquicas; e propusemo-nos a pagar $2.500 pela primeira demonstração de um fenómeno psíquico objetivo que satisfizesse quatro dos cinco ao ponto de estarem dispostos a ter os seus nomes ligados a tal prémio. O anúncio desta oferta foi feito na Scientific American de janeiro de 1923; e permaneceria aberto até 31 de Dezembro de 1924.

Dos cavalheiros que consentiram em servir neste comité, o Professor McDougall era um. Quanto aos outros quatro, não posso fazer melhor do que dar os breves parágrafos através dos quais os apresentámos aos leitores da Scientific American.

O Dr. Daniel Frost Comstock tinha nessa data recentemente se reformado do corpo docente de física do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, com o qual estava ligado desde 1906, para dedicar todo o seu tempo à sua prática comercial e ao desenvolvimento do seu laboratório e das suas invenções. Era membro do Conselho Científico Consultivo da Sociedade para a Investigação Psíquica até este corpo se dissolver.

O Dr. Walter Franklin Prince, educado para o ministério e pastor de numerosas igrejas, gravitou, através do trabalho psicoterapêutico empreendido na St. Mark's-in-the-Bouwerie, Nova Iorque, para a investigação psíquica. Era então Diretor Principal de Investigação da Sociedade Americana para a Investigação Psíquica, encarregado da sua sede permanente e do seu trabalho científico e de investigação.

O Dr. Hereward Carrington é amplamente conhecido pelas suas investigações psíquicas, e pelos seus muitos livros técnicos e semipopulares neste campo. Foi um do comité que tão exaustivamente investigou a mediunidade de Palladino; e em mais de uma ocasião visitou a Europa como representante mais ou menos formal da investigação psíquica americana.

"Houdini é tão bem conhecido em ligação com as suas especialidades de fuga que alguns de nós podem ter negligenciado a sua posição como mestre dos lados mais convencionais da profissão de mágico. Ao mesmo tempo, está profundamente interessado em fenómenos psíquicos. Tem vasta experiência na deteção de mediunidade fraudulenta." Uso aspas aqui, porque se estivesse a escrever estes anúncios hoje, este é aquele que reveria.

Uma vez que estes cinco cavalheiros se estavam a voluntariar por interesse no assunto, considerámos necessário fornecer-lhes talento executivo. Fui assim designado Secretário do Comité. Na verdade, eu iria desempenhar todas as funções de um presidente, mas ostentava o título menor para enfatizar o facto de que não era membro votante, e para evitar tanto quanto possível a implicação de qualquer ligação orgânica entre o comité e a Scientific American. Lamento ter de registar do público em geral que no final ele foi incapaz de manter esta distinção em mente; e, dos membros do comité, que a nossa tentativa de lhes mostrar consideração não obteve a sua apreciação unânime e final.

Até ao grande clímax que cai no Capítulo L, fui oficial executivo deste comité, conduzindo toda a correspondência com os candidatos, fazendo todos os arranjos para sessões, providenciando o local e o aparato para as sessões, designando membros individuais para servir em subcomités para a consideração de casos particulares, e redigindo os resultados das sessões para publicação na Scientific American.

Desde o início, houve grande timidez entre os médiuns. Assumimos que isto se devia ao desejo de cada médium de deixar outro dar o primeiro passo; inferimos que quando um deles o fizesse, outros se seguiriam. Ficámos desapontados. Depois de o comité ter existido durante catorze meses, tinha-se sentado com apenas três candidatos e tinha dispensado um outro sem sessão. O veredito em cada caso foi fraude, consciente ou não. Mas nenhum médium de reputação geral ou de qualquer grande presunção de genuinidade tinha aparecido perante o Comité.

Por isso, fizemos um gesto. Para o nosso número de Abril (1924), preparei um artigo detalhando o caráter insatisfatório das respostas que tínhamos obtido, o caráter medíocre dos médiuns com quem nos tínhamos sentado, a nossa própria deceção tendo em vista as nossas

expectativas originais, etc.; tudo culminando numa oferta alargada, comprometendo-nos a pagar as despesas de qualquer médium de alto nível que se apresentasse, independentemente de ganhar o nosso prémio ou não; e apontando em linguagem clara a conclusão desfavorável que o não-espírita médio formaria se nenhum deles aparecesse.

As objeções à composição do nosso comité, que hoje considero terem sido bem fundamentadas, tinham sido as razões avançadas por vários médiuns proeminentes para a sua não participação; e estas razões continuaram a prevalecer. Não obtivemos resposta à oferta alargada de qualquer médium de nota. Mas eu tinha estado em correspondência com F. H. desde a minha visita de novembro; e depois de o artigo de Abril ter sido publicado durante várias semanas, recebi uma carta dele, expressando a sua e a sua esposa a disponibilidade para ela aparecer perante o nosso comité, sujeito a certas cláusulas.

Uma dessas cláusulas era que as sessões, pelo menos nas fases preliminares, deveriam ser realizadas em Boston, em reconhecimento dos compromissos profissionais do Doutor; e em justa troca por esta concessão, F. H. propôs-se a renunciar à nossa oferta de pagar as despesas do médium, e a pagar ele próprio quaisquer despesas incorridas ao enviar-me a mim e aos meus membros do comité de Nova Iorque para Boston. Isto foi acordado. Outra condição era que, enquanto pudéssemos fazê-lo devidamente, ocultássemos a identidade da senhora; e nesta ligação inventei os nomes para ele e para ela que estou a usar neste volume.

Agindo em nome da Scientific American e do comité, fiz todos os arranjos com Margery e F. H. Era certo que esta era a única mediunidade do mais ligeiro valor aparente que viria perante o nosso comité, e sentiu-se que poderíamos, portanto, dar-nos ao luxo de não ter pressa com ela. A médium e os seus amigos sentiram que o procedimento, seguido nos nossos casos anteriores, de atirar a psíquica sem preparação para sessões de teste sérias, com a sua atmosfera de desconhecimento e aparente suspeição, era muito pouco sábio.

Nós, por nossa parte, estávamos dispostos a tentar o que uma abordagem mais gradual traria. Concordámos, portanto, em importar

novos participantes, novos testes, novos procedimentos e novas condições muito lentamente, deixando a psíquica trabalhar gradualmente para fora da atmosfera familiar para a dos testes finais. Como exemplo desta abordagem fácil para os testes finais, menciono apenas que passaram muitas semanas antes de pedirmos a Margery para se sentar noutro local que não a sua própria sala de sessões na Rua Lime, ou tentarmos a exclusão dos seus participantes habituais. Fizemos um esforço determinado para escapar à crítica que tem sido feita à maioria dos organismos de investigação, de tentar avançar demasiado rápido e com pouca simpatia para um clímax.

A sessão de 12 de Abril, com a presença de McDougall e de mim próprio, foi a primeira dada especificamente para membros do nosso comité como tal. Após esta, o programa era deixar o caso a cargo de McDougall e Comstock, trabalhando como subcomité, que compareceriam, um ou ambos, sempre que pudessem, e ver até onde poderiam chegar em direção a conclusões. McDougall associou Roback a si, como adjunto não votante do comité; e Comstock traria membros da sua própria equipa conforme achasse adequado.

A Srta. Gladys Wood, sua secretária particular, foi utilizada várias vezes desta forma; e mais tarde ele designou o Sr. R. W. Conant, um dos seus homens de laboratório, para o caso. Conant esteve frequentemente presente como representante de Comstock quando Comstock não podia comparecer. Estou fortemente inclinado a reconhecer aqui o muito grande valor dos serviços de Conant. A maior parte do aparato usado na sala de sessões de Margery, tanto para Walter brincar como para o comité trabalhar, veio do laboratório de Comstock. Quando não era algo que pudesse ser comprado em forma acabada, como o ditafone, foi geralmente construído por Conant. E os seus serviços como fotógrafo, só por si, têm sido inestimáveis.

Começando então no final de Abril, os membros do comité da Scientific American, eu próprio, Conant e outros adjuntos, começaram a ser participantes frequentes, de modo que por longos períodos de cada vez nenhuma sessão estaria livre da presença de um ou mais de nós. Se estivesse a contar a história do trabalho do comité com o caso, tudo isto não levaria a confusão. Mas estou a contar a história da mediunidade Margery, na qual a investigação da Scientific American

é apenas o mais prolongado de numerosos incidentes. A presença do comité e do aparato que trouxeram para a sala de sessões levou a muitos tipos inteiramente novos de fenómenos, dos quais não preciso de dizer nada até ter trazido a minha narrativa até maio.

Mas, por outro lado, muitos dos fenómenos antigos persistiram até e através do período do exame do caso pelo comité. Portanto, achei necessário explicar o comité aqui, um pouco mais cedo do que estava realmente pronto para o fazer; mas o próximo capítulo deve conter referências aos seus participantes, pelo que não houve outra saída. Os próximos capítulos serão, de facto, um complexo de sessões formais e informais, de procedimentos amigáveis e científicos, de participantes ABC e de investigadores da Scientific American. E isto continuará até chegar a um ponto em que, por algum tempo, a investigação absorve toda a mediunidade.

Certas mudanças nos costumes da sala de sessões, que foram instituídas como resultado da consideração da Scientific American sobre o caso, podem ser convenientemente tratadas aqui. A ligação entre a psíquica e o seu marido, seja o que for que se acredite sobre eles, torna-se uma questão de grave preocupação se tentarmos convencer leitores que nunca viram a casa ou os participantes de que os fenómenos são válidos.

Por isso, como alternativa a tentar separá-los, encontrámos a maneira mais fácil de colocar um adjunto do comité no espaço atrás deles, para verificar a continuidade do seu aperto de mãos; e este dever recaiu sobre mim quando estava presente. Achei muito simples — há uma variedade de posições que posso obter nas suas duas mãos, de tal carácter que torna absolutamente certo que estas mãos permanecem comigo. O desenvolvimento desta técnica ocupou-me cerca de quinze minutos no início de uma sessão; depois disso, estava definido na minha mente o que precisava de fazer quando estivesse neste posto.

Houve algum uso, antes de os nossos investigadores assumirem o caso, da tinta luminosa de sulfureto de zinco de Geley como meio de marcar objetos que se pudesse desejar localizar no escuro. Esta tinta, após aplicação, tem de ser "ativada" por exposição próxima a uma luz moderadamente brilhante, após o que brilha durante uma hora ou mais, conforme a intensidade da ativação. Os nossos investigadores

encorajaram o seu uso quando era necessário que se sentassem no escuro, e encontrar-se-ão referências frequentes a ela. Mas na sua presença houve muito mais luz vermelha do que desde o outono anterior.

O compromisso de F. H. de pagar despesas quando eu e outros vínhamos de Nova Iorque incluía, por propriedade, a manutenção em Boston. Ele estava ansioso, como marca de amizade, como economia, e como meio de nos dar um contacto mais próximo com o caso, que ficássemos na casa da Rua Lime. Eu sempre o fiz, levando a Sra. Bird comigo duas vezes; Carrington fê-lo; Lescarboura fê-lo quando foi comigo, e Keating (ver página 182) quando foi com Carrington. Houdini e Prince preferiram ficar num hotel. Mas entre a minha presença na casa por um total de cinquenta e sete dias e noites em oito ocasiões diferentes antes do colapso de Agosto e quatro ocasiões desde então; a de Sra. Bird por doze dias e noites, dos quais dez consecutivos; a de Carrington por quarenta e quatro dias e noites em seis ocasiões; e a de Keating por dez dias consecutivamente — entre tudo isto, ganhámos um grau de confiança na inocência dos arranjos domésticos, um grau de perceção da vida quotidiana de Margery, uma familiaridade profunda com todos os tipos de ângulos, que não seria obtida de outra forma.

A Sra. Bird, em particular, entrou em contacto muito íntimo com toda a rotina diária de Margery; e outro fator significativo que devo mencionar foi que Conant tinha acesso absolutamente livre à casa em todos os momentos. Uma coisa é examinar as instalações da fraude depois de terem sido preparadas para o exame; seria bastante outra ter investigadores habilidosos a viver nestas instalações, e com probabilidade de aparecerem no lugar errado a qualquer momento.

Houve desvantagens neste contacto próximo com o caso. Se quiséssemos falar em privado, tínhamos de fugir; mas tínhamos sempre o meu carro para esse fim — há um sulco profundo no mapa entre Westfield, N. J., e Boston, desgastado pelas minhas numerosas passagens de 1924 sobre esta rota! E, em geral, as vantagens superaram em muito as desvantagens. Em particular, uma desvantagem que o leitor possa imaginar não existia.

Carrington e eu tínhamos deixado claro a F. H. e Margery, logo no início, que os nossos papéis como hóspedes e como investigadores

não deviam ser de forma alguma confundidos ou permitidos a interferir, quer com a nossa livre ação no outro. Isto foi totalmente compreendido; tínhamos toda a liberdade para fazer hipóteses de trabalho de fraude, para testá-las — nas palavras de F. H., "apanhá-la se puderem."

Os membros do meu comité estavam numa posição peculiar. Eram obrigados a começar de novo; a ignorar tudo o que tinha acontecido antes, e tudo o que viria depois, exceto o que passasse sob a sua observação e controlo imediatos. Estavam ligados uns aos outros, mas a mais ninguém. O leitor deve perceber isto; mas deve também perceber que não está igualmente vinculado, e que tem o privilégio de ponderar o que vem de fontes comité extra. Escrevendo numa altura em que rompi os meus laços com o comité, eu também estou agora autorizado a avaliar os outros participantes; a decidir quais posso creditar e em que medida.

O Dr. Richardson é um homem cuja posição na sua profissão e na ciência geral é razoavelmente comparável com a de Comstock e McDougall nas suas. O seu trabalho científico identifica-o como um observador capaz e consciencioso; o que vi dele na sala de sessões indica que ele traz estes traços consigo. O mesmo pode ser dito do Dr. Goodall, e de Murray, o advogado. Se reservarmos que ainda não atingiram a eminência profissional dos outros, o mesmo pode ser dito de Brown, o médico, e Caldwell, o dentista. Vou insistir que as declarações de fenómenos observados e controlo exercido por estes cinco recebam igual crédito com declarações semelhantes feitas por membros do Comité da Scientific American.

No que diz respeito a fenómenos observados e relatados, posso honestamente fazer, e faço, a mesma exigência em nome do próprio F. H. A sua posição profissional e as minhas observações muito cuidadosas convencem-me de que quando ele põe no papel a afirmação de que uma certa coisa aconteceu, essa coisa aconteceu. No que diz respeito ao seu controlo, a sua relação com a médium introduz um princípio geral de dúvida, que, em princípios gerais, poderia correr em duas direções. O crítico de fora perguntar-se-á se ele realmente quer controlá-la; e também perguntar-se-á se a sua confiança natural nela não o torna, involuntariamente, um pouco menos consciencioso no seu controlo consistente e persistente do que se ela fosse esposa de

outro homem. As minhas próprias observações fazem-me disposto a rir da primeira sugestão para fora do tribunal; mas obrigam-me, com pesar, a dar à última um endosso parcial. Nestas observações e nesta reserva, tenho comigo Carrington, Keating, McDougall e Prince.

As reservas não são abrangentes. Quando F. H. afirma que tinha controlo de certos membros de Margery num dado momento, acreditamos nele. É às suas alegações de controlo contínuo ao longo de um intervalo que nos vemos forçados a fazer exceção. Encontramo-lo a registar ou alegar controlo contínuo, sem reservas, quando o registo afirma ou implica, ou sabemos ou podemos fortemente supor, que ele deixou o seu lugar para ajustar o vitrola ou atender o telefone.

Encontramo-lo a fazer a mesma afirmação, sem reservas, quando sabemos que ele libertou a mão de Margery, para lhe permitir coçar-se ou para algum outro propósito legítimo, mas quando ele não fez nenhum anúncio deste facto e quando, portanto, não sabemos por quanto tempo ela esteve assim livre. Encontramo-lo a libertar a sua mão ou pé para permitir a sua transferência para o controlo de outro participante, igualmente sem anúncio, de modo que não há maneira de saber com certeza se esteve livre por mais tempo do que a transferência exigiria adequadamente.

Encontramo-lo a apagar a luz, no início de uma sessão ou após um período de iluminação, enquanto a sua mão ainda está fora de contacto com a dela; e sem fazer nenhum anúncio que termine o intervalo de incerteza resultante em relação ao controlo. E observamo-lo a cometer outras variedades do mesmo erro geral — violando noutros aspetos o princípio da continuidade do controlo.

Ora, a maior parte dos fenómenos que ocorrem nas sessões de Margery são tais que, para a sua produção fraudulenta pela sua mão ou pé, o membro sob suspeita teria de estar livre durante a ocorrência real do episódio questionado. Mas nas páginas 189, 286 e 381 — simplesmente para escolher três exemplos que me vêm à mente ao rever este capítulo depois de ter escrito os seguintes — encontrar-se-ão exemplos de fenómenos em que isto não é necessário; em que tudo o que é necessário é que um membro culpado tenha estado livre por um curto período, num momento anterior indeterminado, para o propósito de preparar o cenário.

O facto infeliz é que quando F. H. tem a responsabilidade exclusiva por qualquer elemento de controlo, deve-se perguntar se se pode construir qualquer teoria que coloque as manifestações observadas na segunda categoria; e se se pode construir tal teoria, deve-se considerar o fenómeno, neste caso particular pelo menos, como não provado e não provável.

Se algum leitor inferisse que esta falha é intencional por parte de F. H., eu igualaria a indignação de F. H. com a minha própria. Certamente não é intencional; é simplesmente uma função da sua confiança na sua esposa, mais a sua falha em perceber a existência da segunda classe de fenómenos, dependendo da continuidade absoluta do controlo para a sua validade. Os membros votantes do meu comité, embora observando cedo a sua fraqueza aqui, aparentemente procuravam escapar à hipótese de genuinidade em vez de se confinarem a esta hipótese, e por isso seguiram a política de não apontar o erro dos caminhos de F. H. e pedir que fosse corrigido. Enquanto a minha associação com eles durou, naturalmente tive de deferir a esta política. Desde que fui libertado desta necessidade, apontei a F. H. os factos destes três parágrafos; e houve uma melhoria decidida, embora ainda agora o hábito por vezes o governe.

O trabalho profissional de F. H. lida com emergências. Quando o seu telefone toca, tem de ser atendido, e por ele. Esta é uma razão pela qual permitimos que as sessões permanecessem na Rua Lime por tanto tempo. Com o comité a sentar-se, e comigo ou um substituto no controlo entre F. H. e Margery, a sua saída não envolvia quebra de controlo. Sem uma pessoa assim para se inserir no círculo no lugar de F. H., Margery por vezes pega na mão do próximo participante e por vezes fica solta até ele regressar. Exceto quando solicitado por Comstock, o registo nunca indica que medida foi tomada durante a sua ausência, e, de facto, apenas por acidente nos informa da sua partida.

A injeção do comité mudou a situação na questão dos registos. Comstock fazia sempre um "registo oficial do comité" quando estava presente. No início, experimentou várias formas de ditar a um estenógrafo, presente na sala escura ou no corredor mal iluminado. Finalmente estabeleceu uma rotina fixa em que permanecia fora do círculo e usava o ditafone. A ideia era que ele fornecesse cópias dos registos a todos os seus colegas e a F. H. Talvez metade deles

recebessem a sua atenção editorial e fossem assim entregues. A outra metade foi transcrita, mas a enorme pressão sobre o tempo de Comstock, seguida por uma grave lesão num acidente de automóvel, impediu-o de os editar, e enquanto escrevo em 2 de Janeiro de 1925, não foram entregues.

Sempre que eu estava presente, redigia um memorando do que tinha acontecido antes de ir para a cama, e a prática considerável nisto tornou-me bastante perito em reter a ação da sessão na mente tempo suficiente para o efeito. Geralmente, quando Carrington estava presente, ele e eu assinávamos este memorando e entregávamo-lo a F. H., que podia deixá-lo como o seu próprio registo privado, ou podia redigir um seu, independentemente.

O registo do ditafone, feito audivelmente na presença de todos, era considerado oficial e vinculativo. Qualquer um podia objetar ou acrescentar ao que Comstock dizia, e a ausência de tal comentário era tomada como aceitação. Para as sessões mais importantes, Comstock fazia questão de obter estes registos nas mãos de F. H., para que este pudesse garantir as assinaturas dos outros participantes enquanto a memória ainda estava fresca. O testemunho de Prince estava numa base diferente da dos seus colegas, como explicado no Capítulo L. Mas a partir de meados de Abril, como o material estatístico no final do volume mostrará, houve mais registos, e espero que melhores, do que antes. Na total ausência de participantes do comité, o que ainda era uma ocorrência bastante frequente, F. H. ou a Sra. Richardson faziam o registo, como antigamente.

A omissão de outros participantes da lista daqueles que proponho tomar como autoridades sérias significa, em todos os casos menos um, que a questão do seu crédito não surge com frequência suficiente para ser embaraçosa. A exceção é Adler. Para quem o conhece, Adler é uma pessoa de mente muito perspicaz — Carrington respeita mais os seus julgamentos do que os, creio, de qualquer outro participante não pertencente ao comité, e posso facilmente fazer-me sentir da mesma maneira em relação a ele. Mas não tenho a certeza até que ponto é justo para o leitor pedir-lhe que acredite que "Fred Adler, agente imobiliário," significa alguma coisa. Receio que se estivesse no seu lugar e você no meu, e você tentasse fazer-me aceitá-lo como um observador sério, eu registaria algum grau de protesto. Portanto,

depois de registar o meu próprio julgamento e o de Carrington, deixarei ao seu critério até onde seguir o nosso. O ponto é de considerável importância, porque qualquer pessoa que entre na casa e procure o cúmplice, inevitavelmente escolherá "Freddie" como a única pessoa que combina oportunidade suficiente com perspicácia suficiente para tornar a acusação outra coisa que não absurda à primeira vista.

Deve dizer-se um pouco sobre os arranjos gerais, e então teremos um caminho aberto para o clímax do caso. A sala de sessões foi construída como uma biblioteca, suplementar à de um andar inferior; e foi construída sem porta — simplesmente a porta aberta. Ao sentar, as cortinas que aqui pendiam eram frequentemente suplementadas por um sofá ou outra barreira mais tangível; e, eventualmente, tornou-se bastante habitual colocar Conant na porta para manter fora "o homem com o machado" — gíria da Rua Lime para o cúmplice hipotético.

McDougall ficou particularmente angustiado pela incapacidade de adotar a medida dramática habitual de se sentar atrás de portas trancadas. Eu próprio estou um pouco incerto até que ponto isto é uma precaução necessária (na presença de outras precauções com o mesmo objetivo, claro), e até que ponto é um mero gesto convencional.

Várias sessões muito bem-sucedidas no apartamento de Comstock foram realizadas atrás de portas trancadas; mas as portas que agora enfeitam a sala de sessões da Rua Lime, permitindo que seja trancada, foram concluídas apenas a tempo para a sessão de 31 de dezembro de 1924. Talvez o maior fator contribuinte para este atraso tenha sido as condições muito divertidas sob as quais (Capítulo L) o desejo de McDougall por uma porta foi primeiro tornado conhecido; é certo que, por esta ou por outras razões, a porta foi uma piada padrão da Rua Lime durante meses.

Nenhuma busca abrangente da sala foi jamais tentada, por excelente razão. Walter é muito caprichoso, e nunca se pode saber o que será oferecido esta noite. A sala é tão complicada, tão cheia de coisas, que a busca seria sem sentido a menos que se soubesse exatamente o que se estava a procurar, exatamente que fenómenos seriam produzidos. Se, desconsiderando isto, se tentasse uma busca minuciosa, que fosse pertinente a qualquer coisa que Walter pudesse

fazer, descobrir-se-ia que o seu repertório é tão variado que a busca consumiria toda a noite, e a sessão nunca seria alcançada.

Estas óbvias desvantagens de usar as próprias instalações do médium seriam compensadas pelo uso suficiente de outras salas antes de surgir qualquer questão de um veredito final do comité. Tal uso de outras instalações tem, no meu julgamento, sido suficiente, e suficientemente bem-sucedido, para justificar o meu veredito de que a sala familiar e as possibilidades de preparação que ela oferece não fazem parte da mediunidade — caso contrário, não estaria a escrever este livro do ponto de vista da genuinidade demonstrada.

CAPÍTULO XXI
CINZEIROS, FLORES, ET CETERA

Quando se assiste a uma sessão típica no British College, dada por um médium que tem praticado durante anos, encontramos não apenas os arranjos físicos para a sessão bem organizados, mas também a ação "do outro lado." Se a mediunidade for uma em que a produção de efeitos físicos desempenha um papel, encontramos a sala bem abastecida com pandeiretas, sinos de trenó, flores, etc., para os espíritos brincarem; e encontramos os espíritos extremamente bem treinados em brincar com eles. Sentei-me com Evan Powell quando tive a impressão de que o ar estava cheio de sinos e flores voadores.

Eu esperaria que, como um dos resultados de ter sido exposto a esta atmosfera, Walter tivesse aprendido este truque; e que F. H., também, tivesse adquirido o hábito de lhe fornecer pequenos objetos de um tipo ou de outro como base potencial para tais fenómenos. Pois apesar de ocasionalmente no passado ter havido, digamos, um gongo de jantar ou um prato de lata na sala, perceber-se-á que marca uma

nova partida da prática da Rua Lime descobrir que, como parte da rotina da sessão, se faz questão de colocar sempre sobre a mesa algo que Walter possa transportar pela sala.

A primeira sessão após o regresso a casa teve lugar em 30 de Dezembro de 1923. Como ataque inicial ao procedimento que menciono, a mesa trazia três rosas e um gongo chinês com uma vareta para o tocar. Caldwell estava no controlo à esquerda de Margery, e duas das rosas foram depositadas na sua mão direita; de modo que, estritamente falando, o incidente não significa nada na ausência de uma declaração explícita de controlo da sua outra mão. Noutro momento, o gongo foi batido com a vareta, várias vezes, no ritmo e em sintonia com o vitrola.

Durante a sessão de 31 de dezembro, Walter pediu que uma planta viva fosse colocada sobre a mesa, dentro do círculo, claro. Pouco depois (no escuro, como ao longo deste capítulo), ouviu-se um farfalhar de folhas. No final, uma folha foi encontrada no chão ao lado da Sra. S., mãe de Walter. O caule partido foi localizado de onde tinha vindo.

O gongo esteve novamente presente a 1 de janeiro de 1924, com a expectativa de que seria tocado novamente. Depois de se terem ouvido vozes ininteligíveis, o martelo foi deixado cair no chão entre Margery e Richardson. F. H. interpretou então que a voz teria dito que Mark tocaria no seu pai com o martelo; portanto, F. H. deve ter estado do outro lado de Margery.

Novamente no dia dez, depois de o gongo ter sido tocado uma vez com o uso do martelo, este último desferiu em Cross um golpe suave (em que ponto anatómico não é declarado), caindo depois no chão entre ele e o seu vizinho. Cross estava, sem dúvida, no lado mais afastado da mesa em relação a Margery, com pelo menos dois participantes entre eles em qualquer das direções.

O gongo foi abandonado pouco depois disto, por ser pouco interessante; e durante algum tempo, as pequenas operações telecinéticas de Walter foram conduzidas apenas com a ajuda de flores. No início de 17 de janeiro, havia novamente três rosas em cima da mesa. No escuro, ouviu-se que estas se moviam; e, ocasionalmente, Caldwell e F. H. (sem dúvida, cada um de um lado de Margery) sentiram carícias nos seus rostos, alternadamente. O fenómeno

repetiu-se várias vezes, e depois, já no final, estendeu-se por um território um pouco mais amplo; uma das rosas tocou no rosto de Brown e caiu no seu colo.

F. H. foi tocado por uma flor vinda da mesa no dia vinte e sete; depois, a Sra. Richardson, que certamente não estava sentada ao lado de Margery, pediu um toque desses, e pouco depois uma flor foi deixada cair no seu colo. Novamente a 3 de fevereiro, as flores em cima da mesa foram ouvidas a mover-se. Uma foi deixada cair sobre a mão de Brown e outra sobre a de F. H.; uma bateu no nariz da Srta. Richardson; e já no final, a Sra. Litzelmann pediu uma e ela caiu a seus pés. O alcance espacial está a ser gradualmente alargado.

Algo mais alarmante do que isto ocorreu a 16 de fevereiro, algo que teria um capítulo próprio se tivesse sido repetido duas ou três vezes. Em cima da mesa, no início, estavam três rosas vermelhas, trazidas pela Sra. Litzelmann, que disse: «Walter, trouxe-lhe três rosas vermelhas, vermelhas, vermelhas.» Walter respondeu: «Eu trouxe-lhe uma rosa amarela, amarela, amarela; e Kitty (a Sra. Brown), trouxe-lhe uma rosa amarela, amarela, amarela; e Mãe, trouxe-lhe uma rosa amarela, amarela, amarela.»

Durante este discurso, ouviu-se um ruído de folhas no armário, em baixo, à direita de Margery; e seria de desejar que se tivesse considerado pertinente introduzir nos procedimentos uma declaração imediata de controlo por parte dos que estavam junto à médium. No final do discurso de Walter, rosas individuais caíram nos colos das três senhoras mencionadas, simultaneamente ou em sucessão muito rápida. Walter pediu então luz; e viu-se que cada uma tinha recebido um pequeno botão de rosa, amarelo, não amarrotado, com hastes visivelmente cortadas de fresco. As folhas estavam frescas e húmidas. Como é frequente nas sessões de Walter, a imprevisibilidade da manifestação tornou impossível qualquer verificação rigorosa; se Margery tivesse tendência para fazer este truque de forma fraudulenta, ter-lhe-ia sido bastante simples ter trazido as rosas amarelas para a sala. No entanto, a oportunidade muito adequada para a sua produção não foi inteiramente da autoria de Walter; e a precisão com que foram entregues, neste como em muitos, muitos outros casos, clamaria por uma explicação. E, claro, para as considerar fraudulentas, temos de assumir uma falha no controlo; mas o Capítulo LIII sugere tal falha.

O episódio seguinte com as flores demorou muito tempo a chegar; entretanto, o engenho proporcionou a Walter brinquedos adicionais. A 9 de março, por exemplo, dois pequenos cinzeiros de madeira estavam em cima da mesa no início. Foram «colocados nas mãos de todos os participantes, sucessivamente, e depois derrubados novamente». Não tenho dúvidas de que Walter pediu que as mãos fossem todas colocadas em cima da mesa, e depois percorreu-as uma a uma. No dia dez, algo de maior alcance foi feito com estes cinzeiros; foram levantados da mesa e várias cabeças foram tocadas com eles.

A 12 de março regressou-se às flores. Não é claro se elas tinham estado sempre em cima da mesa nesse intervalo; mas, sem dúvida, tinham estado lá algumas vezes. Walter tem muita tendência para abandonar temporariamente algum tipo de manifestação, aparentemente por falta de interesse nela; e quando isso acontece, é difícil convencê-lo a voltar a ela até que ele próprio se sinta inclinado a regressar. Na data mencionada, todos os quatro participantes, excluindo Margery, foram atingidos com cravos vindos da mesa; e estes contactos com flores foram entrelaçados num complexo de outros tipos de toques em rápida sucessão (Capítulos XXII, XXV). Esta foi, sem dúvida, a atuação mais impressionante deste género até à data, e a mais difícil de explicar. Particularmente significativo é o facto de, com menos pessoas presentes, as flores terem viajado completamente à volta da mesa pela primeira vez.

Os toques com flores foram obtidos com controlo totalmente registado das mãos de Margery a 13 de março, e isto também marca um período. A sua mão esquerda esteve na de Richardson durante toda a sessão, e ele relatou que ela estava sempre flácida e passiva; F. H. teve a sua direita durante toda a sessão. Inicialmente, havia dois cravos em cima da mesa. Quando se ouviu que estes se moviam, a Sra. Richardson expressou o desejo de cheirar um deles. Um foi então transportado «com velocidade quase relâmpago» à volta do círculo, roçando rostos e tocando cabeças e narizes.

Por fim, chegou à Sra. Richardson, aterrou debaixo do seu queixo e ali permaneceu. Ela ofereceu-se para o colocar de volta em cima da mesa, mas Walter disse que não, que ele levaria outro. Ele fez isso, continuando os toques com as flores. A combinação de um amplo

alcance espacial e do controlo total das mãos da médium é de extrema importância.

O aparelho colocado diante de Walter nesta ocasião incluía também dois anéis de cortina de madeira comuns. No meio da sessão, Walter disse: «Estou apenas a enrolar-vos, sabem. Estamos a pregar-vos uma pequena partida. John diz: "Quando a sessão terminar, vejam se conseguem encontrar os anéis."» No final, estes foram encontrados numa espécie de dobra do pano superior do armário, colocados de tal modo que só vieram à luz «depois de o armário ter sido revistado com aparente cuidado mais de uma vez». O controlo constante das mãos torna este incidente, também, mais do que normalmente impressionante, uma vez que o contorno do armário é tal que a única explicação plausível com base na fraude envolveria o uso das mãos de Margery.

A Sra. S. foi atingida com um cravo a 14 de março, após o que Roback relatou: «Parece que eu também estou a ser atingido na cabeça com uma flor.» Walter respondeu-lhe imediatamente: «Falando cientificamente, Doutor!» Depois de se supor que esta sessão tinha chegado ao fim, Roback prosseguiu com uma experiência. Sentou-se no armário à esquerda de Margery, com a sua mão esquerda segura por F. H. e a sua direita livre, para ver até que ponto conseguia aproximar-se de reproduzir a manipulação das flores desta e de outras sessões.

Segurando um cravo nesta mão livre e atirando com ele, fez muitos mais erros do que acertos, e os seus acertos raramente eram limpos — como os de Walter o são sempre. Isto é o que eu teria previsto, com base nas observações da página 213. Mas o incidente teve uma sequência divertida. Pois Margery, sob que inspiração não posso dizer, agarrou a mão direita livre de Roback, e os contactos com as flores começaram instantaneamente a repetir-se com maior intensidade do que nunca, nesta ou em sessões anteriores.

Adler, Cross e F. H. foram atingidos em todas as partes das suas cabeças com um cravo, e foram produzidos outros fenómenos do género que exigem um sentido de localização no escuro. Roback tinha deixado cair o seu cravo no chão, e outro da mesa foi usado; e talvez não seja supérfluo acrescentar que o operador foi exclusivamente Walter, não Roback sob alguma influência psíquica subjetiva ou

Walter usando a mão de Roback. A risada sardónica de Walter encerrou o incidente.

Novamente a 16 de março, num grande círculo de onze membros, muitos foram atingidos com as flores. No dia dezassete, cada um dos seis participantes, além de Margery, foi atingido na cabeça por um cravo. No dia dezoito, sob controlo registado de Margery por F. H. e Richardson, os cravos em cima da mesa foram transportados à volta do círculo, roçaram rostos, foram atirados para colos e usados para tocar nas cabeças de vários participantes. A Srta. Richardson relatou toques na sua cabeça, alternadamente bruscos e carinhosos. Senhoras que estavam de fora do círculo foram incluídas nos toques, o que faz parecer que temos aqui o mais amplo alcance espacial já registado para este tipo de coisa. Mais uma vez, no dia dezanove, os contactos florais foram dados, a Comstock entre outros.

Voltando a 17 de março, verificamos que, para além das flores, os anéis de cortina estavam novamente em cima da mesa (ver 13 de março, acima). Um deles foi pego, batido vigorosamente na mesa e atirado por cima da cabeça de Laura C., caindo no sofá ao lado da Sra. S.

A 19 de março viu-se mais ação com um dos cinzeiros de madeira, que agora estavam marcados com tinta luminosa, acrescentando a observação visual das suas peripécias à proporcionada pelos sentidos do tato e do som. Walter aparentemente tentou pegar no cinzeiro enquanto ele estava em cima da mesa; a luz (ver Capítulo XXIV) que marcava o seu «terminal» foi vista a aproximar-se dele. Mas aparentemente ele não conseguiu meter-se por baixo dele — ele deslizou sobre a mesa, como objetos escorregadios às vezes fazem quando tentamos agarrá-los com uma mão. Cross e F. H. apoiaram as suas mãos contra ele, e então ele foi pego com facilidade. Foi transportado por toda a região acima da mesa, quase até ao teto, e depois de volta para o armário, batendo repetidamente contra a parede deste. Toda a sua ação, exceto a última, estava completamente fora do alcance de qualquer pessoa presente, a menos que estivesse equipada com um instrumento ou em cima da mesa.

O cinzeiro iluminado foi repetida e misteriosamente eclipsado a 21 de março, sem qualquer objeto material aparente através do qual isso pudesse ter sido feito. Quando ocorreu novamente no dia vinte e

sete, foi atribuído ao uso de uma tigela escura (isto é, não marcada com a tinta luminosa) que estava em cima da mesa.

O cinzeiro também se moveu nesta data posterior, seja pelo ar ou apenas em cima da mesa não é indicado; e o anel de cortina de madeira, também escuro, foi pego, batido no cinzeiro, e visto em silhueta, de perfil, contra este. Depois foi colocado no cinzeiro e delineado por completo contra o fundo brilhante. No dia trinta, com estes e outros pequenos objetos a atrapalhar um pouco a mesa, Walter pegou em todos eles, um após o outro, e atirou-os pela sala. Creio que se inferiu que isso representava as suas ideias quanto à disposição final deles; em todo o caso, o registo não indica que lhe tenham sido novamente colocados diante.

As flores continuaram a ser usadas intermitentemente, no entanto. A 25 de março, todos os quatro participantes, além de Margery, relataram toques. Novamente no dia vinte e sete, com uma companhia maior, todos foram tocados, exceto uma senhora tímida que pediu para ser excluída. E no dia vinte e nove, na presença de McDougall e Roback, todos os participantes foram atingidos na cabeça com cravos. A mesma coisa aconteceu a 1 de abril, sob controlo registado por Richardson e F. H. que foi contínuo durante toda a sessão; e «nem todas estas batidas e roçadelas na cabeça foram suaves». A 9 de abril, todos os participantes foram tocados na cabeça com rosas; e no dia quinze, «como de costume, cravos da mesa voaram e tocaram os rostos e cabeças dos participantes».

Por esta altura, começaram a haver tantas outras coisas para as quais se desejava a atenção de Walter que as flores eram frequentemente omitidas. F. H. tem a impressão de que, de vez em quando, elas estavam presentes, e que, quando presentes, geralmente eram manuseadas de alguma forma por Walter. Se assim for, estes itens são omitidos do registo, e tenho apenas mais um fenómeno para registar aqui — uma daquelas coisas que certamente aconteceram, mas que concebivelmente podem ter sido acidentais.

A data foi 11 de maio, e estava em vigor um círculo no qual os participantes alternados eram membros e adjuntos do Comité da Scientific American, de modo que tínhamos absoluta certeza sobre todas as mãos. Senti algo muito leve cair sobre a minha cabeça, e quando tivemos a luz vermelha a seguir, encontrei uma pétala de rosa

no chão atrás de mim. Não tive qualquer dúvida de que era isso que tinha sentido; e não havia flores em lado algum da sala acima de mim — todas as que estavam presentes estavam em cima da mesa.

CAPÍTULO XXII
DEDOS FANTASMAS NO ESCURO

Dos novos fenómenos a aparecer após o regresso da Europa e a retoma da rotina da Lime Street, vários foram experienciados imediatamente, na própria primeira sessão, a 30 de dezembro. Um deles foi discutido por mim no capítulo anterior; e embora tenha mostrado que as circunstâncias envolventes se tornaram mais rigorosas e, portanto, a hipótese de fraude mais complicada com o passar do tempo, creio que teria de conceder que nenhum incidente isolado daquele capítulo é absoluto na sua definitividade.

Mas chego agora a um fenómeno que começou a 30 de dezembro, que ocorreu periodicamente desde então, que ainda ocorre por vezes, e que ocorreu sob condições que deveriam satisfazer qualquer crítico racional que não esteja comprometido, antecipadamente, com a crença de que não existem fenómenos psíquicos genuínos. Correndo o risco de, por vezes, parecer avançar na minha narrativa, dou neste capítulo um relato completo destes «contactos psíquicos».

Esta manifestação é, claro, distinta da descrita no capítulo anterior, quando os participantes são tocados pelo aparelho material da sala de sessões, manipulado psiquicamente. Tinha a ver com toques sentidos sem qualquer meio material aparente para a sua produção. Seriam presumivelmente atribuídos às extensões ou terminais

semimateriais pensados como extrudidos ou pertencentes à médium, e como constituindo as ferramentas empregues no trabalho físico da sessão. Esta visão é coerente; se estas varas ectoplásmicas são capazes de mover os móveis, devem ser capazes de dar estímulos táteis.

Quando somos trazidos para a presença de tal teoria, a sensação relatada do toque psíquico torna-se uma questão de extrema importância, pois oferece um possível meio de aprender algo sobre o mecanismo psíquico. Além disso, os numerosos objetos materiais da sala raramente podem ser completamente localizados em qualquer momento dado. A sensação descrita pelo destinatário da atenção de Walter é então frequentemente o único meio de excluir a possibilidade de que tenha sido por um deles que ele foi tocado.

Frequentemente, o toque psíquico é descrito como assemelhando-se ao que se sentiria de uma mão, um dedo, etc.; frequentemente, é usada alguma outra comparação. Não se deve dar demasiado peso a estas comparações; toques idênticos de uma fonte desconhecida levariam a uma grande variedade de declarações por parte de diferentes participantes. Se um participante é tocado «como por um espanador de penas», outro «como por uma flor», e um terceiro «como por um punhado de pelo», não é preciso grande exercício da faculdade de generalização para inferir que podem todos estar a falar da mesma coisa.

O próprio F. H. concluiu que Walter pode fazer com que o seu mecanismo de toque assuma qualquer carácter que deseje. Até que ponto tal teoria abrangente seria tornada desnecessária por uma cuidadosa abstração das qualidades fundamentais indicadas pelas declarações dos participantes que são tocados, devo deixar ao critério do leitor.

Em relação ao contacto psíquico, o problema de excluir a fraude ou a possibilidade física de fraude é o mesmo que com os fenómenos objetivos em geral. O de lidar com o acidente e o erro assume aqui algumas formas especiais. Ocorre sempre um considerável contacto acidental entre participantes. Quando alguém é tocado por alguma coisa, anuncia-o; e se o seu vizinho for o responsável, dois desses anúncios devem coincidir ou então aquele feito primeiro deve encontrar a declaração do pensador mais lento: «Fui eu.»

Em cada única instância em que fui tocado nas sessões de Margery pelo que considerei ser outro participante, tive esta admissão; creio que nunca é omitida. As raras ocasiões em que o participante A é tocado por B de tal modo que B o sabe enquanto o próprio A não o sabe, só poderiam constituir uma proporção insignificante dos toques psíquicos relatados.

Outras dificuldades surgem do facto de que, pela própria natureza do caso, um toque no escuro só pode ser observado pela pessoa tocada. Se ele estiver em dúvida, deve decidir por si mesmo se relata e em que termos — ninguém pode verificar, corrigir ou ajudá-lo. Além disso, as noções envolvidas na alucinação individual são simples e a ocorrência de tal alucinação é frequente; enquanto a ideia de alucinação coletiva é muito complexa e a sua ocorrência extremamente duvidosa. Se não fosse o facto de os toques psíquicos serem, de vez em quando, acompanhados por fenómenos luminosos, estaria profundamente perplexo sobre como provar que não são alucinações.

Estaria satisfeito por, na mediunidade de Margery pelo menos, não o serem; mas não creio que pudesse avançar qualquer razão mais convincente para esta opinião do que a afirmação de que os seus contactos psíquicos não parecem alucinações! Portanto, devemos lidar com a hipótese da ilusão aqui com um pouco menos de desdém do que noutros lugares, mesmo que alguém que tenha sido repetidamente tocado nas sessões da Lime Street receberá inevitavelmente esta hipótese com um sorriso de tolerância superior.

A primeira observação de contacto psíquico foi feita a 30 de dezembro de 1923. Caldwell e F. H., que estavam indubitavelmente mais próximos de Margery, descreveram beliscões suaves como de dedos, que os assustaram tanto que Caldwell pediu uma repetição, e obteve-a duas vezes. O registo não especifica o controlo, mas os afetados certamente se certificaram quanto ao paradeiro das mãos da médium.

O incidente permaneceu isolado apenas por vinte e quatro horas. No dia trinta e um, F. H. foi tocado como por um conjunto suave e carinhoso de dedos, primeiro no tornozelo esquerdo, depois no direito, e chegando a sete vezes no total. Caldwell fez um relato semelhante. Adler foi tocado em vários pontos, do tornozelo ao joelho; e numa

ocasião, pareceu-lhe que um pé inteiro, calçado em feltro e de peso leve, repousava sobre o seu. Caldwell e F. H. estavam presumivelmente ao lado da médium; Adler podia estar em qualquer lugar. A tendência dos toques para ocorrerem em baixo é bastante geral, embora a cabeça também seja frequentemente envolvida.

Para 1 de janeiro de 1924, temos uma declaração melhor das circunstâncias envolventes do que era habitual neste período. A pessoa não nomeada à direita de Margery, provavelmente F. H., juntou-se a Richardson à sua esquerda para proclamar o controlo total dos seus quatro membros nos momentos em que F. H. e ambos os Richardson, no círculo, e a Sra. S., fora dele, foram tocados. Os toques eram sempre distintos, e geralmente acompanhados pelas clássicas brisas frescas, que são descritas, tal como ocorrem através de Margery, no Capítulo XXIII. F. H. falou de um puxão nas suas calças, de uma segurar dos seus tornozelos, de um acariciar da sua cabeça; e estes persistiram, por vezes, durante vários segundos. A Sra. Richardson afirma: «No meu caso, o efeito foi como se algum objeto macio, como uma bola de borracha ou uma pata de animal, tivesse sido suavemente pressionado ou acariciado contra a minha panturrilha e tornozelo. Isto foi claramente feito de uma maneira carinhosa, uma maneira humana; mas não parecia uma mão humana. Senti também, várias vezes, como se uma teia de aranha estivesse sobre o meu rosto.» Esta comparação requer uma remissão para a página 193.

Os registos feitos pelo grupo ABC sem interferência externa inclinam-se para o subjetivo. Haverá longas citações ou paráfrases das observações de Walter, depois uma palavra será lançada como uma espécie de pensamento posterior, de que houve muitas luzes, ou toques. As quatro sessões de 3, 10, 13 e 17 de janeiro viram todas toques psíquicos, mas o registo acrescenta pouco a esta afirmação nua. Numa destas datas, a Srta. Scott relatou um formigueiro persistente no seu rosto que, se não for normal nem subjetivo, deveria ser citado em relação às teias de aranha de Margery na página 193 e aos contactos psíquicos do presente capítulo. E Walter é citado: «Para fazer estes toques, tenho de tirar da Miúda o equivalente a um dia de trabalho.» A afirmação é difícil de acreditar; ela parece sempre levantar-se de uma sessão na mesma condição física em que se sentou

Uma rosa cortada tinha sido colocada em cima da mesa para 18 de janeiro. Toques assumidos como sendo com esta vieram sobre a mão esquerda de F. H., a mão direita e a testa de Adler, depois em alternância rápida sobre as suas cabeças e rostos. A rapidez e a precisão foram extremas, e sugerem uma remissão para as observações gerais da página 213. No final, a rosa foi encontrada no que se pensou ser a sua posição original exata. A explicação subsequente de Walter, «Não usei a vossa rosa», foi considerada pelos participantes como a explicação mais fácil. Registei o incidente, com a observação de que, se vamos obter toques psíquicos de grande variedade, mais cedo ou mais tarde teremos de obter um que seja confundível com algum objeto material conhecido por estar presente.

Nesta data, Adler teve um contacto na sua coxa direita, «como se Walter estivesse sentado ali»; e F. H. sentiu um empurrão como de um punho duro na sua axila esquerda e costelas. No dia vinte e cinco, só F. H. foi tocado; não são dados pormenores. No dia vinte e sete, ele recebeu um toque «como de uma forma» contra o seu ombro e debaixo do seu braço. No dia trinta, Adler relatou um toque leve. «Sim, como uma pulga», disse Walter. «Coce-a, então», retorquiu Adler. A resposta instantânea veio sob a forma de uma coçadela definida na perna correta. F. H., nesta ocasião, também foi tocado várias vezes.

A Srta. Richardson, em resposta ao seu pedido de 3 de fevereiro de que Walter estendesse a mão e a tocasse, relatou uma forte pressão no seu pé. Um rumo ainda mais pessoal foi tomado no dia nove. F. H., após alguma conversa com a presença invisível, observou: «Oh, está a gozar comigo, Walter.» F. H. foi imediatamente espetado dez vezes nas costelas, como por um punho; e cada vez, a voz de Walter perguntou: «Estou a gozar consigo, estou?»

Então, uma mão grande e musculosa pareceu descer sobre a cabeça de F. H., desgrenhando-lhe o cabelo. «Perante o que», observa o registo, «F. H. chegou tão perto da histeria quanto um profissional deve permitir-se.» Creio que podemos assumir que ele não tinha dúvidas sobre o controlo.

O pesado Cross foi o único participante, além de Margery e F. H., a 12 de fevereiro, e os toques, pela primeira vez, chegaram a ele. Tanto ele como F. H. relataram numerosos toques nos seus rostos,

como de uma flor seca e sem cheiro; e estes foram por vezes acompanhados por um crepitar como de palha no colo de Margery. A fuga de Cross até esta altura deveu-se, sem dúvida, à sua posição habitual em frente a Margery, com o limitado alcance espacial que a mediunidade exibira desde que fora confinada a uma única sala.

Para o dia catorze, houve mais toques semelhantes a flores, sentidos por F. H., Brown e a Sra. Brown; e o nariz de Brown foi suavemente esmurrado e o seu cabelo desgrenhado. A 16 de fevereiro, com onze pessoas presentes, todos relataram toques. Houve desgrenhamento e puxão de cabelo de três pessoas, e alguns dos toques foram acompanhados por luzes psíquicas (ver Capítulo XXIV). Somos tentados a capitalizar a ocorrência frequente, em conjunto, de luzes, toques e aparentes tentativas de materialização, numa generalização que conecta estes três fenómenos.

Certa vez, assisti a uma sessão com um círculo europeu onde uma enorme variedade de ruídos foi produzida na escuridão, com uma dúzia de participantes. Pensei que todo o barulho tinha sido feito pelos participantes, cada um satisfeito por onze doze avos da ação serem genuínos, cada um acreditando que era suficientemente justo para ele ajudar os espíritos na medida de oito por cento. Esta é uma teoria padrão para explicar resultados brilhantes de sessões, e deve ser invocada se quisermos atribuir à fraude o toque de onze pessoas, sentadas em círculo com uma mesa no meio. Mas esta teoria funciona melhor com sons do que com toques. Se onze pessoas se sentam no escuro e se tocam umas às outras, têm de se enredar suficientemente para detetar a fraude umas das outras; e certamente nem todas aceitarão a descoberta em silêncio.

Embora fique aquém de uma demonstração científica precisamente por causa da grande multidão presente, a ocorrência generalizada de contacto com esta multiplicidade de participantes dá ao cético algo em que pensar furiosamente. O mesmo acontece com o facto de que o sucesso deste fenómeno não é uma função do número de presentes, mas mantém o mesmo nível com três e com onze participantes.

Os toques psíquicos assumiram um tom mais ligeiro a 18 de fevereiro, na presença de dezassete participantes — nem todos no círculo. Muitos deles foram tocados, mas o registo não especifica

quantos. Walter provocou F. H. e outros com toques que, disse ele, eram de aranhas, vermes peludos, etc. É assim no inferno, afirmou. Brown, em particular, relatou ter sentido pelo nos seus lábios. F. H. foi acariciado, empurrado, acarinhado — até, por sugestão sua, levou «um pontapé na cara». Outros, incluindo alguns fora do círculo, tiveram os seus cabelos puxados, rostos acariciados, etc. Brown expressou prazer com os seus toques, dizendo que eram suaves e agradáveis.

A 21 de fevereiro, os toques foram sentidos por todas as dez pessoas na sala, exceto Adler e a Sra. Brown, no lado mais afastado do círculo em relação a Margery. Como de costume, o maior número foi relatado por F. H. e Caldwell, a cada um dos seus lados. Todos estes toques eram suaves, e creio que provavelmente eram substancialmente os mesmos. Foram descritos como penas, um espanador de penas, uma única pena, um par de luvas frescas esfregadas contra as mãos e braços, lã macia, penugem de cisne, pelo quente, um marshmallow, uma borracha macia, um pufe de pó. O último relato foi seguido por um odor fraco e apropriado; os participantes discutiram a possibilidade de este ser subjetivo, e rejeitaram-na. Por fim, estes toques suaves foram também descritos por vários participantes como húmidos.

Walter falou da Sra. Caldwell como estando a tricotar; e a Sra. Brown disse que talvez fosse possível sentir algumas das agulhas. Pouco depois, vários participantes sentiram picadas distintas, sendo a de Brown suficientemente forte para durar, quase dolorosamente, por vários minutos. De alguns do grupo falaria com menos ênfase; mas Brown é a última pessoa no mundo a desenvolver este estímulo subjetivamente a partir da observação da sua esposa.

Todas as quatro pessoas presentes a 26 de fevereiro, incluindo Margery, foram tocadas nas mãos e nos rostos, ora como por flores, ora como por mãos. 1 de março trouxe uma verdadeira confusão de toques, misturados com luzes psíquicas. Adler, Cross, Ekland, Roback — todos foram tocados, tendo Roback recebido atenção especial. A tendência para as luzes acompanharem os toques foi mencionada acima.

O grupo ABC sentou-se sozinho a 2 de março, e todos os sete foram tocados nas mãos e no rosto. Quando um participante descrevia

o seu toque, o seguinte geralmente ocorria num vizinho com um aspeto totalmente diferente. Walter faz este tipo de coisa com luzes psíquicas também, e parece gostar. Entre as comparações aqui usadas, penas e maçanetas de madeira destacam-se em extremo contraste.

Novamente no dia sete, todos na sala (cinco) foram tocados. Três noites depois, a Sra. Litzelmann relatou ter sido bicada, como por lábios a beijar; e há uma piada sobre beijos da qual ela é o alvo.

Durante o dia 12 de março, F. H. observou a Litzelmann que, dos dez tipos de fenómenos catalogados pelo biógrafo de Stainton Moses, Walter tinha dado todos, exceto o odor psíquico — presumo que ele se esqueceu do incidente do pufe de pó. Ambas as partes insistem que a conversa não foi repetida a ninguém.

Mas nessa noite, cada participante recebeu, separadamente, sensações como de um molho de cabelo ou pelo, com forte perfume, mantido debaixo do nariz e em contacto com o nariz ou lábios. O odor não foi identificado, a menos que «uma combinação de rosa, violeta e lírio-do-vale» o identifique. A Sra. Yerxa anunciou toques no joelho, na saia e no tornozelo quase, senão totalmente, simultâneos com toques de flores e luzes psíquicas noutros locais.

F. H. e Richardson, a 12 de março, relataram toques como de dedos coriáceos, enquanto outros participantes falaram simplesmente de toques, todos nos pés. Na noite seguinte, todos os quatro participantes além de Margery foram tocados. Cross fez uma das suas sugestões caracteristicamente tolas e crédulas, e levou uma sonora palmada no crânio pelo seu esforço; ele estava do outro lado da mesa em relação a Margery, como de costume. No dia quinze, de vários toques relatados por vários participantes, alguns sentiram-se húmidos ao passar sobre o rosto.

O registo de 18 de março traz uma variante interessante. A vara da cortina (escura) tinha sido extraviada, e Richardson sugeriu que John a procurasse. Ele sentiu pouco depois algo como uma mão a subir pelo seu braço, como se estivesse a procurar.

Esta foi aparentemente a primeira de muitas ocasiões em que Margery se queixou da presença de algo debaixo da sua cadeira. Parecia um gato a esfregar-se nas suas pernas, disse ela. Isto, juntamente com o uso, por parte dos participantes, de pelo e ideias

peludas na descrição dos toques psíquicos, estabeleceu finalmente o «gato psíquico» como uma das piadas padrão da Lime Street.

A 21 de março, viu-se McDougall de um lado de Margery e F. H. do outro. O controlador de McDougall merece a designação de «feroz». Uma vez, ele segurou as pernas de Margery entre as suas durante tanto tempo e com tanta força que as suas sensações ficaram entorpecidas, e ele expressou incerteza sobre se eram as extremidades dela ou as da mesa que estavam sob a sua custódia. Na data mencionada, sob controlo deste tipo, ele foi tocado várias vezes.

Nas noites seguintes, Goodall esteve presente com mais frequência do que antes ou depois, e os toques, quando ocorriam, centravam-se nele. A 25 de março, ele sentiu uma carícia como de uma mão enluvada na sua orelha; F. H. recebeu a mesma coisa na sua cabeça. Goodall, a 1 de abril, sentou-se no armário com Margery, noutra cadeira; foi «empurrado como por uma força» e o seu cabelo foi desgrenhado. No dia seis, sentado da mesma forma, o seu cabelo foi novamente manipulado.

Sentei-me à esquerda de Margery a 11 de abril, num círculo de apenas cinco, incluindo-a ela. Com o controlo da minha mão intacto em ambos os lados de mim, o meu cabelo foi puxado. Se algum dos meus vizinhos tivesse uma mão livre no lado oposto a mim, o que não creio, mas que apresenta uma possibilidade física, o aperto de mão comigo forneceria dados para localizar a minha cabeça. Não vou, no entanto, insistir neste ponto, pois chego a incidentes onde ele não existe.

Alguns dos fenómenos da mediunidade de Margery começaram de forma débil, atingiram um máximo, e depois ou se padronizaram ou foram negligenciados e abandonados. Os toques, por outro lado, variaram pouco desde o início, exceto na amplitude de comparações que provocaram. Por vezes ocorrem e por vezes não. Por vezes, decorrem intensamente através de várias sessões, por vezes passa um período sem que ninguém seja tocado. Portanto, o único clímax para o qual este capítulo pode apontar é a obtenção de toques sob condições irrepreensíveis.

Um passo nesta direção foi dado a 12 de abril, quando, pela primeira vez, fui colocado fora do círculo, atrás do espaço entre F. H. e Margery, para verificar se tudo naquele espaço era tão inocente

quanto deveria ser. McDougall estava à direita de Margery, controlando uma das suas mãos e ambos os seus pés. O facto de, sob estas condições únicas, termos obtido uma atuação brilhante em todas as direções é fortemente indicativo.

Além disso, com a minha cabeça tão baixa quanto a minha posição no chão implicaria — mais baixa ainda, quando me inclinava para a frente para controlar os pés de F. H. —, não foi feita qualquer tentativa para puxar o meu cabelo; o que é novamente fortemente sugestivo de genuinidade.

Ainda outro fator novo foi aqui introduzido, com a presença de Roback, livre para vaguear onde quisesse pela sala em busca de fraude. Ele fez isso tão silenciosamente que nunca soube onde ele estava, exceto quando ele me tocava acidentalmente; e os outros testemunharam de forma semelhante. Várias vezes, Roback teve de reivindicar toques anunciados por um ou outro participante; mas ele negou uma batida como de dedos na cabeça de McDougall e um acariciar como de dedos suaves no seu joelho.

Ainda mais forte no seu isolamento foi um contacto que obtive. O meu pé foi acidentalmente estendido, por um momento, para o espaço debaixo da cadeira de Margery — certamente sem o conhecimento dela, uma vez que não toquei em nenhuma perna nem trave.

Este pé recebeu um contacto que era tão completamente o que eu sentiria do pé de Margery com meia que pedi a McDougall que verificasse o seu controlo de ambos os pés dela. Ele fê-lo. Não era a sua saia nem qualquer outra peça de roupa a cair, pois encontrou o meu pé com um efeito demasiado firme para isso. Não era a trave nem qualquer outra parte da cadeira, pois cedeu ao meu toque e foi retirada quando fiz o meu anúncio. Não há, no meu julgamento, escapatória à genuinidade aqui.

Durante um mês após isto, apenas um toque é registado; a 21 de abril, o cabelo de Goodall foi puxado e Golding foi tocado nos joelhos e no cabelo.

A mania de tocar irrompeu novamente a 12 de maio, na presença de uma sala cheia de observadores competentes. F. H., Carrington e eu recebemo-lo mais livremente; Goodall e, depois de ela ter ocupado o seu lugar, a Sra. Bird, receberam-no em menor grau. Carrington estava

particularmente isolado contra a fraude; se concordarem comigo sobre a desesperante falta de jeito de Cross, o mesmo se aplicava a mim.

A maioria dos contactos foi comparada a dedos; mas uma vez F. H. sentiu um toque frio na sua bochecha direita, na minha direção e afastado de Margery; e ele e eu tivemos os nossos peitos empurrados por um objeto indeterminado que me deu a impressão de muito volume e vigor. Após este surto, ninguém foi tocado durante algumas semanas, exceto a 20 de maio, quando vários participantes receberam carícias suaves.

Um fenómeno de contacto extraordinário centrou-se em mim a 24 de junho, enquanto me sentava no chão no armário, à direita de Margery, para ser finalmente enterrado nos destroços (Capítulo XXXIX). Ao sentar-me assim, tenho de estender a mão para controlar a mão de Margery; e geralmente alivio esta posição pendurando a minha mão no braço da cadeira dela ou apoiando o meu cotovelo na minha própria coxa ou joelho. Em qualquer dos casos, a mão de Margery tende a estar mais ou menos em contacto com o meu cabelo.

Este hábito foi provavelmente a razão pela qual, nesta ocasião, quando estava a segurar a mão dela bem estendida na parte da frente do braço da sua cadeira, longe da minha cabeça, não reagi imediatamente a um puxão brusco no meu cabelo. A minha falha em responder de qualquer forma foi, sem dúvida, a razão pela qual o puxão continuou durante cerca de dez segundos, aumentando de intensidade até se tornar distintamente doloroso. Quando o reconheci, parou imediatamente.

Não foi causado por o meu cabelo ter ficado preso entre um braço meu ou de Margery e o braço da cadeira, ou qualquer coisa de natureza comparável; a minha cabeça estava livre da cadeira, e o puxão foi quase exatamente no topo da minha cabeça. A possibilidade física está totalmente em aberto no que diz respeito aos dentes de Margery; mas creio que a probabilidade moral de ela prosseguir com o negócio da fraude ocasional a este ponto, numa noite em que se estava a ter ação violenta de outro tipo, era de facto muito pequena. Claro que não pedirei ao leitor que atribua qualquer importância à sua negativa indignada de que estava a fazer isso. Mas era evidente para mim que esta era a única possibilidade de fraude.

Durante o início de julho, Carrington esteve presente durante cerca de dez dias depois de eu ter ido para casa e enquanto Comstock estava, na sua maior parte, indisponível. McDougall estava de férias, fora da cidade; e F. H. sugeriu que Carrington convidasse alguma pessoa competente para vir de Nova Iorque, para que ele não ficasse a lidar com o caso inteiramente sozinho. Carrington escolheu o Sr. Frederick S. Keating, um amigo dele e meu, que é um muito conhecido mágico semiprofissional e escritor sobre truques de salão; e Keating aceitou o convite, ficando na casa da Lime Street com Carrington durante cerca de dez dias. O seu preconceito inicial, na medida em que existia, era fortemente contra a validade; a sua competência, também, faz dele plenamente merecedor de todo o crédito que um adjunto do comité da Scientific American deveria ter.

Várias destas sessões de Carrington-Keating em julho foram generosamente salpicadas com contactos psíquicos. No dia quatro, Carrington e Keating estavam fora do círculo, em cada um dos lados de Margery, e, portanto, provavelmente mais fora do local da fraude através de conluio (o único tipo disponível enquanto seguravam as mãos de Margery) do que se estivessem no círculo. Mas Carrington, enquanto estava de pé no armário ao lado de Margery, relatou um toque na sua perna, ao nível das costas da cadeira de Margery; e Keating também foi tocado na perna.

No dia nove, contando Conant e Keating como tal, os participantes do comité alternaram em todo o círculo, numa disposição que deve ser considerada à prova de fraude. No entanto, Keating sentiu, primeiro, um toque agudo na sua perna esquerda, como uma agulha; depois, uma série de «toques semelhantes a gato nas pernas, como por um objeto semissólido».

Isto sentiu-se primeiro como um vento, tornando-se gradualmente mais sólido, e por fim deu a impressão de um objeto material definido a raspar a perna. Ou toda a série ou o final sólido foi várias vezes repetido — o registo não é claro aqui. Keating estava aproximadamente em frente à médium, com a mesa entre eles; de modo que, mesmo que se acreditasse que ela se podia inclinar e, com a sua cabeça, tocar na sua perna, sem puxar as mãos dos seus guardiões, esta alegação seria impedida pela presença da barreira.

Keating não foi o único participante tocado aqui. Conant sentiu um objeto macio, semelhante a um gato, a roçar a sua perna esquerda. Ocorreu duas vezes, a segunda depois de Walter lhe ter dito para se afastar mais da parede do armário. Parecia algo a espremer-se para passar por ele — o gato psíquico novamente. No dia doze, o felino psíquico invadiu novamente a sala, sendo sentido por Carrington, à esquerda de Margery, pouco antes de o armário ser tombado.

Houve um grande círculo amigável a 20 de julho, com Adler à esquerda de Margery e a Sra. Stewart a fazer-se passar por cientista na junção entre ela e F. H. F. H. sentiu um puxão nas suas calças e, até certo ponto, sentiu o «processo semelhante a uma mão» que fazia o puxão.

Sentado a 22 de julho, numa espécie de prelúdio informal para os assuntos muito sérios das duas noites seguintes, fui tocado repetidamente, uma vez aparentemente por um dedo, outra vez por algo mais volumoso, uma terceira vez tão levemente que não tive a certeza. Estes vieram todos no meu joelho. Anunciei o último com reservas; Walter disse que não era ele, mas sim a placa iluminada. Não acreditei nisso, sabendo, como sabia, onde estava a placa. O toque foi imediatamente seguido por outro, inconfundível, reconhecidamente de Walter, e no local idêntico. A mão esquerda de Adler era a única que poderia possivelmente estar livre ao alcance; teria de fazer algumas manobras muito complicadas para contornar a mesa e o meu braço e perna esquerdos, para chegar ao meu joelho direito. Não tive dúvidas sobre a genuinidade destes toques.

Até à data, a observação de Carrington-Keating de 9 de julho foi provavelmente a mais incontestável dos contactos psíquicos. Mas foi ofuscada a 23 de julho. Houve controlo perfeito das mãos, braços, pés e pernas de Margery por Houdini de um lado e por mim do outro; com controlo semelhante de F. H. por Conant e por mim; e todas as outras pessoas na sala eram do comité. Eu tinha uma mão livre com a qual mantive controlo intermitente sobre a cabeça de Margery; Houdini e Munn quebraram o círculo entre eles para dar a Houdini uma mão secretamente livre para exploração. Houdini foi várias vezes tocado na perna direita.

Absteve-se de os anunciar; Walter reivindicou-os e afirmou com a máxima precisão onde tinham caído — na parte interna do joelho

direito. Houdini verificou a afirmação. Este é um dos itens que Houdini não se preocupa em «explicar» na sua difamatória «exposição» da mediunidade. Na noite seguinte, sentado com disposições idênticas no apartamento de Comstock, aconteceu praticamente a mesma coisa. O registo do ditafone detalhando o controlo aparece no Capítulo XLVIII.

Mais tarde nesta sessão, sob o mesmo controlo absoluto de todas as fontes de fraude, fui acariciado como por uma pena, para cima e para baixo no meu dedo mindinho, enquanto a mesa estava em movimento; o contacto passou para a minha perna, depois para o meu joelho. Contradirei, mais tarde, a alegação de Houdini de que a cabeça de Margery estava debaixo da mesa, envolvida em «levitação»; mas é interessante notar que, se esta alegação fosse admissível, o primeiro destes toques teria sido demasiado distante para se dever ao cabelo de Margery, e o terceiro teria estado do outro lado de uma obstrução intransponível.

Regressando à Lime Street, tivemos uma sessão amigável a 27 de junho, com Murray sentado à esquerda da médium e eu no meu lugar habitual entre ela e F. H. Murray foi inundado com contactos psíquicos na sua coxa, na sua cabeça, no seu peito. Na mesma posição, quando fui tocado, atribuí a única possibilidade física de fraude à mão esquerda do meu vizinho da esquerda. Esta poderia, concebivelmente, ter chegado ao topo da cabeça de Murray; mas dificilmente teria conseguido evitar a guarda de um homem sensato para o atacar nos outros locais mencionados.

A 12 de agosto, Damon será encontrado no círculo a uma distância muito longa de qualquer possível cúmplice, e no controlo de Margery. Ele tinha ambas as suas pernas regularmente, e em todos os momentos cruciais ambas as suas mãos. Enquanto a controlava assim completamente e enquanto a sua cabeça era localizada por ela estar a falar com ele, ele recebeu vários toques no seu braço, joelho e perna. Suponho que nem mesmo Houdini, apesar dos seus recentes tratamentos insultuosos para com ela, afirmará que Margaret Deland é uma cúmplice.

Uma análise cuidadosa do acima exposto mostrará fenómenos de contacto nas datas de 1 de janeiro, 14 e 21 de fevereiro, 21 de março, 11 de abril, 22 de julho e 12 de agosto, sob excelentes condições de

determinação; a 12 de abril e 12 de maio, sob rigor ainda maior; e a 9, 23 e 24 de julho, sob condições que não deixam qualquer brecha através da qual se possa escapar à conclusão de genuinidade. Creio que podemos dizer com justiça que este capítulo da mediunidade conduz a um clímax.

CAPÍTULO XXIII
BRISAS ÁRTICAS DE LUGAR NENHUM

Um dos concomitantes clássicos da mediunidade física são as brisas frias, soprando inexplicavelmente do armário ou da vizinhança da médium. No caso de Palladino, Carrington descreveu como, durante a ocorrência de outros fenómenos, se podia colocar uma mão acima da sua cabeça e sentir fortes correntes de ar frio, sendo o efeito como se emanassem de uma fenda no seu crânio. O investigador mesquinho que considera todos os fenómenos necessariamente fraudulentos, e que só carece da explicação de como são feitos, dir-nos-á que Palladino produzia estes ventos distorcendo o seu lábio superior e soprando de tal forma que a respiração passava fortemente para cima.

Carrington perguntará, em réplica, como isso poderia ser feito em boa luz sem o conhecimento do investigador; e, claro, a explicação é absurda à partida, assumindo, como assume, uma total imbecilidade por parte das pessoas que são apresentadas como tendo sido assim enganadas. Na verdade, se algum fenómeno único da mediunidade objetiva está numa base sólida através da literatura existente, seria o item das brisas frias.

As primeiras sessões de Margery estavam livres deste fenómeno. Mas imediatamente após o regresso da Europa, observou-se um comportamento curioso das cortinas do armário, que seria melhor explicado pela suposição de que estas estavam a ser sopradas para fora por fortes rajadas de ar emitidas do armário. Assim, o registo de 30 de dezembro de 1923 diz-nos:

«As cortinas foram sopradas para fora vários centímetros. O suave sussurro foi ouvido distintamente no fundo da sala, e o movimento foi sentido por aqueles que estavam perto. As pontas das cortinas foram finalmente levadas para cima e depositadas numa

espécie de espiral, uma em cima da mesa e a outra na cabeça de Caldwell.» Margery estava totalmente controlada durante este tempo, conforme anunciado pelos que estavam sentados ao seu lado.

Novamente, no dia trinta e um, as cortinas divisórias foram repetidamente levantadas como se para as retirar do caminho da região desde os joelhos da médium para baixo. A 1 de janeiro de 1924, pela primeira vez, estava em vigor uma nova disposição do armário, segundo a qual as cortinas estavam drapeadas no topo do armário em vez de penduradas na frente; e durante a sessão, sentiu-se muito ar frio, soprando para fora do armário, e tomado como uma confirmação de que tinha sido realmente assim que as cortinas tinham sido perturbadas nas duas noites anteriores.

Este ar frio não é novamente registado durante algum tempo, embora eu tenha a ideia, apoiada por F. H., de que foi de vez em quando observado sem entrar no registo. Mas a 18 de março, lemos, fortes rajadas de ar saíram do armário num momento em que Walter protestava contra o odor da tinta luminosa, aqui usada pela primeira vez. E novamente no dia vinte e cinco, não só o armário estava muito frio, com fortes rajadas de ar frio a sair dele durante toda a sessão, como as mãos de Margery estavam extremamente frias do início ao fim.

A 11 de abril, viram-se brisas fortes e frescas, aparentemente simultâneas e, de alguma forma, ligadas às luzes psíquicas desta ocasião. Eu estava presente e achei esta sugestão inescapável. Novamente no dia doze, as luzes foram frequentemente, embora não invariavelmente, acompanhadas por brisas. Estas eram de força considerável, distintamente frescas; e registei o juízo de que eram inquestionavelmente objetivas, e inquestionavelmente nem acidentais nem devidas a qualquer causa exterior à sala de sessões.

Uma vez nesta noite, mas apenas uma vez, houve um vento forte sem qualquer luz. As brisas vieram de todos os quadrantes do armário. Eu estava na melhor posição para as observar, e recebi-as repetida e fortemente no meu rosto, em momentos em que o rosto de Margery estava claramente localizado, pela sua fala, seu bocejo, sua respiração ou outros meios, como estando noutro local que não a região de onde eu estava a ser soprado.

Foi pouco depois disto que os ventos frios pronunciados levaram F. H. a conceber a ideia de duplicar, com Margery, as observações de Harry Price com Stella C. Resumidamente, estas foram as seguintes:

Um termómetro de máximos e mínimos foi montado na sala de sessões. No final das sessões, este instrumento mostrava sempre o efeito que se esperaria através da operação de causas normais numa sala selada ocupada durante duas horas por dez ou uma dúzia de pessoas. Ou seja, a temperatura final seria um ou dois graus mais alta do que a leitura inicial. Mas as sensações dos participantes diziam-lhes que, durante o auge dos fenómenos físicos no meio da sessão, a sala estava decididamente mais fresca do que inicialmente; e o termómetro confirmava isso. Sempre que havia ação física vigorosa, a temperatura mínima mostrada era mais baixa do que a leitura inicial. Em casos extremos, a queda foi de 20,5, 11,5 e 11 graus Fahrenheit.

O investigador salienta que um gasto extremo de energia durante um breve intervalo não afetaria a temperatura de forma apreciável, mas que um gasto mais moderado, continuado por muito tempo, fá-lo-ia; e tem sido nesta direção que sempre procurei uma explicação para o fenómeno. A médium deve obter de alguma fonte a energia usada nos efeitos físicos da sessão; e se observarmos um desequilíbrio térmico de qualquer tipo, temos certamente uma pista para a fonte de onde ela a obtém.

Alguns dos meus leitores conhecerão o termómetro de máximos e mínimos aqui envolvido, que tem dois cotovelos em vez de um único tubo. À medida que o mercúrio sobe num, desce no outro; e cada coluna de mercúrio transporta no seu topo um flutuador de ferro. À medida que o fluido sobe, leva, claro, o flutuador consigo; mas à medida que desce, deixa o flutuador encalhado contra as paredes do tubo.

O resultado é que, até ser reposto, cada flutuador vai e permanece no ponto correspondente, num caso à temperatura mais alta, no outro à mais baixa, alcançada durante o intervalo para o qual o instrumento é usado. Antes de usar, ambos os flutuadores são trazidos para baixo, em contacto com os topos das respetivas colunas de mercúrio, puxando um íman para baixo ao longo do exterior de cada tubo.

F. H. arranjou um destes instrumentos, e ele entrou em uso no final de abril, sendo pendurado no interior do armário, à direita de

Margery, e ajustado antes de cada sessão. Mas o termómetro deste tipo estava aberto à objeção muito real, do ponto de vista do rigor, de que se Margery trouxesse um íman para a sala de sessões com ela, secretamente escondido na sua roupa, e se em algum momento durante a sessão ela tivesse a mão direita livre durante alguns segundos, poderia facilmente localizar o termómetro na parede do armário e fazer subir o flutuador no lado do mínimo.

As observações com este termómetro, portanto, dependem para a sua validade rigorosa do controlo das mãos durante toda a sessão — durante toda, e não em qualquer momento ou momentos dados. Assisti a sessões onde não teria havido oportunidade para fraude do tipo especificado; pois se for realizada, tem de ser feita por Margery.

Ninguém mais poderia estar ao alcance. Mas assisti a outras sessões na Lime Street onde, devido a uma paragem acidental da vitrola, a uma chamada telefónica, ou a outras causas, a mão direita de Margery ficou livre por um período mais ou menos alarmante. Claro que nada aconteceria durante esse período, e a liberdade não era uma coisa que pudesse afetar a generalidade dos fenómenos; mas aqui estava um que podia afetar.

No entanto, o termómetro de mercúrio era o único disponível na altura, e foi portanto usado; não havia, claro, a mais ligeira crença por parte dos participantes do ABC de que Margery estivesse a usar um íman culpado nele, e não quero que se entenda que estou a implicar que ela o fez. Não há nada sobre a temperatura no registo de 29 de abril, mas tive uma carta de F. H. a afirmar que o termómetro registou uma queda de 69 graus para 44, Fahrenheit. Para 2 de maio, o registo diz-nos que a temperatura inicial era de 72 graus, e o mínimo mostrado pelo instrumento era 44. Walter falou sobre esta manifestação durante a sessão. Disse que tirava a sua força dos cérebros dos participantes, e que muitas vezes os achava deficientemente inadequados. A ligação exata com as leituras do termómetro não foi, na altura, clarificada, mas o elo em falta foi fornecido na noite seguinte, quando Walter disse:

«Para este trabalho esta noite, terei de usar apenas a Miúda, porque acho os vossos cérebros em tão más condições. Quando uso os vossos cérebros, há brisas frias e uma queda na temperatura. Quando uso apenas a Miúda, nenhum destes efeitos é produzido. Notarão que

não haverá brisas esta noite e o termómetro não descerá.» O evento justificou a positividade da previsão.

A 4 de maio, no entanto, registou-se uma queda de 68 para 42 graus. O termómetro continuou em uso, mas não é mencionado novamente até ao dia onze, e infiro que nas noites deste intervalo Walter não encontrou cérebros no círculo. Na última data mencionada, ele indicou que estava a usar o próprio termómetro como um registo.

Onde os participantes o colocam no armário para medir o efeito da atuação de Walter sobre a temperatura, ele usa-o, disse agora, como um medidor das condições físicas que enfrenta. Olha para ele, e se ele se mantiver estável, sabe que tem de usar a Miúda sozinha; enquanto se o vir a descer, sabe que tem cérebros no círculo para usar. Este uso do termómetro como medida dos participantes divertiu imenso Walter, e divertiu ainda mais os participantes. Na data presente, Walter disse:

«Divirtam-se durante quinze minutos, e verei se posso usar os vossos cérebros... Uiii; o círculo está a transbordar de cérebros; juntem os fragmentos para que nada se perca.» O registo mostrou, de facto, uma grande queda e, portanto, um círculo «a transbordar de cérebros».

Embora ninguém suspeitasse que Margery usasse um íman como descrito acima, isso representava uma possibilidade física que tinha de ser acautelada; por isso, F. H. investiu num termógrafo bimetálico. Encontrámos um modelo cujo relógio funcionava a um ritmo suficientemente rápido para distribuir as duas horas da sessão por uma área considerável no papel de registo. O mecanismo estava totalmente encerrado e absolutamente à prova de fraude. Este instrumento foi instalado no armário para a sessão de 15 de maio, mas durou apenas alguns minutos. O seu tique-taque era tão alto que F. H. não conseguia ouvir os sussurros de Walter eficazmente, e ele e Walter concordaram que tinha de sair — sendo Walter suficientemente profano acerca disso para não deixar dúvidas de que a sua decisão era final.

Durante várias noites, não houve tentativa de obter o registo da temperatura. Então, o termómetro de mercúrio voltou, numa gaiola de rede mosquiteira que tornava impossível aproximar-se o suficiente com um íman para afetar a posição dos flutuadores. Tinha de ser destrancado e retirado para ser ajustado antes da sessão; depois era pendurado, na sua gaiola, no armário. Este conjunto foi usado

regularmente durante alguns dias e intermitentemente depois; e nunca mostrou qualquer queda de temperatura. Isto, claro, o cético ligará ao facto de a fraude ter sido impedida. Walter, no entanto, por esta altura, noite após noite, expressou o maior desagrado com a composição variável do círculo.

Disse que este fator apresentava um problema que envolveria tanto tempo e estudo da sua parte que estava a abandonar o esforço de fazer algo com o círculo, e estava a usar apenas a Miúda como fonte da sua força. Sob estas condições, segundo a sua própria declaração, o instrumento não deveria mostrar uma queda. Isto não é tão absurdo quanto pode parecer, tendo em conta que os protestos de Walter contra a prática de nunca ter o mesmo círculo em duas noites consecutivas, feitos precisamente nos termos acima, antecederam consideravelmente o episódio do termómetro. Mas, claro, não gostaria que nenhum leitor aceitasse a validade de tudo isto contra o seu próprio melhor juízo.

Independentemente do assunto do termómetro, no entanto, as brisas frias continuaram. De 29 de maio a 1 de junho, inclusive, na presença de Lescarboura, tivemos quatro sessões muito medíocres, nas quais tudo o resto parecia estar num nível muito baixo. Mas Lescarboura, sempre à esquerda de Margery, perto do armário, relatava continuamente ventos frios, ao longo das quatro noites; e embora não visse mais nada que houvesse necessidade de levar a sério, ficou satisfeito por termos esgotado as possibilidades de fraude e acidente em relação a estas brisas, sem resultado.

Frequentemente, nestas quatro noites, Carrington e eu podíamos verificar ou complementar os seus relatos. Uma vez, Carrington e Lescarboura relataram uma rajada invulgarmente vigorosa num momento em que Margery estava envolvida numa discussão acalorada com outro participante; e novamente, num momento em que o sussurro de Walter estava a falar. Novamente, Lescarboura sentiu as brisas frias continuamente durante quinze minutos enquanto estávamos sentados com luz vermelha. Fizemos todos os testes para saber se o vento vinha do exterior da sala, e descobrimos que não vinha. Em prosseguimento do assunto, Margery soprou ar quente para o meu pescoço ou para o rosto de F. H. num momento em que Carrington verificou o relato de Lescarboura de ventos frios pronunciados no outro lado do armário.

Por vezes, eu estaria no armário com Margery, e capaz de dizer que as brisas frias estavam confinadas ao seu lado esquerdo; e quando este era o caso, geralmente podia testemunhar que o seu rosto não estava visivelmente virado para Lescarboura, exceto quando ela estava a falar com ele. Numa ocasião, o vento foi tão forte em todos os quadrantes do armário que eu o senti fortemente e ele desgrenhou o cabelo de F. H. para além de mim.

A 31 de maio, Lescarboura descobriu que o ar frio saía do armário em tal volume que colocou uma mão exploradora dentro; e descobriu que estava distintamente mais frio dentro do que fora. As mãos de Lescarboura são normalmente quentes e húmidas a ponto de o embaraçarem nos seus contactos sociais. Em numerosas ocasiões durante estas quatro noites, Carrington e eu verificámos que, enquanto a sua mão esquerda, na mão de Carrington, estava nesta condição normal, a que Margery segurava estava arrefecida a uma temperatura gelada — positivamente desconfortável para nós tocarmos, de facto.

Ficámos todos completamente satisfeitos com a genuinidade destas correntes de ar. Nunca se obteve explicação para a sua concentração nestas quatro noites, a não ser que tão pouco mais estava a acontecer que conseguimos concentrar-nos nesta única série de observações.

O registo está totalmente silencioso sobre uma característica curiosa que se encaixa bem aqui. Frequentemente, quando os ventos frios estão a soprar, Margery queixa-se de uma sensação como se teias de aranha estivessem sobre o seu rosto. Isso incomoda-a muito, e ouve-se o seu irritado «pf-pf-pf» enquanto tenta soprá-las para longe. Dito isto, suponho que devo insistir em que isto não é feito para encobrir a sua produção das brisas com a boca. Se o parágrafo anterior não torna isto claro, posso testemunhar que ela nunca sente as teias de aranha até que as brisas tenham estado a soprar durante algum tempo. O capítulo sobre Contactos Psíquicos refere-se a uma ou duas experiências análogas por participantes que não Margery.

Após as quatro sessões com Lescarboura presente, os ventos frios não foram novamente registados até 24 de junho, a noite em que o armário foi desmembrado comigo dentro (Capítulo XXXIX). A Sra. Richardson, a quatro pés do armário e em frente a ele, relatou uma frescura, em vez de um vento definido, vinda dele. No dia vinte e seis,

novamente, durante cerca de cinco minutos no meio da sessão, vários participantes relataram brisas vigorosas.

Eu estava no armário e baixei a mão para explorar; descobri que o efeito era mais forte em cima do que em baixo, mas distinto em todos os níveis. Carrington relatou que não era observável à esquerda do armário. Depois disto, as brisas frias são mencionadas a 11 de julho, no apartamento de Comstock; e novamente a 27 de julho, a noite em que Walter se amuou e não quis falar connosco. Isto acaba com elas, tanto quanto o registo vai, mas estou certo de que foram sentidas desde então. O capítulo, no entanto, mostrou certamente a todo o leitor não isolado contra os factos que elas são objetivas e genuínas, pelo que não sei que envolva qualquer perda pará-lo aqui.

CAPÍTULO XXIV
O ADVENTO DAS LUZES PSÍQUICAS

Dominante entre as novas ideias infundidas pela experiência europeia estava o desejo agudo de materialização. F. H. regressou a casa convencido de que esta era a única coisa que valia a pena esforçar-se por alcançar, e que não seria feliz até a obter. Toda a conduta das sessões de Margery foi moldada para provocar esta manifestação. Obteve-se o consentimento e o conselho de Walter, e uma maior adesão à escuridão tornou-se a nota dominante da sala de sessões da Lime Street a partir deste ponto, durante vários meses.

A escuridão, claro, é essencial para as luzes psíquicas; e do lado de Walter, parecia que o novo fenómeno da materialização estava a ser abordado através de uma avenida ladeada por estas. Na verdade, em retrospetiva como na sala de sessões, é muitas vezes problemático se considerar uma determinada demonstração como uma das luzes ou da coisa maior. Puramente como uma convenção arbitrária, considero todas as luzes obtidas nos primeiros meses de 1924 como parte do ataque ao problema maior, e descrevo-as aqui.

Luzes foram vistas por alguns, mas não todos, dos vinte participantes de 30 de dezembro de 1923, no teto e no chão. Estas deram a um observador uma aparência como de uma lanterna de bolso lançada por um instante sobre o teto. Para outro, a luz pareceu crescer em extensão, e depois encolher.

Walter mostrou uma grande disposição para falar sobre as luzes e materializações, e muitas das suas observações devem constar da história. A 10 de janeiro, não tendo sido vistas luzes no intervalo, realizou-se uma negociação com ele. Ele alimentou esperanças para um futuro próximo. «Mas se a obtiverem, não gritem nem se movam — fiquem imóveis.» No entanto, pouco depois, ele contradisse isto, como faz frequentemente: «Não há necessidade de se calarem se obtiverem a materialização; gritem à vontade.»

Na mesma ligação, aconselhou: «Deviam começar a preparar-se para uma sessão vinte e quatro horas antes. Não omitam as ocupações regulares, mas mantenham-se mentalmente calmos; dessa forma, a bateria fica totalmente carregada.» No dia dezoito, deu mais avisos prévios. «Quando a virem, será primeiro uma bola luminosa que se tornará maior, e gradualmente se desenvolverá em toda a forma humana. Não devem ficar tensos nem gritar quando a virem; mas podem falar ou rir à vontade. Podemos andar sobre as vibrações produzidas pelo vosso riso.»

A 30 de janeiro de 1924, Walter instruiu F. H. a segurar firmemente Cross, deixando o resto do círculo como estava. Imediatamente apareceu o que foi aceite como o início da materialização, sob a forma de uma luz em movimento do tamanho de uma mão. Viajou rápida e lentamente; dançou para cima e para baixo entre Cross e Adler; apareceu fosforescente, ora brilhante ora débil; ainda brilhou intensamente sob uma mão exploradora e cobreira. Isto durou mais de meia hora.

Cross sugeriu que era a lanterna de Walter; Walter respondeu com algum fervor que era, na verdade, o seu corpo. Perto do fim, tomou o contorno vago de uma mão. Depois, Walter mostrou algo luminoso que disse ser o seu olho; o registo não indica com exatidão o quão perto se assemelhava ao órgão da visão. «Querem vê-lo piscar?» perguntou; e procedeu a «piscá-lo» fazendo tremeluzir a sua luz. Com o tempo, ele criou um nome para esta manifestação como o seu «olho que tudo vê», e estabeleceu a máxima: «Quando virem esse olho piscar, cuidem de vocês.»

Os fenómenos de luz duraram meia hora a 1 de fevereiro, durante a maior parte da qual Caldwell tinha ambas as mãos de Margery à sua

esquerda, e Brown ambas as de F. H. à sua direita, estando o círculo quebrado entre F. H. e Margery. Este meio de controlo para instantes críticos tornou-se muito comum numa época posterior.

Claramente visíveis pelos mais próximos de Margery, pelos opostos a ela as luzes foram vistas apenas momentaneamente, em borrões indistintos, estando a distância a cerca de oito pés. Do lugar de F. H. e do de Brown, ao lado dele, viu-se uma barra bem definida, quase retangular, de suave resplendor, talvez com quatro polegadas de comprimento e duas de largura. Vista primeiro no peito de Margery, permaneceu principalmente no seu lado esquerdo, acima do ombro, tanto quanto se pôde julgar. Era invisível para ela. Ocasionalmente, movia-se para o seu lado direito. Adler, ao lado de Caldwell, viu-a apenas uma ou duas vezes.

A Sra. Richardson informou Walter de que era o aniversário de John, e Walter disse algo tomado como indicando que John estava a manobrar a luz, que oscilou para trás e para frente em reconhecimento. Uma voz, tomada como sendo de John, disse então: «Isto é para a mãe»; e a luz traçou o seu nome, «Jack», no ar.

Seis dos dezanove participantes viram uma luz ténue a 3 de fevereiro; alguns dos outros tinham a certeza de que ela não estava lá. Os que a viram eram positivos, embora mesmo para eles fosse mal visível. Foi comparada a uma nuvem ou névoa flutuante, no armário; moveu-se, horizontal e verticalmente, sem sair do recinto. Expandiu-se e contraiu-se, e uma vez pareceu tomar a forma de três barras. Walter insistiu que era o seu corpo que estava a tentar mostrar.

Dos doze presentes no dia sete, todos exceto um ou dois viram luzes de um tipo diferente. Variaram de um ponto brilhante a um brilho maior, de maior ou menor intensidade. Novamente pareciam chamas planas, sendo comparadas às formas angulares de uma pintura cubista por vários participantes que sentiram que, embora os bordos não fossem nítidos, esta era a melhor comparação. Geralmente, eram visíveis apenas de um lado do círculo de cada vez. Todos concordaram que estavam no armário. Como anteriormente, a luz era tão débil que era invisível a poucos pés de distância.

Walter, a 9 de fevereiro, fez uma palestra ilustrada sobre as luzes, para o círculo restrito de F. H., Cross e Adler, que tantas vezes obtinha bons resultados. Afirmou que, na tentativa de materializar, certas luzes

simbólicas significariam cada uma um espírito diferente. Um olho seria Walter; um crescente, a mãe de Adler; um par de lábios finos, a avó de F. H.; lábios mais grossos, a mãe de Cross; uma figura retangular, John; uma estrela ou aproximação, Mark. Depois, procedeu a uma demonstração. O «olho» dançou por ali, aproximou-se de F. H. e piscou. Os lábios grossos moveram-se na direção de Cross, movendo-se como a beijar, e fazendo um estalido metálico como de unhas. O crescente dançou perto de Adler. John e Mark foram totalmente omitidos.

A pedido, Walter produziu um dedo luminoso em cima da mesa; este mostrava os ossos como numa radiografia, anatomicamente corretos. Elevava-se e baixava na mesa como um martelo de presidente, fazendo uma batida ao descer. Depois, uma massa luminosa como um punho passou por cima da lateral do armário, a cinco pés do chão, com um golpe retumbante que foi ouvido seis vezes no total. «A melhor sessão até agora», foi o veredito aqui.

Cross e F. H. foram os únicos participantes no dia doze. «Ele mostrou-nos três dedos da sua mão em cima da mesa, e o lado do seu rosto com nariz e olho. Mostrou-nos um olho único que se abria e fechava audível e visivelmente.» Todos estes eram luminosos, claro. Não há indicação de quão bem desenhados estavam; nem é clarificado se um efeito visível está envolvido quando «a sua mão passou por cima e agarrou palpavelmente o braço de F. H.».

Walter produziu o olho que tudo vê a 14 de fevereiro e numerosas luzes simples, em pares em cada lado de Margery. Bateu na mesa com um dedo visível — verosimilhança anatómica não registada. Piscando o seu olho, acompanhou o tremeluzir com as palavras: «Abrir; fechar. Abrir; fechar.»

Houve um círculo muito grande para o dia dezasseis. A coisa do olho continuou, e muitas luzes foram apresentadas, não descritas em pormenor. Estas foram acompanhadas por numerosos toques psíquicos. Novamente no dia dezoito, as luzes foram vistas intermitentemente durante toda a sessão.

O próximo avanço ocorreu a 26 de fevereiro. Uma luz do tamanho de uma palma da mão apareceu primeiro. Após dois minutos, Walter disse, com desgosto: «Quantas vezes tenho de dizer a estes malditos tolos o que fazer? Eu disse-vos que, depois de as luzes

estabelecerem a sua aparência, devem quebrar o círculo à direita da Miúda.» Feito isto, as luzes ganharam brilho. Walter empreendeu então o que chamou de «coisas científicas». Para os vários participantes, apareceu uma luz, duas luzes, nenhuma luz, cada um relatando constantemente de forma diferente dos outros. «Rindo sardonicamente, Walter fez as luzes aparecerem individualmente, em dobro, ou em branco, para quem ele queria e à sua própria e doce vontade.» «Querem ver a minha mão?» foi o seu próximo movimento; e apareceu uma mancha de luz com cerca de três por quatro polegadas, com a silhueta negra de quatro dedos a atravessá-la. Depois de repetir isto várias vezes a pedido, pegou numa rosa da mesa e silhuetou-a contra a mesma luz.

Para demonstrar novamente que os fenómenos não eram uma função da Lime Street, realizou-se uma sessão a 29 de fevereiro na residência Litzelmann em Cambridge. Margery sentou-se com as costas numa janela saliente; e passado algum tempo, o seu contorno era visível contra as cortinas pela luz que se infiltrava. Não havia armário; mas Walter veio imediatamente com as suas luzes.

Mostrou uma nova disposição em forma de trevo, com subdivisões de diferentes intensidades. Numa ocasião em que a luz subiu alto, com as mãos de Margery seguras por F. H. e Litzelmann, pôde distinguir-se uma extrusão negra semelhante a um braço, a partir do ombro de Margery e terminando na luz. Ter-se-ia pensado que isto ofereceria sugestão para futuras experiências com meios para silhuetar Margery vagamente para os outros, mas F. H. é muito obtuso para sugestões que se afastam dos seus próprios desejos.

Durante parte desta sessão, alguns do grupo pensaram ter visto uma forma escura de pé entre F. H. e Margery. Não era nenhum dos participantes; a alegação de que era um cúmplice vindo de fora teria sido um pouco mais plausível se tivesse acontecido na Lime Street.

1 de março trouxe as luzes habituais, na presença de Roback. No dia sete, grandes áreas de luz, talvez não tão brilhantes ou densas como antes, mas maiores e mais semelhantes a nuvens, foram consideradas como «progresso indubitável em direção à materialização». No dia nove, houve uma exibição brilhante para dez pessoas da «investigação científica» como vista pela primeira vez a 26 de fevereiro.

As luzes começaram cedo e duraram toda a noite a 13 de março, com curtos intervalos de ausência. Movimentaram-se bastante. Uma luz única foi vista primeiro perto da cabeça de Margery, avançando mais tarde para o meio da mesa, onde permaneceu muito tempo. A observação repetida das luzes simultaneamente com toques, ruídos e movimento de objetos, e nas proximidades destes fenómenos, tornou esta uma das sessões mais importantes até à data.

Batidas altas no armário foram acompanhadas por clarões de luz nos locais onde as batidas pareciam estar. Quando Walter tirou uma carteira da mão da Sra. Richardson (Capítulo XXVII), não só a luz foi vista pairando perto do local, como a Sra. Richardson descreveu uma sensação como de contacto de mão ou dedo. Estas luzes eram, por vezes, tão grandes como um prato de jantar; por vezes com um bordo bem cortado e o resto nebuloso; por vezes com um contorno geral «como a parte superior de um rosto». (Claro que esta comparação é tudo menos definida.)

Mais brilhantes umas vezes do que outras, as luzes foram vistas quase constantemente por F. H. e pela Sra. Richardson, sentada ao lado dele; raramente por Cross e Richardson, que completavam o círculo por essa ordem. Richardson segurou a mão esquerda de Margery durante toda a sessão e relatou que ela estava sempre flácida e passiva; o controlador de F. H. sobre a direita foi igualmente permanente. Temos aqui uma demonstração extrema de validade, da qual só se pode escapar atacando a boa-fé de F. H. A ausência de Adler, contra quem a acusação de cumplicidade seria menos absurda do que contra qualquer outro participante, quando julgada com base na oportunidade mais a aparente capacidade mental, é particularmente feliz.

Houve boas luzes a 14 de março. Na noite seguinte, houve outra demonstração, sob o mesmo controlo registado. A primeira luz apareceu na ausência de F. H., enquanto ele estava ao telefone; não parece se o controlo foi transferido para a Sra. Richardson, que provavelmente se sentou ao lado dele, ou se foi abandonado temporariamente. A luz era invulgarmente brilhante. De um lado do círculo parecia um disco, com seis polegadas de diâmetro; do outro, do outro lado da mesa, como uma barra com cerca de seis por duas polegadas.

Quando F. H. retomou o seu lugar, apareceu uma luz, de forma retangular ou em losango, permanecendo, intermitentemente, pelo resto da noite. Walter confirmou a inferência tirada disto, de que John estava encarregue. Permaneceu quase no mesmo local durante muito tempo, em cima da mesa ou no colo de Margery. Durante outros fenómenos, continuou a brilhar, por vezes movendo-se e por vezes não. F. H. pensou ter visto uma forma, talvez um dedo, passar por cima dela; Walter disse que não, que se devia a ondas de ectoplasma.

Esta é uma das observações mais intrigantes alguma vez registadas por Walter; se o ectoplasma existe, acho muito bem que possa participar suficientemente do imaterial para ter propriedades de onda. A luz de John dividia-se, unia-se e dividia-se novamente, mantendo sempre o seu contorno geral em forma de losango.

Doze participantes de 16 de março, alguns presentes pela primeira vez, viram a «investigação científica» de Walter. No dia dezassete, com sete presentes, a luz foi muito clara durante grande parte da sessão, e seguiu os outros fenómenos no tempo e no espaço como tinha feito no dia treze. Ao manusear uma carteira, Walter «saiu com o seu olho» para ver o dinheiro lá dentro; e o registo afirma que «o olho pôde ser claramente visto no centro da luz». No dia dezoito, havia nove participantes; a luz veio, não tão brilhante ou tão claramente definida como por vezes, mas constante.

Permaneceu a maior parte da noite em cima da mesa, movendo-se apenas ocasionalmente. No dia vinte e um, a «investigação científica» foi exibida; e a Sra. McDougall foi acusada de clarividência por relatar uma «luz ofuscante» que nenhum dos outros conseguia ver. No dia vinte e sete, as luzes apareceram, mas eram muito débeis; novamente no dia vinte e nove, na presença dos McDougall e de Roback, houve luzes, grandes mas relativamente ténues.

Mais uma vez temos, para 1 de abril, uma declaração registada de controlo contínuo por Richardson e F. H. Para vários participantes, a luz parecia aproximar-se mais da verdadeira materialização do que qualquer coisa ainda vista. Não era muito brilhante, mas assumiu várias formas, e por vezes estava em até três partes. «Estas sugeriam uma cabeça e ombros debilmente iluminados; mais precisamente, como se estivessem prestes a tornar-se cabeça e ombros.»

Assim reza o registo; parece uma leitura das expectativas nas perceções. Por vezes, os de um lado da mesa podiam ver esta luz, por vezes os do outro. Movia-se para cima e para baixo, para dentro e para fora do armário; pairou sobre a mesa; aproximou-se muito de um ou dois dos participantes. No meio de comentários encorajadores, Walter disse que isto era muito difícil de fazer, e pouco depois a luz desapareceu sem aviso. Mas novamente, pouco antes da despedida, a Srta. Richardson relatou que luzes com muita aparência de um rosto se aproximaram dela.

A menção de luzes é feita, de forma perfunctória, nos registos de 3, 5 e 6 de abril. Para o dia onze, sou eu próprio culpado da mesma falta de minúcia; as luzes que vi nesta data aparecem apenas pelo nome no meu registo, tal como no de F. H. Mas para a sessão do dia doze, realizada, como detalhado na página 180, sob controlo total dos pés e mãos da médium por mim e McDougall, mais a ronda da sala por Roback, fiz as seguintes notas:

«As luzes ocorreram em grande quantidade durante talvez uma hora, variáveis em brilho, tamanho e forma. A forma nem sempre era suficientemente clara para observação. Não era nada invulgar obter um movimento vertical de dois pés — por vezes primeiro para baixo, geralmente para cima e depois para baixo. O alcance horizontal do movimento não era tão grande como o vertical. Mas o alcance horizontal da localização era considerável, e provavelmente maior que o vertical.

Algumas das luzes estavam certamente muito próximas da médium; algumas estavam bem sobre a mesa. Houve uma variabilidade considerável de observação numa dada luz entre dois participantes, particularmente em relação a se era visível ou não. Por vezes, o eclipse por uma cabeça ou outro objeto opaco poderia explicar isso, mas certamente nem sempre. As luzes foram frequentemente acompanhadas por brisas, de força considerável, distintamente frescas, e certamente objetivas», como relatado no Capítulo XXIII.

No que diz respeito às luzes do presente capítulo, ocorrendo mais ou menos no espaço e livres da médium, este é o clímax tanto da atuação como da prova de validade. Ou melhor, provavelmente não é o clímax real da ocorrência, pois creio que algumas das exibições

anteriores superaram esta; mas esta estabelece um clímax de atuação e observação combinadas. Após esta data, também, a ocorrência de luzes foi muito esporádica durante algumas semanas. Estão registadas para 17 de abril, sem comentários; e para o dia vinte e um, sem mais caracterização do que a transportada pelo uso do adjetivo «amável».

A 12 de maio, várias luzes foram observadas por Carrington e por mim, do tamanho da palma da mão, e parecendo mover-se sempre aproximadamente num arco circular. Carrington teve uma impressão distinta da sua planaridade; ambos concordámos que algumas delas vieram demasiado alto para qualquer teoria comum de fraude.

15 de maio deu uma breve demonstração que deve ser mencionada em relação às condições de controlo; Prince estava à esquerda de Margery e Comstock à sua direita. Luzes foram vistas por Prince e Margery, nas suas mãos unidas, que eram invisíveis para qualquer outro participante. Mais três observações fugidias completarão então a história. A 19 de maio, eu estava no controlo à direita de Margery e Carrington à sua esquerda, quando ele viu uma luz e a Sra. Brown outra — ambas perto de Margery. E novamente no dia trinta, Carrington relatou três luzes minúsculas, com aparência de pirilampo, sobre o prato leste da balança que então estava em cima da mesa. Na noite seguinte, vi o que considerei ser outra delas.

Luzes psíquicas ocorreram depois disto, mas de uma forma inteiramente diferente e aparentemente numa ligação inteiramente diferente. Portanto, suspendo aqui o relato, e retomá-lo-ei mais tarde. Ver-se-á que as luzes psíquicas, nas sessões de Margery, geralmente ocorrem de tal forma que permitem a suposição de que não são elas próprias a coisa explícita visada pela inteligência orientadora, mas constituem antes um meio para algum outro fim, uma exibição incidental das propriedades da força psíquica ou estrutura psíquica que está a ser usada para a produção de algum outro efeito. Para esta suposição, inclino-me fortemente, pelo menos no que diz respeito a uma proporção considerável dos efeitos luminosos de Walter.

CAPÍTULO XXV
O GADO PSÍQUICO

Sem algumas palavras de aviso, o leitor comum terminaria o presente capítulo num estado de perplexidade sobre se o deve considerar como material psíquico sério, como comédia, ou como loucura. A resposta é que espero que não seja loucura, mas estou satisfeito por ser tanto comédia como psiquismo sério. Descreve fenómenos que são de tal carácter que tornam a hipótese da sua produção fraudulenta na presença do mais ligeiro grau de observação competente uma hipótese totalmente absurda.

Mas quando, tomando-os como genuínos, citamos necessariamente o que o controlador nos diz sobre a sua origem, devemos fazê-lo com as mentes cuidadosamente focadas no facto de que a personalidade de Walter é uma brincalhona muito divertida quando o humor o move. Os fenómenos — sim. Susie e Ninnicoop e o resto deles — bem, dificilmente. O que temos de tratar é um tipo muito curioso de luz psíquica, sobre o qual a personalidade de Walter escolhe pendurar uma estrutura de humor.

Tomemos a parte séria a sério, e o elemento humorístico com apreço.

Após a extraordinária exibição de luzes psíquicas e materialização parcial de 26 de fevereiro de 1924, apareceram duas áreas triangulares de luz, com ângulos curvos, como asas de borboleta. Estas manifestaram um movimento muito mais ativo do que a generalidade das luzes tinha feito; e com este movimento vieram ruídos curiosos.

A única descrição satisfatória da combinação de luz e som está na comparação com asas luminosas, com o seu visível e audível esvoaçar e bater no espaço acima da mesa. As duas «asas» pairavam, sempre juntas, sobre as rosas em cima da mesa; pegavam numa delas e aproximavam-se de um participante e batiam-lhe com ela na cabeça; esvoaçavam para o lado do armário e batiam nele.

A semelhança com algum tipo de criatura voadora era bastante inescapável, e pouco depois os participantes a adotaram. Um deles, falando com Walter, observou que o objeto estranho agia e soava como um pássaro; outro sugeriu um escaravelho; Walter rejeitou ambas as ideias, e insistiu em que era, na realidade, um morcego — o seu morcego domesticado, Susie.

Susie fez todo o tipo de travessuras de voo e rastejamento sobre e por cima da mesa e contra o armário, com uma enxurrada de explicações da parte de Walter. «Agora a Susie está cansada. A Susie tem pulgas. A Susie já esteve aqui antes; sentiram o seu pelo quente no domingo passado (página 177). A Susie pode viajar a sessenta milhas por hora. Ela carrega-me. Fui para a Europa na Susie.» Susie puxou o cabelo de todos os quatro participantes, bicou os seus rostos, bateu as asas nos seus olhos, e, em geral, divertiu-se maravilhosamente à custa deles.

Foi seguida por outra grande área de luz semelhante a um escaravelho, que se debateu sobre a mesa com muito bater de asas. Uma águia, arriscaram os participantes. «Não», disse Walter, «essa é a minha Nincompoop.» Após uma longa atuação desta criatura, Walter anunciou: «Ninnicoop está cansada.» O bater tornou-se lento e irregular; depois «Ninnie vai para casa agora», e parou.

A verdadeira classificação zoológica deste animal de estimação de muitos apelidos nunca foi estabelecida.

Susie e Nincompoop foram a coisa mais hilariante que Walter tinha feito até então. A sua liberdade de movimento e a sua combinação de luz e som justificam o seu reconhecimento como algo novo, algo para além da luz psíquica habitual — algo de que fazer um novo capítulo. Elas e os seus sucessores foram exibidos sob um controlo que torna necessário considerá-los genuínos. Mas o que pensar sobre eles, depois de conceder a genuinidade, devo confessar que me intriga tanto quanto qualquer aspeto de toda a mediunidade.

Susie fez a sua segunda aparição a 27 de fevereiro. Bateu as asas, arranhou o armário, bateu visível e audivelmente na mesa, rastejou pelo cabelo de Goodall, bateu asas no seu rosto, e atingiu todos os três participantes no rosto com rosas da mesa, como antes. Walter soltou-a quase imediatamente e teve-se uma curta sessão, com pouca outra ação. Devo, claro, descrevê-la a ela e aos seus colegas nos termos do valor facial estabelecido por Walter; qualquer coisa diferente envolveria demasiado circunlóquio. Portanto, prossigamos, carregando o nosso sentido de humor connosco.

Na casa Litzelmann em Cambridge, a 29 de fevereiro, Susie esvoaçou por todo o lado, em rostos e cabelos. Antes de atravessar o rio, Adler e Cross sentaram-se durante alguns minutos na Lime Street

com a família, para dizer a Walter para onde ir. «Virás no automóvel?» perguntaram-lhe. «Não, vou na Ninnicoop», respondeu ele. Mas foi Susie que se manifestou.

Susie esvoaçou para o rosto de Roback a 1 de março. No dia quatro, Walter começou a brincar com os nomes; a criatura semelhante a um morcego foi vista distintamente durante um longo período, esvoaçando e fazendo todo o tipo de ruídos de batida, mas o seu senhor referiu-se a ela como Jimmie. No dia nove, houve outra mudança de sexo, de volta para Jennie. Ela, ou ele, ou isso, cabriolou por todo o lado e tocou nas cabeças, rostos ou mãos de todas as onze pessoas no círculo. O espaço que ela teve de cobrir aqui não deve ser esquecido; torna-a um dos itens de maior alcance de toda a mediunidade.

A luz voadora era Matilda e Mattie no dia dez. Mostrou-se em todo o lado, bateu e martelou na mesa e no armário, e esvoaçou para os rostos. No dia doze, o nome era Ethel, Jr., aparentemente em honra da Sra. Yerxa, que estava presente. O bater das asas nos rostos de todos os participantes foi misturado com uma série de contactos psíquicos e toques com flores (ver acima). Se houve ação simultânea real em dois locais diferentes não é tornado claro.

O participante mais pouco habituado do dia quinze foi David Richardson, e o diabo voador usou o seu nome — David, Jr. Esvoaçou com um novo som de estalido, por vezes quase tocando os participantes mas nunca chegando a fazê-lo. Parecia saltar na mesa entre os esvoaçares, mas nunca permanecia lá muito tempo. Laura C. estava presente no dia dezasseis e serviu como madrinha do morcego psíquico, que foi agora apresentado como Laura, Jr. Bateu asas nos rostos de todos os doze participantes, tocou cabeças, e comportou-se geralmente como os morcegos psíquicos de sessões anteriores.

Walter abandonou temporariamente as luzes voadoras a 17 de março, em favor de um truque inteiramente novo. A vara da cortina (escura) foi colocada ou pendurada (aparentemente por Walter, mas não posso ter a certeza) ao lado do armário. Depois, o «simpático urso domesticado Helen» de Walter deslizou por ela rapidamente e com um som de raspagem, e subiu de volta, lentamente e com estalidos. Helen, claro, era representada aos olhos por uma mancha de luz.

Pela primeira vez, a 18 de março, a vara foi marcada em ambas as extremidades com tinta luminosa. Walter encostou-a à mesa, com a extremidade inferior no chão; depois, a proeza do urso deslizante foi duplicada, com a médium completamente controlada por Richardson e F. H. A execução não foi tão boa como na noite anterior — John estava a dirigir o espetáculo, na presença dos seus pais, em vez de Walter.

Na presença de Goodall, a 25 de março, o urso trepador e estalante era Harry, Jr. Desta vez, uma extremidade da vara foi colocada em cima da mesa, a outra encostada ao teto do armário, na frente, sendo as cortinas suporte suficiente para a segurar. Harry, Jr., fez um tobogã audível e visivelmente para baixo, e subiu de volta com estalidos e zumbidos.

29 de março trouxe de volta a luz voadora. Roback estava à solta na sala e havia um sofá atravessado na porta. A luz, agora sem nome, esvoaçou para fora do armário, atravessou a mesa e foi para o rosto da Sra. McDougall.

O controlo contínuo por F. H. e Richardson marcou novamente a sessão de 1 de abril, que conduziu, através do som de asas a bater, ao ato do tobogã psíquico. Walter colocou a vara no lugar ele próprio, a luz subiu lentamente e deslizou rapidamente para baixo, e os ruídos habituais foram ouvidos acompanhá-la. Walter fez alguns comentários humorísticos, comparando as aventuras do urso deslizante às de Goodall quando ele enfrentar São Pedro.

Para 5 de abril, o urso trepador era Charlie, Jr., em honra de Ekland. Trepou pela vara inclinada, deslizou ruidosamente para baixo, e aterrou na mesa com um saltinho. No dia oito, com a Srta. Richardson presente, era «Pequena Pattie» e «Lobster Pattie». Corria livremente para cima e para baixo pela vara, colocada num ângulo de 45 graus, enquanto Walter assobiava. O registo faz parecer que esta foi a primeira de muitas ocasiões em que ele acusou brincando a Miúda de fazer o truque com as suas sobrancelhas. «Quando as luzes estiverem acesas novamente, reparem no comprimento que elas têm.» Ele tem grande prazer em fazer esta acusação na minha presença.

A 11 de abril, pela primeira e única vez, vi o urso trepador, sob controlo por mim e F. H. No dia vinte e um, Susie esvoaçou, estalou e dançou em cima da mesa; e Harry, Jr., trepou pela vara e deslizou para

baixo. Desde então, Walter fez frequentes referências a Susie, e menos vezes mencionou o urso; mas manteve-os fora da sala de sessões. Talvez a alteração nas luzes psíquicas descrita no Capítulo XLII tenha algo a ver com isto; talvez seja um ato espontâneo de vontade; talvez a razão seja outra. Susie e Helen e o resto delas certamente trouxeram um toque de comédia às sessões que foi apreciado pela maioria dos participantes. Talvez esta fosse a sua razão de ser; descrevo noutro local o quão ansioso Walter está por ter uma atmosfera de riso.

CAPÍTULO XXVI
LETRAS DE FOGO

Se me afastar um pouco da ordem cronológica estrita do aparecimento dos fenómenos aqui, é porque os incidentes que estou prestes a descrever deixaram de ocorrer tão cedo que desejo afastá-los do caminho antes de atacar algo que se estendeu mais para o período da Scientific American da mediunidade.

Os presentes fenómenos foram induzidos pela presença de uma pequena folha de cartão, de nove polegadas por duas, cuja superfície tinha sido revestida com tinta luminosa. Não sei se esta foi ideia de Walter ou de um participante — imagino que foi introduzida na sessão com a dupla intenção de lhe dar algo visível para transportar, e algo na forma de um fundo brilhante contra o qual pudesse exibir objetos escuros. Ele usou-a imediatamente para um propósito bastante diferente.

Usando algum instrumento de ponta afiada análogo a um lápis, ouviu-se, e talvez vagamente se viu, ele a esfregá-lo vigorosamente contra as extremidades iluminadas da vara da cortina, como se o afiasse. Usou-o então para escrever os nomes de cada um dos quatro participantes na superfície da placa. Aleck, Fred, Kid, Doctor; estas eram as palavras. Cada uma estava virada para o seu dono como se ele próprio a tivesse escrito da forma normal.

O contacto entre o instrumento de escrita e a tinta resultou num clarão momentâneo desta, que durou apenas o tempo suficiente para

permitir a leitura, e depois desvaneceu-se novamente para o tom geral da placa. Parece-me que a afirmação do registo, que atribui a Walter uma bela caligrafia Spenceriana aqui, deve necessariamente, tendo em conta o modus operandi, ser um voo da imaginação.

Isto foi a 20 de março de 1924. Novamente no dia vinte e cinco, Walter escreveu muito rapidamente os nomes e iniciais H. W. G. (Goodall), Roi (F. H.), Alex (Cross), Fred (Adler), Kid, cada um em posição vertical diante do seu dono. Desta vez, usou a extremidade inferior da vara da cortina como sua caneta. A placa tinha sido «ativada» por uma exposição de apenas um segundo à luz; portanto, estava apenas ténuemente luminosa, e as letras não se desvaneciam no fundo tão rapidamente.

No dia vinte e sete, o mesmo tipo de coisa foi iniciado, mas o telefone tocou e a luz teve de ser acesa para que F. H. pudesse encontrar o caminho para sair. Quando ele voltou, a placa, como resultado da nova exposição, estava demasiado brilhante para este uso

A escrita foi feita sob um procedimento diferente a 15 de abril. Forneceu-se um pequeno caderno, e Walter levantou a caneta de tinta permanente de F. H. do seu bolso, usando-a para escrever uma dúzia de palavras. Podia-se ouvir a caneta a raspar e as folhas a serem viradas. Sob exame posterior, quatro das folhas foram encontradas ligeiramente amassadas nos bordos. A escrita legível inclui a assinatura completa de Walter, as palavras «Harmonia» e «Boa noite», e a sua palavra de ordem favorita, «É um beco comprido que não tem barril de cinzas.» A caligrafia é declarada como assemelhando-se mais à da sua mãe do que à caligrafia de Walter em vida.

Outro esforço foi, claro, feito nesta direção a 17 de abril, mas Walter desprezou os avanços. Um grande bloco de secretária estava em cima da mesa, com doze folhas de papel branco cuidadosamente encaixadas, e um lápis enorme e perfeito. O lápis foi atirado ao chão; e cada folha de papel foi rasgada separadamente, amassada e atirada aos participantes. Depois, num gesto final de desafio, o próprio bloco foi arremessado a F. H., e Walter nunca mais tentou escrever.

CAPÍTULO XXVII
O BOLSINHEIRO PSÍQUICO

As operações menores de Walter tomaram, a 18 de fevereiro de 1924, um rumo que parece justificar um capítulo separado. Ekland, sentado ao lado de Margery, estava a receber uma profusão invulgar de toques psíquicos. Pediu a Walter que lhe tirasse do bolso, primeiro o seu bilhete de comboio, depois o seu relógio. Imediatamente sentiu um puxão no bolso que continha o bilhete, depois no outro; e pouco depois anunciou que ambos os artigos tinham desaparecido.

F. H. pediu então a mesma atenção a Walter, e obteve-a; os seus bolsos foram esvaziados de papéis e estes foram passados ruidosamente através da mesa. A pulseira da Sra. Litzelmann foi a seguir retirada dos seus dedos enquanto ela a estendia para Walter; e o relógio de Frothingham foi levantado da sua mão aberta e colocado em cima da mesa. Várias vezes Litzelmann sentiu o seu casaco puxado, e por fim Walter perguntou-lhe se ele tinha um relógio no bolso.

Quando Litzelmann disse «Não», Walter contradisse-o; e a procura trouxe do bolso de Litzelmann não só o relógio de Ekland, mas também a pulseira desaparecida. Diz-se que toda a atuação foi realizada sob controlo, mas não há forma de saber a ordem dos participantes. Mas seja qual for o controlo, temos aqui uma ação em grande escala, e essa mesma precisão de manipulação que observámos em capítulos anteriores, e que prometemos comentar mais detalhadamente. Este pareceria ser um lugar tão bom como qualquer outro para as observações gerais assim exigidas.

Assisti a sessões de uma médium cujo trabalho se revelou totalmente fraudulento — pelo menos no que diz respeito ao que ela fez na minha presença. Houve aqui uma tentativa de tocar todos os participantes, e de fazer outros truques que envolviam algum grau de localização no escuro. A atuação foi hesitante e desajeitada. O senhor sentava-se numa cadeira, no centro da sala, com o círculo à sua volta, ele solto no ponto central, livre de todas as tentativas de controlo direto.

Passou a primeira hora da sessão a conduzir uma campanha cuidadosa de exploração com a sua longa trombeta, aprendendo e mapeando na sua mente a posição de todos os participantes. Não havia aqui qualquer pretensão de precisão de contacto; eventualmente, a sua

trombeta encontrava-o e o participante relatava um toque, mas esse era o único fator comum nas experiências de cada participante.

Se o participante se movesse depois de ele o ter encontrado, ele tinha de o encontrar novamente, por tentativa e erro. Os «espíritos» que se moviam pela sala após este processo tinham tanta probabilidade de pisar os seus pés como qualquer outra coisa. Tudo era mais ou menos como seria se o leitor ou eu fôssemos libertados na escuridão total, numa sala cheia de pessoas e objetos.

Sentei-me, por outro lado, onde a sequência de eventos era tão diferente disto como o dia da noite. Luzes psíquicas e objetos materiais, especialmente na presença de Powell, disparam rapidamente por toda a sala, entrando e saindo entre mãos, cabeças e outros objetos materiais, sem reconhecimento prévio e nunca uma colisão. Vê-se uma tal luz ou tal objeto (marcado com tinta luminosa, claro) a aproximar-se de nós a uma velocidade alarmante; chega a uma polegada ou mais do nosso rosto; para sem nos atingir. Movemos o nosso rosto para uma nova posição e a experiência repete-se. Colocamos uma mão em cima da mesa para receber algo que o controlador espiritual deseja dar-nos; e o objeto em questão vem diretamente para a nossa palma ou dedos, sem hesitação, nem exploração.

Toda a conduta da sessão, do princípio ao fim, revela todas as evidências de um conhecimento absoluto da localização exata de tudo na sala. Isto aplica-se, como já indiquei, a coisas como mãos, pés e cabeças, que não estão rigidamente no mesmo lugar o tempo todo, com a mesma força que as cadeiras e mesas, que permanecem onde são colocadas a menos que sejam deliberadamente movidas.

Não é uma questão de exploração prévia como no caso fraudulento citado, pois a ação da sessão começa em alto nível. No caso de Miss Besinnet, houve observação por investigadores perspicazes que levou ao veredito de que os seus fenómenos são feitos através do uso normal das suas mãos, pés e boca, pela personalidade dual que a controla durante um transe genuíno.

Mas pelo menos um investigador que chegou a esta conclusão concorda comigo que, mesmo que isso esteja correto, a localização perfeita de objetos por toda a sala, na escuridão total, exibida por esta

médium, pode ser justamente descrita como visão no escuro, e presumivelmente tem uma base psíquica genuína.

Não preciso de remeter para página e parágrafo do presente volume para enfatizar o ponto de que a mesma coisa acontece nas sessões de Margery. Tudo o que é feito e que exige localização de objetos, mãos, pés, rostos, etc., é feito perfeitamente, sem exploração prévia e sem hesitação. Toda a ação dos Capítulos XXI, XXII e XXV gira em torno deste tema; o mesmo acontece com a do presente capítulo; em menor grau, a mesma estranha capacidade de saber onde as coisas estão é vista noutros capítulos que já deixámos para trás; e continuará a surgir nas páginas futuras. É um dos mais fortes argumentos gerais a favor de Margery, para além da evidência específica proporcionada por episódios específicos que foram apresentados sob condições à prova de fraude.

Os truques de bolsinho que me levam a estas observações pareciam agradar a Walter. Uma vez descobertas as suas possibilidades, dedicou-se a eles com afinco durante algum tempo. A 1 de março, Ekland tentou-o novamente, pedindo que lhe retirassem os óculos do bolso superior direito do colete e os passassem através da mesa para Roback. Imediatamente, o seu colete foi desabotoado com tão pouca hesitação e incerteza como se ele próprio o estivesse a fazer; o estojo que se poderia supor conter os óculos foi extraído; e este foi entregue a Roback através do diâmetro maior da mesa. Ekland perguntou então a Walter o que estava dentro, e Walter respondeu que não eram óculos, mas dinheiro. Isto estava correto; continha uma nota de dez dólares marcada e mais nada.

A 7 de março, F. H. forneceu o estímulo para mais deste tipo de coisas. Estendeu, na sua mão esquerda, uma tesoura de bolso no estojo. Walter pegou-a. F. H. garantiu a Cross que Walter não o podia cortar com a tesoura, por causa da presença do estojo. Walter fez alguma observação no sentido geral de «Oh, realmente»; e ouviu-se a tesoura a estalar e a bater perto de Cross e noutros lugares. O estojo de couro foi entregue a Adler, a tesoura a F. H. F. H. estendeu então a sua carteira, e ela foi prontamente tirada dele, sem que ele tivesse dito algo para informar um operador fraudulento de que ela tinha sido oferecida. Walter observou que era um tipo estranho de carteira, sem

fecho; era, de facto, uma pasta de pele de porco de um tipo não fabricado na época de Walter.

Enquanto a carteira lhe era tirada da mão, F. H. relata que foi agarrada como por duas folhas finas e pontiagudas de madeira, muito secas e estaladiças; e foi devolvida pelos mesmos meios. Walter, em resposta à pergunta direta, disse que isto era ectoplasma; que podia ser feito para ter qualquer «sensação» desejada. Tendo a carteira na sua posse, disse: «Tenho de ver o que está lá dentro; vou pôr o meu olho de fora.»

O olho apareceu e dançou por ali (Capítulo XXIV) — um toque muito engenhoso e dramático, quer se acredite genuíno ou fingido; depois Walter continuou: «Cheia de dinheiro. Uau! Duas notas de cinquenta e uma de cem. Acho que vou deportar essa carteira.» No entanto, em vez de cumprir esta ameaça, devolveu-a prontamente ao seu dono; que pôde, então ou após exame, verificar a afirmação sobre o seu conteúdo.

A Sra. Stewart estava sentada, a 9 de março, fora do círculo, no lado remoto em relação a Margery, atrás de Brown e Cross e a pelo menos três pés para além do alcance extremo de Margery. O seu lenço foi-lhe tirado da mão e o seu xaile dos ombros. Ela então, sem declarar o que estava a fazer, estendeu uma pulseira pesada entre as cabeças à sua frente. Foi prontamente tirada dela e colocada em cima da mesa; entregue à Sra. Brown; tirada dela e colocada na cabeça de F. H.; colocada a seguir na cabeça de Caldwell, no lado oposto do círculo. Depois desapareceu, e quando a luz vermelha foi acesa novamente, foi encontrada enfiada na vara da cortina, que estava em cima da mesa.

Os truques de bolso continuaram a 13 de março. F. H. colocou a sua carteira na mão da Sra. Richardson, de onde Walter a removeu. Foi transportada através da mesa para Richardson, que a sentiu na sua mão; depois viajou mais um pouco. Walter disse que a abriria, e ouviram-se sons indicando que o tinha feito. «Tens cinco notas de vinte num cinto de papel, duas de cinquenta, nada mais pequeno do que uma de dez.»

F. H. sabia do cinto de papel, mas de resto o conteúdo foi descrito mais detalhadamente do que ele próprio poderia ter descrito, e com total precisão. Pela minha observação da rotina familiar, insistiria que

se Margery tivesse tido oportunidade de examinar o conteúdo dessa carteira após o regresso do doutor do seu horário de consultório da tarde, a ocasião teria certamente sido única.

F. H. colocou a sua carteira na mão de Laura C. a 17 de março; uma mancha de luz foi vista a mover-se em direção a Laura, e a carteira foi tirada dela. Ouviu-se novamente o som de a abrir, e Walter disse, corretamente, «Apenas notas de dez e vinte.» Mais tarde, todo o dinheiro foi removido e entregue ao seu dono, e a carteira foi dada à Srta. McKinstry; depois tirada dela e entregue novamente a Laura.

A presença de Ekland a 5 de abril inspirou algo um pouco diferente. Ele esperava regressar a casa, em Bridgeport, num comboio diurno no dia seguinte; mas disse a Walter que ficaria e apanharia o da meia-noite se Walter fizesse um bom espetáculo. Walter comprometeu-se a fazê-lo, dizendo que se Charlie ficasse, ele próprio traria o dinheiro para pagar a sua cama. F. H. quis saber como poderiam ter a certeza de que o dinheiro não vinha de nenhum deles; Walter disse que o marcaria; F. H. sugeriu uma estrela para este fim; e Walter concordou. Na noite seguinte, Walter tirou as chaves de Goodall dos seus bolsos, sacudiu-as contra as cabeças e nos rostos de todos os participantes, desabotoou o colete de Goodall, espalhou sobre a mesa o trocado do bolso de algum participante não identificado, e finalmente produziu de algum lugar um objeto estaladiço que esfregou nos rostos de todos os presentes antes de o entregar a Ekland. Revelou-se ser uma nota de dois dólares, com uma estrela a tinta vermelha num canto. Charlie ainda a tem, e mataria por ela.

A caneta de tinta permanente de F. H. foi tirada do seu bolso a 15 de abril, a tampa desenroscada e colocada na mão de Richardson, e a ponta usada para escrever uma dúzia de palavras num pequeno caderno (ver Capítulo XXVI). Terminada a escrita, o caderno foi usado para tocar F. H. e Richardson; depois caiu ao chão. Walter também tirou o lápis do bolso de alguém, mas caiu ao chão sem ser usado.

Das mãos de F. H. e da Sra. Richardson, ele tirou a carteira de F. H. A Sra. Richardson sentiu distintamente um toque como de um dedo frio na sua, enquanto a carteira saía da sua mão. Walter disse que a levaria para o seu lado; pensava que havia dinheiro suficiente para lhe

dar um ano de férias. Mas no final, foi encontrada em cima do armário, fora das cortinas superiores.

A nota de dois dólares que foi produzida para as despesas de carruagem-cama de Ekland não tem correspondência nos registos, mas isso deve-se a algo ter sido omitido. F. H. carrega na sua própria carteira uma nota de dez dólares com o nome «Walter» rabiscado a tinta vermelha, e conta como, uma ou duas semanas após o incidente dos dois dólares, Charlie foi novamente induzido a ficar para a sessão de domingo à noite pela promessa de Walter de pagar toda a sua viagem de regresso a casa. Este incidente não registado, mas muito vividamente recordado, encerra o capítulo. Escusado será dizer que os participantes do ABC consideram estes dois itens como autênticos aportes, e não como amostras da técnica de bolsinho em sentido estrito.

CAPÍTULO XXVIII
O ASSOBILADOR ALEGRE

Se alguém tentasse, nos estágios iniciais da mediunidade, discriminar entre o sussurro de Walter e a voz assobiada, uma base para tal discriminação residiria no facto de as comunicações sussurradas ocorrerem na sala de sessões, enquanto o assobio estava quase sempre ligado àquele aspeto da mediunidade que envolvia o uso dos pisos inferiores da casa. Com o abandono completo deste tipo de coisa, surgiu a necessidade de descartar o assobio ou rever a sua técnica. Walter escolheu a revisão e colocou-a em efeito imediato.

Na primeira sessão sob a nova ordem, a 30 de dezembro de 1923, está registado que ele assobiou no armário, no ritmo e em sintonia com a vitrola, que estava sem dúvida a tocar «Souvenir». Repetiu isto duas vezes, a pedido. A 17 de janeiro, assobiou um obrigado à vitrola; isto também foi talvez a melodia «Souvenir», embora com o novo tipo de assobio vindo do armário, ele não esteja confinado nem à melodia «Souvenir» nem à melodia que a vitrola por acaso esteja a tocar. Também no dia dezoito assobiou livremente ao som da música; e novamente nos dias vinte e vinte e dois.

Aparentemente pela primeira vez, o novo assobio foi usado a 27 de janeiro como meio de anunciar a presença de Walter e saudar os

participantes; isto tornou-se uma prática comum. Nesta ocasião, acompanhou a vitrola de forma muito extensa; e novamente no dia trinta, assobiou o seu fragmento de «Souvenir» para um novo disco de saxofone, e deu também outros assobios.

Os registos de fevereiro estão silenciosos sobre o assobio, embora duvide que tenha sido totalmente suspenso. A 17 de março, houve um assobio forte, seguido por mais quatro ou cinco notas, cada uma de tom mais baixo do que a anterior. Talvez o registo de 15 de abril se refira à mesma coisa quando diz que Walter instruiu todos a permanecerem perfeitamente quietos durante alguns minutos no final da sessão, e depois «assobiou uma espécie de nota de pássaro, ou melhor, três notas, em escala descendente, tornando-se continuamente mais suaves até mal audíveis».

E assumo que temos isto mais uma vez a 17 de abril, quando «pela segunda [?] vez ele assobiou a sua adorável melodia pessoal, cheia de cadências descendentes, muito diferente de tudo o que alguma vez ouvimos». Posso interjetar que concederei prontamente a aplicabilidade a Walter do adjetivo «hábil» para o seu assobio; mas creio que um participante mais distante do que F. H. e os seus amigos mais próximos não o caracterizaria tão persistentemente como belo, adorável, maravilhoso, e semelhantes.

Voltando atrás por um momento, soubemos que a 3 de abril, Walter irrompeu numa bela melodia assobiada, encaixando-a no «Souvenir»; depois produziu uma nota menor e encaixou também esta. E ainda mais cedo, a 22 de março, tinha, aparentemente pela segunda vez, empregado o assobio para anunciar a sua chegada.

Entender-se-á que a voz sussurrada estava a decorrer todo este tempo, servindo como modo de comunicação de rotina, mas sem fazer nada que exija um registo especial. Entretanto, o assobio estava a ser promovido do seu lugar como mero acompanhamento musical, e a adquirir estatuto como uma parte real e útil do vocabulário de Walter, aliviando-o de uma quantidade surpreendente da necessidade de fala real. O assobio interpretativo, para emprestar o termo muito feliz de F. H., foi desenvolvido até um ponto em que Walter é capaz de o usar para expressar todos os tipos de estados de espírito; e com ele é igualmente bem-sucedido em expressar respostas simples a perguntas simples.

Prazer, pesar, triunfo, divertimento, assentimento, dissenso, indiferença — estes são talvez os estados de espírito que ele expressa mais prontamente nos seus assobios; mas de modo algum o limitam no uso desta ferramenta.

Assim, a 15 de abril, ao registar o assobio interpretativo pela primeira vez, F. H. cataloga o desprezo e o espanto entre as reações que foram transmitidas através deste veículo, que foi uma característica marcante da sessão. Novamente, a 22 de abril, em discussão com Comstock, encontramos Walter a conduzir a sua parte da conversa apenas com o assobio expressivo; e Walter pode dizer tantas coisas desagradáveis com um assobio como um alemão pode com «So».

A minha própria nota para 24 de abril diz: «Walter demorou a vir; finalmente assobiou, e acabou por falar. O carácter interpretativo dos assobios, e a capacidade de dar através deles expressão a todos os tipos de estados de espírito e respostas específicas, foi muito impressionante.» 9 de maio viu outra atuação admirável deste carácter, da qual F. H. diz: «Durante todo o maravilhoso trabalho de Walter com a balança (Capítulo XXXV), ele, de certa forma, manteve-nos informados pela variedade das suas notas e pela cadência da sua melodia assobiada. Tivemos a impressão de um trabalhador persistente e hábil que expressava todos os estados de espírito: surpresa, progresso, contentamento, um contratempo momentâneo, a solução de um problema difícil, a aproximação de algo realmente engraçado. Além de tudo isto, ocasionalmente, inseria uma barra da sua melodia menor melancólica.» Com o livre privilégio de descontar o entusiasmo de F. H., que exerço em todos os estágios, é apenas justo afirmar que se precisa descontar pouco este surto.

Outro incidente deste carácter é registado a 13 de maio, quando F. H., ao apresentar os participantes a Walter, falou da «adorável jovem senhora fora do círculo». Walter deu um assobio prolongado de apreciação que considerei notavelmente bem executado, e que deve ter feito a «adorável jovem senhora» agradecer pela cobertura da escuridão. E a 20 de maio, descreveu uma discussão imaginária na qual se supunha que F. H. tinha derrotado Litzelmann. Usou inteiramente o assobio interpretativo; altos e agressivos para F. H., e

cada vez mais; baixos e fracos para Litzelmann, a morrer gradualmente. Isto deve ter sido muito engraçado, de facto.

Ainda outro efeito vocal que Walter desenvolveu fortemente é o seu riso, que registei uma ou duas vezes em 1923, mas que não atingiu o estádio em que valesse realmente a pena falar até 1924. A sua primeira ocorrência após o recesso europeu parece ter sido a 31 de janeiro de 1924. Foi usado como meio de saudação inicial a 3 de fevereiro e novamente a 4 de março. A 27 de março, antes de subir, F. H. escureceu a sala de livros e pediu o assentimento de Walter a uma proposta pelo seu «riso habitual». A manifestação foi imediatamente dada; e novamente, na sessão, a «habitual risada curta» anunciou a presença de Walter. Embora a próxima menção ao riso não apareça até julho, estas observações reforçam o meu juízo de que era uma questão de rotina como o sussurro, escapando frequentemente ao registo. Posso dizer que, para além da curta risada alegre que reserva para aqueles de quem gosta, Walter tem uma cachaçada sinistra e sardónica que acompanha a menção dos nomes dos menos afortunados que incorreram no seu desagrado.

Os anos que se seguiram à queda de Margery testemunharam um crescimento impressionante no número de cientistas eminentes empenhados no estudo dos fenómenos psíquicos; essa mudança deveu-se, em não pouca medida, à mediunidade de Margery.

No relato que se segue, veremos Mina Crandon a brincar e a cabriolar, a arrastar-se e a lutar, em direção à fama.

Ela era profunda e frívola, superficial e solene. Não há resposta para a sua vida; apenas pode haver um registo dela.

XXII
Prefácio

Mas subjacente a esse registo estará a ubíqua, fascinante — e de certo modo irritante — pergunta: “O que e quem era ela?”

Talvez nunca venhamos a saber.

Mas seremos certamente sempre capazes de nos interrogar.

I
O Início

A escuridão total engoliu a sala. Vários homens e algumas mulheres sentavam-se em silêncio ao redor de uma mesa de madeira. Todos eles — homens de negócios, advogados, médicos e jornalistas — tinham o cuidado de segurar as mãos das pessoas ao seu lado. De repente, um apito agudo quebrou o silêncio e a tensão abrandou.

“Olá, Walter”, disse alguém no círculo. “Onde estiveste?”

“Oh”, respondeu uma voz, “tive de levar a minha namorada a uma festa do morango.”1

Surpresa e deleite misturaram-se na gargalhada que se seguiu, pois a voz jovial no escuro era a de um fantasma, mas “Walter”, como lhe chamavam, era tudo menos a imagem popular da sua espécie. Estas pessoas do século XX, empenhadas no ritual milenar da sessão espírita, não esperavam ser divertidas enquanto tentavam invocar os mortos. Uma sombra caprichosa, espirituosa, de língua afiada — esse era Walter.

“Podes ler a minha mente?”, perguntou um participante.

“Sim, mas não irias querer que eu contasse isso!”

Gargalhadas de novo, e depois alguém perguntou: “Walter, quando estás descontraído, cercas-te de juventude e beleza?”

O fantasma riu-se com vontade e deu uma festinha na cabeça do orador.

“Não”, disse a voz. “Não fico descontraído quando a juventude e a beleza estão por perto. Tenho menos de cinquenta anos!”2

Nisto, Walter perguntou se os assistentes gostariam de ver uma materialização. Todos responderam afirmativamente.

"Está bem", disse ele. "Aqui vai!"

Houve um momento de roçar sedoso e depois uma voz rouca a pedir luz. Um dos assistentes acendeu uma lanterna de mão coberta com tinta vermelha. O brilho carmesim jogou sobre a mesa num círculo vago.

De repente, vindo da escuridão circundante, um objeto bateu flácido sobre a madeira. Os assistentes inclinaram-se para a frente e estudaram o objeto. Era uma mão cinzenta e contorcida, cujos dedos irregulares terminavam em unhas semelhantes a garras. Nodal com cordões que se assemelhavam a tecido muscular, a mão horrorosa e não humana estremeceu uma vez e caiu fora da vista, para debaixo da mesa.

Um momento depois, as luzes da sala acenderam-se. Todos esfregaram os olhos, ajustando-se à mudança repentina. Apenas uma mulher permaneceu calmamente sentada, de olhos fechados. O homem à sua direita tocou-lhe suavemente no ombro e as pálpebras dela agitaram-se. Depois, ela sorriu e perguntou como tinha corrido a sessão. Ela tinha estado, ao que parece, em transe.

Todos lhe asseguraram que a sessão tinha sido um sucesso dramático — mais uma prova da realidade de ocorrências supernormais pela incrível Margery, a médium.

Mina Stinson nasceu em 1888 numa quinta em Princeton, Ontário, não longe de Toronto.3 Sabemos pouco sobre a sua vida, exceto que foi dominada pela filosofia sombria e pelas exigências severas do seu pai, as quais o calor e a indulgência da sua mãe suavizavam apenas ligeiramente. Afetuosa, paciente e maleável, a Mãe Stinson continuou a influenciar a vida da sua filha até aos seus anos de declínio.

Mas foi o irmão de Mina, Walter, cinco anos mais velho do que ela, quem foi o seu verdadeiro consolo. Um jovem forte e robusto, Walter conseguiu evitar a natureza rigorosa da obsessão religiosa do seu pai e reter o espírito individual e o sentido de humor cativante que seriam a sua característica mais consistente. Walter era o rebelde da família, o único forte o suficiente para romper com os padrões

familiares. Caloroso, aberto, alegre e simpático, ele chamava sempre a Mina "A Miúda".

Mina precisava do amor e da amizade que Walter proporcionava.4 Ele tornava os seus dias longos leves e felizes com histórias escandalosas das suas aventuras, algumas das quais eram verdadeiras.

Os dois jovens partilhavam também laços de empatia. Um amigo próximo era o primo idoso deles, Henry McNeeley. Dentro do seu corpo contorcido, deformado e aleijado por um acidente na sua juventude, habitavam poderes misteriosos que foram a primeira experiência registada de Mina com fenómenos psíquicos. Henry era um radiestesista, um daqueles indivíduos que afirmavam ser capazes de encontrar água e minerais através dos tremores de uma vara bifurcada — e de um pouco de clarividência. Embora quase infalível, ele tinha de suportar a falta de bondade e o ridículo dos ignorantes. Todos os poços na quinta dos Stinson tinham sido abertos por ordem de Henry, e Mina e Walter escutavam com fascínio enquanto ele contava sobre a sua capacidade inexplicável.5

Alguns outros factos filtram-se da infância de Mina: o grande afeto que sentia pelo cão deles, Victor,6 e a história de Walter dar impulsivamente o seu sobretudo dispendioso a um vagabundo durante uma excursão à cidade.7 A sua insignificância apenas aponta para a nossa ignorância sobre estes anos importantes.

Um fragmento que tem relevância é a alegada capacidade psíquica de Walter durante a sua vida. Durante os anos de Margery, os apoiantes afirmariam que Walter "produzia com mesas uma ação tão violenta que as mesas ficavam completamente demolidas",8 e que "durante a sua vida lhe eram creditados poderes psíquicos".9 O enigmático Dr. Crandon, marido de Margery, escreveria: "Na sua juventude, Walter Stinson fazia as mesas inclinar-se e levitar, na sua presença, à luz do dia. Isto era visto como uma diversão e nunca tomado a sério."10

Quando relatos posteriores deduziram dessa afirmação que Walter era um médium, Crandon nunca contestou. Tentando estabelecer uma fundamentação lógica por trás do "regresso" de Walter, Crandon sentiu que adicionaria credibilidade à alegação sugerir que o próprio Walter tinha sido um médium. Grande parte da

literatura do caso Margery é caracterizada pelo mesmo tipo de erro de implicação em bola de neve.

A própria Mina divulgou a provável verdade sobre a matéria numa entrevista muito divertida que deu em 1926. Durante a sua infância, explicou ela, nada estava mais distante dos seus pensamentos do que o espiritualismo. O seu primeiro contacto real foi o relato de Walter sobre uma sessão espírita a que ele tinha assistido durante uma viagem a Boston. Ao regressar, ele contou a todos sobre a sua curiosa visita à médium da cidade grande, e provocou as crianças até ao deleite e ao terror com os seus truques de "espetáculo de fantasmas". Ele pode ter estado a mover uma mesa a título de demonstração, provavelmente com o pé, como uma brincadeira. O sentido de humor característico da "personalidade" posterior de Walter deve ter realçado o evento "supernormal".11

As aventuras de inclinação de mesas terminaram quando o Sr. Stinson proibiu qualquer menção às práticas pagãs do Espiritualismo.12 Mina pode até ter apreciado as restrições do seu pai porque ficava mais assustada do que divertida com as demonstrações de Walter.

Com o tempo, os Stinson diversificaram-se. Walter liderou o movimento de independência indo trabalhar para a ferrovia, fazendo bom uso dos seus ombros musculados, mas relaxando o seu engenho esperto.13 Muitos anos mais tarde, Mina contou uma história sobre as capacidades intelectuais a que Walter tinha voltado as costas. Ela recordou que ele tinha sido um prodígio matemático, capaz de somar longas colunas de números com uma rapidez incrível. Essa capacidade era então popularmente considerada como sendo uma capacidade psíquica. Claro que nada sabemos sobre a verdade da história.

Acompanhando o éxodo de Walter, Mina também fez as malas aos dezassete anos, tendo completado a sua escolaridade secundária "com bom aproveitamento".14 Boston, o "umbigo do universo", para onde se mudou em 1904, seria a sua casa pelo resto da sua vida.

Ela obteve emprego como secretária da Igreja Congregacional da União, sob o pastorado do Reverendo Allen A. Stockdale. Agora, a independência atrevida que marcava a sua personalidade tornava-se visível pela primeira vez.15

A documentação destes anos é irritantemente escassa. Os registos da cidade declaram que ela se casou a 5 de setembro de 1910 com Earl P. Rand.

Mina gostava muito de música e praticava durante horas no violoncelo. Ela era bastante prendada no instrumento e retirava um grande prazer em tocar na orquestra da igreja.16 Ela também gostava do cornetim e do piano, bem como do teatro amador local.

Depois, em 1911, ocorreu o evento mais significativo da sua vida. Um vagão de mercadorias capotou e esmagou Walter. Ele sobreviveu ao acidente durante três horas, servindo a sua força de vontade para adiar o inevitável, e depois morreu, à idade de vinte e oito anos.

Este evento trágico haveria de ter efeitos profundos na natureza de Mina, mas estes não emergiriam senão passados vários anos.

Mina continuou a ocupar-se com a música e com a sua igreja. Dois anos após a morte de Walter, nasceu o seu filho John, dando-lhe um grande consolo e uma via de saída para a sua natureza caracteristicamente afetuosa.

A coscuvilhice contemporânea afirmava que o nascimento de John resultou num descontentamento súbito e num forte desejo de se elevar acima da sua condição de esposa de um merceeiro de pequena escala em Faneuil Hall.17 Não obstante, ela e o seu marido viveram contentes durante mais quatro anos.

O Boston Herald (20 de dezembro de 1924) informa-nos de que o casamento sofreu o seu primeiro golpe sério em novembro de 1917. Mais cedo nesse ano, Mina tinha sido hospitalizada em Dorchester e operada pelo Dr. Le Roi Goddard Crandon, um cirurgião de Boston alto e sofisticado, cujo sucesso com as mulheres constava ser grande.

Não há evidência de que as zangas na casa dos Rand estivessem relacionadas com o novo amigo de Mina, mas as relações tornaram-se cada vez mais tensas até ao Dia de Natal de 1917, o dia em que Mina deixou a casa de Rand e foi para a casa da sua mãe em Belmont.

"A 18 de janeiro de 1918, a Sra. Rand deu entrada com o seu pedido de divórcio. Ela acusou o seu marido de tratamento cruel e abusivo. . . . Rand diz que durante esse período esteve atordoado. Ele pensava constantemente no futuro do seu menino, que tinha então cinco anos de idade. Após muita hesitação, decidiu finalmente que,

para o bem de todos os envolvidos, não contestaria a ação. A Sra. Rand peticionou pela custódia do menino."

Com a chegada da Guerra Mundial, Mina exerceu a sua independência voluntariando-se para conduzir ambulâncias para um hospital da marinha, usando os salários como um complemento muito necessário ao seu rendimento.18 Foi aí que ela renovou o seu contacto com Crandon, agora o capitão-tenente que tinha organizado e estava a dirigir a unidade médica especial.

O divórcio de Mina foi concedido em março de 1918 e tornou-se definitivo em setembro. Rand disse aos jornalistas que Mina se casou com Crandon muito pouco tempo depois de o divórcio se ter tornado definitivo. O Herald relatou: "Rand fala com calma sobre a sua ex-esposa e sobre o Dr. Crandon. . . . Os Crandon compram as suas mercearias a Rand."

Uma nova era na vida de Mina estava a começar. O cenário estava montado para o caso mais bizarro na história da investigação psíquica.

II
Vida na Rua Lime

Por volta de 1917, Mina tinha-se tornado uma mulher atraente e vivaz. Ela era contagiante no seu dinamismo e comovente no seu humor, bem como nas suas poucas depressões registadas. O humor tem sido chamado a essência da sua personalidade. Os amigos que se lembram dela hoje concordam que ela era uma mulher absolutamente encantadora. É o único elemento no qual tanto amigos como críticos concordam. Muitos continuam a nutrir memórias afetuosas por ela, mesmo perante as suas ações hostis nos seus anos posteriores.

Ela ostentava uma qualidade de intemporalidade durante muitos anos; os críticos comentavam sobre os seus encantos e os amigos reconheciam-nos bem adentro do outono da sua vida. Em 1918, ela era uma mulher magra e bonita, cuja arredondada conformação dos membros e altivez de atitude os homens achavam "atraente demais para o seu próprio bem".1 Ela vestia-se bem e as modas dos anos vinte eram-lhe favoráveis. Ela era de olhos azuis, com cabelo castanho-

claro ou loiro usado num corte curto; uma vez confidenciou que não usava ganchos nele.

As fotografias mostram olhos claros e francos, e uma expressão ao mesmo tempo atrevida e penetrante. As fotografias tiradas quando tudo começou e as tiradas no final dos anos trinta proporcionam uma comparação reveladora, pois a agitação interior e a tensão constante sob a qual ela viveu estão indelevelmente impressas nessas imagens amareladas.

Mas tais possibilidades estavam longe dos seus pensamentos quando conheceu Le Roi Goddard Crandon pela segunda vez. Um bostoniano, Crandon era um de quatro descendentes de uma família abastada, criado numa atmosfera severa de oposição às fés religiosas tradicionais. A rigorosa disciplina intelectual exigida pelo seu pai imprimiu-lhe uma gravidade enquanto era ainda um homem jovem. Ele serviu na marinha durante dois anos como capitão-tenente à cabeça de um posto médico, período durante o qual conheceu Mina. De 1903 a 1918, foi instrutor de cirurgia na Faculdade de Medicina de Harvard.2 Ele tinha escrito um manual universitário intitulado Surgical After-Treatment.

Como cirurgião praticante em Boston, Crandon ficou mais convencido ano após ano de que a natureza do homem devia ser revelada pelo bisturi. A religião, tanto nas suas formas organizadas como privadas, tornou-se-lhe repugnante; a superstição em qualquer forma, e particularmente numa sociedade avançada como a sua, Crandon odiava-a com a paixão do racionalista mais ardente. “O aforismo favorito do doutor”, observou-se uma vez, era: “Você não fez o Universo, tem de o aceitar.”3

Uma pessoa estranhamente impressionante, o doutor era enérgico e ligeiramente excêntrico, uma combinação que intimidava muitas pessoas ao ponto do respeito.

Como Hamlin Garland observou, quando conheceu Crandon em 1927: “Ele era de aparência erudita, esbelto, de voz baixa e gracioso, inteiramente em harmonia com o seu escritório murado de livros.”4

À superfície, dificilmente se poderia imaginar um casal com menos em comum do que os Crandon. A natureza leve e feliz de Mina contrastava marcantemente com a personalidade soturna do doutor, e os seus antecedentes religiosos pareciam estorvar a relação desde o

início. Mas esta história da sua relação indica que ela estava tanto apaixonada por Crandon como ciente do estatuto social que ele lhe podia dar. Qual dos dois era o mais importante para ela era e é uma matéria de disputa, mesmo entre os seus amigos.

A resposta pode residir numa combinação do impressionante meio social do doutor e do seu brilho cativante. Pessoas que o conheciam relatam que ele não era muito apreciado em Harvard. Ele era friamente autossuficiente e suave; uma estranha indiferença em relação às pessoas, combinada com uma poderosa herança intelectual, parecia torná-lo popular entre as mulheres e impopular entre os seus colegas. É fácil imaginar que Mina tenha ficado impressionada. Ele representava toda a segurança de que ela precisava tão desesperadamente.

Crandon tinha quarenta e quatro anos quando se casou com Mina. Ele já tinha sido casado duas vezes antes.5 O Boston Herald de 20 de dezembro de 1924 relata que, após o primeiro divórcio em 1911, a sua esposa conseguiu reter a custódia do seu único filho e prosseguiu para se casar com um dos melhores amigos do Dr. Crandon. Em 1914, ele tinha-se casado com Lucy Gill, a esposa divorciada de um tenente do exército. Aparentemente, esta ligação foi ainda menos feliz. "Em fevereiro de 1917, o Dr. Crandon deu entrada com um pedido de divórcio contra a segunda Sra. Crandon. O processo foi apresentado no tribunal superior local. O doutor acusou a sua esposa de crueldade e abusos. Muitas das especificações no seu auto de queixa eram sensacionais."

Qualquer que fosse a fonte do seu afeto mútuo, Crandon e Mina casaram-se e eram pelo menos superficialmente felizes.6 Eles fixaram residência onde o Back Bay se encontra com a Rua Beacon, numa estrada que se assemelhava a uma viela. As casas davam diretamente para a rua; gerações de construção e reconstrução tinham feito as estruturas inarmónicas fundirem-se como obras-primas estilísticas num pequeno museu. O endereço, que se tornaria sinónimo do misterioso e do oculto, era o Número Dez da Rua Lime.

Era uma casa antiga, de quatro andares, tornada acolhedora e completa pela competência de Mina como dona de casa. Tornou-se um centro de atividade social através de festas grandes, notáveis e frequentes. O doutor e a sua esposa tornaram-se um dos casais mais

populares de Boston. Nestes primeiros dias da Proibição, as bebidas fluíam livremente e os amigos faziam-se rapidamente. Mina possuía então uma beleza elusiva, uma graciosidade delicada e maliciosa. Ela estava feliz por estar viva, todas as coisas eram maravilhosas para ela, todas as pessoas eram importantes. A sua era uma mistura de beleza animal e aguçada perspicácia feminina; espirituosa, capaz e totalmente encantadora, Mina Crandon era uma mulher que podia ser amada pelos homens e adorada pelas mulheres.

O doutor, por contraste, desempenhava o papel de anfitrião com uma urbanidade intelectual que lisonjeava os convidados masculinos ao dirigir-se às suas capacidades mais elevadas. Ele era vastamente lido e sabiam-no apreciador de muitos passatempos. Além do seu gosto pelo mar, Crandon era conhecido por uma soberba coleção de obras sobre Abraham Lincoln; a sua biblioteca estava decorada com bustos de bronze, fotografias e documentos raros. S. Ralph Harlow, uma autoridade duvidosa, mas um amigo dos Crandon na altura, assegura-nos de que "ele era um respeitado especialista em Lincoln".7 A biblioteca de Crandon estava também impressionantemente recheada com primeiras edições de Dickens e outras raridades valiosas.

A mente enérgica do doutor tinha-o levado em muitas direções; inevitavelmente, ele virou-se para o tópico que estava na boca de tantos durante o início dos anos vinte. A atenção de Crandon pela investigação psíquica começou quando Sir Oliver Lodge, o afamado físico britânico, anunciou a sua crença na comunicação com os mortos.

O filho de Lodge, Raymond, tinha morrido na Guerra Mundial; agora, o estimado cientista tinha publicado os resultados das suas investigações de vários médiuns espíritas, entre os quais a grande sensível europeia, a Sra. Gladys Osborne Leonard. No seu livro, Raymond, or Life and Death, Sir Oliver afirmava ter quebrado a parede entre os vivos e os mortos — ele tinha falado com o seu filho ainda vivo na escuridão misteriosa da sala de sessões.

Este anúncio causou um quase-pandemónio entre os cientistas contemporâneos. Em comum com todos os outros, Crandon esteve curioso sobre esta conversão notável, mas nunca tinha satisfeito a sua curiosidade ao ponto de ler os livros de Lodge. Depois, durante uma

digressão de palestras pelos Estados Unidos, Sir Oliver parou em Boston, onde Crandon ouviu pela primeira vez as experiências extraordinárias do grande cientista no reino sombrio do Espiritualismo.

Algum tempo mais tarde, recordando essa noite, ele disse: "Eu não conseguia compreender. Não se encaixava em nenhum padrão que eu conhecesse anteriormente sobre cientistas. Por isso, pedi para o conhecer depois das suas palestras."

II

Falámos durante algum tempo nessa primeira noite. E voltámos a encontrar-nos. Tornámo-nos amigos. Sir Oliver sugeriu-me algumas leituras, e eu comecei, sentindo-me um pouco tolo, mas certamente intrigado."8

Crandon começou as suas leituras nos primeiros meses de 1923. Não encontrando nada que o impressionasse como conclusivo, estava apenas certo de que continuava a haver muito por aprender. Na primavera desse ano, começou a ler as notáveis obras de William Jackson Crawford, um engenheiro e conferencista irlandês em Belfast.9 Nelas encontrou uma chave para o problema da demonstração dos fenómenos psíquicos.

Ocorrera-lhe que os fenómenos mentais estudados por Lodge e pelos seus associados tinham sempre de ser avaliados em relação àquele velho bicho-papão da parapsicologia — o acaso. As declarações em transe dos médiuns sugeriam frequentemente que o próprio psíquico possuía algumas capacidades mentais ainda desconhecidas; como prova da existência de entidades incorpóreas, não eram tão claras. O acaso poderia estar a operar, ou algum fenómeno mental obscuro que um dia viria a ser rastreado até um órgão sob o bisturi do cirurgião.

Mas os ensaios de Crawford com os chamados fenómenos físicos abriram uma nova linha de investigação para Crandon. Se uma mesa inclinava, era um facto físico e não algo a estimar em relação à probabilidade. Uma voz ouvida numa divisão onde ninguém estava de pé era um fenómeno objetivo e sujeito a investigação científica. Esta

foi a abordagem adotada por Crawford na sua investigação do círculo Goligher.

Fora tarefa ambiciosa de Crawford controlar" uma família inteira de médiuns durante uma longa série de sessões na casa dos Goligher. As artes da prestidigitação eram bem conhecidas dos médiuns; investigações anteriores tinham revelado que simulações fraudulentas de fenómenos físicos eram utilizadas por médiuns empreendedores. Sem conhecimento das difíceis fraudes que os médiuns utilizavam, Crawford abalançou-se a controlar não um médium, mas oito! Com exceção de alguns incidentes isolados, mas impressionantes, que fornecem provas sobre o caso que poderiam justificar um veredicto suspenso, Crawford preferia habitualmente trabalhar sozinho.

" Na investigação psíquica, o verbo "controlar" refere-se ao ato de segurar ou prender um médium de forma a impedir eficazmente que ele ou ela se mova ou aproveite qualquer oportunidade para cometer fraude.

Com a ajuda de instrumentos, Crawford verificou, para sua própria satisfação, a teoria de que uma substância psíquica de composição desconhecida emanava do corpo do médium quando em transe. O que os espiritistas chamavam "ectoplasma" era uma substância viscosa, húmida e pegajosa; frequentemente, o seu cheiro era enjoativo ou desagradável. Saindo em pequenas porções pelos orifícios corporais, o ectoplasma tomava as formas de mãos ou rostos.

Nos ensaios de Crawford, o ectoplasma moldava-se no que se denominou uma "consola psíquica", uma vez que realizava trabalho físico. Fotografias deste material branco e fluido mostram-no a sair do corpo inferior da médium e a inclinar a mesa. Era assim que se fazia, afirmavam sempre os espiritistas. Crawford concordava.

Crandon aplaudiu a experimentação superficialmente cuidadosa. Mas a obra de Crawford atraiu Crandon de uma segunda forma, mais incisiva. Os críticos de Crawford alegavam que este sugerira continuamente explicações supernormais para os fenómenos quando uma explicação normal era adequada e extremamente óbvia. Por exemplo, em muitos dos ensaios, a "consola psíquica" poderia ter sido tão facilmente o pé da Menina Goligher. Embora esta e outras objeções tivessem sido levantadas antes, Crawford só podia repetir que conhecia aquelas pessoas, gostava delas e confiava nelas.

Não tinham qualquer razão possível para enganar — o círculo era privado, uma cerimónia religiosa, um assunto de família; por que razão haveriam de cooperar para produzir um resultado fraudulento? Não, afirmava Crawford, há aqui factos que têm de ser assimilados pela física; ignorá-los era fechar os olhos a tudo o que a ciência tem de mais elevado. Os fenómenos eram autênticos; disto, acreditava Crawford, não se podia duvidar.

Um dia, em 1920, William Jackson Crawford engoliu um veneno mortal. Mais tarde, foi encontrada uma nota declarando que a sua morte nada tinha a ver com a Menina Goligher, com a sua família ou com os fenómenos que produziam. A verdadeira razão da sua morte é um mistério até ao dia de hoje."

As simpatias de Le Roi Crandon eram facilmente influenciadas por argumentos formulados em termos vagamente paranóicos. Sendo ele próprio uma espécie de injustiçado quando trabalhava em Harvard, Crandon era frequentemente conhecido por proferir coisas "vagamente paranóicas", e o seu próprio sentido de confiança impelia-o a confiar no seu julgamento sobre o carácter dos homens. Os sentimentos de perseguição injusta de Crawford eram persuasivos na altura e ainda o são: somos levados a sentir que apenas o fanatismo poderia impedir alguém de reconhecer a verdade das descobertas experimentais. Em suma, Crandon compreendia e simpatizava com a obra de Crawford.

Numa noite de primavera de 1923, Crandon leu até altas horas da noite, como era seu hábito. Quando as últimas palavras do livro de Crawford lhe passaram pela mente, o médico olhou para o teto e fechou o volume com reflexão lenta.

" Baseando as suas conclusões num exame de determinada correspondência relativa ao suicídio de Crawford, o Sr. D. Scott Rogo, um historiador de investigação psíquica, disse-me que Crawford sofrera um esgotamento nervoso em resultado de uma digressão de conferências desgastante e mal acolhida. O Sr. Rogo conjetura que Crawford se possa ter morto num momento de lucidez, temendo que o colapso fosse total. O Sr. Rogo partilha da crença comum de que o esgotamento e o consequente suicídio não tinham relação com o caso Goligher.

III
Walter Regressa

Crandon passou muitas horas longas a refletir sobre os ensaios de Crawford, que surgiam como uma nota dissonante na sinfonia aparentemente tranquila de um materialismo científico crescente. A natureza do médico pouco admitia que não fosse suscetível ao seu "racionalismo fervoroso"1; alguns dos que o conheciam ficaram surpreendidos com o seu interesse na "caça aos fantasmas". Quase todos partilhavam da perplexidade de Mina perante o novo passatempo do marido.2

Apenas o Dr. Mark Richardson, um velho amigo e novo camarada, compreendia o novo interesse. Richardson voltara-se para o Espiritualismo após uma carreira distinta na investigação médica; os seus quinze anos no corpo docente do Massachusetts General Hospital tinham conduzido a conhecimentos importantes sobre a bacteriologia da febre tifoide.3 A mãe de Richardson interessara-se pelo pensamento espiritista; um caso impressionante de atividade de poltergeist ocorrera na sua terra natal e fora relatado num Atlantic Monthly de 1868.4 Mas o seu verdadeiro interesse na mebatidasíquica seguiu-se a uma tragédia pessoal da maior gravidade.5 No verão de 1909, os seus dois filhos jovens, Mark e John, contraíram paralisia infantil e morreram no espaço de três semanas.6

Atordoados pelo golpe, Richardson e a sua esposa voltaram-se para o Espiritualismo. Sessões com vários médiuns locais em Boston convenceram o casal em busca da supernormalidade que formava a base de toda a fé espiritista.

Nesta altura, Richardson e Crandon estavam ambos empregados como médicos peritos associados para uma companhia de seguros do leste.7 Richardson tomou a seu cargo esclarecer o médico sobre o Espiritualismo e demovê-lo do seu desvio materialista.8 Em pouco tempo, tendo lido o relato de Crawford, Crandon abraçou o interesse do seu colega com fervor. Numa semana, Crandon anunciou a amigos perplexos que estava "intelectualmente convencido" de que os fenómenos eram autênticos. Pouco depois, o seu nome apareceu nas listas de membros das sociedades britânica e americana de

investigação psíquica.9 Se ele acreditava verdadeiramente ou não na realidade dos fenómenos psíquicos é algo em dúvida ainda hoje.

Por muito intrigados que ficassem, os seus amigos e conhecidos estavam impressionados com a sinceridade de Crandon. O seu pai ausentava-se frequentemente de Lime Street porque não suportava ouvir o filho discorrer sobre fantasmas.10 Mas Mina reagiu de forma bastante diferente. Ouviu os argumentos contundentes do marido contra a sua fé religiosa e admitiu as suas próprias dúvidas. Como poderia um Deus amoroso impor leis rígidas, exigir obediência abjeta ou permitir a existência do inferno? Crandon jogou com as dúvidas dela e os seus esforços hábeis foram recompensados. Quando o médico anunciou a sua conversão à crença em ocorrências psíquicas, pareceu a Mina que ele estava a aderir a uma nova religião. De certo modo, ela tinha razão.

A investigação psíquica não era então nada menos do que o prelúdio preliminar da ciência em direção a um ataque ao maior de todos os problemas empíricos: a existência do não material e a sua interação com o nosso mundo. Muitos investigadores iniciais, encantados com o primeiro despontar do sucesso, supuseram entusiasticamente que poderiam reconciliar a ciência e a religião, reconhecendo a realidade dos mistérios religiosos e descobrindo a sua natureza através do método científico.

Crandon comprou assim uma posição curiosa quando finalmente acenou que sim aos argumentos de Richardson. Ao início, resistiu aos convites frequentes para "ir junto" com o seu amigo investigar médiuns locais. Durante a discussão de uma noite, revelou a Mina e ao Dr. Edison Brown e esposa que o tipo de investigação mais impressionante para ele seria moldado segundo o de Crawford, num círculo familiar, onde conhecesse pessoalmente cada membro. Isto, sentia Crandon, eliminaria considerações de fraude, pois, num assunto desta gravidade, nenhuns amigos poderiam manter uma mistificação durante muito tempo sem serem expostos.

Kitty Brown e Mina riram-se da ideia, concordando em dar uma olhadela um dia a um clarividente local, sobre quem a Sra. Richardson lhes falara. Numa brincadeira numa tarde, a seguir a uma sessão de equitação, Mina e Kitty de facto passearam de forma bastante irreverente até aos aposentos do psíquico, ainda a vestir os seus trajes

de equitação. Tinham especulado que ele as adiaria até conseguir descobrir algo mais sobre elas, ou que as brindaria com uma exibição de levezas de mão mediúnicas. Esperavam ser capazes de detetar qualquer tipo de artimanha que ele tentasse pregar-lhes.

Para sua surpresa, o clarividente não só as atendeu imediatamente, como aparentemente as desvendou com facilidade. Dos muitos fenómenos apresentados, o mais significativo para Mina foi uma "aparição" de um homem jovem a rir, de ombros largos e cabelo loiro. O psíquico descreveu esta entidade invisível para as senhoras, nenhuma das quais teve o privilégio de a observar pessoalmente. Pela descrição, Mina concluiu que era o próprio Walter que estava a tentar romper, a cruzar aquela barreira ilimitável entre a vida e a morte.

Atónita, Mina Crandon sentou-se quieta, maravilhada pela personalidade bizarra do homem diante de si. O médium concluiu dizendo que ela, Mina, fora selecionada para "A Obra", e que seria uma médium de poder excecional — inigualável. Ela tinha de desenvolver a sua capacidade. . .

Estava tudo acabado. Estava ainda por começar.

A casa em Beacon Hill erguia-se alta e inclinava-se desajeitadamente sobre a rua estreita naquele vinte e sete de maio de 1923, enquanto seis amigos se reuniam no interior para falar com os mortos. Era um lugar antigo e singular, bem adequado ao seu papel. Um visitante descreveu-o assim:

Possui uma complexidade arquitetónica (devida em grande parte a remodelações extensas) que ultrapassa a crença. Há dois lanços de escadas de serviço, proporcionando quatro pontos de acesso independentes à frente da casa; há uma copa com um elevador de pratos. Toda a casa fervilha de armários curiosos, reentrâncias, esconderijos grandes e pequenos, poços cegos, etc., cuja utilidade ou necessidade nem sempre é aparente. Os mais misteriosos ocupam sem dúvida espaço que pesava nas mãos do remodelador, mas mesmo quando se formula esta ideia, alguns deles são muito intrigantes.12

Uma casa, de facto, mal adequada para afastar as suspeitas de alguém, mas certamente muitíssimo caraterística; poderia procurar-se uma melhor "casa assombrada"?

O grupo subira a escadaria até ao quarto andar, para se isolar dos ruídos da rua. A divisão onde entraram era sombria e abafada, outrora um gabinete usado por Crandon, mas recentemente pouco ocupado. Tinha cinco metros e meio por cinco metros e vinte, e o seu teto estava a uns bons dois metros e setenta do chão.13 Deve ter parecido maior, pois outros recordar-se-iam dela mais tarde como tendo seis ou sete vezes o seu tamanho real, uma tendência não invulgar nos anais deste caso.14

Nas janelas pendiam cortinas de chita; no exterior, uma vista de Beacon Hill e uma queda abrupta de quatro andares. Estantes de livros adornavam os cantos e parte de uma parede. Num canto oposto à única porta — o único meio de entrada — repousava uma Victrola, com a sua trombeta afunilada a despejar a doçura sentimental de "Souvenir" de Drdla. Junto à Victrola estava uma lareira de tijolo decorativo e, perto, um sofa grande. Ao longo de muitos anos, o mobiliário mudaria apenas ligeiramente, enquanto recordações e presentes alinhariam as prateleiras da divisão, contando, na sua forma mudamente volúvel, a história da sua vida.

Sentaram-se à austera mesa de Crawford, cuidadosamente construída sem pregos de acordo com as instruções ocultas mais recentes, inconscientes da gravidade dos acontecimentos que se iriam seguir.

Mina estava de bom humor e tinha por esta altura dissipado a solenidade que caíra sobre o seu interesse pelo Espiritualismo após a sua visita a esse vidente misterioso. Como ela referiu: "Por esta altura eu estava de novo bastante desacreditada. Mas os meus amigos, que me tinham desacreditado, tornaram-se agora muito sérios. . . . Estavam todos tão solenes com o assunto que eu não conseguia evitar rir-me. Repreenderam-me severamente, e o meu marido informou-me gravemente de que 'isto é um assunto sério'."15

Fizeram um círculo dadas as mãos. Um ténue clarão vermelho iluminou a divisão e incidiu sobre cada um dos presentes; de acordo com Crawford e outros, a luz permitiria tanto o controlo visual como a produção de fenómenos, pois a experimentação demonstrara que as estruturas psíquicas preferiam luz vermelha a branco brilhante. Entre os "investigadores" estavam vários amigos próximos: os Brown, Frederick Adler e Alexander Cross. Todos se concentraram na mesa,

dando as mãos. Ao lado dela, agarrando as pontas dos dedos de Mina, sentava-se Crandon, com o rosto numa máscara de intensa concentração, a luz a brilhar nos seus óculos de armação de arame.

De repente, houve um movimento.

Instantaneamente, toda a atenção se fixou na mesa de madeira diante deles. Deslizou lateralmente, muito ligeiramente, mas percetivelmente. Depois ergueu-se sobre duas pernas e caiu no chão com um estrondo.

Alguém sugeriu que tentassem descobrir qual deles era o médium. Crandon instou-os a sair da divisão um de cada vez. Kitty Brown levantou-se e saiu.

A mesa inclinou-se.

Kitty voltou a juntar-se ao círculo, e o seu marido, Adler, Cross e depois Crandon saíram da divisão, cada um por sua vez. A mesa continuou a sua curiosa atividade.

Quando Mina saiu da divisão, a mesa ficou inanimada. Quando voltou a entrar ao chamamento de Crandon, os presentes saudaram-na com vivas um pouco atónitos. Mina, uma médium? Ninguém em Boston poderia ter sido menos provável. De repente, a ideia pareceu ser uma grande diversão. O nervosismo desapareceu do grupo. Mina Crandon era a heroína do dia.

IV
Bater na Madeira

Muitos anos mais tarde, ao rever o tratado de Driesch Psychical Research, Frederick Bligh Bond incluiu uma referência inquestionável a Mina Crandon: “Mesmo uma médium de elevada posição social pode ocasionalmente ser uma criatura estranha, talvez possuída por uma paixão invulgar de expressão pessoal, se não meramente por um gosto por pregar partidas.”1

A continuação da mediunidade pode de facto ter representado uma libertação para a expressão pessoal de Mina. É uma suposição sólida que Mina estivesse dolorosamente consciente da sua inferioridade intelectual em relação ao marido; os críticos da mediunidade sugeriram que isto explica o aparecimento dos fenómenos e a sua continuação ao longo dos anos. Alguns afirmaram

em conversas privadas que Mina não estava segura da fidelidade do marido e estava disposta a fazer qualquer coisa para salvaguardar o seu casamento e o futuro do seu filho.

Mesmo que fosse motivada para a fraude por tais considerações, ou pelo seu sentido de humor frívolo, Mina era capaz de produzir um espetro extraordinário de fenómenos espiritistas que são muito difíceis de explicar.

O primeiro fenómeno significativo foi a banal e duvidosa inclinação da mesa dos Crandon. Na segunda sessão, uma semana mais tarde, os presentes determinaram fazer um registo sistemático das sessões e dos fenómenos produzidos. A Sra. Richardson ficou encarregue dessa tarefa. Foi nessa altura que Crandon sugeriu um código com pancadas, em vez de inclinações, para estabelecer "comunicação" com o além.

A mesa inclinou-se de uma forma que se concordou ser afirmativa, e as entidades ostensivamente começaram a bater no tampo da mesa. Em pouco tempo, as pancadas tornaram-se fortes e estabeleceu-se um código rudimentar.2 Durante o ano que se seguiu, quarenta e quatro entidades desencarnadas revelar-se-iam através dele.

Gradualmente, uma personalidade fez-se sentir mais fortemente do que as restantes; pouco depois, vinte ou trinta fantasmas retransmitiam os seus votos de felicidades através deste comunicador dominante. Como o círculo de Crandon suspeitara, o controlador não era outro senão Walter Stinson. A ajudá-lo e a incentivá-lo estavam Mark e John, os jovens filhos do Dr. e da Sra. Richardson. A atmosfera destas primeiras sessões era leve e longe de ser piegas. Os espiritistas sabem que a morte não é a cessação da personalidade; todos ficaram encantados por terem estabelecido comunicação com os jovens sobreviventes.

Outro acontecimento notável ocorreu nessa segunda sessão. O espírito da Sra. Caldwell, a mãe de Kitty Brown, tomou o controlo da mesa e produziu uma exibição enérgica de entusiasmo em relação ao Dr. Frederick Caldwell, que estava de visita a convite da sua irmã. Citando o registo, "a mesa seguiu Caldwell para fora através do corredor até ao quarto, e forçou-o a ir para cima da cama, amarrotando todos os tapetes de passagem. Depois, a pedido de mais, a mesa

começou a descer as escadas atrás dele, altura em que a parámos para poupar o estuque da parede."3

Deste incidente apenas uma coisa se pode dizer com certeza: não foi o pé de Mina que a moveu! Nos meses seguintes, a mesa continuou a comportar-se desta forma curiosa.

Havia um ar de frivolidade nos primeiros tempos, antes de observadores verdadeiramente críticos começarem a aparecer em Lime Street. Nestes dias despreocupados, os presentes sentiam a mesa a vibrar "como se estivesse a rir",4 a mesa inclinava-se sobre duas pernas e tocava uma melodia no piano,5 e um vizinho foi despejado no chão depois de ter decidido sentar-se na mesa num esforço para parar a sua atividade.6

Mas não era apenas a mesa que causava espanto em Lime Street. De dezassete de junho até quinze de novembro de 1923, os registos falam de "música psíquica" vinda de nenhuma fonte aparente. Os presentes recordam várias variações do som, mas a mais marcante foi o "Toque de Alvorada", tocado "como num sino tão puro que não transportava qualquer vibração — quase como se soprado sem o uso de um instrumento."7 Embora os ouvintes fossem incapazes de o explicar, houve alguns — entre eles William McDougall, professor de psicologia em Harvard — que expressaram reservas, chamando normal ao fenómeno. As condições das sessões musicais não excluíam a possibilidade de fraude, e quando a possibilidade existe, os fenómenos permanecem duvidosos.

Outros efeitos musicais incluíam o tocar de uma harmónica,8 o badalar de uma máquina semelhante a um relógio de grande dimensão e diferente de qualquer relógio da casa9; o batimento de um gongo, como o sino de um navio — o "pequeno relógio" de Walter10; e o tocar do piano três andares abaixo deles.11

A nove de junho, foi construída uma cabine como prescrito pela maioria dos médiuns para ajudar a concentração da energia psíquica. Consistia num ecrã de três partes com um metro e oitenta de altura, coberto com um pedaço de pano preto que pendia sobre a frente aberta até um nível abaixo da cabeça de Mina.12 Não lhe ocultava o corpo suficientemente para permitir quaisquer tentativas ousadas de fraude.

Claramente, os membros do círculo estavam a levar o assunto a sério e a avançar para um nível de observação mais científico. Foi

Crandon quem propôs um transe, instando a sua esposa ao descrever as teorias de Crawford e Lodge sobre a amplificação dos fenómenos quando o psíquico estava em transe. “Não farei tal coisa”, relata-se que ela disse, argumentando que se divertia tanto a ver os acontecimentos que não queria perder nada.

O médico respondeu severamente: “A irmãzinha vai fazer exatamente o que o irmão grande diz.”

A mesa moveu-se entusiasticamente. Durante alguns minutos, todos se sentaram em silêncio. Depois Mina, de olhos fechados com força, começou a balançar-se para a frente e para trás na sua cadeira, suspirando profundamente e tocando nas bochechas com as costas das mãos. Foi feito de uma forma totalmente invulgar, como se estivesse a fazer a pantomima das ações ou gestos de outra pessoa. De repente, endireitou-se e disse, numa voz tensa mas audível: “Eu disse que conseguia fazer isto!”13

A partir daí, Walter desenvolveu-se como uma personalidade aparentemente independente, tomando o seu espírito e dom para o duplo sentido em breve o controlo completo das atividades da sessão. Era um espírito extremamente pouco espiritual, único na história espiritista. Em pouco tempo, grande parte do mundo anglófono ouvia falar do fantasma que rogava pragas e da mulher da sociedade de Boston que o conseguia trazer

Quem e o que constituía a personalidade de “Walter”? Há interpretações e relatos conflituosos, alguns distorcidos pelo otimismo e outros pela malícia. Walter manifestou-se primeiro vocalmente através dos lábios da sua irmã e gradualmente dominou a técnica da “voz direta”, ou seja, falar sem a ajuda de quaisquer órgãos vocais vivos.

O que começou como um sussurro rouco evoluiu ao longo dos meses para uma forte voz masculina. Nenhuns observadores encontraram qualquer ligação clara entre a voz e a boca da médium. Richardson desenvolveu um “aparelho de interrupção de voz” que parecia isolar a voz da de Mina. Consistia num bocal para o qual Mina soprava ao longo de um tubo longo; o ar desta expiração mantinha em equilíbrio duas pequenas esferas luminescentes.14 Embora a maioria dos amigos da mediunidade não conseguisse ver nada de errado nele, o aparelho VCO tornou-se um foco de suspeitas dos críticos.

Infelizmente, perdeu-se e não está agora disponível para um exame minucioso. O ponto principal é que, quando Mina estava ocupada a operar esta máquina, a manter água na boca ou até a ressonar, a voz de Walter tagarelava alegremente.

Um grande conjunto de provas, algumas das quais serão aqui apresentadas, parece indicar que a voz, pelo menos em algumas instâncias, não era a de Mina. Existem provas que apoiam o ponto de vista oposto, no entanto, e ambos os lados conseguiram ao longo dos anos chegar a um impasse perturbador.

Na verdade, poucos dos presentes detetaram muita semelhança entre a voz de Mina e a de Walter, ou, aliás, entre a de Mina e qualquer uma das vozes que surgiram durante o primeiro ano da mediunidade. Um relato inicial destas vozes afirmava que "estes . . . falantes em transe tinham, desde o início, vozes que eram facilmente distinguíveis umas das outras e da fala normal de Margery."15 Presentes posteriores, no entanto, notaram uma espécie de semelhança. Harry Price notou em 1929, por exemplo, que a voz de Walter soava muito parecida com a de Mina quando esta falava ao telefone. Francis Russell também observou em 1940 que a principal diferença entre as duas vozes era o tom. Esta semelhança poderia ser atribuída à afinidade natural das vozes de qualquer irmão e irmã.

Havia também um contraste singular entre a voz quando era "independente" e quando era o resultado de possessão; neste último caso, a entidade intrusa era identificada por "gestos, mobilidade facial, pantomimas, controlo motor de todo o organismo."16 Hamlin Garland escreveu: "Ouvi um assobio alto e alegre, como o de um rapaz a sinalizar aos seus companheiros; e um momento depois ouviu-se uma curiosa voz gutural que poderia ter vindo do fundo da garganta de um homem. Não tinha nada de feminino. . . . A voz de 'Walter' ouvida enquanto a boca de Margery estava tapada era a de um homem vigoroso, bem-humorado e despachado de vinte e cinco ou trinta anos, com a entoação que um jovem canadiano . . . usaria."17

O assobio de Walter era em si mesmo um fenómeno impressionante. Era frequentemente ouvido num acompanhamento animado da sua melodia favorita, "Souvenir" de Drdla, enquanto tocava na Victrola. Habitualmente apenas algumas notas, o assobio era claro e bem feito, por vezes até belo. É talvez significativo que

nenhum dos amigos de Mina a tenha apanhado a assobiar distraidamente. Richardson pôde escrever nas suas memórias que assobiar era "uma faculdade inteiramente negada a Margery."18

Tudo isto, claro, é singularmente não científico e opinativo. Pediríamos algo conclusivo, ou pelo menos dotado de um maior grau de fiabilidade. À primeira vista, o VCO de Richardson estabelece alguma confiança na independência da voz de Walter, mas o aparelho foi severamente criticado como um "disfarce" para atividade fraudulenta, uma vez que fazia com que o centro das atenções passasse de Mina para as pequenas esferas flutuantes.

Uma opinião informada e fiável é a de Hereward Carrington, esse curioso e controverso investigador do invulgar. Embora um ilusionista especialista, Carrington ficara convencido quando tinha apenas dezanove anos de que a investigação psíquica merecia atenção séria. Sabia que, apesar de toda a arte do engano que saturava o Espiritualismo contemporâneo, havia um resíduo de fenómenos que nenhuma leveza de mão poderia explicar. Em 1908, acompanhara W. W. Baggally e o Ilustre Everard Feilding a Nápoles para investigar as capacidades psíquicas da médium física Eusapia Palladino. Em todos os anos de investigação psíquica, há poucos casos que continuem a reter tanto respeito hoje. O relatório de Nápoles fornece provas para a realidade de efeitos físicos não explicados que nunca foram igualadas.19 Sobre o caso Margery, Carrington escreveu em 1930:

"'Lançar a voz' para uma parte distante da divisão, no sentido comummente aceite do termo, é totalmente impossível. . . . O ventriloquismo . . . é inteiramente incapaz de explicar as 'vozes independentes' ouvidas . . . nas sessões de Margery. . . . Em escuridão total, as ilusões e métodos habituais não poderiam possivelmente ser empregues. Na sua ausência, uma grande percentagem do efeito ilusório desapareceria de imediato. A médium poderia produzir uma imitação exata de uma voz, tal como soaria a alguns pés de distância, mas a uma proximidade tão grande a ilusão perder-se-ia completamente e a voz seria localizada pelos ouvintes no seu real ponto de origem. . . . Se o investigador estivesse de pé logo ao lado da médium, não há nenhum efeito ventríloquo conhecido através do qual a médium pudesse emitir um som que parecesse sair de um ponto no espaço atrás do investigador — como aconteceu . . . na sessão de

Margery de 19 de maio de 1924, na qual o Sr. Bird e eu próprio estávamos presentes. . . .20

Bird tinha a sua mão sobre a boca de Mina enquanto a voz falava.

Há muitos casos testemunhados em que a voz de Walter ocorreu a alguma distância da médium, ou em locais muito improváveis de ela alcançar. Se isto era uma exibição fraudulenta e era apenas a perícia de Mina que explicava a sua presença, como adquiriu ela essa perícia? Como conseguiu ela impô-la tanto a especialistas como a tolos? E, mais importante, por que razão o fez?

Que ela apreciava vivamente a perplexidade no rosto dos seus investigadores é evidenciado por uma história que Mina gostava de contar:

Um investigador psíquico muito famoso da Europa . . . veio estudar a mediunidade. Ele realizou muitas sessões. Ficou impressionado com a voz independente do meu falecido irmão que se manifesta sempre na sala de sessões. Ele queria ter a certeza de que esta não era a minha voz, por isso colocou a mão sobre a minha boca e nariz. Mas a voz veio de forma bastante clara.

"Agora, Doutor," disse eu, "isso não é convincente?"

E o que supõe que ele disse?

"Como sei eu que a senhora não fala pelas orelhas?"

Portanto veja que coisas incríveis as pessoas estão dispostas a acreditar para evitar acreditar nas coisas em que não querem acreditar.21

O que tinha a dizer a voz misteriosa no escuro? Trazia mensagens confortadoras e espirituais do Além, para edificação e esclarecimento do Nosso Plano?

Votado ao fracasso. O céu de Walter era totalmente desprovido de anjos, para não falar de harpas e ruas de ouro.22 E quanto ao inferno, Walter não tinha tempo para ele de todo. Uma vez refletiu perante um grupo de clérigos divertidos: "Sim, o inferno está agora completamente atualizado; nós queimamos óleo."23

Nem este fantasma jovial estava acima de usar um "diabo" ou um "inferno" na sua conversa. Perguntou uma vez um convidado: "É essa a linguagem da quarta dimensão?"

“Não,” respondeu Walter. “Talvez não tenha reparado que estou a falar na terceira dimensão, uma linguagem para você entender.”24

Walter não mostrava afeição pela religião organizada. Quando lhe perguntaram se se “sentia mais próximo de Jesus,” deu a um ministro surpreso a seguinte resposta: “Sinto mais a sua influência.” Depois, após um momento de reflexão, acrescentou: “Isso foi bastante inteligente para um ministro, não foi? Habitualmente perguntam se tomo o chá da tarde com ele.”25

Mina afirmava sempre sentir-se lisonjeada por aqueles que suspeitavam que o humor acerbo de Walter era um fruto da sua própria imaginação. Como um dos seus amigos lhe disse: “Tenho a certeza de que não a acusariam de saber tanto se soubessem o quão insignificante você realmente é.”26

“Espero que as coisas não sejam assim tão más,” respondeu Mina.

Quem quer que fosse, a personalidade que se chamava a si mesma Walter era um indivíduo possuidor de um espírito original e de um sarcasmo penetrante que o distinguiam em ambos os mundos. Nos anos vindouros, as origens e a verdadeira natureza de Walter tornaram-se ainda mais envoltas em mistério — um mistério que nunca foi levantado.

V
A Primeira Investigação de Harvard

Era inevitável que a mediunidade de Mina Crandon atraísse o interesse científico, e ainda mais certo que a investigação proviesse de Harvard. Detendo a prestigiada posição de chefe do departamento de psicologia ali estava William McDougall, cuja filosofia vitalista admitia a investigação psíquica na sua visão do mundo sem dificuldade. McDougall acabara de cumprir uma presidência de dois anos da Society for Psychical Research em Inglaterra e estava a

entusiasmar o interesse nessa ciência nas universidades americanas. Estava disposto a aprovar teses para trabalhos em ciência psíquica e encorajava os seus estudantes naquilo que considerava os estudos mais difíceis e edificantes do carácter.

A trabalhar sob a sua alçada estavam Gardner Murphy, que estava a realizar ensaios encorajadores com telepatia sob uma subvenção da Sociedade Britânica,1 e Harry Helson, um candidato a doutoramento. Não poderiam estar mais ansiosos por descobrir um fenómeno físico autêntico que pudesse ser chamado "supernormal".

McDougall e Helson começaram a investigar a mediunidade a 1 de julho, apenas algumas semanas após o seu início. A investigação era necessariamente informal e limitada devido às restrições que Crandon impunha aos observadores.

O primeiro fenómeno que testemunharam foi um exercício de escrita automática com glossolalia, ou escrita em línguas desconhecidas para a médium. No início da sessão, Mina ergueu-se do seu lugar após passar para o transe e, agora "controlada" por Walter, apertou a mão formalmente a McDougall. Afundando-se sem forças de volta na sua cadeira, começou a fazer marcas no papel com um lápis que lhe fora colocado na mão. Apareceu uma mensagem: "Nós criamos o nosso mundo para nós próprios; fazemos o nosso próprio céu e inferno."2

Obtiveram-se mais alguns textos automáticos, muitos em línguas estrangeiras que Mina alegadamente não conhecia. Walter queixou-se de ter demasiada informação para retransmitir do seu "grupo" lá de cá. Os presentes ficaram divertidos com a "imagem de espíritos a empurrarem-se uns aos outros para fora da fila para comunicarem."3

Foi escrita uma frase em italiano que desconcertou os eruditos; eventualmente foi explicada pelo engraxador de Crandon como uma expressão de gíria impublicável.4 Numa sessão posterior, Walter retransmitiu um verso disputado de Dante.

À medida que o verão avançava, começaram a surgir comunicações em muitas línguas. A 24 de julho, Aleck Cross teve motivos para recordar os seus anos na China quando o fantasma do General Kein Kuen apareceu em Lime Street. Seguiram-se comunicações em bom francês, mau alemão e chinês ideográfico, em sueco, holandês, grego e inglês. Embora agradando ao círculo íntimo,

estas comunicações falharam inteiramente em convencer os presentes de Harvard quanto à supernormalidade.

Mas Walter estava extremamente ansioso por provar o seu valor, e de julho a novembro este espírito alegre continuou a inclinar a mesa apesar de todos os esforços para o impedir. Numa ocasião, os investigadores gatinharam debaixo da mesa num esforço para localizar a causa destas levitações. Falharam.

Como os cientistas se recusavam vez após vez a emitir um veredicto positivo sobre os fenómenos, o sussurro rascante de Walter tornou-se ainda mais forte e as suas bicadas satíricas tornaram-se mais afiadas. "Ponham um vigarista a apanhar outro vigarista," comentou ele.5

Um dos fenómenos físicos mais impressionantes foi "o desmantelamento da cabine" enquanto McDougall estava no interior, a controlar os movimentos de Mina. Quando as luzes se acenderam após a sessão, os nove parafusos que fixavam os braços foram encontrados organizadamente empilhados no canto.6 Isto foi atribuído aos esforços conjuntos de Walter e dos rapazes Richardson. Na conclusão de uma noite particularmente violenta, quando a cabine estava em completa desordem, ouviu-se Walter a sussurrar: "Richardson & Stinson, Demolidores."

Após muito do que era ambíguo, os experimentadores determinaram realizar a observação definitiva no dia três de novembro. Examinaram a casa, da cave ao quarto andar. Os criados" foram trancados fora da casa e as portas foram seladas com cera na qual McDougall imprimiu a sua impressão digital. Cada divisão, cada armário e corredor foram inspecionados cuidadosamente. Os relógios foram inspecionados para detetar dispositivos de fraude. Não havia alçapões observáveis nem falsas paredes para admitir um cúmplice desconhecido.7

Sob estas condições realizou-se uma sessão na divisão do quarto andar que se tornara, por esta altura, um "laboratório psíquico". Não houve falta de fenómenos: a mesa inclinava-se e deslizava pelo chão; um assobio vindo de um dos andares inferiores interpretava a melodia favorita de Walter, "Souvenir"; com água na boca e as mãos seguras por McDougall e Helson, Mina conseguiu produzir algumas palavras na voz de Walter; novamente da parte inferior da casa, os presentes

ouviram o “Toque de Alvorada” tocado como se num carrilhão; no fecho da sessão, descobriu-se que os relógios da casa tinham parado no meio da sessão. Os selos nas portas estavam intactos.8

Apesar das suas precauções, os investigadores permaneceram duvidosos da verdade do que tinham testemunhado. “Foram capazes de delinear uma hipótese de trabalho de cumplicidade que explicaria muito, se não a totalidade, do que tinham visto.”9 Não conseguiram, contudo, descobrir a identidade do alegado cúmplice.

“ Embora os registos não sejam tão completos como deveriam ser, sabemos que na altura os Crandon tinham uma empregada chamada Lydia. Mais tarde, contrataram um mordomo japonês, Thomas Nokouchi.

Insatisfeito, o grupo de Harvard reuniu-se em Lime Street alguns dias mais tarde para uma sessão não registada. Durante esta sessão, os observadores viram um banco de piano a dar esticões ao ritmo de uma música que tocava na Victrola. O banco moveu-se então cerca de dois metros e meio para fora da sua localização original.

No final da sessão, Harry Helson caminhou pela divisão, com os olhos voltados para baixo, procurando uma pista. Inclinou-se e apanhou um pedaço de cordel que jazia nas tábuas perto do tapete.

Mais tarde, os Crandon receberam uma carta diplomaticamente redigida por McDougall, informando o médico de provas de batota. Aconselhava Crandon a dar a notícia a Mina o mais suavemente possível, ou a enviá-la ao seu gabinete, onde ele próprio lhe diria. Mina decidiu visitar o escocês de cara sisuda em pessoa.

A entrevista teve lugar na tarde de 15 de novembro. McDougall usou todas as táticas — “intimidação, ameaças, lisonja, bondade, persuasão ou argumento”10 — para levar Mina a confessar que todo o assunto era uma brincadeira. Quando a médium loira resistiu a todos os ataques, McDougall delineou para ela as provas que ele e os seus colegas tinham recolhido. Retirando da sua gaveta o pedaço de cordel que Helson descobrira, colocou-o na secretária à sua frente. Atento a sinais de fraqueza, o psicólogo não notou qualquer reação além de uma expressão de ligeiro desconcerto. Queria ele dizer que tudo o que tinham contra ela era um desfiado do tapete?

McDougall explicou que deduzira que o banco fora puxado pelo cordel para simular um efeito telecinético. O cordel descia por uma

velha grelha de ar quente na parede, conjeturava ele, e fora puxado por um cúmplice desconhecido.

Mas o sentido de humor de Mina, sempre difícil de controlar, de repente tornou-se demasiado para ela. Começou a rir-se do distinto decano de psicologia. O banco fora puxado dois metros e meio por um pedaço de cordel de vinte centímetros que descia por uma grelha de ar quente que fora bloqueada há anos?11

Alguns minutos mais tarde, Mina Crandon deixou o gabinete do Professor William McDougall, F.R.S., M.Sc., M.B., a dar risadinhas incontrolavelmente.12

A primeira investigação de Harvard chegara ao fim.

A mesma tarde encontrou o Dr. e a Sra. Crandon numa plataforma ventosa na estação de comboios de Back Bay à espera da chegada de um homem que mudaria as suas vidas. Ele ostentava o nome improvável de J. Malcolm Bird.

VI
As Aventuras Psíquicas do Sr. Bird

O homem que desceu do comboio era alto e magro, e as pessoas recordam que era atraente, sério e de bom trato. Penteava o cabelo para o lado, e uma massa de cabelo castanho ondulado caía-lhe frequentemente sobre a testa. Os seus olhos, acima de um nariz longo e fino, eram perspicazes e frios. Afetava bibliofilia, vestindo fatos velhos e óculos de armação de arame para as fotografias.

Mas o traço mais memorável sobre James Malcolm Bird era o seu sentido de humor. Sempre pronto a rir-se do espírito alheio, possuía, no seu jeito frio e quieto, uma capacidade seca e por vezes burlesca de definir uma situação, uma atmosfera ou uma personalidade com a escolha de palavras mais divertida. Era melhor contador de histórias do que escritor, mas filtra-se até nós bastante espírito vivaz para podermos apreciar os seus talentos de improviso.

Apesar de tudo isso, Bird tinha um historial impressionante na ciência e no jornalismo. Após graduar-se em 1913, permaneceu na Universidade de Columbia por mais três anos. Durante esse tempo foi assistente de matemática na Cooper Union e instrutor da mesma matéria em cursos de extensão oferecidos em Columbia.1

Bird era sob todos os aspetos bastante normal e desprovido dos interesses mórbidos que frequentemente atraem os homens para a investigação psíquica.2 Era casado" e aos trinta anos tornara-se editor associado de uma das melhores revistas de divulgação científica da América, a *Scientific American.*

" Embora a Sra. Bird (nascida Katherine Alice Montgomery, de Louisville, Ky.) apareça em algumas fotografias de fenómenos de sessões, desempenhou um papel muito pequeno na vida de Mina Crandon.

Inteligente, espirituoso, capaz, Malcolm Bird em breve fez notar a sua presença nos gabinetes de O. D. Munn, editor e diretor executivo. Bird impressionou Munn com o seu conhecimento do pensamento einsteiniano, e foi secretário do comité que deliberou sobre o concurso de ensaios da revista em 1920-1921 sobre as teorias da relatividade e da gravitação de Einstein.

Bird foi uma das pessoas atraídas pelo interesse crescente na investigação psíquica. Fascinado por factos pouco compreendidos da natureza e da personalidade humana, era inevitável que se interessasse por este empreendimento científico turvo e misterioso. Carecendo de preparação na literatura e na experiência real, Bird debruçou-se sobre as duas maiores obras europeias da época. Leu e mais tarde recensou para a revista Thirty Years of Psychical Research de Charles Richet e The Phenomena of Materialisation de Schrenck-Notzing. A reação do público ao seu relato sem preconceitos sobre telepatia encorajou-o a abordar Munn para mais artigos sobre ciência psíquica.

O resultado foi o famoso concurso da Scientific American anunciado nas páginas da revista, a começar em dezembro de 1922:

ANÚNCIO
5000 DÓLARES POR FENÓMENOS PSÍQUICOS

Como contribuição para a investigação psíquica, a SCIENTIFIC AMERICAN empenha a quantia de 5000 dólares a atribuir por manifestações psíquicas conclusivas.

Com base nos dados existentes, somos incapazes de chegar a uma conclusão definitiva quanto à validade das alegações psíquicas. No esforço de dissipar a confusão, e de apresentar aos nossos leitores

informação em primeira mão e autenticada respeitante a este que é o mais desconcertante de todos os estudos, fazemos esta oferta.

A SCIENTIFIC AMERICAN pagará 2500 dólares à primeira pessoa que produzir uma fotografia psíquica sob as suas condições de ensaio e para total satisfação dos eminentes homens que atuarão como juízes.

A SCIENTIFIC AMERICAN pagará 2500 dólares à primeira pessoa que produzir uma manifestação psíquica visível de outro carácter, sob estas condições e para total satisfação destes juízes. Fenómenos puramente mentais como a telepatia, ou puramente audíveis como pancadas, não serão elegíveis para este prémio. O concurso não gira em torno dos aspetos psicológicos ou religiosos dos fenómenos, mas tem a ver apenas com a autenticidade e a realidade objetiva.3

Bird foi nomeado secretário do comité mais pelo seu entusiasmo do que pelo seu conhecimento do domínio, e começou a encontrar as pessoas adequadas para servirem como membros. Após muita reflexão, escolheu o Professor William McDougall, Hereward Carrington, o Dr. Daniel Frost Comstock, o Dr. Walter Franklin Prince e Harry Houdini.

William McDougall concordou em participar a fim de dar publicidade à investigação psíquica e poupar a ciência a qualquer embaraço vindo de um comité incompetente. Carrington, um investigador profissional de alegações mediúnicas, era membro da Society for Psychical Research desde os seus dezanove anos de idade. Comstock, até 1906 membro do departamento de física no Massachusetts Institute of Technology, dedicara desde então o seu tempo e energia a invenções. Talvez o seu empreendimento mais conhecido tivesse sido a empresa Technicolor, constituída em 1922, que seria de importância assinalável no desenvolvimento da indústria cinematográfica.4 Walter Franklin Prince era o encarregado de investigação da American Society for Psychical Research. Ministro ordenado e psicólogo perito, envolveu-se com fenómenos psíquicos como um complemento natural para os seus outros interesses. Notabilizara-se pelos seus estudos minunciosos do caso Doris de personalidade múltipla e de vários casos significativos de fraude mediúnica.

Harry Houdini, ainda famoso no nosso tempo, era notado nos anos vinte pelas suas coloridas denúncias de fraudes espiritistas. O membro mais emotivo do comité, Houdini estava também destinado a ser o mais controverso. As suas qualificações incluíam perícia em prestidigitação e um professado desejo de provar a si mesmo que a sua falecida mãe — "um anjo em forma humana" — sobrevivera e conseguia comunicar. Até à data, o grande ilusionista fora incapaz de se satisfazer quanto a esta última questão, e estava a trabalhar em A Magician Among the Spirits, um relato mal escrito das suas aventuras com médiuns fraudulentos durante os trinta anos anteriores.

Tudo o que o comité tinha de fazer era esperar; na América, por essa altura, havia centenas de pessoas cujas alegações eram dignas de consideração, e certamente muitas vezes esse número que ganhava a vida a simular fenómenos psíquicos.

Nenhumas ressalvas impediram contudo que o número de candidatos fosse dececionante. Bird começou a publicar artigos demasiado longos para o que tinham a dizer, esperando despertar interesse. Embora leitores atentos soubessem que Bird não teria voto no concurso, a sua posição como "Secretário do Comité", bem como o tom de autoridade dos seus artigos, levaram algumas das pessoas mais nervosas da Scientific American a inserir frequentes anúncios em negrito ao longo de todo o ano de 1923 explicando a posição de Bird.5 Pois em breve se tornou bastante óbvio que Bird era um homem de mente extremamente aberta.

Por exemplo, Bird admitiu na imprensa que aceitava a realidade da telepatia, e avançou esse fenómeno como explicação para o conteúdo correto das declarações mediúnicas.6 Para o homem comum isto não era, talvez, uma sugestão assim tão surpreendente; mas para a comunidade científica a quem Bird se dirigia era de facto uma admissão notável. Era fácil supor que Bird falava não apenas pelo comité, mas pela própria ciência. E a este pensamento muito ressentimento e oposição surgiram.

A dissensão começava também a surgir no seio do comité. A seguir a uma reunião preliminar, Houdini e Carrington discutiram até altas horas da noite sobre algum problema técnico relativo à investigação. Houdini chamava frequentemente a Carrington um "olho-fechado" — um ilusionista que conhece práticas mediúnicas

fraudulentas mas que finge em público que os fenómenos são autênticos. Tanto Houdini como Prince estavam perturbados por muitas das ações de Carrington ao longo da sua carreira — tais como a sua alegação de um doutoramento que ele de facto comprara por 150 dólares ao Oskaloosa State College, um colégio fantoche que ganhava a vida com tais negócios; e a sua digressão de estrada com um ilusionista de palco, durante a qual parecia dar a impressão de que estava a patrocinar os feitos do ilusionista como ocorrências psíquicas autênticas. Carrington era um daqueles indivíduos curiosos atraídos pela investigação psíquica que são tão capazes do sensacionalismo mais crasso como do mais elevado nível de observação e relato cautelosos. Uma erupção de maus sentimentos era inevitável, e Bird já começava a aperceber-se disso.7

Mas por agora, o tempo continuava a custar a passar e os interesses separados dos membros do comité mantinham-nos afastados até que lhes chegasse notícia de um projeto que valesse a pena. Algumas cartas chegaram aos gabinetes da Scientific American, muitas tratando de premonições espontâneas e outros fenómenos mentais que não se conformavam com as restrições do concurso; mas uma que despertou considerável interesse veio do principal espiritista do mundo — Sir Arthur Conan Doyle.

O grande romancista ofereceu a sua assistência na busca; temia que estes recém-chegados comparativos ao campo tivessem errado ao oferecer dinheiro por uma demonstração de poder espiritual. Desejando convencê-los de que as mais elevadas mediunidades podiam ser observadas sem isca pecuniária, Sir Arthur colocou as suas extensas relações com os maiores psíquicos europeus à disposição da Scientific American. Malcolm Bird, encarregue de comunicar com Doyle, embarcou nesta primeira de muitas aventuras psíquicas a 10 de fevereiro de 1923.8 Para ele foi mais do que uma incumbência.

Pouco mais de uma semana depois, estava a apertar a mão a um dos homens mais notáveis do seu tempo. O Bom Gigante, como os franceses lhe chamavam, tinha mais de um metro e oitenta de altura e era fortemente musculado, um gigante físico tornado maior pela nobreza que animava a sua personalidade. A sua vida fora dedicada à busca da verdade e à santidade do injustiçado. A sua literatura fora

dedicada à retratação das tradições espirituais do medievalismo e à luta pela vida num mundo moderno fatídico e misterioso.

Não era surpresa que o criador de Sherlock Holmes tivesse ficado fascinado pelo último grande mistério restante para o homem. Com tenacidade de bulldog e bom senso inglês, Sir Arthur estudara o Espiritualismo durante trinta anos antes de declarar a sua crença em 1918. Ficou fortificado na sua fé quando o seu filho, Kingsley Doyle, foi morto pouco depois na Guerra Mundial; em breve Doyle conseguiu estabelecer contacto com o espírito do seu filho — uma materialização completa, falando com a voz terrena do seu filho. A convicção absoluta na realidade destas visitações coloriu o resto da sua vida. Nada do que fizera, disse ele uma vez, nem nada do que alguma vez faria se poderia comparar em importância com a difusão da revelação do Espiritualismo.

Malcolm Bird, a apertar a mão e a olhar para aquele rosto radiante e de bigode de morsa, ficou encantado. O sentimento era mútuo. Sir Arthur ficou mais do que satisfeito por encontrar um homem de ciência que estava já no caminho da convicção. Ficou grato ao saber que muitas das reflexões de Bird coincidiam com as suas. Doyle escreveu mais tarde: “Eles não podem continuar a pensar que sou um tolo crédulo enquanto as minhas observações forem corroboradas por um homem como Bird.”9

O Bom Gigante estava ansioso por começar, e Malcolm Bird partilhava do seu entusiasmo. A vinte e três de fevereiro, o americano esguio foi introduzido no seu primeiro círculo espiritista em Londres.

O primeiro médium foi John Sloane, um psíquico físico e mental que atuava na escuridão.10 Após um curto período de canto de hinos, Sloane, um operário escocês curvado tornado oráculo, entrou em transe e começou a falar em várias vozes diferentes — todas sem o sotaque regional que marcava a sua fala normal.11 Durante as mensagens de uma voz de controlo, luzes fosforescentes piscavam e cintilavam pela divisão. Bird ficou impressionado com as vozes, mas as luzes, ocorrendo na ausência completa de controlo, falharam em convencê-lo. O grupo aceitou colocar Bird no assento logo à direita do médium. As luzes continuaram a brilhar misteriosamente em diferentes pontos da divisão mesmo enquanto a mão direita de Sloane

pelo menos estava sob observação por Bird. Agora o americano estava impressionado.

Depois uma voz no escuro disse que Bird dera um passeio pela ponte de Brooklyn com um par de amigos por volta das sete e meia numa noite de sábado recente. Bird ficou espantado; não caminhara na ponte há muitos anos, mas dera um passeio com alguns amigos na tarde em questão, um pouco mais cedo do que a voz insistia.12 Talvez tivesse sido um tiro de sorte numa saraivada de falhas, mas Bird estava demasiado entusiasmado na caça para negligenciar qualquer pista possível.

Este relato, publicado com alguma trepidação, ostentava uma declaração dos editores, tal como outros artigos que viriam a sair da máquina de escrever entusiástica de Bird: ". . . torna-se mais necessário do que nunca distinguir entre estas sessões científicas sérias conforme relatadas pelo Comité da Scientific American e o exame informal da mediunidade europeia pelo Sr. Bird."13

A doze de março, Sir Arthur levou Bird a ver Evan Powell, um homem então considerado um dos maiores médiuns vivos. Não obstante o relativo laxismo do controlador, Bird caraterizou esta como "a melhor sessão que tive em Inglaterra."14

Ele já tinha comprometido até aí o seu estatuto neutro ao escrever, após uma sessão nesse mês, as seguintes palavras comparativamente cautelosas: "Após presenciar esta e outras sessões, a ocorrência de fenómenos psíquicos autênticos de carácter físico impõe-se-me como menos improvável do que eu teria julgado ser na ausência de experiência."15

Após uma breve paragem no Continente, onde Bird observou o aparelho elaborado sem uso no Laboratório Psíquico de Grunewald em Berlim,16 Bird embarcou no paquete Olympic na agora calorosa companhia de Sir Arthur Conan Doyle. Deviam chegar a Nova Iorque no início de abril de 1923, o americano para participar nas investigações da Scientific American, o britânico para continuar as digressões de conferências que mais tarde foram cronicais na sua comovente e pessoal memória, Our Second American Adventure.17

Conan Doyle deixou Nova Iorque confiante no discernimento e na lealdade que passara a apreciar em Malcolm Bird. Ele estava, nas palavras de Sir Arthur, "a adquirir rapidamente tanta experiência

psíquica real que, se ele criticasse o nosso movimento, é um crítico que seremos obrigados a ouvir com respeito."18

Quando as incursões de Bird pelo oculto foram compiladas e publicadas como um livro, My Psychic Adventures, foi recensado por Walter Franklin Prince. Amável e justificadamente patriarcal nas suas críticas, o famoso investigador psíquico apontou os méritos do entusiasmo e da juventude e os defeitos de observação e inferência que caraterizavam a escrita de Malcolm Bird.

Adicionou também palavras que eram possivelmente proféticas de um tempo não muito distante, quando o comité da Scientific American se dissolveria por causa de Mina Crandon. As palavras foram escritas num comentário a uma interpretação demasiado amável dos resultados de escrita em lousa com uma senhora idosa que encantara a vigilância de Bird, e com quem o Dr. Prince também se sentara com impressões menos favoráveis. "O Sr. Bird," escreveu Prince, "se deseja alcançar a autoridade na investigação psíquica que invoco para ele, deve daqui em diante evitar apaixonar-se pela médium."19

VII
A Investigação da Scientific American

Quando o Olympic atracou no porto de Nova Iorque, nenhuns médiuns tinham ainda sido encontrados adequados para investigação. Depois, a vinte e um de maio, Bird conheceu um aspirante a médium do leste, George Valiantine.1 A sua jogada primária era a produção da voz direta, embora fosse conhecido por se entregar a outros fenómenos físicos e até a algumas mensagens subjetivas em transe ocasionalmente intrigantes.2

As sessões de Valiantine foram realizadas no escuro com Bird e vários dos seus associados presentes. Antes da sessão, a cadeira do médium fora ligada com fios para que levasse impulsos a um dispositivo de registo fora da sala de sessões. Se o médium deixasse o seu assento em qualquer altura durante a sessão, o investigador posicionado no corredor saberia.

No escuro, os presentes foram tocados nas bochechas; o seu cabelo foi puxado, e as suas mangas foram puxadas. Também, refletiu

Bird, lhes estavam a dar a volta ao texto. Pois de cada vez que uma "mão espiritual" tocava num dos presentes, o dispositivo de registo registava o facto de que Valiantine se levantara da sua cadeira, desde escassos cinco segundos até cerca de quinze segundos de cada vez.3

Quando Valiantine estava em transe, uma voz ténue, vinda de algum lugar perto do médium, dizia o que soava a "Ua-ua-ua". Bird forneceu o primeiro nome que lhe veio à cabeça. "Sim!", disse a voz. Bird travou uma pequena conversa com o seu amigo fictício, com o fantasma a responder alegremente a cada pista que lhe era fornecida.4

Valiantine falhou em ganhar o prémio.

Igualmente divertida foi a série de quatro sessões com a Reverenda Josie K. Stewart, uma mulherzinha desgrenhada que de algum modo conseguia obter escrita e desenhos em cartões segurados na sua mão. Bird em breve percebeu que a Reverenda Stewart estava a substituir cartões no baralho por outros previamente preparados. Numa sessão a 16 de outubro, Bird informou-a de que não havia razão para continuar a investigação. Em lágrimas, a Reverenda Stewart concordou.5

Os últimos dias de outubro e a primeira semana de novembro encontraram Bird na sala de sessões com a Sra. Elizabeth A. Tomson, uma médium que fora denunciada como fraude pela National Spiritualist Association. As conclusões de Bird parecem confirmar o relatório da NSA.6

Quatro dias em dezembro foram passados com o médium analfabeto italiano Nino Pecoraro, cujo "controlador" não era outro senão a própria Eusapia Palladino. Essa sensitiva controversa falecera recentemente, tornando as alegações de Nino interessantes para os investigadores psíquicos em todo o lado. Atado a uma cadeira com dezoito metros de corda, Nino continuava capaz de encher a escuridão da sala de sessões com pancadas de espíritos e pandeiretas a tinir.

Houdini, contactado por telégrafo por O. D. Munn, interrompeu a sua digressão e, como sem dúvida teria descrito, "veio em socorro" da Scientific American. Quando ouviu dizer que uma extensão tão grande de corda fora usada em vez do controlo de mãos habitual, Houdini explicou que qualquer artista da evasão se consegue libertar de dezoito metros de corda: ao atar um médium, quanto mais longa a corda, maiores as possibilidades de folga. Houdini atou Nino

cuidadosamente com pedaços curtos de cordel e Eusapia Palladino falhou em manifestar-se.7

A tarefa seguinte de Malcolm Bird foi escrever a um médico de Boston, cujo nome fora proposto por Conan Doyle.

Na estação de comboios de Back Bay, na tarde de quinze de novembro de 1923, encontraram-se. O que disseram perdeu-se para nós, mas felizmente Bird registou a sua reação. Mina Crandon era, pensou ele, uma mulher alegre, vivaz e muito bem equilibrada. Parecia mais jovem do que os seus anos e marcantemente atraente. Quase tão impressionante era a urbanidade saturnina de Crandon, que tocou acordes profundos na mente de Malcolm Bird. As suas relações amadureceriam ao longo dos anos num respeito mútuo.

Durante os seus quatro dias em Lime Street, Bird passou a conhecer o cirurgião austero e a sua esposa animada. Mina continuava a rir-se do episódio no gabinete de McDougall e do "pedaço de cordel".

Bird observou a reação de Mina à primeira alegação séria de fraude. Ela não estava, diz-nos ele, nem consistentemente divertida nem totalmente esmagada por isso. Não houve qualquer "ira santa", que Bird sentia que "teria sido incomparavelmente mais fácil de manter ficionalmente para ela do que a muito impressionante multiplicidade de reações que observei."8

Mina era frívola, mas Bird detetou confusão e até um toque de dor sob o seu humor. Ainda assim ficou impressionado pela sua inteligência vivaz. Ela era, escreve ele, "uma pessoa extremamente perspicaz".

Se ela quisesse entregar-se a um pouco de diversão à custa dos seus investigadores, [continua Bird] não conheço ninguém com os recursos mentais para o fazer melhor, ou com a capacidade de tirar mais diversão da sua realização. A minha impressão dominante dela, tal como a trouxe comigo após os meus quatro dias na sua casa nesta primeira visita, foi de agilidade mental; e ela tem um sentido de humor tão pérfido como o meu.

A minha visita nesta altura foi transformada num circo contínuo pelo modo como essa teoria da cumplicidade era arremessada pela casa, sob a sua liderança. Concordámos que a Lydia [a empregada dos Crandon] não seria uma cúmplice satisfatória; que no momento crítico

ela apareceria à porta da sala de sessões, com uma expressão de horror chocado no rosto, e com as palavras na boca: “Oh, Sra. Crandon, esqueci-me de dar corda ao assobio do ‘Souvenir’.”

Concordámos que Aleck Cross não serviria; que ele tropeçaria nos seus próprios fios pretos e se trairia pela sua torpeza de outras formas divertidas. Andaríamos em pontas dos pés pela casa, procurando o cúmplice debaixo dos cinzeiros e nas chávenas de chá. Se fizéssemos uma piada sobre cordéis, fazíamos uma centena. Mina apontaria gravemente este, aquele ou outro pormenor da arquitetura ou do mobiliário, e explicaria gravemente o seu papel nos seus truques. E assim por diante ad lib.9

Malcolm Bird rejeitou a ideia de que Mina pudesse estar a desviar as suas faculdades críticas ao ocupar a sua mente com a sua própria personalidade. A sua natureza vivaz encantou e tranquilizou o homem que apostaria a sua carreira intelectual na veracidade dela. Claro que outra interpretação dos pensamentos de Bird é possível. Foi sugerido, de facto, que o oportunismo pode ter sido uma consideração primária no seu cultivo dos Crandon: pois, na escuridão da sala de sessões, Bird podia ver muito claramente o caminho para a fama. O homem que pudesse verificar uma ocorrência de fenómenos psíquicos ganharia um lugar na história; presumivelmente, Bird apreciaria ocupar esse lugar.

Se o oportunismo contribuiu para a decisão favorável de Bird, o mesmo fez Mina Crandon. É preciso procurar com invulgar diligência para encontrar outro exemplo em toda a história da investigação psíquica tão notável como o espetáculo do investigador e da médium a “andar em pontas dos pés pela casa, à procura de um cúmplice debaixo de cinzeiros e em chávenas de chá.”10

Dificilmente menos notável é a franca confissão de Bird destas palhaçadas alegres num volume que se propõe ser uma análise de ocorrências psíquicas fenomenais. Os engates enérgicos de Mina estão bem documentados; outros homens para além de Bird eram conhecidos por serem alvo do entusiasmo da médium loira. Seja qual for a motivação, altura em que James Malcolm Bird se despediu a dezanove de novembro, ele tinha convidado a encantadora médium a entrar no concurso da Scientific American.

A resposta foi calorosa. Crandon convidou todos os membros do comité a parar em Lime Street durante a sua estadia em Boston. Mesmo McDougall, que se desculpara pela entrevista do "pedaço de cordel", devia considerar-se convidado dos Crandon. Durante toda a investigação, contudo, o lar dos Crandon esteve sob ameaça de constante vigilância por um ou mais membros do comité: não havia sessão em que algum membro ou agente do comité não estivesse presente; Bird de facto ficou na casa enquanto parava em Boston, assim como Carrington e vários outros envolvidos no trabalho. Claro que McDougall vivia em Boston, e Prince "preferia parar num hotel."11

McDougall, Prince e alguns espetadores que não estavam associados ao comité reuniram-se para uma sessão, preparados para estarem atentos ao engano. A sala de sessões no último andar da casa dos Crandon foi cuidadosamente selada contra fugas de luz; nenhum cúmplice poderia entrar por uma janela sobre a rua ou através da única porta sem admitir uma inundação de luz.

Para compensar a possibilidade de prestidigitação no escuro, Prince e McDougall tentaram exercer um controlo completo sobre os movimentos do corpo da médium. Ela entraria no seu transe com Prince de um lado e McDougall do outro, cada um segurando uma das suas mãos e tocando num dos seus pés. Por vezes, os homens colocavam as suas cabeças nos ombros dela para a impedir de se curvar sem deteção.

Para estas sessões, Mina vestia apenas o ropão, chinelos e meias de seda que se tornariam o seu trajo padrão. As conotações de sexualidade são de pouca importância nos relatórios de Prince e McDougall (embora McDougall estivesse consciente da sua presença), pois estes homens eram investigadores experientes no campo; figuravam mais proeminentemente nos relatórios de outros investigadores.

De qualquer modo, ambos os homens ficaram pouco impressionados com a sessão. Viram muito pouco que pudesse ser chamado supernormal, e esse mínimo foi realizado sob condições menos do que satisfatórias. Os espetadores nestas sessões incluíam muitos outros, além do comité oficial, e controlar todas estas pessoas era impossível.

À medida que as sessões continuavam, alguns acontecimentos curiosos tornaram-se padrão. Um envolvia uma balança química comum do laboratório de Comstock; foi colocada na mesa diante da médium com a sugestão de que Walter brincasse com ela. Em pouco tempo, Walter era aparentemente capaz de manipular os pratos da balança em luz vermelha diante dos olhos maravilhados de Bird.

Outro fenómeno focou-se numa invenção de Bird e Carrington.12 Era "um campainha elétrica, com fios colocados de modo a que a pressão de um manipulador telegráfico fechasse o circuito e a fizesse tocar."13 Se a campainha tocasse enquanto todos seguravam Mina, a conclusão era de que outra pessoa — Walter sem dúvida — tinha pressionado o manipulador. Algumas coisas inexplicáveis de facto aconteceram à caixa da campainha; nenhuma explicação satisfatória foi oferecida.

Os investigadores testemunharam também o modo como Walter manifestava a sua presença através da voz independente, mesmo quando os espetadores estavam perto da cabeça de Mina, ou mãos eram batidas sobre a sua boca.14

Numa noite de junho, Bird posicionou-se dentro da cabine de materialização. Crandon habitualmente insistia em segurar a mão e o pé direitos de Mina, apesar das admissões de que ele ocasionalmente soltava a mão dela, explicando que sabia que ela não faria nada de malicioso com ela. Bird decidiu que ele próprio presidiria a esta sessão; colocou-se dentro da cabine e segurou as mãos e os pés do médico e de Mina com a sua mão direita, deixando a mão esquerda livre "para fins de exploração" — como Houdini mais tarde alegremente o citou. De repente, toda a ala direita da cabine foi violentamente arrancada.

A ala afetada [escreve Bird] foi a do meu lado, em vez da de Margery, de modo que eu estava entre ela e o local da ação; a cabine foi arrastada violentamente pela divisão durante um período considerável, levando-a a ela e a mim com ela; e quando a ala finalmente se soltou, isto foi efetuado forçando nove parafusos para fora dos seus orifícios na madeira pesada da cabine, danificando estes orifícios de modo a que não pudessem ser usados novamente. Esta foi a maior demonstração de força bruta que alguma vez obtivemos na sala de sessões de Margery.15

Mas o mais notável de tudo foi o primeiro aparecimento de ectoplasma no final de 1924. Este material nunca foi totalmente verificado por observadores qualificados, embora a sua ocorrência fosse proclamada com grande entusiasmo por investigadores psíquicos franceses e alemães na altura. Quase todos os espiritistas o aceitam como o material do qual os espíritos retiram a sua energia quando se manifestam; se o "poder" for suficientemente forte, permite ao fantasma "materializar" todo ou parte do seu corpo terreno. O ectoplasma (ou "teleplasma") emana dos orifícios corporais da médium e toma forma externa. Se a luz branca o atingir por acaso, o material retrai-se para o corpo da médium, frequentemente com resultados desastrosos para a saúde da psíquica. Em Lime Street o ectoplasma era composto por um material orgânico escuro que saía dos ouvidos, boca, nariz, umbigo e vagina de Mina. Habitualmente assumia a forma de mãos rudimentares, miseravelmente disformes, mas reconhecíveis devido a cinco projeções em forma de garra da massa principal.

A investigação estava a proceder de um modo perfeitamente pausado e metódico quando algo aconteceu que forçou a mão do comité. O entusiasmado Bird, impelido talvez por motivos mistos, escreveu um artigo para a Scientific American.

Numa tentativa de preservar o anonimato do distinto cirurgião de Boston, Bird ponderara sobre um nome de sessão adequado durante algum tempo antes de finalmente datilografar o título para o seu artigo: A Mediunidade de 'Margery'. O nome pegou imediatamente. Muitas pessoas passaram a conhecer Mina muito bem sem nunca saberem o seu verdadeiro nome.

Os jornais pressentiram uma história nas observações de Bird sobre a bela sensitiva loira. Depois vieram as gordas.

MARGERY, A MÉDIUM DE BOSTON, PASSA EM TODOS OS ENSAIOS PSÍQUICOS

Cientistas Não Encontram Artimanhas numa Vintena de Sessões

Fantasma Versátil Desconcerta Investigadores

Pela Variedade das Suas Demonstrações

Outros jornais amplificaram o relativamente reservado New York Times: "MÉDIUM DE BOSTON DESCONCERTA ESPECIALISTAS", "DESCONCERTA CIENTISTAS COM

REVELAÇÕES, PODER PSÍQUICO DE MARGERY ESTABELECIDO", "ESPECIALISTAS PROCURAM EM VÃO ARTIMANHAS EM DEMONSTRAÇÃO ESPIRITISTA. HOUDINI, O ILUSIONISTA, FICA SEM RESPOSTA."16

Esta última gorda provocou um confronto histórico entre a médium mais versátil da América e o ilusionista mais famoso do mundo.

VIII
"Margery" e o Ilusionista

A gorda que relatava que Houdini estava "sem resposta" surgiu como uma surpresa para ele. Ele nem sequer fora consultado sobre a investigação; o seu primeiro conhecimento do trabalho do comité veio quando por acaso folheou um exemplar da Scientific American e viu o primeiro artigo de Bird. Irritou Houdini pelas suas recomendações presunçosas tanto da personalidade como dos fenómenos de "Margery". Estava aqui um investigador amador muito perto de endossar a mediunidade antes de o comité ter chegado a uma decisão. Houdini não estava sozinho nas suas objeções às observações de poltrona de Bird; o comité censurara unanimemente a ação precipitada e facilmente mal interpretada.

Por esta altura, jornalistas empreendedores tinham tomado interesse suficiente no trabalho do comité para perseguirem um carro que transportava investigadores para a casa dos Crandon. Como consequência, estas gordas apareceram no New York Times a 10 de agosto de 1924:

"MARGERY" É IDENTIFICADA

A Médium Psíquica de Boston É a Esposa do Dr. Le Roi G. Crandon

O segredo fora revelado agora, e o público visualizava a Scientific American prestes a entregar o prémio.

Assim achava Houdini, e ele precisava de o travar.

Desde a época da morte da sua amada mãe em 1913, Houdini procurara investigar as alegações do Espiritualismo; desde que começara essa busca, o seu nome tornara-se a maldição dos médiuns fraudulentos e o pesadelo dos honestos.

Um ególatra supremo, estava sujeito a acessos de feição e impulsos infantis; era sentimental, dramático, generoso e corajoso; acreditava em si próprio — ou na lenda de si próprio que se tornaria realidade mesmo para ele. Ele adotou a teoria da investigação psíquica do ilusionista: se ele pudesse duplicar por "meios naturais" os fenómenos testemunhados na sala de sessões, então esses fenómenos eram fraudulentos. Para esta teoria Houdini trouxe todo o entusiasmo infantil e o zelo religioso de um homem ao mesmo tempo encantado por um quebra-cabeças e cheio de temor reverente pela busca desesperada de recuperar um amor perdido.

Apesar de tudo isso, a sua contribuição para a investigação psíquica foi mínima; para o especialista, Houdini estava meramente a apontar o que já era bastante claro: a vigilância contra a fraude tem de ser constante. As suas próprias denúncias de fraude mediúnica, cujos relatos continuavam a manter o seu nome nos jornais, eram primariamente do sem-número de "peixe miúdo" que infestava cada cidade americana com as suas mistificações lucrativas. Aplicando as suas próprias experiências aos casos clássicos de investigação psíquica, concluiu que todos os fenómenos psíquicos nasciam de erros sistemáticos por parte de testemunhas.

Houdini foi capaz de dar uma demonstração razoável da verdade desta tese no caso do médium espanhol Joaquín María Argamasilla, cuja alegação de ter "olhos de raios X" fora endossada pelo prémio Nobel e investigador psíquico francês, Charles Richet. A aparente capacidade de Argamasilla para ver através da tampa de um relógio fechado foi explicada pela deteção por Houdini da perícia ágil que permitia ao espanhol abrir o relógio tão rapidamente que ninguém além do ilusionista treinado podia percecioná-lo.

Tais respostas comparativamente simples foram em vão quando Houdini se cruzou com Mina Crandon no verão de 1924. Cancelando parte da sua digressão de palco, Houdini correu para O. D. Munn e prometeu salvar a Scientific American de uma loucura irreparável. O seu alarme era até certo ponto justificado quando soube que Malcolm Bird estava já a proclamar publicamente que os fenómenos de Margery eram "cinquenta por cento autênticos, pelo menos."

Na sua primeira sessão, em julho de 1924, Houdini controlou a mão e o pé esquerdos de Margery. A caixa da campainha foi colocada

entre os pés do ilusionista" como ele solicitara. Houdini usara uma ligadura de borracha justa em volta da barriga da perna durante todo o dia, tornando assim a parte inferior da sua perna extremamente sensível ao toque.

Após a sessão, o ilusionista alegou ter detetado a perna da médium a avançar centímetro a centímetro em direção à caixa da campainha para pressionar a tampa com os dedos do pé.1 Publicou ilustrações a explicar o truque, mas os desenhos, quando comparados com fotografias tiradas na conclusão da sessão, são altamente imprecisos. Bird mais tarde apontou que a tampa da caixa da campainha era mais alta do que os desenhos indicavam. Bird argumentou que a alegada tentativa teria exigido manobras rápidas e óbvias ao longo da perna de Houdini e debaixo da cadeira onde ele estava sentado.

O ilusionista alegou também que Margery enfiou a cabeça debaixo da mesa para a inclinar.2 E ofereceu uma explicação muito sólida para outro exemplo de alegada telecinésia.3 Aqui, o facto de a cabeça de Margery estar posicionada de modo a permitir-lhe cometer fraude, e o facto de Margery ter a oportunidade clara e lógica de cometer outro truque, estabeleceram uma demonstração muito mais impressionante de que a médium cometeu fraude nas sessões de Houdini.

O comité não concordou com Houdini e instou-o a ter paciência. Sugeriram que Houdini introduzisse um aparelho de controlo que lhe fosse satisfatório. Por isso, Houdini e o seu assistente deitaram mãos à obra na produção de uma cabine "à prova de fraude". Era uma caixa de madeira pesada na qual a médium seria colocada com a cabeça e as mãos a sobressaírem de três aberturas. Era uma célula pequena, quente e abafada, mas Mina concordou em sentar-se nela.

A vinte e cinco de agosto, foi alugado um quarto no Hotel Charlesgate com o propósito de uma sessão. Margery foi colocada dentro da cabine e a caixa da campainha foi colocada numa mesa à frente dela. No escuro, com a médium encerrada dentro da caixa, com um buraco para a cabeça e dois para as mãos — ambos os quais sob controlo —, a caixa da campainha tocou.

O ilusionista alegou que tudo o que Mina teve de fazer foi encolher os ombros para arrebentar as tiras de latão que fixavam a

frente da cabine. Foi-lhe salientado enfaticamente que a cabine fora supostamente feita "à prova de fraude".

Houdini não estava disposto a aceitar qualquer explicação além da sua e a confiança dos Crandon nele evaporou-se. O médico ficou particularmente enfurecido com as acusações diretas de fraude feitas por Houdini. Mina estava agitada com a contenção desconfortável da cabine e "simplesmente farta" de Houdini.

Bird fora excluído do quarto de hotel nessa noite. Mina telefonou a contar-lhe o fiasco e, na noite seguinte, Bird apressou-se a confrontar O. D. Munn e Houdini sobre esta omissão intencional. Prince tentou mediar, mas Bird estava demasiado zangado para ouvir. Houdini disse finalmente sem rodeios que não confiava em Bird na sala de sessões. Não questionava as capacidades de observação do homem, apenas a sua boa-fé. Bird ficou espantado.

Apresentou friamente a Munn a sua demissão como secretário do comité e deixou a sala.

A sessão da noite começou quase assim que Bird deixou o hotel. Desta vez a cabine fora agrafada, fixada e trancada com alfinetes e alfinetes de dama por Houdini. Ele garantia que nenhuns fenómenos fraudulentos podiam ser produzidos sob estas condições. Pouco antes de apagar as luzes, Houdini colocou a mão dentro da cabine para uma verificação final de um momento. No escuro, o ilusionista disse repetidamente a Prince, que segurava a mão direita de Margery, para não a largar nem por um instante. Repetiu a ordem com tanta frequência que Prince ficou compreensivelmente irritado, e Margery perguntou-lhe o que diabo estava ele a tentar fazer. O diálogo tal como registrado por Houdini decorreu:

"Quer realmente saber?", perguntei.

"Sim", respondeu ela.

"Bem, vou dizer-lhe. Caso tenha introduzido algo contrabandeado na caixa da cabine, não o pode ocultar agora, pois ambas as suas mãos estão seguras e, no que lhes diz respeito, a senhora está indefesa."

"Quer revistar-me?", perguntou ela.

"Não, não importa, esqueça. Não sou médico", disse-lhe eu.

Pouco depois, Walter apareceu no círculo dizendo:

“Houdini, você é muito esperto de facto, mas isto não vai funcionar. Suponho que tenha sido um acidente essas coisas terem sido deixadas na cabine?”

“O que foi deixado na cabine?”, perguntei.

“Puro acidente, foi? Você não estava aqui, mas o seu assistente estava.”

Walter afirmou então que uma régua seria encontrada na caixa da cabine debaixo de uma almofada aos pés da médium e virtualmente acusou-me de a ter colocado lá para lançar suspeitas sobre a sua irmã, terminando com uma eclosão violenta na qual exclamou:

“Houdini, seu grande sacana, ponha-se a andar daqui para fora e nunca mais volte. Se não o fizer, faço-o eu!”4

Como já tivemos ocasião de observar antes, Walter não era o mais espiritual dos espíritos. O choque foi extraordinário, não apenas devido à exclamação contundente vinda das esferas etéricas, mas também devido à resposta de Houdini. Bird obteve o relato de Mina, que pode ter exagerado a reação do ilusionista.

“Houdini enterrou o rosto nas mãos, gemeu, quase chorou e gritou: ‘Oh, isto é terrível. A minha querida e santa mãe era casada com o meu pai!’”

O próprio Houdini refletiu mais tarde que a eclosão de Walter “apenas expressava os sentimentos da Sra. Crandon em relação a mim.”6 Houdini por uma vez parece ter sido culpado de eufemismo.

Imediatamente após a sessão, a cabine foi revistada e uma régua dobrável foi descoberta. Houdini acusou Margery de a ter ocultado dentro do seu corpo, para usar no rebaixamento da aba na caixa da campainha. Claro que Margery negou. Por isso Houdini chamou Jim Collins, o assistente que ajudara a construir a cabine — bem como a maioria dos “caixotes de embalagem comuns” dos quais o grande artista da evasão se libertava. Houdini fez a seguinte adição ao registo:

“Desejo que fique aqui registado que exigi a Collins que fizesse um juramento sagrado pela vida da sua mãe de que não colocou a régua na gaiola e que não sabia absolutamente nada sobre o assunto. Empenhei também a minha sagrada palavra de honra como homem de que a primeira vez que soube da régua na gaiola foi quando fui disso informado por Walter.”7

Com este juramento registado, Houdini absolveu-se da acusação de Walter. Ou assim pareceu, de 1924 até 1959, quando William Lindsay Gresham publicou a seguinte história:

Anos mais tarde, quando o Libertador estava morto, perguntou-se a Jim Collins sobre a misteriosa régua. Collins sorriu com amargura. "Fui eu próprio que a atirei para a caixa. O Chefe disse-me para o fazer. Ele queria entalá-la bem."

«Mas ele jurou sobre a campa da mãe. . . .»

«Claro — isso foi depois de me ter dito para o fazer. Nessa altura ele já tinha tudo calculado na cabeça dele de que não o tinha feito. Há uma coisa que tem de se lembrar sobre o Senhor Houdini nos seus últimos anos. Para ele a verdade era, com todos os diabos, o que ele queria que ela fosse.» Collins acrescentou, num ímpeto de antiga lealdade: «Mas ele era um bom homem para se trabalhar. Nunca se esquecia dos aniversários e afins. E era generoso no Natal.»8

Milbourne Christopher, o mais recente biógrafo de Houdini, sugere que a história foi inventada por malícia profissional por um mágico que, embora não impressionado com os fenómenos de Margery, também não gostava de Houdini.9

Em todo o caso, a confusão era tal que a sessão da noite seguinte foi extremamente significativa pela ausência de fenómenos. Mais uma vez Margery foi fechada na caixa, desta vez após uma busca minuciosa. Os orifícios para os braços foram tapados com tábuas para que apenas a sua cabeça ficasse de fora.

Ao sentarem-se no escuro, aguardando a vinda de Walter, relata-se que Crandon disse a Houdini, de forma despretensiosa: «Um dia, Houdini, verás a luz. Se tal ocorresse esta noite, eu daria de bom grado dez mil dólares para a caridade.»10

este suborno desenfreado pode soar audacioso. Mas todo o caso Margery, se por algo é notável, é pela sua audácia. Houdini ignorou o suborno, tal como antes tinha ignorado uma ameaça que Mina fizera de forma inequívoca ao jantar. Mais uma vez, citamos as palavras de Houdini:

Tendo medo de que eu a fosse denunciar no palco do Keith's Theatre, ela disse-me:

«Se me deturpares no palco do Keith's, alguns dos meus amigos sobem ao palco e dão-te uma boa coça.»

«Não a vou deturpar,» respondi, «eles não vão subir ao palco e eu não vou levar uma coça.»

«Então é a tua astúcia contra a minha,» disse ela lentamente enquanto me lançava um olhar furtivo.

«Sim, com certeza, é exatamente isso,» disse-lhe eu.11

A sessão espírita dessa noite foi nula. As condições eram provavelmente as mais severas em que qualquer médium alguma vez se sentara. Do ponto de vista dos espíritas, eram também as condições menos propícias em que qualquer espírito alguma vez se manifestara. Não é um argumento sério contra os poderes de Margery que no momento do seu teste mais exigente ela tenha falhado em trazer o fantasma do seu irmão. Um espírita explicaria que atmosferas mentais hostis perturbam as delicadas condições psíquicas necessárias para a comunicação.

Após esta sessão final, Houdini vangloriou-se de que ele, sob estas exatas condições, conseguiria produzir fenómenos misteriosos por meios normais,12 mas nunca foi capaz de provar nada contra Margery com as suas reproduções em palco da «caixa-Margie», como ele chamava ao gabinete de madeira. Para todos os investigadores inteligentes, a exposição do mediunismo de Margery feita por Houdini foi altamente insatisfatória e o próprio caso longe de estar encerrado.

No dramático e muitas vezes bem-humorado confronto entre estas duas pessoas espantosas, Margery emergiu substancialmente ilesa. A partir de agora, não havia como a travar.

IX
O Sr. Bird Olha para Outro Lado

À medida que a fama de Margery se espalhava pela América, a "Scientific American", atordoada pela atenção desfavorável dos leitores com mentalidade científica, instou o comité a apressar-se na direção de uma conclusão.

Em novembro de 1924, a revista publicou os vereditos de quatro membros do comité. Um editor, E. E. Free, tentou declarar a posição da revista: o comité, escreveu ele, estava «incapaz de chegar a uma decisão final e unânime em relação ao mediunismo de 'Margery'.»

Em grande parte da discussão nos jornais sobre o caso Margery, tem sido evidente uma confusão sobre o papel relativo da Scientific American e do Comité no que diz respeito a esta investigação psíquica. Os factos são perfeitamente simples e constam do registo desde o início. . . . O único dever da Scientific American é pagar o prémio quando formos instruídos a fazê-lo. . . . Nós não somos o Comité. Não é da nossa competência [e aqui ele fala sem dúvida consideração por Bird] decidir a favor ou contra as alegações de qualquer médium, seja Margery ou outra.

A opinião de Prince, presidente do comité, foi dada em primeiro lugar:

[29 de agosto de 1924] Teria preferido ter tido mais oportunidades de assistir a sessões no caso «Margery» antes de fazer qualquer declaração. Mas percebendo que a infeliz publicidade de que o caso foi alvo pode exigir que seja dado aos vossos leitores algum relatório de progresso, direi o que é próprio ser dito agora. O parecer que é possível dar neste momento, e por mim, baseia-se principalmente em seis sessões em que estive presente. Em cinco das minhas sessões fui um dos controladores imediatos, numa estive posicionado de tal forma que foi impossível no escuro formar qualquer juízo independente. A quarta e a quinta foram sob um método de controlo ao qual a Médium pôde apresentar e apresentou objeções baseadas em alegadas leis dos fenómenos, embora consentindo previamente; as outras foram expressamente aprovadas pelo seu círculo. As três primeiras apresentaram fenómenos físicos, as três últimas nenhuns. Nada desta natureza ocorreu cuja explicação normal possível não me fosse imediatamente evidente, exceto um pormenor impressionante, mas que foi infelizmente durante a única

sessão em que estive posicionado de modo a não poder ser juiz das circunstâncias envolventes.

Sou forçado a emitir o parecer de que até agora as experiências não provaram cientificamente e conclusivamente o exercício de poderes sobrenormais.

(assinado)
Walter Franklin Prince

A objeção de Prince relativamente ao seu posicionamento durante a ocorrência desse «pormenor impressionante» foi mais tarde atacada por Bird. Ele disse que Prince estava a atuar como membro de um comité de investigação e que, portanto, devia depender do juízo e da veracidade dos outros membros, dois dos quais estavam a controlar os movimentos de Margery. Há alguma justiça na queixa de Bird. A investigação psíquica naquela altura dependia fortemente da opinião pessoal e das observações em primeira mão; sem essa confiança, as decisões eram raras e, quando arriscadas, eram mais do que um pouco duvidosas. Assim, Prince estava ao mesmo tempo a salvo dos ataques dos céticos e seguro na sua própria consciência de que não podia emitir outro veredito sem uma experiência mais ampla com a médium.

A opinião de Carrington foi publicada a seguir. Foi o primeiro reconhecimento significativo do caso por parte de um investigador psíquico experiente e bem conhecido:

[29 de agosto de 1924] Como resultado de mais de quarenta sessões com «Margery», cheguei à conclusão definitiva de que ocorrem frequentemente fenómenos (físicos) sobrenormais autênticos nas suas sessões. Muitas das manifestações observadas poderiam muito bem ter sido produzidas fraudulentamente — e possivelmente foram-no. Desconsiderando estas, no entanto, permanece um número de instâncias em que os fenómenos foram produzidos e observados sob um controlo praticamente perfeito.

Cito, como exemplo, o toar contínuo da campainha do «aparelho de contacto», quando ambos os pés da médium repousavam sobre os meus joelhos, sendo ali mantidos por um dos meus cotovelos; ambas as suas mãos estavam firmemente seguras nas minhas, com os braços esticados até à sua extensão máxima; e a sua cabeça localizada por ela falar nessa altura, a meu pedido. O aparelho de contacto estava no chão; a inclinação da sua cadeira não o teria alcançado (como eu

testei), e os seus sapatos estavam nos seus pés, mostrando que não tinham sido retirados e colocados sobre a placa de contacto — a qual, além disso, tocava intermitentemente, a pedido. O grau de controlo considerei-o perfeito, e a manifestação foi repetida vezes sem conta.

Estou convencido de que nenhum juízo precipitado tem qualquer valor num caso como este; nem o impedimento dos fenómenos demonstrará a sua inexistência. O presente caso é particularmente difícil, por muitas razões; mas estou convencido de que ocorreram aqui fenómenos autênticos, e que uma série prolongada de sessões, empreendida num espírito imparcial, demonstraria isto mesmo.

(assinado)
Hereward Carrington

Não há nenhuma razão séria para duvidar de que Carrington tenha sido objetivo no seu veredito, mas ele tinha sido hóspede no quarto de hóspedes de Lime Street muitas vezes, em segundo lugar apenas atrás de Bird. Um dos amigos íntimos de Carrington informou-me de que Margery costumava flertar com muitos dos seus participantes nas sessões. Uma noite, antes de uma sessão, os participantes — Crandon incluído — estavam todos presentes na sala de estar quando Margery se aproximou de Carrington e o abraçou, dizendo: «Não gostarias de me dar um beijo?»

Carrington, cuja considerável experiência com fenómenos psíquicos nunca o tinha realmente preparado para uma investida tão franca, ficou embaraçado, mas, como recordou mais tarde, «O que é que eu podia fazer? Ela estava ali nos meus braços. . . .»

Correspondência inédita até agora entre Grant Code e Prince revela o facto de que Margery se vangloriava frequentemente da sua influência sobre Carrington.

Margery conta abertamente a história de que Carrington lhe fez o amor e lhe pediu que vendesse o n.º 10 de Lime Street, que está em nome dela, e fugisse para o Egito. Eu pessoalmente ouvi parte dessa história da boca dela. O Dr. [Edison] Brown avisou-me de que ela era a única autoridade para isso. Perguntei a Bird o que ele sabia e obtive a história com algum detalhe, incluindo a informação de que a certa altura ela e Crandon mal se falavam, e que Crandon só era simpático para ela depois de uma boa sessão. Bird disse que nessa altura ela fazia investidas a todos os homens que via e citou algumas das suas

próprias experiências. Houdini relatou a mesma coisa e mostrou-me provas fotográficas. Sobre a história do caso de amor de Carrington, Bird disse que não tinha outra prova para além da palavra da Sra. Crandon, mas estava bastante certo de que Carrington tinha pedido emprestada uma quantia considerável a Crandon que não conseguira reembolsar. Bird era muito mais cuidadoso a dar crédito à mediunidade à frente de Carrington do que à minha frente (28 de abril de 1926).

Fui informado por outro antigo colega de Carrington que o famoso investigador gostava de recordar este caso de amor com Margery — completo com detalhes como hora, local e qualidade dos seus encontros sexuais. Embora eu não deposite absoluta confiança nesta história, pelo menos podemos supor que Carrington estava fascinado por Margery. Qualquer impacto que este tipo de coisas tenha sobre os detalhes factuais de uma ciência naquela altura tão dependente da equação pessoal deve ser deixado para o leitor ponderar.

Após cerca de quarenta sessões, Comstock concluiu que, embora a escuridão fosse uma forte objeção à autenticidade, «vi o suficiente na luta para despertar um vivo interesse da minha parte, e penso que a investigação deve continuar.» Ele achava que se algum fenómeno individual ocorresse repetidamente sob boa iluminação, daria um veredito positivo. Até lá:

A minha conclusão é, portanto, que ainda não foram fornecidas provas rigorosas, mas que o caso atualmente é interessante e deve ser mais investigado.

(assinado)
Daniel F. Comstock

A declaração de uma única frase de Houdini foi deliciosamente caraterística; foi o «juízo precipitado» mencionado no veredito de Carrington.

[28 de agosto de 1924] Resumindo a minha investigação sobre as cinco sessões de «Margery» em que estive presente, que tiveram lugar a 23, 24 de julho e 25, 26 e 27 de agosto de 1924, o facto de eu a ter apanhado deliberadamente a manipular com a cabeça, ombros e pé esquerdo, cujos pormenores entreguei ao Sr. O. D. Munn com ilustrações, e as sessões nulas e incidentes que tiveram lugar nos

últimos três testes: A minha decisão é que tudo o que teve lugar nas sessões em que estive presente foi uma fraude deliberada e consciente, e que se a senhora possui algum poder psíquico, em momento algum o mesmo foi provado em qualquer das sessões acima datadas.

(assinado)
Houdini

A palavra final sobre a investigação do comité surgiu em abril de 1925. «O famoso caso Margery,» escreveu O. D. Munn, «está terminado no que diz respeito à Investigação Psíquica da Scientific American.»

A declaração suplementar de McDougall, datada de 8 de fevereiro de 1925, forneceu a primeira interpretação das motivações que podem ter levado os Crandon a cometer uma fraude em tão grande escala:

Já em novembro de 1923, quando eu tinha tido apenas algumas sessões, escrevi ao marido de «Margery», declarando francamente que estava inclinado a considerar todos os fenómenos que tinha observado como produzidos por meios normais, possivelmente com o admirável intuito de testar e expor a credulidade de homens de ciência que se aventuram a bisbilhotar no campo da «Investigação Psíquica». Desde essa data tomei parte em três séries de sessões, procurando ansiosamente evidências de fenómenos sobrenormais e fazendo o meu melhor para manter a minha mente aberta a tais evidências. Durante este período, a inclinação acima descrita fortaleceu-se continuamente no essencial, apesar de algumas pequenas flutuações, e tornou-se agora quase irresistível. . . .

Esta teoria — também mencionada de passagem por outros autores sobre o caso — seria muito mais atraente se o mediunismo tivesse chegado ao fim em abril de 1925, quando a Scientific American anunciou publicamente o fim da investigação. Mas Margery e o doutor estavam de facto muito longe de se retirarem à custa dos seus louros.

É significativo observar que a mesma data que viu o artigo de Munn a anunciar o fim da investigação de Margery presenciou também a estreia de James Malcolm Bird como membro da equipa da American Society for Psychical Research (Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas). Esta nomeação seguiu-se rapidamente à sua

exoneração do conselho editorial da Scientific American, e coincide exatamente com a demissão de Walter Franklin Prince, anteriormente o encarregado de investigação e executivo da sociedade, bem como editor associado do seu jornal.

Educado como matemático, formado como jornalista, de temperamento fantasioso e de convicção feroz, Malcolm Bird representava o desejo da sociedade de tomar uma posição argumentativa definida sobre os problemas dos fenómenos físicos.

A ASPR estava convulsa por ruturas internas decorrentes do choque entre aqueles que sentiam que a investigação psíquica devia ser governada pelas restrições impostas a todos os esforços científicos e aqueles que tinham assumido um compromisso com as implicações religiosas dos acontecimentos paranormais. Especialmente interessantes para este último grupo eram os fenómenos físicos relatados por muitos investigadores europeus, mas que pareciam ser muito raros na América. Apesar da reação negativa do comité da Scientific American, um grupo poderoso dentro da ASPR interessou-se pelo caso Margery. Prince opôs-se energicamente a este envolvimento com o que sentia serem fenómenos duvidosos, e, com a nomeação de Malcolm Bird como encarregado de investigação responsável pelos fenómenos físicos, não viu outro caminho aberto que não fosse a demissão. Bird não era um cientista, mas um apologista e um recém-chegado a um campo ao qual Prince tinha dedicado a sua vida. Como Prince observou mais tarde numa carta a um amigo: «O Sr. Bird é um mestre na arte da insinuação, no emprego de linguagem dúbia.»

A seis de março, uma manchete no “New York Times” declarava: «O DR. PRINCE DEMITE-SE DEVIDO A ZANGARRA SOBRE MARGERY». O artigo relatava que «amigos do Dr. Prince acusaram ontem à noite que uma clique, chefiada por Frederick Edwards, Presidente da Sociedade, tinha praticamente forçado a sua demissão ao despojá-lo de toda a autoridade para investigar fenómenos psíquicos e limitando a sua esfera inteiramente às manifestações mentais.

O Dr. Prince é considerado pelo grupo de Edwards, segundo afirmaram os seus amigos, como sendo 'demasiado cético'.» Muitos membros influentes da ASPR tinham ficado desapontados com Prince

porque o seu amplo conhecimento de truques mediúnicos lhe tinha permitido chegar a uma explicação fraudulenta para cada caso de fenómenos físicos que tinha investigado.

Bird informou suavemente os jornalistas de que «o campo alargou-se gradualmente até haver mais do que aquilo que um homem conseguia fazer». Dois dias depois, Houdini soube da nomeação de Bird com o seu pânico caraterístico. Anunciou imediatamente à imprensa que se tinha demitido da ASPR. Para reforçar a sua posição, acusou publicamente Malcolm Bird de «ajudar» Margery na investigação da Scientific American. Pouco tempo depois, McDougall juntou a sua própria demissão à lista crescente de investigadores psíquicos que se tinham desencantado com a ASPR.

O primeiro artigo de Bird no "Journal" da ASPR foi, acredite-se ou não, uma crítica ao seu próprio livro, prestes a ser publicado, sobre «Margery» a Médium. A crítica foi favorável. Mas investigadores preparados consideraram o livro menos do que satisfatório.

O próprio Prince, agora encarregado de investigação da Boston Society for Psychic Research, uma organização formada a fim de preservar os padrões científicos na parapsicologia, submeteu um artigo ao "Journal" da ASPR que demonstrava, com «provas documentais . . . que o Sr. Bird deturpou e distorceu factos na sua posse, incluindo alguns claramente registados nas notas oficiais das sessões.»2

O "Journal" rejeitou este artigo, dando início a uma política de supressão de todas as provas desfavoráveis ao caso Margery. Além disso, em julho desse ano, um ataque "ad hominem" virulento contra o papel de McDougall na investigação de Margery foi assinado por uma autoridade tão objetiva como o Dr. Le Roi Goddard Crandon. Em suma, Bird levou a sociedade consigo ao mergulhar de cabeça no caso Margery, fazendo amplo uso da sua nova posição de autoridade para dar publicidade às maravilhas que ocorriam na velha casa em Lime Street.

E, na casa dos Crandon, este novo aliado foi acolhido de braços abertos, talvez da forma mais exuberante por Walter, cujo carinho pelo novo encarregado de investigação resultou em ele ser apelidado de «Birdie». Walter já tinha expressado os seus sentimentos num poema composto na noite de 27 de abril de 1924:3

Ao J. Malcolm Bird
Havia um jovem de Nova Iorque.
Como cientista era um fenómeno.
Os médiuns vinham de perto e de longe,
Para ele lhes deitar sal na cauda.
E ele fê-lo sem qualquer dúvida;
E fê-lo com muito grande júbilo.
E quem diria: o gajo
Anda a correr atrás de mim com sal.

X
A Investigação de Dingwall

Pouco antes da investigação da Scientific American, os Crandon tinham ido de férias para a Europa; enquanto estavam em Londres, Mina tinha feito demonstrações para vários membros da Society for Psychical Research nas suas salas em Tavistock Square. Um destes observadores era Eric J. Dingwall, encarregado de investigação da sociedade e, desde 1921, diretor especial do departamento de fenómenos físicos para o grupo americano. A experiência de Dingwall com os fenómenos físicos do Espiritualismo e com a literatura sobre o assunto era sem igual. Com boa preparação em antropologia e psicologia do anormal, Dingwall era um estudioso rigoroso e um observador perspicaz. Nessa sessão em 1923, ele observou uma levitação tão pronunciada que teria de ser fraude ou sobrenormalidade — não havia possibilidade de ilusão. Ele escreveu: «Dizer que o mediunismo de Margery é um dos mais importantes do seu género seria um eufemismo: é, penso eu, o mais notável registado até hoje.»1

Durante o verão de 1924, Dingwall veio a Boston para ver as maravilhas adicionais de Lime Street.2 Os Crandon aceitaram de bom grado o estudo por ele proposto.

Dingwall considerava Margery «uma jovem altamente inteligente e encantadora, extremamente bem-disposta e dotada de um fundo de humor e coragem que a tornam uma cobaia ideal para investigação».3 Crandon impressionou-o com o seu dinamismo, a sua seriedade intelectual e a sua impressionante atitude defensiva.

No início da investigação, o mediunismo tomou uma nova direção com a produção em grande escala de ectoplasma. Durante as observações de Dingwall, a duvidosa substância assumiu várias formas. Quando ele tocou pela primeira vez numa extrusão, comparou-a «à sensação de tocar num pedaço de carne de vaca crua e fria ou possivelmente num pedaço de borracha macia e molhada».4 Foi-lhe permitido observá-la mais de perto à luz vermelha de uma lâmpada segurada e operada por Crandon, muitas vezes sem consultar Walter. A luz nunca prejudicou o teleplasma, nem piscou antes de as materializações estarem concluídas.

O que Dingwall viu ao espreitar para baixo foi uma «estrutura longa e fina, em forma de língua» que saía, não em movimento mas aparentemente estagnada no seu desenvolvimento, de uma fenda no ropão de Margery, sob o qual ela não trazia vestuário. Pouco depois, Dingwall conseguiu dar uma segunda olhadela a convite de Crandon. Viu agora uma «massa de substância negra semelhante a dois polegares da extremidade de uma mão com luva de tropel . . . assemelhando-se quase exatamente à estrutura de mão fotografada [com outros médiuns]».

Na oportunidade seguinte, observou uma «projeção longa, em forma de língua, com treze centímetros de comprimento e dezoito de largura, que agora se estendia a partir da massa principal, a qual também já não tinha um contorno nítido, mas estava dividida irregularmente como dedos amputados».5 Tudo isto foi visto em silhueta contra uma grande placa luminosa segurada por trás da formação psíquica. Esta mão contorcida, cinzento-escura, aparecia frequentemente, e existem várias fotografias muito interessantes nas quais parece ser de natureza definitivamente orgânica.

Walter tinha originado o plano de demonstrar a materialização de teleplasma. A seguir a uma discussão com Dingwall, Walter prometeu tentar produzi-lo à vista de todos sob a luz vermelha. A primeira tentativa não conseguiu produzir nada a não ser algumas manchas vagas de luz logo em frente da médium (luz essa que Dingwall sugeriu poder ter sido pó fosforescente aplicado no peito dela antes da sessão e exposto no escuro ao abrir o ropão).6

A segunda tentativa revelou-se mais bem-sucedida. Enquanto Walter ria e conversava, e Margery ressonava calmamente,7 a luz de

Crandon incidiu sobre uma mão medonha, mole e flácida, que sobressaía da vagina exposta de Mina e estava ligada ao orifício umbilical.

Walter explicou que isto verificaria a crença popular de que as materializações eram uma forma de nascimento sobrenormal. Dingwall, que concordava com esta ideia em teoria, ficou desapontado por os relâmpagos de luz vermelha ocorrerem «exatamente quando o observador não os deseja».8

. . . tudo dependia de o crescimento e a reabsorção serem levados a cabo sob luz vermelha. O que se pretendia não era o produto acabado ou parcialmente acabado, mas a feitura da própria produção. Supõe-se que estas «mãos» cresçam, se expandam e se aproximem da perfeição. Mas nós queremos ver a verdadeira extrusão e reabsorção.9

A mão, brevemente iluminada, foi imediatamente lançada de volta para a escuridão impenetrável. Dingwall disse que queria tocar-lhe. Walter disse-lhe para estender a mão, com a palma para cima. Ato contínuo, a massa caiu sobre ela, inerte e sem vida; em breve Dingwall sentiu agitações do teleplasma, não como se tivessem origem na própria massa, mas parecendo vir dos movimentos de uma outra mão diretamente sobre ela, moldando a matéria amorfa com deliberação. O registo oficial de Crandon diz então: «O relâmpago de luz vermelha seguinte mostrou uma mão razoavelmente bem formada deitada sobre a mão do Sr. Dingwall, enquanto na visualização anterior apenas se tinha visto o teleplasma disforme.»10

Esta série de acontecimentos colocou o investigador psíquico sob a obrigação de supor que o primeiro passo para a formação do teleplasma numa mão animada era a materialização de outra mão para a moldar devidamente. Esta suposição Dingwall viu-se incapaz de a fazer. Percebeu que uma hipótese de trabalho positiva, quer a favor quer contra, seria preferível à sua abertura total inicial. Começou com a Hipótese I, os fenómenos são autênticos, e sentou-se a aguardar as provas.

A altura em que a mão apareceu, a 18 de janeiro de 1925, o olhar astuto de Dingwall já tinha captado várias ocorrências suspeitas, ou pelo menos ambíguas. Mas, para dar todas as hipóteses à sua tese,

continuou, sempre que viável, a permitir a Crandon o seu controlo habitual do lado direito.11

A questão do controlo adequado deu origem a um gracejo por parte de Walter. Uma noite, Dingwall e o Dr. Elwood Worcester estavam a debater a questão do controlo com Crandon. Walter interrompeu para dizer que Dingwall devia ficar com uma das pernas dela, Crandon com a outra e que o «Dr. McDougall pode ficar com uma asa». Após uma breve pausa, acrescentou: «O Dr. Worcester pode segurar-lhe o nariz se se sentir esquecido».12

Dingwall sugeriu que poderiam melhorar o controlo das materializações vestindo Margery com uns "tights" [colãs] pretos. Os investigadores europeus tinham-nos usado numa médium de teleplasma para garantir que o ectoplasma não era uma substância material contrabandeada para fora do seu corpo por prestidigitação; constava que a experiência tinha funcionado, pois a matéria brotava dos seios, da vagina, da boca e dos dedos da médium, tomando formas depois de passar pela malha dos "tights".

Mas Crandon tinha a certeza de que eles iriam estorvar as materializações; ele e Margery mantiveram-se irredutíveis neste ponto, recusando-se a considerar qualquer vestuário que não fosse o ropão habitual e as meias de seda.13 No entanto, Margery costumava contar com deleite o facto de ter realizado algumas das suas sessões para Dingwall nua. Com o adorno habitual, Margery contou a um dos seus investigadores sobre as suas sessões com Dingwall: «A primeira coisa que ele me disse,» referiu ela, «foi para eu tirar a roupa» (Code para Prince, 28 de abril de 1926).

Os investigadores tinham esperado introduzir alguns elementos de controlo que tornassem os fenómenos manifestamente sobrenormais. A recusa em considerar os "tights" como vestuário adequado para as sessões de materialização levou os observadores à beira do desespero. McDougall resumiu os sentimentos deles numa carta ao "Boston Evening Transcript", a 18 de fevereiro de 1925:

Relata-se na imprensa que numa palestra recente o Sr. Bird . . . aprovou o «ectoplasma de Margery», e disse que o «ectoplasma» sai de «orifícios da anatomia». Esta última afirmação está correta. Há boas provas de que o «ectoplasma» sai, ou saiu em algumas e provavelmente em todas as ocasiões, de um «orifício da anatomia» em

particular. A questão mais interessante é — Como é que ele foi parar ao interior da «anatomia»?

Na materialização seguinte apareceu outra mão, desta vez movendo-se sinuosamente e por vezes de forma impressionante contra a placa de cartão iluminada. Mais uma vez, a massa negra ficou recortada na escuridão, jazendo inerte até que o movimento contorcido começou e, da polpa central, «um, dois, três, quatro ou cinco dedos de todas as formas foram feitos crescer subitamente da massa, alguns rapidamente, outros lentamente. Depois um polegar curto e grosso, e finalmente uma projeção longa com um gancho, com um total de trinta centímetros de comprimento».14

Durante a décima quinta sessão, a 19 de janeiro, foi tirada uma fotografia que mostra uma massa teleplásmica saindo aparentemente da boca e da orelha esquerda de Margery.15 Mais uma vez foi vista não como um processo, mas como um produto, e por isso não reforçou a tese da autenticidade. Fotografia desta e de extrusões semelhantes da cabeça mostram claramente um fio fino, como uma linha, estendendo-se ao longo do cabelo de Margery e por trás da sua cabeça, do qual o ectoplasma parece pender; disto resultou uma nota falsa para todos exceto para os crentes mais ferrenhos. Até o movimento da substância em frente da placa luminosa estava sujeito a explicação. «É,» escreveu Dingwall, «concebível . . . que um pedaço da substância tivesse sido transformado numa espécie de estrutura em forma de bolsa que, quando ligada a [um] tubo e à bomba, pudesse ser inflada com ar da bomba através da pressão das pernas da médium.»16 Mas a questão mantinha-se — Como?

Isto foi o que Dingwall tentou descobrir durante as sessões restantes. Uma vez, recordou ele, quando lhe foi permitido segurar a substância materializada, «a médium começou imediatamente a virar-se na cadeira e a massa foi arrancada da minha mão. Parecia simplesmente uma bolsa elástica e enrugou-se ao ser puxada. Tentei segui-la quando caiu no colo da médium, mas ela resistiu energicamente, atirando a perna esquerda para cima da mesa e afastando a minha mão dela com a sua própria mão. Outro teste crucial tinha falhado completamente.»17

Dingwall conjeturou que o «ectoplasma» pareceria crescer se, depois de um pedaço ter sido iluminado pela luz vermelha, fosse

substituído sob a proteção da escuridão por outro pedaço maior e de forma mais completa, que por sua vez seria substituído antes do relâmpago de luz vermelha seguinte.18 Era evidente que a matéria não tinha vida. A certa altura, quando o ectoplasma em materialização recebia o foco de luz, «Margery chegou a baixar a mão esquerda, com a [mão] de Dingwall ainda a controlá-la, e atirou a massa para cima da mesa».19 Se tivesse sido uma materialização viva e sobrenormal, a literatura da investigação psíquica dizia a Dingwall que a substância se moveria de forma deliberada e independente; uma simulação fraudulenta seria inerte e incapaz de se mover por si própria, como esta era.

Além da questão "porquê?" — cujas implicações patológicas espantam realmente a imaginação — restavam para Dingwall duas perguntas: «Como foi produzida a materialização?» e «De que era feito o ectoplasma?».

A maioria das materializações parecia brotar de «um orifício da anatomia». Dingwall perguntou a uma ginecologista se este esconderijo bizarro seria realmente capaz de fornecer uma resposta.

«Sim,» respondeu ela, «claro que seria perfeitamente possível introduzir uma porção considerável de tal substância na vagina, e isto só poderia ser definitivamente excluído mediante um exame imediatamente antes de vestir os "tights". Por contração muscular (a qual, no entanto, penso que seria óbvia) a substância poderia ser mantida ou parcialmente expulsa.»20

Quanto à composição do material, McDougall assinalou que as ampliações das fotografias tiradas a 19 de janeiro exibiam «certas marcas em anel que se assemelhavam fortemente aos anéis cartilagíneos encontrados na traqueia dos mamíferos. Esta descoberta levou [McDougall] à teoria de que as 'mãos' tinham sido forjadas a partir de material do pulmão de algum animal, com o tecido cortado e unido, e que parte da traqueia tinha sido usada para o mesmo fim».21

McDougall submeteu as fotografias ao Dr. W. B. Cannon, professor de fisiologia em Harvard, e ao Dr. H. W. Rand, professor associado de zoologia. A opinião deles concordou com a de McDougall de que «o ectoplasma era indiscutivelmente composto por tecido pulmonar de algum animal».22

A única objeção a este veredito foi apresentada por Crandon; ele sustentava que é quase impossível extrair todo o sangue do tecido pulmonar e que, se tal fosse feito, deixaria de se assemelhar a esta substância. Além disso, em condições normais, o sangue deixaria vestígios óbvios na mesa e no roupão, e nenhuns foram jamais notados.23

A meio da investigação, Dingwall observou algo «sugestivo e extremamente interessante» pertencente à voz de Walter. Durante as sessões fotografadas nessa noite, imediatamente após o magnésio ter faiscado na escuridão, o riso caraterístico de Walter ecoou e, nesse instante, Dingwall viu o canto esquerdo da boca de Margery descer e o canto direito subir subitamente, de forma espástica, «como se puxado por um fio». Dingwall já não tinha qualquer dúvida de que o riso era produzido pela própria boca de Margery.24

A 31 de janeiro, Dingwall tinha agendada uma palestra sobre a mediunidade de Margery em Jordan Hall, em Boston.25 Pediu a McDougall, seu amigo e colega, que presidisse como mestre de cerimónias perante a sala cheia. Para grande alarme de McDougall, parecia que nessa altura Dingwall estava convencido da autenticidade dos fenómenos que andara a observar em Lime Street.

Numa carta ao famoso psiquista europeu, Barão von Schrenck-Notzing, Dingwall tinha escrito: «É o caso mais belo de telecinética teleplásmica de que tenho conhecimento. Pode tocar-se livremente no teleplasma. As mãos materializadas estão ligadas por cordões ao corpo da médium; agarram objetos e movem-nos. As massas teleplásmicas são visíveis e tangíveis sobre a mesa, sob uma excelente luz vermelha. Seguro as mãos da médium; vejo os dedos e sinto-os sob boa iluminação. O controlo é irrepreensível.»26

Na noite anterior à palestra, McDougall dispendeu algum tempo a apontar as possibilidades de fraude nessas sessões que Dingwall tinha aparentemente negligenciado. Não que Dingwall imaginasse ingenuamente que todos os fenómenos fossem autênticos, mas a 30 de janeiro ele favorecia de facto um veredito positivo sobre o caso. Graças a McDougall, a 31 de janeiro proferiu uma palestra inteiramente objetiva e neutra.27

Mais tarde, o seu amigo íntimo e colega Everard Feilding assinalou que «as circunstâncias o levaram a dar a volta ao rosa dos

ventos de quase todas as opiniões e a terminar sem nenhuma».28 De facto, numa carta a Crandon alguns meses após a sua visita, Dingwall escreveu: «Aqueles que leram [o artigo] chegaram todos a opiniões diferentes quanto às verdadeiras posições do autor.»29

Embora haja no relatório de Dingwall muito que é tanto único como assustadoramente empolgante, nada há de convincentemente autêntico; e embora haja muito que é duvidoso e até condenatório, não há prova direta de que tenha ocorrido efetivamente fraude. Dingwall resumiu com ironia: «Não sabemos o que é o teleplasma nem a que se pode assemelhar. Pelo que sabemos, as formações (se é que existem de todo) podem ser tal e qual esponjas, papel branco, "chiffon", pulmões ou lâmpadas de borracha.»30

Mas pediu ao leitor que admitisse que tal possibilidade era, no mínimo, pouco parcimoniosa. Podemos recordar aqui a observação de W. H. Salter de que os espíritos dos mortos podem, de facto, habitar formas tão grotescas como estas, mas «se assim for, temos de suportar a perspetiva com fortitude».

Dingwall sentiu que tinha falhado na sua tentativa de estabelecer a autenticidade ou a fraudulência do mediunismo de Margery.31 Com a informação que tinha à sua disposição e as observações que ele próprio tinha feito, é difícil imaginar como poderia ter agido de forma diferente.

Mas a neutralidade também se pode chamar ficar em cima do muro, que foi como Crandon a classificou na sua resposta ao relatório de Dingwall. Com a mordacidade caraterística, descreveu o medo do autor perante o escárnio e a bem conhecida cautela da Society for Psychical Research em relação a declarações de autenticidade.

Do princípio ao fim, o Sr. Dingwall não produziu uma ponta de prova probatória de que os fenómenos de «Margery» não sejam sobrenormais. Formulou uma multidão de teorias de infinita variedade sobre como estas coisas poderiam ter sido feitas de forma normal. Eu tenho uma teoria ainda melhor. Um cúmplice de pequena estatura, vestido e encapuzado todo de preto, com chinelos de feltro, poderia entrar com um carrinho de chá de rodas de borracha bem lubrificadas.

Conteria «uma vara» (p. 100), «uma peça de aparelho para ser segurada entre os dentes» (p. 100), «meia dúzia de objetos diferentes

cobertos com uma substância» (p. 105), «uma pinça» (p. 106), «uma bainha em forma de luva» (p. 106), «uma pinça coberta de substância animal coberta de saliva» (p. 106) (possivelmente um prato extra de saliva para o caso de a primeira secar demasiado depressa), «um pedaço da mesma cortado em forma de disco» (p. 106), «vários pedaços cortados como línguas de ovelha» (p. 106), «uma massa redonda da mesma possivelmente inflada» (p. 106), «uma mão rudemente formada da mesma» (p. 106), «um tubo» (p. 107), «um cordão de algum intestino animal» (p. 114), «uma bomba» (p. 114), «uma estrutura em forma de bolsa» (p. 114), «um bocal» (p. 122), «um cabelo comprido com cera» (p. 140).

Por muito bom que fosse o controlo sobre «Margery» e sobre mim, o espetáculo prosseguiria triunfante, a não ser que uma constipação fizesse o cúmplice espirrar! . . . Sou tentado, usando as palavras num sentido puramente pickwickiano, a estabelecer duas hipóteses para explicar o tratamento dado pelo Sr. Dingwall ao assunto no que diz respeito a explicações hipotéticas.

Hipótese I: O autor é um maluco.

Hipótese II: O autor é um maluco.

«A prova parece-me umas vezes a favor e outras vezes contra» uma ou outra destas hipóteses. . . .32

Uma nota de rodapé explicava a palavra «maluco» como «uma palavra americana que significa um indivíduo afável cuja raciocinação é errática».

Dingwall nunca alterou publicamente a sua posição neutra. Numa entrevista privada com G. H. Estabrooks alguns anos mais tarde, ele chegou a «expressar a sua suspeita em relação a toda a coisa»,33 e numa carta recente informou-me «para que conste» de que não tinha qualquer informação privada que lançasse luz sobre a autenticidade ou fraudulência dos fenómenos de Margery.

O seu merecidamente famoso relatório sobre a mediunidade de Margery termina com estas palavras: «A mediunidade continua a ser um dos mais notáveis na história da investigação psíquica. Pode ser classificado a par dos de Home, Moses e Palladino como demonstrando a extrema dificuldade em alcançar conclusões definitivas, apesar do tempo e da atenção dedicados à sua investigação.»34

Nenhuma previsão de qualquer vidente oculto poderia ter-se revelado mais precisa.

XI
A Segunda Investigação de Harvard

Durante a parte final da série de Eric Dingwall, S. Foster Damon, do departamento de Inglês de Harvard, convidou para uma sessão Hudson Hoagland, um talentoso estudante de pós-graduação. Ambos os homens estavam curiosos em relação à investigação psíquica e tinham ganho uma afeição sincera por Margery. Pouco tempo depois, Hoagland propôs uma investigação oriunda de Harvard. Os Crandon acolheram o plano, embora o grupo proposto fosse composto por investigadores amadores.1

Hoagland planeava publicar as suas conclusões como tese de doutoramento, caso elas constituíssem uma «contribuição para o conhecimento».2 Assim, Hoagland, Foster Damon, Grant H. Code, Robert Hillyer, John Marshall e homens eminentes do corpo docente de Harvard e da área de Boston formaram o segundo comité de Harvard para investigar os alegados poderes de Mina S. Crandon.

Mina ficou carateristicamente divertida com o desenvolvimento. Mais tarde disse a um entrevistador: «Quer saber qual é a sensação de ser uma bruxa? Sabe que é assim que me teriam chamado em Boston há 150 anos. E ter-me-iam levado perante o Tribunal Geral e executado por me associar ao diabo. Mas agora mandam comités de professores de Harvard para me estudarem. Isso representa algum progresso, não representa?»3

Os Crandon concordaram em realizar as sessões fora de Lime Street, e os investigadores usaram uma sala pequena e quadrada no terceiro andar do Emerson Hall com a permissão — e, na verdade, com o vivo interesse — do departamento de psicologia. A primeira sessão de teste realizou-se a 19 de maio de 1925.4

Antes da sessão, a Dra. Deborah Fawcett fez uma revista externa a Mina numa sala contígua e não encontrou nada de suspeito no seu corpo, no seu ropão ou nos seus chinelos. Mina colocou então fitas elásticas luminosas na testa, nos tornozelos e nos pulsos para ajudar os

investigadores a verem os seus movimentos durante a ocorrência dos fenómenos. Crandon, sentado à direita de Margery, estava também equipado com dispositivos de controlo semelhantes, tal como Code e Fawcett.

Hudson Hoagland controlava, tanto visualmente como pelo tato, ambas as mãos de Crandon e a mão direita de Mina, que estava colocada nos dedos do seu marido. Ao posicionar o seu antebraço devidamente, Hoagland conseguia controlar os joelhos do doutor; e, ao vigiar a fita luminosa da cabeça de Crandon, podia observar os movimentos do cúmplice mais provável da médium. John Marshall mantinha o controlo visual de todos os pés à volta da mesa, enquanto um dos outros vigiava as fitas da cabeça.5

Aqueles que tinham estado em Lime Street já tinham observado e até tocado no tipo de formações teleplásmicas que Dingwall vira pela primeira vez. Damon tinha tocado numa mão que se movia e conseguia pegar em coisas. A partir do registo dos Crandon de 1 de maio, ficamos a saber que vários participantes tinham visto a mão em movimento a emergir de algum lado no corpo da médium. «Sentiam-se os músculos do pulso . . . depois o núcleo firme no pulso foi sentido por todos, e também tendões que deslizavam sob o dedo explorador como a coxa de uma ave de capoeira.»6

Os primeiros meses de 1925 tinham também assistido ao início daquilo que em breve se tornaria parte da «sessão padronizada»: a levitação na escuridão total de objetos luminosos, muito particularmente um pequeno cesto de palha e um anel de madeira que Walter apelidou de seu «“doughnut”» [sonho/rosquinha].

Na sessão de 19 de maio, o comité de Harvard viu o braço teleplásmico contra a luz vaga da placa luminosa, mas Walter não lhes permitiu segurar a placa perto o suficiente para permitir a observação cuidadosa da suposta extremidade.7 Hoagland ficou impressionado com a incrível materialização que ocorreu enquanto o seu controlo das mãos de Crandon e da mão direita da médium era perfeito. Não havia outra luz além das fitas luminosas em cada participante, e estas eram cuidadosamente vigiadas por todos os presentes.

John Marshall afirmou ter tido visão das fitas ao longo de toda a sessão; mais tarde disse aos jornalistas: «Vi algo luminescente a cerca

de dez centímetros (tanto quanto pude julgar) das pernas da médium. Ao mesmo tempo notei uma diminuição definida da pouca luz que vinha das tornozeleiras, como se alguma massa de intensidade variável estivesse a passar entre mim e a luz.» Ele achou que parecia uma «fita a acenar preguiçosamente em frente de um ventilador».8

O Professor Harlow Shapley, o afamado astrónomo, foi um dos observadores externos ao comité presentes nas sessões de Harvard. Ele confirmou o testemunho de Marshall: «As tornozeleiras luminosas da médium ficavam por vezes perdidas no nevoeiro luminoso que parecia rodear os tornozelos da médium. As tornozeleiras, quando claramente distinguidas, estavam perto do centro do fenómeno luminoso. . . . Nenhuma evidência de batota de qualquer tipo foi observada, e nenhumas ações suspeitas por parte de quem quer que fosse no círculo.»9

Walter esteve em excelente forma para os cientistas de Harvard, mesmo sob condições de controlo que os investigadores alegavam tornar a fraude «impossível». O Professor Edwin G. Boring, um dos participantes, foi nada menos do que efusivo com os jornalistas três meses após a investigação ter terminado. Ele confirmou a presença de um braço, invisível no escuro, mas certamente ali.

Não é claro se ele pretendia que isto fosse uma declaração de crença num apêndice teleplásmico, mas os leitores da época assumiram que, se Boring mantivesse reservas, tê-las-ia tornado conhecidas. Assim, quando a história saiu nos jornais, pareceu que as conclusões tinham sido favoráveis à mediunidade. Por causa disto, o comité apressou-se a tornar as suas posições perfeitamente claras.

A maioria deles tinha fortes reservas sobre os fenómenos de Margery. Ao longo das oito sessões, apesar dos controladores elaborados, pareceu a alguns que os fenómenos podiam ser produzidos se uma das pernas ou um dos braços da médium estivesse livre.

Por exemplo, a voz de Walter (que Hoagland localizou como vindo «diretamente da médium» e a qual, «embora diferindo em certas qualidades, se assemelhava à dela em muitos aspetos»10) era frequentemente projetada através de um megafone que não funcionava quando um membro do comité estava a controlar a ligação entre Margery e Crandon. «Além disso, numa ocasião, quando a fita da cabeça da Sra. Crandon estava invulgarmente brilhante, observámos o

seu reflexo no megafone diretamente em frente do rosto da Sra. Crandon.»11

Havia certas restrições à investigação que limitavam a certeza de qualquer declaração que pudesse ser feita sobre os fenómenos testemunhados pelos observadores. «Não nos era permitido tocar ou puxar qualquer braço teleplásmico sem a permissão de Walter, nem nos era permitida qualquer luz, branca ou vermelha, durante a sessão. Além disso, não devíamos, sem o consentimento de Walter, esperar ser capazes de usar novos métodos, aparelhos ou controladores.»12

Mina nunca permitiu uma revista interna, embora a Dra. Fawcett tenha testemunhado que durante duas das sessões Margery usava pensos higiénicos, o que normalmente descartava a probabilidade de ocultação interna.13 (Mais tarde, a Dra. Fawcett sugeriu que isto pode ter sido um estratagema por parte de Mina, mas nenhuma menção a isto foi feita no registo ou mesmo imediatamente após as sessões.)14

Este pode ser o momento para comentar a sugestão frequentemente ouvida de ocultação anatómica. Apesar do testemunho de Dingwall de que «uma porção considerável» de ectoplasma artificial poderia ser escondida dentro da vagina, duas observações de Bird devem ser consideradas. A primeira dizia respeito à frieza do teleplasma, frequentemente observada.

Permito-me assinalar que esta frieza, continuando muito tempo após a produção da mão, oferece um dos maiores obstáculos à crença de que este seja um objeto artificial normal, retirado do óbvio local de ocultação anatómica. Um crítico adverso ficou suficientemente impressionado . . . para postular um dispositivo de refrigeração de algum tipo, que permanecia escondido na região de onde a mão vinha!15

No presente caso, quando foi feita a sugestão de que havia outra mão teleplásmica, um membro em forma de garra que tateava pela mesa fora, tocando nas mãos dos participantes e sendo sentido por estes, os participantes sugeriram (muito mais tarde) que esta mão em movimento era um aparelho mecânico retirado «da região do seu colo». Diz Bird: «A hipótese de ocultação anatómica, tomando-a apenas pelo seu valor intrínseco, é esticada muito para além do ponto de rutura. O Sr. Hoagland e os seus colaboradores do Departamento

de Inglês estão sob um equívoco óbvio quanto ao tamanho, forma e outras caraterísticas dominantes do armazém anatómico que é costume mencionar sob o suave eufemismo 'dentro do corpo da médium'.»16

Isto último exigiria também que Margery escapasse aos seus controladores, mas o comité estava confiante de que os controladores tornavam a fraude «impossível». «Na maioria das nossas sessões em Harvard tínhamos um aparelho preparado para passar uma ligeira corrente elétrica por todo o círculo de participantes, sendo o circuito fechado pela união das mãos e registando instantaneamente ao observador no corredor se alguém quebrasse o círculo.»17 Na verdade, Margery poderia facilmente ter contornado o dispositivo simplesmente colocando a mão de Crandon em qualquer parte da sua pele nua.

Mas havia sempre pessoas suficientes presentes nas sessões para vigiar cuidadosamente as fitas luminosas. Se Margery tivesse libertado um pé ou um braço, quem era mais de culpar, Margery ou o comité? Era um facto bem conhecido que qualquer médium em transe escolheria o caminho mais fácil se esse caminho lhe fosse deixado aberto. Era dever dos investigadores fazer com que os controladores fossem tais que apenas fenómenos autênticos aparecessem. Além disso, em momento algum durante a série o registo indica que as tornozeleiras luminosas tenham sido retiradas ou perdidas de vista e, no entanto, os fenómenos telecinéticos ocorriam regularmente.

Foi só na sessão de 29 de junho, na casa de Hoagland, que a falha no controlo visual se tornou evidente.

O comité, num esforço para aprender mais sobre a natureza do teleplasma, tinha decidido usar plasticina como uma superfície sobre a qual Walter pressionaria a sua extremidade. Walter adivinhou que a impressão que ficaria pareceria pele grossa.18 Quando as luzes se apagaram, a extremidade de Walter procedeu a tocar nos participantes, que registavam as suas impressões num ditafone. Code disse que foi tocado por algo que parecia «a parte carnuda da mão, bastante áspera». O Dr. Hilbert F. Day, um cirurgião, disse que foi tocado por «algo que parecia a palma de uma mão». Outro disse que «se assemelhava a um calcanhar a pressionar-lhe a cabeça», enquanto Hoagland «descreveu a sensação como a de pressão de um objeto macio semelhante a couro». Walter achou essa uma boa descrição.19

Quando Code foi colocado na posição de Crandon, à direita de Margery, uma caixa de campainha de novo modelo tocou e um carretel luminoso foi manuseado apesar da alteração nos controladores. Walter tentou, mas falhou, dar um nó numa corda que tinha sido salpicada com tinta luminosa. Crandon preparou um balde de parafina quente para que Walter pudesse produzir luvas de cera como as obtidas na Europa, mas «Walter não quis saber de nada disso».20 Depois Walter fez as impressões na plasticina.

Mais tarde, durante a sessão, a extremidade de Walter estava a segurar o «"doughnut"» luminoso. Um «visitante do Midwest» (provavelmente o Dr. Wolcott do Minnesota) soprou com força para ele e desalojou-o do aperto do tentáculo. Walter, enfurecido, recuperou instantaneamente o controlo do «"doughnut"» e desafiou o estranho a tentar fazê-lo de novo. Wolcott não foi capaz de o fazer. Enquanto esta troca de palavras decorria, Hoagland aproveitou a oportunidade para ver uma silhueta da extremidade contra a placa luminosa brilhante. Mais tarde escreveu: «O que vi a segurar o "doughnut" parecia ser um pé direito humano, com os dedos presos sobre a periferia do disco, vincando-o de uma forma verificada ao examinar o "doughnut" após a sessão. Além disso, ao mudar de posição, vi claramente o tornozelo e a perna recortados em silhueta até um ponto acima do joelho.»21

Hoagland não ditou esta observação para o registo, guardando-a para si até poder discuti-la com os seus colegas depois de os Crandon se terem ido embora. Por esta altura, Code olhou para baixo e viu um anel luminoso completo no chão, onde antes vira apenas o semicírculo da tornozeleira brilhante de Margery. Era claro que a tornozeleira tinha sido retirada. Code relatou imediatamente esta descoberta para o ditafone e, com igual rapidez, o anel voltou a ser um semicírculo, aparentemente por se ocultar metade do anel com um pé. Walter negou a afirmação de Code, mas não antes de quase todos terem tido um vislumbre de uma fração de segundo do anel completo no chão. Quando as luzes foram acesas, a tornozeleira estava no pé de Margery, mas esticada do peito do pé até ao calcanhar, em vez de estar à volta do tornozelo.22

Embora Mina nada tenha dito sobre o comportamento curioso da fita luminosa, estava sem dúvida a pôr a sua mente a trabalhar no duro

num esforço para o explicar. Ela e o severo cirurgião saíram depois de ela ter concordado em deixar uma impressão do seu próprio pé em argila, para comparação com a impressão de Walter. Foi nessa noite que o seu chinelo caiu na relva.

Agora os investigadores enfrentavam um problema delicado. Por um lado, tinham a reputação de Harvard a considerar e, por isso, tinham de dar um veredito sobre o mediunismo de Margery. Por outro, tinham a amizade de ambos os Crandon a considerar.

Grant Code, o membro do comité mais próximo de Mina, sentia mais profundamente o sentido de responsabilidade para com ela. Ao mesmo tempo, estava certo de que conseguiria ele próprio duplicar os fenómenos de Margery. Ilusionista amador e contorcionista de capacidade não reduzida, Code transmitiu esta ideia aos seus companheiros e procedeu, no escuro — e mais tarde à luz —, a libertar a sua perna e a produzir os mesmos efeitos incríveis que todos tinham visto anteriormente.23

Todos os presentes concluíram que a maioria ou a totalidade dos fenómenos a que tinham assistido durante esta e as seis sessões anteriores podiam ser explicados pela ação normal das pernas de Margery. Não se lembraram de se admirar com a incapacidade de John Marshall para dar conta do truque repetido de descalçar a fita sob a capa da inquietação do transe, nem consideraram que as fitas luminosas que Mina usara eram novas, muito maiores do que o habitual. Code tinha-as feito ele mesmo, julgando o seu tamanho pelos seus próprios tornozelos, uma vez que «não tinha os de Margery à mão» na altura.

Assim, o comité de Harvard acreditava que todos os fenómenos observados podiam ser explicados; propuseram-se agora formular controladores que tornassem a fraude por este meio impossível. Podiam então contar quer com uma paragem completa dos fenómenos quer com uma mudança radical nos efeitos produzidos. Decidiram-se pelo uso de penso rápido, salpicado com tinta luminosa, colado nas pernas da médium. A este controlo, nenhum médium — nem mesmo Margery — poderia possivelmente escapar.

Na manhã seguinte, o cão de Hoagland entrou a trote com um objeto desgastado que foi identificado como um dos chinelos de sessão de Margery. O exame das impressões na argila da noite anterior

tinha revelado minúsculas partículas de areia do chão, bem como fios de cotão. As próprias impressões eram marcas reconhecíveis da pele grossa do pé humano, com as espirais claramente visíveis. A comparação, contudo, entre estas impressões e as tiradas dos pés de Mina era impossível, pois as impressões estavam borradas e indistintas.

Foi feito um exame minucioso ao chinelo, com a seguinte conclusão condenatória: «Foram encontrados vestígios de cotão recém-pressionados nas superfícies plásticas, que em cor, textura, comprimento de fibra e material correspondiam exatamente ao cotão dos chinelos da médium. Além disso, ao microscópio, foram encontrados minúsculos vestígios de areia, presumivelmente apanhada do chão, e o esqueleto microscópico de um inseto recém-pressionados na plasticina.»24

Parecia que Margery estava prestes a ser apanhada na armadilha.

Mas nessa noite, 30 de junho de 1925, Mina entrou pausadamente e com confiança em Emerson Hall e censurou todos os jovens por lhe terem permitido usar tornozeleiras tão grandes que podiam «cair». Após a aplicação do penso rápido, Margery entrou em transe. A voz no escuro surgiu imediatamente e deu-lhes a todos a surpresa da vida deles. Walter disse-lhes que sabia tudo sobre a duplicação dos fenómenos feita por Code e descreveu certos pormenores da conversa deles na noite anterior. Até Hoagland ficou abalado por esta exibição de «conhecimento misterioso». Nos primeiros minutos, pareceu muito que a decisão do comité tinha sido prematura.25

Após muitas mofas cáusticas por parte de Walter, os fenómenos começaram. Code, à direita de Margery, garantiu a todos que o controlo era sólido. Com um aperto no coração, Hoagland observou que todos os fenómenos produzidos anteriormente surgiram inalterados. Mas depois detetou que o teleplasma era bastante diferente. Agora viam-se «dedos longos e afilados», em vez dos processos atarracados observados anteriormente. E o alcance da extremidade, medido em sessões anteriores, era muito menor do que as medições anteriores tinham indicado.26

Walter permitiu que os participantes tocassem na mão. Ela «parecia fria, húmida e flácida. Os dedos eram estruturas compridas, semelhantes a cordões, e a articulação era muito fraca num processo

de aperto de mão». Hoagland notou «movimentos ligeiros mas distintos da fita do braço direito da Sra. Crandon correlacionados com os movimentos da mão de Walter».27

Se a hipótese de fraude de Hoagland estivesse correta, então estas observações levariam naturalmente à inferência de que, apesar do controlo aparente, Margery era capaz de manipular algum tipo de mecanismo artificial.

Foram novamente tiradas impressões em plasticina esta noite, não deixando marcas de pele grossa como as observadas anteriormente, mas mostrando, em vez disso, a «impressão de uma pequena estrutura em forma de corrente, presumivelmente usada para ajudar na manipulação mecânica da mão artificial».28

O registo real desta sessão não menciona a hipótese da mão artificial. Na verdade, o comité viu-se estupefacto com a sessão de 30 de junho; Hoagland admite que por um momento esteve quase forçado a ceder a uma convicção favorável. No fim da sessão, Margery sorriu agradavelmente como que a dizer: «Expliquem lá isso se forem capazes!». E depois ela e o marido saíram.

Passados dois dias, Grant Code — um homem nervoso, desalinhado, sempre vestido com casaco, calças e ténis a desparelhar — convocou uma reunião do comité. O resto do comité escutou com atenção a sua teoria sobre as motivações e os métodos que estavam por trás da mediunidade de Margery.

Code disse que ele próprio tinha libertado a mão direita de Mina, deslizando a fita luminosa para cima, para o seu antebraço. Além disso, esta ação fora o resultado de um acordo prévio entre ele próprio e Margery! Após a libertação, «ela procedeu então a retirar vários objetos da região do seu colo com a mão direita, estando o roupão aberto no escuro, e a manipulá-los sobre a mesa».29

«Todas as minhas observações do Dr. Crandon,» continuou Code a explicar, «tinham apontado para a sua crença nos fenómenos e para uma profunda fé religiosa que ele baseava neles. Eu receava, portanto, que uma exposição súbito por parte de um grupo de observadores no qual ele tinha depositado tanta confiança lhe desse um choque que poderia ser perigoso.»30

Code tinha decidido confrontar a própria Mina com tudo o que sabiam. Na manhã seguinte à sessão de vinte e nove, Code visitou

Lime Street. Mina estava aparentemente sozinha quando Code chegou, exceto por uma mulher que lhe abriu a porta e depois se retirou para a sala de costura enquanto Margery e Code foram para a biblioteca contígua.

Margery sentou-se para ouvir Code, cuja presença em Lime Street não era ocorrência invulgar, pois ele tinha vindo frequentemente à casa durante os últimos meses. Ele tinha-se, de facto, tornado muito dependente da personalidade mais estável de Mina e tinha frequentemente discutido com ela alguns dos seus problemas mais pessoais. Este contacto com os Crandon tinha dado a Code a confiança de que eles eram sinceros na sua crença na mediunidade. Agora ele tinha de reconciliar essa confiança com o que parecia ser evidência inescapável de fraude.

Formulou, portanto, uma teoria de motivação por trás desta longa e intrincada charada. Mina tinha sido influenciada pelo profundo interesse de Crandon em assuntos psíquicos, disse-lhe Code, e esta influência tornou-se eventualmente uma «sugestão» no sentido clínico da palavra. Uma vez que Margery se tinha permitido cair num estado hipnótico, foi fácil para a sugestão crescer e tomar forma na sua mente. Gradualmente, a personalidade de Walter desenvolveu-se a partir deste processo inconsciente.

Code prosseguiu dizendo que o comité tinha acumulado provas de intrujice de que ele acreditava (ou esperava) que ela não estivesse consciente. Havia muitas razões, disse ele, para eles suspeitarem que os fenómenos eram simulados por meios normais, não sendo a menor destas o facto de Code ter duplicado os fenómenos habitualmente produzidos com a ajuda de Walter. Ele enfatizou que nem ela nem Crandon podiam ser considerados responsáveis por estas ações, uma vez que ambos se encontravam num estado mental anormal.

Mina perguntou o que devia fazer quanto a isso. «A reação dela em relação à descrição da proeza,» relatou Code, «foi de incredulidade e perplexidade.»31

Code pensou por um momento e depois fez uma sugestão. Ele deslizaria a pulseira dela para cima no seu braço durante a sessão dessa noite, libertando a mão dela para produzir os fenómenos habituais de Walter. Caso contrário, insinuou ele sombriamente, os

efeitos da inevitável exposição sobre Crandon seriam prejudiciais para a estabilidade mental dele.

Finalmente, Margery respondeu. «Assustas-me, Code. . . . Mas não sei o que fazer. Vou fazer por ti algo que nunca fiz por mais ninguém. Dou-te a minha palavra de honra de que nunca fiz nenhuma destas coisas.»32 Aqui aparece o ponto principal da controvérsia. Code disse que seria mais fácil tratar diretamente com a personalidade secundária, e perguntou se podia falar com Walter. Depois, alegou ele, acompanhou Margery até ao quarto andar, onde se sentaram à mesa de sessão e Mina entrou lentamente em transe. Plena luz do dia inundava a sala enquanto Code se sentava à sua esquerda, segurando-lhe a mão. Depois:

Movimentos convulsivos libertaram a mão dela, a qual eu permiti que escapasse. Tomou então uma posição como que segurada por um participante do outro lado, com as pontas dos dedos a prenderem levemente a borda do gabinete. Depois a voz de Walter veio através dos lábios da Médium. Foi projetada contra a parede do gabinete e refletida de modo a que a posição exata do som fosse muito enganadora para o ouvido.33

Code disse a Walter a posição desconfortável em que se encontrava. Walter só conseguiu dizer: «Ora essa!» E, repetidamente: «O que vamos fazer, Code? O que vamos fazer?»

Code ofereceu a sua assistência. O que queria Walter que ele fizesse? Walter pensou por um momento e depois disse-lhe para libertar a mão de Margery, e Code acenou com a cabeça e disse que o faria. «Não me falhes, Code,» alegadamente implorou Walter. «Não me falhes.»

Code convenceu os seus colegas da verdade da história e da procedência do diagnóstico psiquiátrico. «Acreditamos,» lia-se no relatório final, «que um grande número dos fenómenos de Margery foi produzido por automatismos auxiliados por uma elevada sensibilidade à sugestão e uma certa dose de amnésia.»34

Em pouco tempo, esta história chegou à imprensa. Nos finais de outubro, o “Boston Herald” pegou na história. A maioria dos grandes jornais em breve se juntou ao “Herald” no acompanhamento da controvérsia. Dois artigos foram favoráveis, com a palavra «hipnose» conspicuamente ausente. Neles, o Professor Shapley fez uma

declaração aparentemente inequívoca sobre a ausência de provas de fraude, e Marshall testemunhou os fenómenos luminosos observados à volta dos pés de Margery. Depois, a 23 de outubro, a seguinte manchete surgiu no "New York Times":

PROEZAS DE 'MARGERY' CLASSIFICADAS DE INTRUJICE

Cientistas de Harvard Dizem Agora

Que Teoria da Hipnose

Foi Apresentada para Poupar os Crandon

PARTICIPANTES ASSINAM UMA DECLARAÇÃO

O Marido Deles Nega as Acusações e Enfatiza

a

Mudança na Posição Deles

Agora que tudo tinha saído de forma truncada e confusa, tornou-se essencial publicar um relatório completo; escrito por Hudson Hoagland, surgiu no "Atlantic Monthly" de novembro de 1925. Foi acolhido com considerável reserva pelos investigadores psíquicos, embora tenha sido considerado pelo público em geral como a palavra final e o estudo definitivo sobre a mediunidade de Margery. O artigo foi até intitulado, talvez de forma um pouco ambiciosa, «O Clímax de uma Famosa Investigação».

Em Inglaterra, o Honorável Everard Feilding, ele próprio um dos investigadores de fenómenos físicos mais experientes do mundo, viu-se impelido a escrever:

A teoria da real inocência dos médiuns apanhados "em flagrante delito" é uma das favoritas entre os Espíritas, mas, embora não esteja preparado para negar que em certos casos, em que nenhum aparelho é usado, possa ter, e provavelmente tenha, alguma validade, penso que aplicá-la a um caso como este, em que uma preparação longa, elaborada e hábil é indispensável, argumenta uma falta de sofisticação de intelecto, para o dizer suavemente, que dificilmente posso acreditar ser possível num graduado por Harvard.

Mas para além desta capacidade de raciocínio, as ideias do Sr. Code sobre a linha de conduta exigida pela amizade, por um lado, ou pela lealdade aos colegas, por outro, parecem ser pouco menos do que patologicamente peculiares. Para salvar «Margery» de uma exposição

ele leva-a — deve assumir-se que sob promessa de segredo — a incorrer em mais fraude, e depois imediatamente, nessa mesma noite, delata-a.35

Além disso, Feilding foi ao ponto de duvidar efetivamente da veracidade do acordo de Code com Walter. «Que a Sra. Crandon fosse tão inocente,» escreveu ele, «ao ponto de cair numa armadilha armada tão abertamente é, a julgar por tudo o que se ouviu sobre a sua inteligência extremamente alerta, pelo menos tão inacreditável como a teoria de Code sobre a doce e natural ausência de dolo dela se os fenómenos forem fraudulentos.»36

Embora Bird tenha, como seria de esperar, atacado as alegações de Code, foi incapaz de dar qualquer explicação para a prova incriminatória da impressão em plasticina, à qual chamou «o lado grave do caso de Harvard». Sugeriu, contudo, que uma parte tão grande da mediunidade estava impressionantemente verificada que uma ou duas instâncias anómalas não deveriam fazer pender a balança contra o conjunto de fenómenos autênticos. «Tais anomalias,» disse ele, «deixamo-las portanto em aberto para interpretação numa data posterior.»37

Após a publicação das «notas» da sessão de Code com Margery, nos "Proceedings" de 1926 da Society for Psychical Research, tornou-se evidente que qualquer negação das alegações de Code teria de ser oficialmente reconhecida em notário. Consequentemente, Mina registou a sua declaração sob compromisso de honra, dizendo que nenhuma sessão privada tinha sido dada a Code.

A par do seu próprio testemunho, outro documento foi incluído, o qual adicionou mais pormenores e uma nova perspetiva. A mulher que deixou entrar Code foi testemunha de toda a entrevista. A sua declaração sob compromisso de honra estava em concordância substancial com a da sua patroa, embora não pudesse ter certeza da data da visita de Code.

Podemos assinalar que o seu testemunho, assentando como assenta numa memória de data incerta com quase dois anos, confrontado com o de um homem de integridade quase certa, fica um pouco aquém da fidedignidade absoluta.

Mas estas não foram as únicas linhas em que o relatório de Harvard — e, em particular, o testemunho de Code — foi atacado.

Bird escreveu a Code uma carta ameaçando tornar pública uma carta aparentemente extravagante que Code tinha enviado a Mina durante o período da sua maior dependência emocional dela. A julgar por todos os relatos, esta carta, ainda não publicada, parece ter sido quase histérica, e Code disse mais tarde a Prince que lamentava tê-la escrito.

Rumores foram apontados deliberadamente contra Code, sugerindo que Crandon estava prestes a mover um processo contra Code por uma investida amorosa a Mina. Isto nunca aconteceu, pois o objetivo era unicamente intimidar e silenciar o recém-casado instrutor de Inglês. Prince, no entanto, tomou a precaução de perguntar diretamente a Mina sobre este rumor de ação judicial perante uma testemunha. Ela negou que tal ação estivesse prevista e declarou que «o Sr. Code foi sempre um cavalheiro para comigo». Esta declaração, presenciada por Prince e pelo seu irmão, foi cuidadosamente arquivada para o caso de surgir algum problema desse género.

Com um humor admirável, Code respondeu a Prince a 28 de abril de 1926 do seguinte modo:

A ideia de que o Dr. Crandon me ia processar é mais um floreado de que eu não tinha ouvido falar, adicionado à história liberalmente circulada contra mim. Tem-me chegado das mais variadas fontes com um número de pormenores que só poderiam ter sido fornecidos por Margery, factos apanhados em conversa privada comigo, por exemplo, e usados para retocar a história e torná-la mais convincente para os meus amigos. O primeiro rumor que ouvi foi através de Griscom, que espalhou a história de que eu tinha feito amor com a Sra. Crandon, e perdido o meu emprego em Harvard em consequência disso, e estava agora escondido em Delaware. Tenho por escrito de Bird que Margery originou a história, com a qual Bird astuciosamente me ameaçou. A Sra. Crandon lisonjeia-se como fez quando tentou engatar Houdini! É muito bom da sua parte tomar a precaução de me proteger como fez. Calculo que o caso dificilmente vá parar a tribunal.

O Dr. Crandon ameaça com processos por qualquer motivo, mas noto que nunca processa. Entrementes, tanto quanto consigo perceber, com poucas exceções o estimado público está convencido de que fiz amor violento a Margery e traí os meus associados em consequência disso, fui detetado pelo Dr. Crandon e pelo Presidente Lowell sob pressão de Houdini e do Papa, confessei e me pus em fuga para

Delaware, seja onde for que isso fica, algures perto da Dakota, não é? Muito bom proveito lhes faça a crença. Parece divertir Margery e não vejo que me faça mal a mim.

Quase um ano mais tarde, Code soube de mais pormenores da história. Numa carta a Prince datada de 11 de abril de 1927, escreveu que um investigador de visita «me contou, entre outras coisas, quão grave era a acusação contra mim que o Dr. Crandon tencionava fazer a certa altura. Eu soube por várias fontes, incluindo Bird, que era acusado de ter feito amor com Margery, mas não sabia antes que era suposto ter tentado uma violação! Fico portanto ainda mais devoto da sua ajuda. . . .»

O ponto principal é que, mais uma vez, perante provas quase conclusivas de fraude, os apoiantes da mediunidade de Margery foram capazes de levantar dúvidas suficientes para permitir que todos mantivessem a mente aberta sobre o assunto, bem como um certo grau de confusão. A investigação de Harvard foi, em última análise, a última e mais conclusiva exposição popular de fraude. Marca, portanto, um ponto de viragem altamente significativo na história do caso. Agora que o público em geral estava confiante de que o relatório de Harvard tinha posto fim a esta muito perturbadora questão em aberto, coube aos investigadores psíquicos continuar a jogar os seus jogos inofensivos com Margery.

Mas para aqueles de nós que não sentem que a investigação psíquica seja um estudo de jogos inofensivos, o ponto de viragem alcançado na investigação de Harvard deve ser visto como uma situação que conduziu a uma crise nessa ciência tão importante. A partir de agora, à medida que a mediunidade passava dos olhos do público para o escrutínio específico dos investigadores psíquicos, a defesa dos fenómenos passaria a assentar cada vez mais em questões de personalidade, e a causa da parapsicologia ficaria dividida em fações partidárias em torno desta questão cada vez mais enredada. Sem os esforços incansáveis de alguns homens de mente clara, a investigação psíquica poderia bem ter sido destruída como disciplina científica.

XII
A Investigação da ASPR de 1926

No verão que se seguiu ao fiasco de Harvard, J. Malcolm Bird combinou com Crandon um estudo exclusivo dos aspetos telecinéticos do caso, a começar em agosto. Mas quando chegou a Lime Street, encontrou Mark Richardson já a trabalhar num projeto, com o objetivo de estabelecer a prova definitiva da independência da voz de Walter.

O verão de 1925 tinha visto Walter conseguir proezas vocais incríveis, apesar das precauções de investigação. Mas não era esse o limite das maravilhas que ocorreram nesse verão: havia registos de identificação no escuro de objetos pessoais segurados pelos participantes,1 e até o sucesso sem precedentes de ler de forma clarividente um baralho de cartas de jogar sem um único erro!2 Durante a estada de Margery em Buffalo, nesses meses de outubro e novembro, o enérgico círculo familiar tinha construído um gabinete novo e aparentemente à prova de fraude, com vidro em todos os lados e no qual Mina era atada com abraçadeiras de arame em redor dos pulsos, tornozelos e pescoço.3 Tudo isto parecia ter reforçado a aceitabilidade científica do caso; mas Bird estava agudamente consciente das insuficiências de prova aparentes para aqueles que não estavam, como ele, comprometidos com um veredito favorável.

Para Bird, todo o caso dependia da validade das levitações telecinéticas, ao passo que a voz independente e os traços teleplásmicos pareciam ser meramente secundários. Walter, contudo, tinha ganho interesse no plano de Richardson e estava a empregar todos os esforços para produzir uma materialização do aparelho vocal normalmente invisível a partir do qual a voz alegadamente falava. O lugar de Richardson na afeição dos Crandon — Walter incluído — garantia que os seus planos teriam prioridade sobre os dos outros.

Foi assim que, quando Bird foi de carro até Boston para iniciar as suas sessões «oficiais», Richardson, Crandon e Walter sugeriram que Bird continuasse a sua investigação como uma iniciativa conjunta. Bird consentiu a contragosto, esperando tirar o melhor partido da situação.

Vários meses mais tarde esteve perante o Conselho de Administração da ASPR, refletindo sobre os desenvolvimentos que tinha observado durante as sessões desse verão: a materialização da «caixa vocal» de Walter, uma massa densa formada «como uma bola

de borracha . . . pendurada para fora do teleplasma . . . num comprimento de cerca de trinta centímetros», pendente de um cordão a partir da massa principal;4 e a sessão de 13 de agosto, durante a qual vira a «luz vermelha ténue durante dois segundos [mostrar] a massa de teleplasma a cobrir todo o rosto. [Era] de textura bastante pesada, com um efeito geral semelhante a um véu.

O cordão [era] visível, à direita, correndo aparentemente . . . para baixo pelo menos até ao seio direito». Esta formação Walter (com alguma orientação por parte de Crandon) chamou-lhe a sua «extensão laríngea» — a substância cinzenta e medonha que por vezes emava do nariz da médium, por vezes da boca.5 Foi durante esta sessão que Bird fez a seguinte nota mental: «Uma ou duas vezes durante a noite Walter disse 'larnyx' [em vez de "larynx"]. Nunca antes tinha notado qualquer tendência por parte de Walter ou Margery para pronunciar mal esta palavra. Mas no dia seguinte ela duplicou esta má pronúncia.»6

Apesar destas maravilhas, Bird ficou desapontado por o grupo de Crandon não partilhar do seu entusiasmo por uma série de experiências definitivas em telecinésia; no seu relatório ao conselho de administração concluiu finalmente, após ter revisto alguns dos seus momentos mais difíceis com Walter: «Por todos os motivos, pareceu melhor limitar o meu trabalho futuro com Margery aos aspetos científicos; e que a Sociedade abandonasse a tarefa de provar aqui e agora, ao homem comum, se o mediunismo era válido ou não, ou que procurasse uma nova agência através da qual tentar essa prova.»7

Henry Clay McComas era um homem muito encantador; era também um respeitado psicólogo na Universidade de Princeton, gozando atualmente de uma licença sabática durante o primeiro semestre académico de 1926. A sua familiaridade com a investigação psíquica não era extensa, mas a sua experiência ia crescendo com o seu interesse. O facto de ser um elemento desejável para o cargo vago por Walter Franklin Prince era, felizmente, igualado pela sua disponibilidade. Consequentemente, o Comité de Investigação da Society for Psychical Research Americana, por recomendação de Bird, convidou McComas a juntar-se à equipa.

McComas, atraído por uma «remuneração mais generosa do que qualquer universidade sonharia naquela altura»,8 reuniu-se com o

comité para discutir a possibilidade de chefiar uma comissão para se pronunciar sobre a validade do mediunismo de Margery de uma vez por todas. Com alguma apreensão, McComas cumprimentou o comité numa tarde do final de 1925, «esperando encontrar cavalheiros de cabelo comprido e olhos alucinados».9 Ficou mais do que um pouco surpreendido por encontrar homens de inteligência, finura e humor interessados nestes fenómenos ocultos; e ficou ainda mais satisfeito por saber que lhe seria dada toda a liberdade na seleção dos seus colegas de comité. Usariam métodos de investigação tão rigorosos quanto a ciência exigisse. «Tudo o que queremos,» disseram-lhe, «é um estudo honesto dos factos.»10

Um dos homens, provavelmente William Button, um proeminente advogado de Nova Iorque, deu a McComas uma descrição reservada de alguns dos fenómenos de Lime Street.

Em poucos dias, a porta do n.º 10 de Lime Street foi aberta por Nokouchi, o mordomo japonês dos Crandon, e Henry McComas conheceu Crandon. A afável urbanidade e a evidente sinceridade de Crandon desarmaram McComas, que se viu mal capaz de manter a sua atitude crítica.

Anos mais tarde McComas recordou que «quando a Sra. Crandon foi apresentada, ela deitaria por terra completamente todas as ideias pré-concebidas sobre a famosa médium. Uma loira muito atraente com uma expressão encantadora e uma figura excelente, a 'Bruxa de Lime Street' provou ser uma senhora profundamente feminina com os melhores traços de mãe e dona de casa. A sua vivacidade, com o aprumo e a dignidade do doutor, tornavam-nos um par encantador para um jantar agradável. Ambos tinham um sentido de humor muito divertido e a conversa nunca esmorecia.»11

Era tudo, observou McComas, «ambiente». Ele foi o primeiro a interpretar a importância da preparação prévia à sessão que vivenciou. Frequentemente brindados com jantares, aquecidos com vinho e conversa agradável, os participantes ouviam uma breve preleção de Crandon na sua voz calma e bem modulada, e eram-lhes mostradas fotografias de manifestações teleplásmicas.

Poderiam depois conhecer o Dr. Mark Richardson — «Não havia como não gostar dele,» diz-nos McComas com verdade —12 e a sua esposa, membros do «Círculo Avançado». A fé evidente de

Richardson era impressionante. A presença do Dr. Edison Brown e de um homem apresentado como Juiz Hill (poucos participantes sabiam que não era um título, mas sim uma alcunha) impressionavam ainda mais o recém-chegado — e esta persuasão ocorria antes de o principiante ter visto sequer um único fenómeno «psíquico»! Uma vez subidas as escadas para o quarto andar e estando o psicólogo de Princeton confortavelmente sentado no escuro à mesa de sessão, conhecia Walter, «a personalidade mais intrigante de todas».13 Crandon apresentou o recém-chegado como Henry Clay McComas.

«Não,» disse Walter, «eu é que sou de "clay" [argila].»

Margery, presa em segurança dentro de um gabinete de vidro, com arames em redor dos pulsos, tornozelos e pescoço, entrou em transe. Walter tomou então o controlo e um cesto foi colocado aos pés de Mina. O cesto tinha sido salpicado com tinta luminosa e agora todos os participantes podiam vê-lo erguer-se lentamente do chão e depois voar de volta para dentro do gabinete.

Walter explicou que uma extremidade ectoplásmica o tinha apanhado. Depois a porta de vidro do gabinete foi aberta e uma caixa de letras de madeira esculpida foi colocada diante de Margery. Walter tateou dentro da caixa, atirando letras no escuro. Um som abafado ressoou aos pés de McComas e Walter sussurrou: «Aqui tens um M para ti, Dr. Mac.»14

Com efeito, McComas apanhou uma letra M de madeira.

Estes truques insignificantes ocuparam muito do programa de Margery dali em diante e tornaram-se parte principal da sessão «padronizada», que representava uma espécie de resposta simulada à crítica de longa data da investigação psíquica, nomeadamente a de que os fenómenos nunca poderiam ser estabelecidos até que a repetibilidade pudesse ser alcançada. Na maioria destas sessões, não eram tomadas precauções suficientes para precaver a possível entrada de um cúmplice. Deve admitir-se, no entanto, que a maioria delas não exigiria um cúmplice; a sua banalidade e transparência tornam difícil ponderá-las seriamente.

Mas um fenómeno intrigante nessa noite prendeu a atenção de McComas. Um baralho de cartas por abrir foi trazido para a sala de sessão e colocado no colo de Margery dentro do gabinete de vidro. Os

participantes ouviram o baralho a ser aberto no escuro e depois o som de cartas a cair levemente sobre a mesa, uma a uma.

À medida que cada carta era tirada do baralho, Walter dizia-lhes que carta tinha atirado. Quando as luzes foram acesas (por ordem de Walter), as cartas sobre a mesa provaram ser as que ele tinha previsto. O caso parecia liquidado quando um participante escreveu algo numa carta na escuridão total e Walter lhe disse o que era.

McComas resumiu mais tarde o seu estado de espírito no fim desse primeiro encontro:

Ao sair no fim da noite, depois de dizer adeus aos seus novos e interessantes amigos, provavelmente daria por si a levar os pensamentos numa de duas direções. Se tivesse tido uma atitude favorável para com a interpretação espírita das coisas sobre as quais tinha lido em registos psíquicos, provavelmente diria para si mesmo: «Isto é o melhor argumento para a minha crença que alguma vez encontrei.»

Se, por outro lado, a sua formação e hábitos de pensamento tornassem o espiritualismo impossível, diria para si mesmo: «O que diabo andam estas pessoas a fazer? Estarão a planejar uma grande exposição dos espíritas ao apresentar o maior espetáculo de todos e depois explicá-lo? Talvez estejam apenas a divertir-se, pois a noite esteve cheia de incidentes divertidos, — será que podia ser isso?15

McComas começou a selecionar o seu comité, conferenciando com dois cientistas da Universidade Johns Hopkins: o Professor Knight Dunlap, um «psicólogo proeminente . . . com um génio para o trabalho experimental que não é inferior ao de ninguém», e o Dr. R. W. Wood, «um dos maiores físicos da América», que concordaram em participar.

Na sessão de 30 de janeiro, Wood controlou a mão esquerda de Margery e apoiou a sua mão nos joelhos dela, enquanto Dunlap segurava a sua mão direita e controlava o seu pé direito.

Todos os participantes foram cuidadosos em manter o controlo em todos os momentos. As declarações sobre o estado do seu controlo sobre «Psique» (a alcunha carinhosa de Crandon para a sua esposa) eram feitas a cada escassos minutos. A atmosfera tensa acabou por impelir Walter a resmungar na escuridão: «Nunca vi um bando de

paspalhos assim em toda a minha vida! Falam de mortos; valha-me Deus!»

Depois Margery disse com petulância: «Estou com dores terríveis, não me sinto nada bem.»

Walter respondeu: «Ninguém quer saber um boi se estás.»16

Após mais algumas brincadeiras, o silêncio instalou-se novamente; mas às 10:30 McComas fez uma observação súbita: «Algo frio e húmido deu-me uma estalada na mão.»

«Ainda há um momento,» notou Dunlap, «algo frio me bateu na mão. Tenho ambos os tornozelos de Psique no meu colo.»

Depois ele prosseguiu: «A minha mão acaba de entrar em contacto com uma pequena substância estriada que foi imediatamente retirada da minha mão. Tenho a mão esquerda de Psique na minha mão direita.» As notas continuam:

Dr. McComas: 10:36 O "doughnut" luminoso é colocado sobre a mesa, e entre mim e o "doughnut" aparece uma estrutura escura, em forma de vara, que acena para cima e para baixo. . . .

Dr. McComas: 10:37 Voz de Walter: «Tem calma, já te mostro num minuto.»

10:38 A estrutura em forma de vara está deitada mesmo a atravessar o "doughnut". O Dr. McComas pediu a Walter que ela se dobrasse num ângulo reto. Psique contorcendo-se e debatendo-se à medida que a vara se move. . . .

10:47 A «coisa» fria, suave e macia nos meus dedos. . . .

10:50 A «coisa» apanhou o "doughnut" na mão de Wood e moveu-o em redor contra a minha cabeça.

10:51 Psique pressiona a minha mão contra «ela» novamente.

10.53 A minha mão estava sobre a mesa a segurar o "doughnut" luminoso, a vara teleplásmica caiu na palma da minha mão, parecendo uma vara rígida coberta de couro macio. Foi colocada entre o meu polegar e o meu indicador, que estavam a segurar o "doughnut". Apertei-a com muita força, o que não produziu qualquer efeito nocivo. A vara deslizou então através do "doughnut" e ergueu-o no ar . . .17

A sessão terminou às 23:33. Um investigador sugeriu que se verificasse tanto o gabinete como a médium de imediato. Mina, ouvindo isto, «tosseu, teve uma náusea, inclinou-se para a frente» como se estivesse a vomitar. «Depois,» observa McComas, «ajudada

pela estenógrafa, apressou-se para a casa de banho, e pudemos ouvir uma imitação muito boa de um passageiro a atravessar o Canal da Mancha.»18 McComas verificou que era uma imitação ao inspecionar o chão junto ao gabinete. Não encontrou nada.

Embora tanto Dunlap como McComas tenham visto Margery no dia seguinte «no auge da saúde, a rir e a falar bem-disposta», Crandon insistiu mais tarde que a sua esposa tinha estado doente durante vários dias em resultado do «manuseamento bruto» da vara teleplásmica por parte de Wood.19

Após este acontecimento, tornou-se quase impossível para McComas organizar a continuação da investigação da comissão. A conduta de Wood nas sessões (particularmente a sua aparente embriaguez em várias sessões) perturbou tanto Crandon que este se recusou a permitir que ele continuasse no comité. Além disso, Crandon tinha descoberto que em 1925 Dunlap tinha publicado uma análise do Espiritualismo que incluía a afirmação categórica de que todos os meios físicos são fraudes, puras e simples.20

Este conhecimento — não evidente para os envolvidos na investigação psíquica — naturalmente perturbou de certo modo o doutor, independentemente do modo como possamos encarar o seu papel neste curioso passatempo. Ele expressou, portanto, a sua desaprovação de Dunlap como juiz tendencioso. O próprio McComas continuava nas boas graças dos Crandon, tendo exibido uma «conduta acima de qualquer crítica».

Mas Crandon recusou-se absolutamente a considerar os colegas de McComas. Após um ano de disputas, ficou claro para McComas que a comissão tinha falhado. Em todo o caso, ele tinha chegado à conclusão de que a validade da mediunidade não poderia ser decidida a menos que Crandon permitisse uma investigação muito mais rigorosa do que qualquer outra a que Margery alguma vez fora submetida.

Os amigos dos Crandon alegavam que os atuais controladores eram à prova de fraude; como poderiam estes fenómenos ocorrer exceto através da sobrenormalidade?

McComas enfrentou este argumento com a vivacidade e o elã caraterísticos: «produziu» uma sessão própria. Além disso, convidou membros da ASPR, que estavam convencidos da realidade dos

fenómenos psíquicos quase inteiramente através da experiência com Margery.

Construindo o seu programa em redor de um mágico indiano que dava pelo nome de Ran Chandra, McComas produziu duas sessões nas instalações da ASPR. «Pesquei em muitas águas,» recordou ele anos mais tarde, «e cacei diferentes tipos de caça, mas nunca conheci uma emoção que se equiparasse à de salvar o seu médium de uma exposição mesmo no último momento.»21 Enquanto os participantes controlavam o médium, McComas era na realidade quem fazia todos os truques.

McComas teorizou que a melhor altura para fazer com que um participante testemunhasse sobre o que tinha visto era imediatamente a seguir à sessão. Após uma sessão — durante a qual uma caixa de campainha tocou, vozes foram ouvidas durante o uso de um dispositivo de «corte de voz», luzes psíquicas apareceram e cartas de jogar foram identificadas —, ele fez com que os seus participantes assinassem a seguinte declaração: «Estes fenómenos foram observados por mim e declaro além disso que foram feitos por nenhuns meios normais de mim conhecidos.»22

Quinze participantes assinaram este memorando, no entanto todos os fenómenos foram produzidos fraudulentamente. A identificação das cartas de jogar tinha sido o mais fácil. As cartas eram colocadas sobre a mesa e pedia-se aos participantes que tirassem uma carta qualquer e a deslizassem até ao médium «em transe». Um momento depois ouvia-se a carta a deslizar de volta para o participante, e depois uma voz identificava a carta. Cada participante lembrava-se do que lhe tinha sido dito e depois verificava após as luzes se acenderem. A identificação revelava-se completamente precisa.

O que tinha realmente ocorrido fora o seguinte: enquanto os participantes acumulavam «poder» cantando uma canção, McComas alcançava secretamente por trás de si a sua cartola e colocava-a no escuro sobre a mesa diante de Ran Chandra. Do ponto de vista dos participantes, nada podia ser visto.

Mas do lado da cartola voltado para o médium, muito podia ser visto de facto — pois a frente da cartola tinha sido salpicada com tinta luminosa. Quando os participantes deslizavam as suas cartas para o «psíquico», ele meramente as erguia à luz e as lia. Claro que o truque

tinha de ser realizado no início da sessão, porque a luminosidade ia diminuindo.

O tocar da caixa de campainha exigia apenas fios de truque e um fio fino segurado entre os dentes de McComas para acionar o mecanismo. Também tocava quando levantada da mesa. Assim, um participante podia pegá-la e fazê-la girar em redor da sua cabeça sem que o tocar cessasse.

O aparelho mais complicado era uma máquina de corte de voz semelhante à empregada em Lime Street. Tal como a de Richardson, a máquina de McComas exigia que o médium soprasse através de um tubo de vidro em forma de U meio cheio de água de barita. Em cada extremidade do tubo em U uma rolha flutuava sobre a água; quando em repouso, estavam niveladas. Ligado a uma das extremidades do tubo de vidro estava um tubo de borracha rígida através do qual o médium soprava. A pressão da expiração fazia com que uma rolha descesse e a outra subisse. Enquanto a boca de Margery estava ocupada com o bocal (construído de modo a manter ocupados tanto os seus lábios como a sua língua) e as rolhas luminosas podiam claramente ser vistas a flutuar de forma desalinhada, a tagarelice alegre de Walter ainda podia ser ouvida.

Da mesma forma, o controlador de Ran Chandra era conspicuamente loquaz com a própria máquina de McComas. Mas, claro, a de McComas era confessadamente um aparelho de truque: pequenas válvulas, escondidas no tubo de borracha, permitiam que a pressão se estabilizasse quando o médium retirava a boca do bocal.

As luzes psíquicas na sessão de McComas foram produzidas com alguma tinta luminosa e uma lanterna com um filtro de infravermelhos. Isto envolveu alguma preparação do espaço prévia à sessão, mas não muita.

Portanto, passado um ano sem receber um sinal verde definitivo por parte de Crandon, depois de McComas ter produzido a sua própria sessão e ter duplicado para sua satisfação os fenómenos das sessões «padronizadas» de Margery, ele decidiu encerrar o assunto escrevendo o seu relatório para o Comité de Investigação da ASPR. Datado de 18 de abril de 1927, o relatório resumia as descobertas e conclusões da comissão. As descobertas já as discutimos; a conclusão foi a seguinte:23

Em face das descobertas acima, a vossa Comissão submete que a mediunidade de Margery é uma atuação hábil e divertida, mas é indigno de qualquer consideração séria por parte da vossa Sociedade.

Submetemos além disso que a indisposição do Dr. Crandon em permitir que a Comissão prossiga com a investigação é uma indicação suficiente de que nenhuma investigação por investigadores competentes empregando os métodos e verificações exigidos em toda a investigação científica é suscetível de ser permitida.

Assinado: H. C. McComas
R. W. Wood
Knight Dunlap

Mais uma vez, dependendo do ponto de vista de cada um, Margery tinha falhado em produzir manifestações convincentes para mais um grupo de observadores qualificados, ou tinha conseguido escapar por pouco à deteção na elaborada fraude perpetrada pelos mais audaciosos intrujões nos anais do Espiritualismo moderno.

Mas esta falha foi em muitos aspetos a mais significativa em todo o curso do mediunismo de Margery, pois doravante a investigação ocuparia os esforços e a fidelidade de muitas das pessoas mais influentes na Society for Psychical Research Americana, envolvendo essa ciência no maior escândalo da sua história.

XIII
Fenómenos e Mais Fenómenos

Até agora, estivemos em grande parte preocupados com a tese contra Margery; temos de estar também cientes de que muitas pessoas estavam convencidas da validade dos fenómenos que ela produzia. Qual era o lado positivo do seu caso tal como estes apoiantes o viam?

De 29 de novembro a 11 de dezembro de 1926, o Dr. LeRoi Goddard Crandon falou num simpósio da Universidade Clark sobre «A Tese a Favor e Contra a Crença Psíquica».1 Também presentes em pessoa, ou representados por artigos, estavam autoridades tais como Sir Oliver Lodge, Sir Arthur Conan Doyle, Frederick Bligh Bond, William McDougall, Hans Driesch, Walter Franklin Prince, F. C. S. Schiller, Gardner Murphy, Joseph Jastrow e Harry Houdini.

Como Crandon falou em nome do mediunismo de Margery, a sua longa palestra serve admiravelmente como uma resposta detalhada à questão.

Crandon descreveu os desenvolvimentos recentes nos procedimentos de controlo:2

As margens superior e inferior da peça de vestuário interior [da médium] são seguras à pele por fita adesiva cirúrgica; e marcas a lápis de pele azul cruzam a margem em todas as direções. Os topos das meias estão de igual modo cobertos. Os sapatos estão fixados com penso rápido cirúrgico em «figura de oito» de igual modo marcado a lápis.

Os pulsos e tornozelos da Médium estão fixados com arame de quadro n.º 2 (resistência, 58 kg) fixado por nós cegos e nós de cirurgião e as extremidades livres destes quatro fixadas a olhais no chão do gabinete e ao exterior de orifícios laterais no gabinete de vidro e as extremidades fechadas com selos de chumbo de comboio expresso. As partes do arame que dão a volta aos pulsos e tornozelos são tornadas imóveis por fita cirúrgica e a posição da fita tornada permanente por marcas de lápis azul.

Os joelhos da Médium estão envoltos desde 10 centímetros acima do joelho até 10 centímetros abaixo do joelho com fita cirúrgica, atando os joelhos bem juntos, não deixando espaço entre eles. A Médium veste, além do vestuário já descrito, apenas um quimono revistado. A sua boca, orelhas e cabelo curto são revistados, e o pescoço está fixado de forma apertada, para prevenir qualquer movimento para a frente, por uma gola de couro trancada fixada por uma corda horizontal que conduz a um olhal na parte de trás do gabinete.

Ela senta-se numa cadeira de madeira estilo Windsor fixada ao chão do gabinete. A distância desde os nós de arame até aos olhais é registada. O contorno geral do corpo da Médium, incluindo braços, pulsos, tornozelos, joelhos e cabeça são visíveis em todos os momentos pela inserção de 50 alfinetes luminosos de cabeça grande. Todo o amarrar é feito pelo participante mais cético presente. Sob estas condições, ocorrem os fenómenos a descrever.

Observadores de Lime Street tinham assinado os seguintes relatórios de testemunhas oculares de fenómenos físicos e mentais:

1. Aragens. Os participantes sentiam aragens muito frias que vinham do gabinete e ocasionavam uma queda na temperatura da sala de 21 a 5 graus Celsius. A única outra instância confiavelmente registada disto foi a histórica investigação de Harry Price sobre a médium «Stella C.» — um caso com o qual os Crandon teriam estado abundantemente familiarizados, uma vez que Price tinha recentemente publicado o seu relatório no "Journal" da ASPR.

2. Pancadas. Estas ocorreram mais notavelmente nos primeiros meses da mediunidade, mas ainda eram ocasionalmente ouvidas em 1926.

3. Basculamento de mesa.

4. Telecinésia por varas teleplásmicas. Fenómenos semelhantes aos registados pelo grupo de Harvard — p. ex., o mover de um lado para o outro do «"doughnut"» luminoso; a levitação do cesto brilhante; o tombar para cima e o segurar para baixo da mesa, por vezes contra uma força considerável.

5. Telecinésia apenas por energia, sem varas teleplásmicas. O tocar da caixa de campainha enquanto um observador a segurava no alto, fazendo-a girar para demonstrar a ausência de fios ou dispositivos semelhantes que pudessem fazer com que o batente fosse pressionado normalmente; e as experiências com as balanças químicas que estavam justamente a começar a ganhar o seu espaço como parte da sessão padronizada. Um dos pratos seria carregado com um peso.

Depois de ele descer, Walter de algum modo emanaria energia suficiente para empurrar o outro prato para baixo, de modo a que os dois ficassem iguais. (Walter disse uma vez sobre o procedimento: «Acabaram de ver a ação da gravidade; agora vou mostrar-vos a ação da levidade.»3) O Dr. R. J. Tillyard, Membro da Royal Society e colega de Harry Price no National Laboratory of Psychical Research em Londres, chamou a estas experiências «tão perfeitas quanto o engenho humano pode conceber».

6. Voz em transe. Nos primeiros meses do mediunismo, a voz que falava por Walter vinha dos próprios lábios da médium, como nos casos mais comuns de mediunismo subjetivo em transe.

7. Escrita em transe. Em algumas sessões foram recebidas escritas em muitas línguas — todas desconhecidas para Margery." A escrita automática também ocorria antes das sessões, dando a Walter

oportunidades para compor poesia. Duas linhas eram em especial as favoritas dos Crandon:4

Há um plano muito maior do que aquele que conheces;
Há uma paisagem mais ampla do que aquela que vês.

Os Crandon mandaram fazer destas linhas um carimbo de borracha; eu vi um exemplar autografado do livro de Bird "«Margery» the Medium", que Mina deu a Richardson, na folha de guarda do qual estas linhas tinham sido carimbadas.

8. Sons musicais de origem sobrenormal. Estes sons semelhantes a campainhas foram ouvidos logo no início da mediunidade e raramente a partir de então. Bird diz-nos que eles cessaram no dia da sua chegada.

9. Perfumes. Uma habilidade de certo modo exótica possuída pelos melhores médiuns europeus era a produção de aromas doces e odores orientais. É difícil imaginar como estes poderiam ser demonstravelmente sobrenormais e Crandon não elaborou.

10. Luzes sobrenormais. Algumas destas eram pequenas como cabeças de alfinete, outras «colunas contorcidas de luminosidade, com 60 centímetros de largura por 2,10 metros de altura».

11. Materializações invisíveis ao olho humano, algumas delas intangíveis. Fotografias, tiradas por clarão de magnésio sob o comando de Walter, revelavam coisas não vistas e não sentidas. Uma fotografia notável da balança química mostra um objeto cilíndrico transparente que não era visível para os participantes sob luz vermelha nem verificavelmente presente ao tato.5

12. Materializações sentidas mas não vistas. Crandon mencionou as centenas de vezes em que Walter tinha tocado nos participantes ou lhes tinha permitido tocar na sua extremidade invisível. Crandon descreveu as estruturas como «macias, emborrachadas, frias (4,4 °C), sentindo-se contudo como se contivessem um núcleo firme».6

13. Materializações visíveis e tangíveis. Crandon discutiu as extrusões teleplásmicas que começaram durante a estada de Dingwall e um novo tipo de teleplasma que começou mais tarde. Walter explicou que este era teleplasma cortical, enquanto a substância cinzenta familiar era teleplasma uterino. O teleplasma cortical era frequentemente visto «desenvolver-se e espalhar-se por toda a cabeça

e rosto da psíquica e jorrar para o seu colo; embora permanecendo ligado à orelha».

Em relâmpagos sucessivos de luz vermelha, era «visto e feltro a desenvolver-se e a crescer para baixo. Um grande lençol do mesmo estendia-se por vezes metro e meio para baixo enquanto se drapejava sobre uma espécie de probóscide que surgia do rosto da psíquica. Esta massa parece de estrutura rendilhada, mas isso é apenas aparência. Não há realmente furos nela».7

14. A voz independente. Crandon mencionou a voz independente de Walter ouvida quando Bird, Comstock e Carrington em momentos separados colocaram as suas mãos sobre a boca e o nariz da médium, enquanto Margery mantinha água na boca, e quando ela estava a operar a máquina de corte de voz. Richardson, desejando aprender mais sobre o sistema respiratório de Walter, tinha colocado diante da médium «um frasco lavador meio cheio de água de barita (solução saturada de hidrato de bário).

Ao tubo de entrada está fixado um cano de metal segurado por uma braçadeira de madeira em direção à Psíquica, a cerca de 75 centímetros de distância da sua boca. A boca dela e o aparelho não se podem aproximar mais. Agora a Psíquica sopra para a máquina de voz. Walter fala e há uma passagem de bolhas através da água de barita. Não só estas bolhas são ouvidas, como pequenas esferas de vidro flutuantes e luminosas podem ser vistas e ouvidas a dançar para cima e para baixo na água de barita. . . . Após a experiência a água de barita mostrou precipitação de carbonato de bário a partir do gás anidrido carbónico, como que vindo de um pulmão normal».8

15. Aportes e deportes. Frequentemente mencionada na literatura da investigação psíquica, a prática da entrada sobrenormal de algum objeto estranho numa sala fechada à chave era uma ocorrência rara em Lime Street. Numa ocasião um pombo vivo foi aportado para dentro da casa, mas mesmo Bird era notavelmente reticente em fazer muito alarde disto. Outros aportes incluíam joias antigas e flores.

16. Luvas de Parafina. Em outro local, descrevi brevemente os belos moldes de cera, alegadamente feitos por mãos fantasmagóricas, que as sessões espíritas vinham produzindo ao longo da história do movimento. Particulamente impressionantes foram as famosas «luvas de espírito» obtidas pelo Professor Geley do Institut

Mébatidasychique com o médium Kluski, as quais pela sua pura beleza e detalhe estão entre os argumentos mais singularmente persuasivos para a realidade das materializações de espíritos.9

Em Lime Street, a sua primeira aparição ocorreu durante o primeiro ano do mediunidade, sob as circunstâncias menos impressionantes, mas em 1925-1926, sob controlo acrescido, Walter conseguiu produzir uma grande quantidade de luvas, todas mãos direitas, nenhuma igual às mãos dos Crandon ou de qualquer pessoa na sala.

17. Impressões digitais. Poder-se-ia supor que o leque tinha sido quase todo percorrido por Margery e pelo seu vivo irmão, mas a sua experiência mais recente era única na história da investigação psíquica. No decurso das experiências com parafina, Walter insinuou que o seu corpo etérico era um par tão exato do seu corpo terreno que poderia ser realmente possível imprimir a sua impressão digital na cera! Durante uma visita ao seu dentista, o Dr. Frederick Caldwell, Mina pediu sugestões para tal experiência.

“ Deve adicionar-se aqui que Crandon comprimiu a glossolalia numa única e incrível noite, quando na verdade as escritas foram recebidas com muitos dias de intervalo. Claro que, se a glossolalia fosse simulada, os intervalos entre as mensagens permitiriam a Margery memorizar uma linha ou duas de alguma obra estrangeira familiar. É evidente aqui, como em outros lados, que Crandon não receava minimamente mentir descaradamente.

Caldwell sugeriu que uma placa de cera dentária conhecida como Kerr daria uma impressão muito detalhada. Amoleceu um pequeno pedaço de Kerr em água a ferver e premiu o seu polegar contra ela, produzindo uma impressão finamente detalhada. Mina perguntou se poderia ficar com a amostra, e talvez com alguns pedaços extra para a experiência. Ele deu-lhe esses elementos de bom grado, e uma nova era no mediunidade de Margery teve início.

Desde a primeira noite, Walter foi bem-sucedido em fazer o que nenhum fantasma em toda a história do Espiritualismo alguma vez fizera — provou a sua identidade independente deixando uma impressão clara do seu próprio polegar! De acordo com o testemunho de um perito policial de um grande departamento de impressões

digitais, a impressão estabeleceu, como Crandon rapidamente notou, «a presença na sala de uma pessoa que não era nenhum de nós».10

Perante este leque sem precedentes de fenómenos espíritas — cuja lista aumentaria quase mensalmente —, é certamente compreensível que os indivíduos dirigentes por trás da ASPR, que tinham dado muito do seu tempo e fortuna à esperança de um dia descobrir pelo menos um fenómeno autêntico, fossem talvez generosos em excesso para com Margery. Poucos deles, ou nenhum, sabiam o que quer que fosse de prestidigitação. Havia, além disso, compromissos pessoais a considerar. Muitos dos dirigentes da sociedade eram amigos íntimos dos Crandon, e muitos gostavam especialmente de Mina.

Rumores ainda circulam sobre o sentimento especial de Malcolm Bird por ela, e em breve examinaremos provas publicadas de que Margery demonstrava as suas emoções exuberantes mais livremente do que a discrição e a objetividade científica exigiriam. Era quase inevitável que estes homens, lançados num contacto próximo e até íntimo com a ainda impressionantemente atraente Mina Crandon, considerassem o mediunidade um caso especial e defendessem os fenómenos como a defenderiam a ela, pervertendo assim uma confiança cavalheiresca na honestidade de uma senhora num apelo extraordinário em prol da verdade de uma esperança fantástica.

Um dos confrontos mais dramáticos, e em última análise mais significativos, que o mediunidade de Margery alguma vez enfrentou ocorreu a 1 de julho de 1926. Pois o homem que cruzou a porta do n.º 10 de Lime Street nessa noite de julho foi o Dr. Joseph Banks Rhine, o homem a quem deve ser creditada a fundação da parapsicologia moderna.

Enquanto escrevia críticas e comentários para o "Journal" da ASPR, Rhine tinha conhecido o ubíquo J. Malcolm Bird, que de algum modo conseguiu persuadi-lo de que havia uma preponderância de fenómenos autênticos na sessão de Margery. Intrigado pela sinceridade de Bird, Rhine perguntou se ele e a sua esposa poderiam assistir a uma sessão. Com a intercessão de Bird, este encontro foi rapidamente organizado, e Rhine aguardou com expectativa este primeiro encontro com o mediunidade mais sensacional do século XX.

Na noite combinada, o jovem professor e a sua esposa, a Dra. Louisa E. Rhine, foram brindados com o habitual jantar amigável, palestra informal e conversa viva. Vários amigos íntimos da família Crandon — entre eles os administradores da ASPR Joseph DeWyckoff e a sua esposa, e Daniel Day Walton — eram os observadores «oficiais». A complexa sala de sessões no último andar não foi disponibilizada para qualquer exame sob luz branca por parte dos Rhine.

A sessão começou. A voz de Walter veio através dos lábios e os fenómenos começaram a ocorrer. Os dois principiantes notaram que, contrariamente à impressão popular sobre Walter, «nada lhe era encaminhado a ele». Crandon operava as luzes, descrevia os fenómenos prestes a ocorrer e servia de «diretor de cena».11 Durante uma demonstração do fenómeno de equilíbrio da balança, apenas Crandon fez faiscar a luz vermelha sobre a balança, sem qualquer consulta a Walter

Os Rhine observaram que os pratos reagiam à pressão da suposta extremidade teleplásmica de Walter ou da sua pura «energia psíquica» muito da forma como Crandon previa que reagissem. Depois de um prato ter sido carregado com peças de damas, o outro descia mais do que o prato carregado. Estas reações eram vistas por etapas através de relâmpagos sucessivos da luz de Crandon. O resto das operações foi concluído na escuridão total.

Viram também algo não contado por Crandon. Quando o dispositivo de corte de voz de Richardson era usado, o pescoço de Margery não estava fixado à parte de trás do gabinete; a gola e as cordas do pescoço eram retiradas. Os Rhine conjeturaram que isto permitia a Margery inclinar-se para a frente até que as suas mãos, atadas aos lados do gabinete, pudessem retirar o bocal do aparelho e tapar o orifício do tubo de alguma forma.12 Após a sessão, os dois investigadores inspecionaram furtivamente o dispositivo e descobriram que o «bocal de vidro era facilmente retirado do tubo de borracha. . . . Ela podia soprar para o manómetro e manter o polegar sobre a extremidade do tubo. . . . Também não sabemos,» continuaram no seu relatório, «se não há um local onde o tubo possa ser dobrado acentuadamente para trás e assim fechado eficazmente.»13 A crítica

dos Rhine ao aparelho de corte de voz descredibilizou o dispositivo para qualquer consideração científica futura.

Notaram também que o assobio de Walter nunca era ouvido simultaneamente com a levitação do pequeno cesto. Tinham visto que a gola do pescoço de Margery fora solta, e o cesto sobre a mesa estava ao alcance dos seus dentes se ela se inclinasse para a frente. Se a inventiva médium «levitasse» o cesto dessa forma, não seria capaz de usar a boca. Se a voz de Walter vinha da boca de Mina, as suas manifestações vocais nunca seriam ouvidas simultaneamente com a levitação do cesto.14

Mais tarde Rhine viu, com perfeita clareza, a silhueta do pé de Margery contra a placa luminosa durante uma levitação do megafone através do qual Walter frequentemente falava. Viu o pé dela «a dar um pontapé no megafone para o colocar ao alcance da sua mão».15

Após a sessão, Rhine viu também que o cursor da balança não se movia quando ele o empurrava lateralmente. Espreitando de perto na luz ténue, notou que «havia um pequeno parafuso de pressão que girava facilmente com a unha». Enquanto inspecionava a balança, Crandon aproximou-se e disse a Rhine para deixar o aparelho em paz antes que «pusesse a balança fora de serviço». O tom perentório do doutor pôs fim às atividades à Sherlock de Rhine.16 Mas a acusação ficou ali, sem resposta.

Se Rhine podia entrar em cena e detetar provas de intrujice, porque era Bird, nesta altura com cerca de três anos de experiência no caso, incapaz de ver algo de suspeito na balança fenomenal? Poderia ele, com a sua formação científica, ter sido tão completamente enganado? Ou seria Bird, encarregado de investigação da Society for Psychical Research Americana, cúmplice de Margery? Outros tinham insinuado esta possibilidade, e Houdini tinha-o dito.

Bird, escrevendo numa das publicações da sociedade, forneceu uma resposta que era — como quase todas as respostas de Bird — de certo modo evasiva:

Uma coisa deve ser abundantemente clara desde o início, no entanto. Entre as hipóteses que devem ser admitidas como o preço para rejeitar os fenómenos de Margery está a de uma cumplicidade ativa e sustentada da minha parte. A mesma observação aplicar-se-á em última análise a numerosos outros participantes, mas neste

momento estou interessado nela apenas no que me envolve a mim. A minha atitude, implícita mas não menos claramente presente na minha mente quando escrevi o meu livro anterior, era a de que me sabia inocente desta acusação e não me submeteria caladamente a ela.

Esta, também, é uma ideia da qual recuperei completamente. Cheguei à realização de que, para uma proporção muito considerável de pessoas, a desonestidade vinda de qualquer fonte, por mais elevada que seja, é mais fácil de acreditar do que os fenómenos da sessão física. Este é um estado de espírito perfeitamente válido, um aspeto da psicologia humana do qual não podemos escapar. . . . Se o leitor é deste tipo de mente, e se eu conseguir reduzi-lo ao argumento de que sou o cúmplice ou o relator fraudulento, considero-me como tendo cumprido o meu dever integral para com ele, e como tendo-o levado tão longe ao longo do caminho da educação final nos factos quanto é possível levá-lo.17

Uma e outra vez, Bird ridicularizou uma acusação válida como um «estado de espírito» e transformou uma questão em algo completamente diferente com a sugestão de que estava a ser injustamente perseguido. As suas palavras apelavam à simpatia natural americana pelo mais fraco, mas falhavam em apelar ao seu público mais essencial — os leitores críticos que desejavam aceitabilidade científica na investigação psíquica.

Por que motivo poderiam Bird, bem como um número dos seus colegas, ter sido parte neste jogo extraordinário? Uma sugestão vem dos Rhine:

É evidentemente de enorme vantagem para um médium, especialmente se for fraudulento, ser pessoalmente atraente; ajuda no «negócio de apanhar moscas». O nosso relatório seria incompleto sem a menção ao facto de que este «negócio» atingiu o ponto de beijos e abraços reais na nossa sessão, no caso de um dos admiradores mais ardentes da médium. Poderia esperar-se que este homem detetasse intrujice nela?18

Um olhar sobre os registos torna claro que a sexualidade estava presente nas atuações de Margery. Afora o vestuário escasso que a médium loira habitualmente vestia, havia os procedimentos de controlo sugestivos considerados necessários pelos investigadores. Em pelo menos uma ocasião, Bird tentou descobrir o alcance da visão de

Mina na escuridão colocando os seus braços em redor dela por trás e encostando a sua cabeça à dela para aproximar o seu nível de visão do dela.19 Este tipo de contacto íntimo poderia levar a emoções comprometedoras, especialmente na atmosfera singular da sala de sessões. George Lawton, no seu estudo sociológico do Espiritualismo, comenta sobre uma sessão em que participou num acampamento espírita. Após mencionar a escuridão, o calor e um estado de «histeria moderada», Lawton observa:

Aqui estava uma sala escura, com três homens e doze mulheres, todos emocionalmente alterados, sentados pela sala num contacto físico muito próximo. A maioria das pessoas estava aparentemente a viver vidas sexualmente vazias, pelo que, além do excitamento emocional [da] . . . situação [isto é, a tentativa de comunicar com os mortos] . . . havia um excitamento de caráter sexual mais ou menos disfarçado.20

A amostra seguinte dos registos oficiais das sessões de Margery sugere sentimentos subjacentes na consciência do participante:

13 de agosto de 1925: 10:11. Richardson recebeu instruções para dar os seus dois dedos principais à Psíquica. Foram levados ao rosto dela e usados para tatear a massa teleplásmica. Walter perguntou a Richardson se ele sentia pele, e Richardson disse que sentia claramente — um efeito de pele distinto . . . inconfundível. . . .

Gerke, instruído para se aproximar e fazer a mesma experiência [hesitou em declarar na altura a única comparação que lhe ocorreu como dando satisfação mental. Disse que faria o relatório a Bird mais tarde; mas Walter picou-o para fazer o relatório perante os outros participantes no sentido de que] o mais próximo que conseguia chegar de descrever a massa era que parecia um peito de mulher.21

Até que ponto Mina contribuía conscientemente para esta atmosfera a fim de angariar ajuda e simpatia para este curioso empreendimento, só podemos supor. Há mesmo provas na correspondência de Prince que tornam quase certo que a Bird foi oferecido um cheque em branco por Mina para pagamento das suas despesas. O suborno de um tipo ou de outro parece ter sido tão comum neste caso que mal vale a pena notar: Carrington, por exemplo, dizia-se estar endividado numa quantia considerável devido ao interesse extravagante de Crandon na investigação psíquica.

O que é interessante para nós aqui, contudo, é o facto de Bird ter dito mais tarde a um dos correspondentes de Prince que tinha tido a intenção de guardar o cheque como prova de que lhe tinha sido oferecido um suborno, caso o decurso dos acontecimentos alguma vez tornasse esse passo conveniente. À medida que foi conhecendo Mina melhor, descartou a ideia e descontou o cheque pelo que considerou a «quantia habitual». Mal precisa de ser declarado que está longe de ser «habitual» que um médium pague as despesas daqueles que é suposto estarem a investigá-lo.

Outra questão diz respeito aos motivos de Crandon para sustentar este estado de coisas. Os Rhine oferecem o seguinte:

[Crandon] descobriu gradualmente que ela o estava a enganar, mas já tinha começado a desfrutar da notoriedade que isso lhe dava, os grupos de sociedade admiradora que trazia até à sua casa para o ouvirem dar palestras e para serem entretidos, o interesse e a fama despertados neste país e na Europa, etc. Isto era especialmente apreciado por ele em vista da decidida perda de posição e prestígio sofrida em anos recentes.22

Rhine menciona também o prazer de Crandon no papel semiparanóide, «aclamado em muitos quartéis como um 'mártir da causa da ciência', um 'segundo Galileu'», e assim por diante. Sobre Margery, Rhine escreveu: «As dificuldades dela serão melhor compreendidas se for mencionado que tanto ela como o Dr. Crandon já tinham sido casados antes, e o Dr. Crandon mais do que uma vez. Abstemo-nos da publicação de outro material pertinente e explicativo por razões que devem ser evidentes para o leitor.»23

Dificilmente se poderia esperar que Bird se mantivesse em silêncio perante uma análise tão convincente. A sua resposta foi dirigida à razão do leitor, mas desvalorizou os factos: «O enamoramento pela Psíquica é dado como o motivo que leva todos estes cúmplices para o jogo; como é que ela mantém então esta elaborada organização livre de qualquer rutura disruptiva de ciúme por parte de qualquer dos seus membros?»24

«Ruturas de ciúme» ocorreram nos anos seguintes, mas no momento Bird tinha de se preocupar com a tese a favor da realidade dos fenómenos de Margery. Elaborou frequentemente sobre a incapacidade de os críticos abrirem as suas mentes, a sua indisposição

para alterarem a «filosofia de uma vida inteira», a sua prontidão notória em acusar os investigadores de fraude antes de aceitarem os registos das ocorrências na sala de sessões como honestos. Escreveu também sobre as suas esperanças privadas para a mediunidade tal como a história o veria um dia: «Não é evidente que chega um ponto na história de Margery em que temos de parar de generalizar sobre os seus encantos, parar de generalizar sobre a fraqueza humana que torna tão fácil para ela desenvolver cumplicidades entre os seus participantes; e perguntar se a coisa não foi até um ponto em que a explicação mais provável desta longa história de alegada cumplicidade de fontes respeitáveis se encontra noutra direção?»25

Rhine e a sua esposa não partilhavam da confiança de Bird na «explicação mais provável» da autenticidade, mas ficaram, na verdade, bastante desgostosos e desapontados. Rhine cortou imediatamente ligações com Bird. Quando a ASPR se recusou a publicar o relatório da sua investigação, deixaram a sociedade e filiaram-se com o Dr. Walter Franklin Prince na rival Boston Society for Psychic Research.

Após o relatório dos Rhine ter sido publicado no "Journal of Abnormal Social Psychology", foram brindados com a habitual barragem dos apoiantes de Margery. Rhine contou-me recentemente que Sir Arthur Conan Doyle, furioso com este último insulto às realizações e ao caráter dos Crandon, comprou espaço nos jornais de Boston e inseriu um aviso com tarja preta declarando simplesmente: «J. B. RHINE É UM ASNO.»

E o "Boston American" de 7 de fevereiro de 1927 trazia as seguintes manchetes: «'BEIJEI UMA MULHER, NÃO HOMENS', MARGERY DESAFIA CRÍTICOS». No artigo que se seguia, Margery declarava alegadamente: «Isso é tudo conversa fiada. O meu marido assiste a todas as minhas sessões e eu teria de ser muito imprudente para andar por aí aos beijos.»

Mas, embora os jornais tendessem a apoiar Margery, poucos investigadores sérios deixaram de ver a importância da análise do caso feita pelos Rhine. Além disso, a sua rotura desiludida com a investigação em sala de sessões foi afortunada, pois em 1927, sob os auspícios de William McDougall, então na Universidade Duke, Rhine e a sua esposa começaram a sua agora famosa investigação sobre os

suma-importantes fenómenos mentais sobrenormais. Em 1930, um Instituto de Parapsicologia foi fundado em Duke, o qual liderou o caminho para outros investigadores durante mais de trinta anos. Foi Rhine quem cunhou o termo agora vulgarizado para estas ocorrências cognitivas fenomenais: perceção extrassensorial — PES.

Pode dizer-se que a experiência de uma noite com Margery pode ter tido a boa fortuna de repelir de tal modo J. B. Rhine que a sua busca por controladores mais rigorosamente científicos na investigação psíquica o levou a fazer um avanço mais incrível no nosso conhecimento da natureza humana do que a ciência até então tinha revelado.

XIV
O Sopro do Escândalo

Frederick Bligh Bond era, sob todas as aparências, um académico de gabinete estereotipado, um inglês pequeno, de nariz adunco, com gostos conservadores no vestir, um homem não compreendido pelos seus contemporâneos e um mistério para nós. A coisa notável sobre este homem pouco notável era que tinha dirigido as escavações arqueológicas da Abadia de Glastonbury, de 1908 a 1921, por meio da intervenção instrutiva dos espíritos de monges que tinham vivido e trabalhado dentro daquelas muralhas arruinadas séculos antes.

O trabalho de Bond em Glastonbury tinha sido simultaneamente uma revelação perturbadora para os seus superiores e um golpe eufórico para os Espíritas. Tinha causado muita comoção em círculos ocultos por todo o mundo, mas os investigadores psíquicos acolheram a notícia com a cautela caraterística.

Olhado de alto pelos colegas arqueólogos, desacreditado pelas suas teorias religiosas heréticas junto dos Espíritas, e de certo modo alienado de outros investigadores psíquicos, Bond era também perseguido por uma esposa vingativa que, após o divórcio, enviava cartas a um atrás do outro dos seus empregadores, acusando Bond de atrocidades inexistentes.1

Depois, uma patrona não nomeada convidou Bond a dar uma série de palestras nos Estados Unidos e a Society for Psychical Research Americana organizou a digressão. O biógrafo de Bond,

William Kenawell, escreve: «Pela primeira vez em muitos anos ele parecia feliz. Estava cercado por pessoas que eram simpáticas para com todos os seus interesses absorventes. Estava a ser pago para falar sobre as suas paixões a públicos atentos e fascinados em Nova Iorque, Chicago, Baltimore e Petersborough, no Canadá, onde ficou com um primo e desfrutou do seu acolhimento caloroso.»1

No primeiro dia da sua estada em Boston, Bond conheceu os Crandon. Eles e os seus amigos pelo menos fingiam acreditar que Walter Franklin Prince era a fonte de todas as críticas adversas e o mais flagrante difusor de rumores escandalosos. Não é pedir demasiado supor que Prince tenha sido um dos primeiros tópicos de conversa, especialmente porque Bond seguiu diretamente da casa de Margery para a Boston Society for Psychic Research. A própria Margery, doce e amigável como costumava ser com Prince, telefonou a avisar que Bond estava a caminho.

Prince estava ansioso por ver Bond; tinha sido a intervenção de Prince que garantira a Bond o convite para falar no Simpósio sobre Crença Psíquica na Universidade Clark. Tinham mantido correspondência amigável no outono anterior, enquanto Bond era editor de "Psychic Science", um trimestral espírita britânico. Ele tinha escrito uma coluna cheia de erros resultantes de uma crença injustificada nos Crandon. Quando Prince lhe escreveu a corrigi-lo em vários assuntos de facto, Bond respondeu de forma humilde e cavalheiresca. Um crítico que sabia aceitar críticas com gratidão, concluiu Prince, devia ser um homem honesto em busca da verdade.

Durante esse primeiro encontro, Bond perguntou a Prince se algum novo desenvolvimento no caso sugeria uma revisão da sua opinião anterior. Prince respondeu que, longe de rever as suas posições iniciais, considerava que os relatórios de Harvard e de Rhine tinham praticamente pregado o último prego no caixão construído pelo comité da Scientific American.

Discutiram o caso durante algum tempo; pareceu a Prince que Bond estava a inclinar-se favoravelmente para o lado dos Crandon. Partiram cordialmente nessa tarde. Quando Bond regressou alguns dias mais tarde, Prince tentou dissuadir o inglês da adesão àquela que Prince considerava a fraude mais intrincada e prolongada da América.

Quer por gestos quer apontando-as diretamente a Bond, Prince indicou que havia informações nos seus arquivos que um dia forneceriam aos historiadores uma fonte possível para compreender as motivações por trás da mediunidade de Margery. Depois, por uma razão ou por outra, Prince ausentou-se da sala durante cerca de vinte minutos.

Bond foi aos arquivos e abriu-os. Os seus olhos pousaram numa carta de Grant Code, datada de 28 de abril de 1926, contendo o seguinte parágrafo:

Acha que há algum fundamento na minha ideia de que, além da razão perfeitamente óbvia para nunca permitir um exame anatómico (i.e., precedente perigoso que poderia ser embaraçoso se invocado na sessão errada), o Dr. Crandon não quer que nenhum investigador saiba a natureza precisa das alterações cirúrgicas que fez no armazém de armazenamento mais conveniente de Margery?

Apenas secundária em relação à descrição de Margery feita pelo Dr. Crandon como uma rapariga simples e sem dolo, é a sua repetida afirmação sobre as dimensões internas normais desse mesmo armazém. Ao comentar o seu alegado fluxo menstrual profuso, Margery disse-me que este era em parte ocasionado por uma operação. Ora, um ligeiro alargamento cirúrgico do colo do útero torná-lo-ia um recipiente mais conveniente, especialmente se estiver deslocado. E pelo testemunho da Dra. Fawcett, o «desenvolvimento» de Margery é anormal.

O seguinte é um excerto de uma carta de Prince para Code, datada de 14 de abril de 1927:

Bond espreitou de facto para um arquivo meu, ao qual não lhe tinha sido dado qualquer direito de acesso, enquanto eu estava fora da sala . . . evidentemente foi direto a C., e o diabo levou-o a um parágrafo escrito por si onde aludia a uma operação que se dizia que Margery tinha feito, e às suas possíveis consequências convenientes. Ele foi direto aos C. com isso, e regressaram rumores e acusações distorcidos. Dizia-se que eu andava a dizer que ela tinha feito uma operação «ilegal», depois afirmou-se que fora você a dizê-lo.

Margery escreveu uma carta a alguém dizendo que a cidade estava cheia de uma história sobre uma operação ilegal nela — sendo o facto que quem quer que tenha ouvido a referência a uma operação

ilegal a ouviu através da distorção, da devassa e da traição de Bond. . . . O facto de o Dr. C. ter realizado uma operação em M. foi impresso no "Boston Herald" em 1924. . . .

O primeiro sinal de que Bond andava a aprontar algo surgiu a 8 de fevereiro de 1927, algum tempo depois de ter visto o arquivo e falado com os dirigentes da BSPR. Numa carta dirigida ao Dr. Elwood Worcester, presidente da BSPR, Bond indicou o seu desagrado com o relatório recentemente publicado dos Rhine e perguntou ainda se Worcester lhe enviaria «em confiança os nomes dos dois médicos que menciona como estando em posição de conhecer os factos».

Aqui ele estava a referir-se ao rumor de que fora recusado a Crandon um cargo no City Hospital em Boston devido a um desvio de fundos. Bond queria limpar a atmosfera de uma falsidade que poderia apoiar a reconstrução das motivações feita por Rhine, a qual Bond considerava escandalosa e até difamatória. Terminou o seu apelo dizendo: «Quero que me ajude a tirar a 'psíquica' deste poço negro muito malcheiroso. Tem de ser feito, e todos os homens e mulheres de boa vontade se devem unir para o fazer.»

Não encontrando nem Worcester nem Prince dispostos a entrar numa explicação destes escândalos, Bond aventurou-se mais longe. Ambos receberam a seguinte carta, datada de 14 de fevereiro:

Caro Dr. Worcester,

Lamento que não esteja preparado para cooperar comigo na limpeza do caráter de pessoas inocentes daquilo que considero ser uma calúnia inteiramente sem fundamento.

Tenho portanto de agir eu próprio, e agir com força para que o mal não vá mais longe.

Entrevistei um dos chefes do Hospital que é um cidadão proeminente e honrado. Ele diz que não há uma sombra de verdade em nenhuma das acusações que ouvi fazer contra o Dr. C. como explicativas da sua demissão, e está tão indignado que está pronto para tomar medidas ativas para levar aos acusadores o conhecimento de que o seu jogo está perdido.

Uma rápida Némesis aguarda agora o autor da pior destas acusações e insinuações e nada o pode salvar. Irá descobrir que foi grosseiramente enganado.

Margery é das melhores médiuns que Deus já deu e o seu trabalho subjetivo é tão maravilhoso que bastará para a vindicar absolutamente. Este trabalho será preservado e ela será agora protegida de qualquer outro mal.

Se tivesses, como Presidente, mantido uma posição firme contra o mal desde o início, terias preservado a utilidade da tua Sociedade. Como estão as coisas, ela será tão gravemente afetada pelo que está prestes a acontecer que duvido que consiga mantê-la unida. A presente organização está envenenada de alto a baixo e as suas funções paralisadas. A reconstituição tem de ser limpa e a mancha apagada. Até lá não pode haver harmonia.

Seu atenciosamente,
Fredk. Bligh Bond

Parece que o «trabalho subjetivo tão maravilhoso» era nada menos do que uma série de comunicações espíritas automáticas da pena da versátil Margery, pretendendo ser novas revelações dos monges de Glastonbury. O tom da carta indicava que Margery tinha angariado mais do que um apologista; tinha agora um fanático do seu lado.

Após um aviso moderado de Worcester, Bond escreveu outra nota bizarra, datada de 22 de fevereiro, na qual lançava mais luz sobre a natureza dos rumores que circulavam sobre os Crandon:

Toda a questão em resumo é esta: Fez-me compreender claramente que o Dr. Crandon foi demitido do seu cargo no Hospital por desvio de certos dinheiros a seu cargo. Quando lhe disse que o Dr. Prince negou isto e me informou que a verdadeira razão não era esta, mas sim a «sedução sistemática de enfermeiras», disse que talvez ambas as acusações fossem verdadeiras. Implorei-lhe então que visse o Dr. Prince, o qual me garantiu muitas vezes ser um homem sumamente verdadeiro. Pedi-lhe também que inspecionasse por si mesmo certos registos. . . .

Tenho agora de o informar de que as declarações feitas oralmente por si e pelo Dr. Prince a mim mesmo como refletindo sobre o Dr. Crandon são totalmente falsas, como sei agora por investigação pessoal.

O que agora peço, pela sua honra de cavaleiro cristão e eclesiástico, é que retrate inteiramente as acusações orais e

insinuações feitas por si a mim contra os Crandon, e que instaure uma ação que garanta a destruição dos registos de falsidade nos arquivos da Sociedade de Boston.

Ao fazer este pedido estou tão longe de qualquer pensamento de usar a força física na motivação como estou livre de preocupação com a sua insinuação de interferência na minha própria situação económica através de um apelo ao Sr. Cram" para me conter. ""

Sou,
Fielmente seu,
Fredk. Bligh Bond.

Poucos dias depois, o golpe principal foi desferido. Num texto intitulado «Uma Carta Aberta à Boston Society for Psychic Research», Bligh Bond declarou publicamente que a BSPR estava a fomentar ataques escandalosos contra a «honra» dos Crandon. Concluiu com um convite à BSPR para conduzir um «inquérito pleno e imparcial» sobre este assunto.

Ataques anteriores tinham sido feitos à BSPR; alguns defensores de Crandon tinham-lhe chamado a «Sociedade para a Supressão da Mediunidade de Margery». Manobras constantes tinham levado o público a acreditar que Prince desejava a destruição da «melhor médium que Deus já deu». Mas raramente o grupo dos Crandon tinha recrutado um defensor tão ajustado aos seus propósitos. Bond estava disposto a insinuar que Prince era um pequeno e traiçoeiro difamador; disto podia inferir-se que todos os ataques associados a ele estavam também eivados de vício. Num golpe mestre, os defensores de Margery podiam insultar Prince e invalidar os relatórios de Harvard e de Rhine.

Embora Bond fosse ao início um instrumento involuntário dos Crandon, em breve se tornou claro que o defensivo inglês tinha assumido o caso com zelo fanático, e prometia agora tornar-se perigoso. Mas Prince enfrentou o desafio de frente. No dia em que a «Carta Aberta» de Bond surgiu, escreveu a Crandon, perguntando se Bond estava a agir como seu agente e, se assim fosse, o que era em particular que ele queria ver investigado por um «comité imparcial». Eram os fenómenos de Margery ou o registo pessoal do doutor?

Isto pode ter dado ao grupo dos Crandon o seu primeiro aviso de que a utilidade de Bond poderia virar-se contra eles. Prince recebeu a seguinte carta, datada de 5 de março:

Caro Dr. Prince: —

Em resposta à sua carta de 3 de março de 1927, cumpre-me declarar que não tenho nenhum agente.

A única investigação de que tenho conhecimento é a que está a decorrer sobre as atividades caluniosas de dois clérigos «afáveis, científicos e cristãos» na Boston Society for Psychic Research.

Atenciosamente seu,
L. R. G. Crandon, M.D.

O Dr. Prince respondeu a 7 de março:

Caro Dr. Crandon:

Agradeço-lhe a informação de que não tem nenhum agente e de que, portanto, o autor da «carta aberta» no jornal espírita de Boston não é seu agente autorizado. Mas dado que esse cavalheiro está publicamente a instar a uma investigação em seu nome ou em nome dos fenómenos de Margery, ou em ambos, de uma forma que implica que representa os seus desejos; e dado que a realização de tal investigação está contingente da sua concordância e apoio, e da sua definição do objeto e dos termos da investigação, sou obrigado a repetir, em substância, as perguntas às quais não deu resposta.

1. A exigência do Sr. Bond representa os seus desejos ou, por outras palavras, exige que seja feita uma investigação?

2. O objeto da investigação deve ser (1) os fenómenos de Margery, ou (2) o seu registo pessoal, ou ambos?

3. Definirá o que consideraria «um comité imparcial»?

4. Concordará em acatar o veredito público de tal comité, se o seu objeto forem os fenómenos de Margery? A fim de saber se e como proceder, sou obrigado a fazer mais uma pergunta.

5. Se o outro assunto for, no todo ou em parte, o que vai ser investigado, está disposto a que os resultados sejam tornados públicos?

Não gosto de parecer importuno, mas deve ser do seu conhecimento que um homem se está a tornar muito conspícuo como seu defensor, e é o primeiro homem nesta fase a fazer insinuações

públicas de determinado caráter, baseando-as na sua própria violação de confiança. A minha experiência com as contingências envolvidas em muitas investigações feitas quando eu era oficial legal do Estado do Connecticut informa-me de que eu deveria saber, anteriormente a qualquer decisão, se assume a responsabilidade pela exigência, exatamente qual é a exigência, e os termos e a disposição final de qualquer investigação a realizar.

Sinceramente seu,
Walter Franklin Prince

Qualquer resposta comprometeria os Crandon a uma linha de ação embaraçosa: a recusa em permitir uma investigação vindicaria Prince, ao passo que permitir um inquérito poderia trazer à luz informações que Prince tinha colhido de «médicos, de uma enfermeira que afirmava ter conhecimento profundo; de outros que tinham dito voluntariamente que sabiam que estas acusações eram verdadeiras, que uma antiga parceira matrimonial tinha feito alegações, que se dizia que certos arquivos de jornais continham material esclarecedor» e assim por diante (Prince-Hyslop, 26 de fevereiro de 1927).

A carta de Prince nunca teve resposta. Margery, numa conversa alegre e amigável com Prince," intimou que preferia deixar cair todo o assunto.

Prince e Worcester ficaram abundantemente satisfeitos com esta decisão. A «Carta Aberta» de Bond tinha falhado em provocar a perturbação que tanto ele como Prince tinham antecipado. A tentativa de descredibilizar a BSPR tinha caído por terra; Prince estava disposto a deixar a questão repousar. Worcester escreveu a Mina a 15 de março:

Minha cara Sra. Crandon:

Investiguei, como lhe prometi que faria, a exatidão da declaração que me foi feita há algum tempo por dois médicos respeitáveis de que a não recondução do Dr. Crandon no Boston City Hospital se ficou a dever a alguma questão envolvendo as finanças do hospital.

Como resultado da minha conferência com o Dr. David T. Scannell, que aparentemente tem pleno conhecimento das razões que impediram a recondução do seu marido, estou convencido de que a informação que recebi era inexata. Quanto a saber quais foram as

verdadeiras razões, sugeria que a senhora mesma falasse com o Dr. Scannell.

Como lhe disse na nossa conversa, a informação que passei ao Sr. Bond foi a pedido dele e aceite por ele confidencialmente, como eu então supus para sua orientação pessoal e uso privado como distinto investigador psíquico. Lamento muitíssimo que a comunicação que ele lhe fez desta informação lhe tenha causado qualquer embaraço ou ansiedade.

Possivelmente deverei acrescentar que o pedido de informação do Sr. Bond me foi dirigido pessoalmente, e que a minha resposta foi pessoal e não de forma alguma como representante da sociedade de investigação psíquica à qual estou filiado.

Elwood Worcester

Mas o inglês metediço recusou-se a deixar o assunto repousar: informou a BSPR de que pretendia publicar toda a correspondência no "Journal" da ASPR. Quando foi submetida, o conselho de administração votou unanimemente contra a sua inclusão no jornal. O inquérito que poderia ter revelado as correntes subterrâneas do caso foi assim evitado; ficamos apenas com meras conjeturas e registos nus de factos históricos.

Bond foi agora forçado a canalizar as suas energias para uma extensa e financeiramente compensadora digressão de palestras. No seu termo, em dezembro de 1928, «foi contratado pela A.S.P.R. para escrever uma série de artigos sobre as suas experiências»3 com o problema mais distante e controverso da Abadia de Glastonbury. Em 1930 foi recompensado pela sua defesa enérgica de Margery ao ser-lhe dada a exigente responsabilidade de editor do jornal mensal da ASPR, anteriormente o cargo de J. Malcolm Bird.

XV
O Sr. Bird Pensa Duas Vezes

Em fevereiro de 1927, a sociedade elegeu Hamlin Garland, o bem conhecido romancista, para o seu Conselho de Administração.1 O artista, cuja obra foi tão influente para o desenvolvimento do realismo literário na América, estava fascinado pelos fenómenos físicos do Espiritualismo. Um dos seus parentes tinha sido médium; a sua vida

de privações resultou na convicção de Garland de que a mediunidade era uma «tirania da escuridão» que trazia tristeza e privação àqueles que nasciam com a faculdade. A sua resposta habitual aos médiuns praticantes era a simpatia.

Era intenção do conselho de administração fazer com que Garland resolvesse o caso Margery. A sua reunião com o conselho revelou que «dois dos diretores estavam amargamente opostos aos Crandon»,2 mas que os restantes eram ou neutros ou estavam convencidos dos fenómenos de Margery. Garland tinha pelo menos uma qualificação para o cargo: «Estou,» garantiu-lhes ele, «convencido de que a Sra. Crandon é a psíquica mais interessante da América.»3

Em maio de 1927, Garland escreveu a Crandon, pedindo para assistir a uma das sessões de Lime Street. Crandon respondeu: «Ficarei encantado por se juntar ao nosso círculo. Venha jantar. Ficaríamos especialmente satisfeitos por tê-lo como nosso hóspede durante a noite.»

Crandon impôs uma condição antes de permitir uma sessão «de teste»: que o Dr. e a Sra. Richardson estivessem presentes. Quando Garland prontamente consentiu, Richardson enviou algumas sugestões amáveis antes da chegada de Garland a Lime Street. «Poderia ser desejável,» escreveu ele, «obter algumas das impressões digitais de 'Walter' num local a alguma distância de Lime Street. Nesse caso, importar-se-ia de ter presente o Capitão Fife, o perito em impressões digitais da Marinha dos Estados Unidos, que tem todo este assunto a seu cargo?»4

Concordaram em reunir-se na casa de Richardson em Newton Centre, e o perito foi convidado. Este homem, John Fife, era a figura obscura cuja assinatura apoiava as identificações de impressões digitais em documento atrás de documento tratando desta caraterística do mediunismo. Disseram-nos que ele era «Chefe de Polícia do Estaleiro Naval de Charlestown»; que era Perito em Impressões Digitais era atestado pelo FPE a seguir à sua assinatura.

Prince foi incapaz de satisfazer a sua curiosidade sobre Fife. O Departamento de Polícia de Boston aparentemente nunca tinha ouvido falar dele. O próprio Garland admitiu: «Não sabia nada sobre o Capitão Fife além do seu alegado cargo como oficial ligado à Estação

Naval em Boston, mas concedi que a sua experiência como detetive e perito em impressões digitais o tornava essencial.»5

Crandon insistiu na presença de Fife; escreveu a Garland: «Ele é essencial se deseja obter tais provas.»6 Fife tinha examinado porções de impressões digitais do polegar encontradas numa navalha usada por Walter Stinson durante a sua vida e há muito esquecida num baú no sótão. Declarou que eram iguais às impressões na cera Kerr.

“ A relação deles era sempre sumamente amigável. Uma das memórias mais carinhosas de Prince era a de Margery o visitar numa tarde em 1926, oferecendo-lhe “doughnuts” caseiros e uma garrafa de “scotch” de contrabando. O perplexo Prince, que foi toda a sua vida um ávido defensor da temperança, recebeu as prendas educadamente.

Bond era empregado de Ralph Cram, um arquiteto; Worcester tinha mencionado que poderia ser forçado a informar Cram sobre o comportamento invulgar de Bond.

A primeira reunião marcou o tom para as futuras aprovações dos passatempos dos Crandon. Um dos amigos de Garland, de Boston, tinha dito sobre os Crandon: «Ele é um anfitrião encantador e recebe muitos convidados ilustres. A sua esposa, a médium, é jovem, vivaz e bonita.»7 E foi exatamente assim que ele os encontrou. Crandon impressionou-o intelectualmente; a sua reação a Mina deu-se com a simpatia característica pelo «talentoso».

Após uma breve discussão com Crandon, Garland foi informado de que a sessão começaria em breve. «Poucos momentos depois,» escreveu Garland, «a nossa anfitriã, a amplamente celebrada Margery, entrou — uma jovem encantadora, elegantemente vestida. Era muito mais jovem do que eu esperava que fosse. Era de facto,» acrescentou com entusiasmo, «pouco mais do que uma rapariga.»8 Tinha trinta e nove anos.

«Não mostrava sinais,» continuou ele, « dos muitos testes desgastantes a que fora submetida durante quase quatro anos. Estava não só sorridente e à vontade, mas também humorística nas suas respostas; e, contudo, sob o seu estado de espírito alegre, percebi de vez em quando um vestígio de propósito sério.»9

Durante a sessão, além da promessa da impressão digital, Garland concedeu uma longa entrevista com Walter enquanto Margery lutava

com o aparelho cortador de voz. O coração do artista voltou-se para a voz na escuridão. Foi assim que ele escreveu sobre Walter:

Enquanto não podia ser visto, era para os meus outros sentidos tanto uma personalidade como a «Katie King» de Sir William Crookes." Apresentava-se como um jovem, humorístico, poderoso, impudente e refilão. Mandava em nós como se fôssemos crianças. Assumia o tom de um mestre, como se pelo mero ato de morrer tivesse passado a possuir toda a sabedoria de Lodge e Edison, e contudo, ocupava-se com truques para nos espantar como um rapaz de doze anos!10

Embora o relato de Garland seja longo e entusiástico, uma passagem capta o tom da sua «investigação», bem como a natureza curiosa do homem — ao mesmo tempo crítica e ingénua. Durante os testes padrão de «perceção no escuro», com Walter a identificar objetos colocados num cesto aos pés da psíquica, Garland «deitou no cesto um objeto minúsculo que nenhum dedo do pé poderia erguer ou definir».

Um farfalhar do cesto seguiu-se [continua ele], e durante alguns segundos «Walter» ficou em silêncio, como se estivesse a apalpar o objeto. Por fim, disse num tom intrigado: «É uma moeda do tamanho de uma peça canadiana de cinco cêntimos.» Depois, após outra pausa, acrescentou: «Tem um buraco — algo como uma moeda chinesa.»

«Bravo, "Walter"!», exclamei. «Acertou quase em cheio. Se me disser o que significa esse buraco no meio da moeda, ganhará uma grande vitória.»

Após outra pausa, disse: «Parece ter um par de fendas. Não consigo perceber.»

Disse então aos outros participantes: «A moeda é um ficha como a que a companhia de caminhos de ferro de Washington utiliza. O ponto rugoso que o "Walter" sente é a letra "W" cortada na moeda.»

Num tom magoado, «Walter» perguntou: «Como podia esperar que eu soubesse isso? Nunca estive em Washington.»11

O leitor, já familiarizado com as propensões atléticas de Mina Crandon, é convidado a especular sobre a possibilidade de um cesto estar num momento no chão, no escuro breu, ao lado dos seus pés, e no momento seguinte estar no seu colo, ao alcance dos seus dedos. A

possibilidade de Crandon contribuir para o sucesso deste fenómeno também não deve ser descurada.

Apesar destas considerações óbvias, a breve experiência de Hamlin Garland convenceu-o da realidade da mediunidade de Margery. Além disto, a sua sessão não alcançou nada. A sociedade continuava num estado de inquietação e agitação intelectual, e o público começava a deixar de se importar com quem tinha razão — se é que alguém a tinha!

Durante todo este tempo, a máquina de escrever sobrecarregada de Bird produzia uma série de artigos alternadamente pomposos, divertidos, inteligentes e populares sobre investigação psíquica. Em 1929, Bird daria palestras a mais de duzentas audiências por todo o país e na Europa, sobre tópicos que variavam desde «Médiuns Fraudulentos que Conheci» a «As Minhas Investigações Psíquicas».12

Viajou até à Sorbonne para representar o caso de Margery no Congresso Internacional de Investigação Psíquica e foi à Áustria para ter sessões com Rudi Schneider, um jovem que produzia uma variedade extraordinária de fenómenos telecinéticos intrigantes. Bird concluiu que os efeitos de Schneider eram o resultado de fraude — que a sala de sessões obscurecida tinha sido invadida por um cúmplice.

O ceticismo de Bird em relação ao maior caso de mediunidade física da Europa tornou a sua avaliação favorável das exibições de Margery ainda mais impressionante. A sua fidelidade a Mina foi demonstrada adicionalmente à medida que continuou a dedicar o seu tempo livre ao segundo volume dos Proceedings, que progredia lentamente. A mediunidade de Margery dificilmente poderia ter encontrado um defensor mais enérgico.

Depois veio a sessão de 15 de julho de 1927.

Um novo aparelho, chamado «O Pequeno Teatro de Butler», estava em uso. Era uma caixa robusta com a frente aberta; no seu interior, os Crandon tinham colocado um pêndulo e algumas balanças para Walter brincar, e um dispositivo chamado «o sísifo», que era um rolamento de esferas que Walter rolava subindo um plano inclinado com os seus poderes etéreos.

Durante as sessões, a face aberta do teatro de brinquedo era revestida com vidro, fornecendo alguma garantia de que ninguém estava a manipular os objetos fraudulentamente.

O relato seguinte desta sessão crucial é um excerto do relatório original de Bird, muito semelhante ao modo como ele o dactilografou nessa mesma noite:

O Pequeno Teatro de Butler estava em uso; primeiro com o pêndulo, depois com as balanças; o sísifo devia ter sido usado, mas não se chegou a ele. O Teatro foi colocado sobre a mesa, que estava ligeiramente descolorida, à esquerda de Margery e à sua frente; havia espaço amplo para ela entrar no gabinete a leste, e a mesa não foi movida (para a sua posição mais habitual) depois de ela entrar.

Quase imediatamente após a extinção da luz da sala, a luz vermelha no Teatro foi acesa por Walter, até ao seu primeiro ou segundo estágio. Acredita-se que uma ou duas vezes durante a noite ele próprio a apagou; mas quase sempre fazia com que Butler a apagasse por ele. Usualmente acendia-a ele próprio, embora ocasionalmente fizesse com que Butler também o fizesse.

Houve um intervalo escuro prolongado, seguido por um intervalo de luz vermelha, no qual o pêndulo se moveu através de uma ampla amplitude, manteve-se estável por um momento numa posição elevada, etc. Dudley relata uma ligação semelhante a um fio presa à massa projetada ligeiramente acima do ponto de suspensão, e dirigindo-se para a direita (da psíquica) e para baixo, aparentemente saindo do Teatro. Estava tensa quando a posição de ação do pêndulo era tal que sugeria que o fio estava sob tensão.

Com as balanças, após uma ou duas exibições sem movimento em luz vermelha, Bird foi chamado a colocar cinco pesos no prato oeste, tendo a opção de qual prato usar. A exibição seguinte [isto é, a vez seguinte em que a luz no Teatro é acesa] mostrou este prato inerte no chão. A seguinte mostrou os pratos num substancial equilíbrio estático. O prato leste estava fortemente inclinado, e havia um cotovelo afiado num dos fios de suspensão. Preso a este cotovelo e dirigindo-se para fora e para baixo, aparentemente para o canto inferior frontal leste do Teatro, Bird viu uma ligação semelhante a um fio.

A exibição das balanças tinha sido iniciada com a frente de vidro do Teatro levantada, para facilitar a colocação dos pesos no prato. Com referência ao facto de ele próprio ter baixado isto, Walter falou agora e disse que tínhamos todos perdido o ponto da exibição. Claro que a frente de vidro é vista com dificuldade, se é que é vista, na luz vermelha; e tínhamos estado a concentrar-nos em olhar (através dela) para a unidade das balanças. Portanto, nenhum de nós observou o estado da frente de vidro.

Bird, contudo, interpretando mal a observação de Walter, perguntou: «Quer dizer a ligação de fio, Walter?» Walter disse «Não», não queria dizer isto: e explicou o que queria dizer, dando-nos uma nova exposição de luz vermelha para o mostrar. O fio tinha desaparecido e os pratos estavam normais, o que tinha o peso assente no chão.

O significado da observação de Bird teve de ser explicado a Crandon, que reivindicou então que Bird tinha controlo duplo durante a levitação das balanças. Walter teve de apoiar a correção de Bird de que este controlo duplo tinha sido durante o episódio do pêndulo antes de Crandon o aceitar. O controlo duplo durante a experiência do pêndulo seria tão significativo quanto no teste das balanças.

Walter, durante o resto da sessão, provocou Bird consideravelmente sobre o fio; a observação de Dudley não era do seu conhecimento. [Dudley tinha dado um toque a Bird com o cotovelo de modo a significar que tinha visto «uma estrutura semelhante a um fio» — ele não fazia ideia de que Bird imaginaria que o fio não era feito de ectoplasma!] Perto do fim, pediu a Butler para lixar as pontas afiadas da unidade das balanças — elas prendiam-se nas coisas. Bird encontraria um fio pendurado numa delas (disse ele). Por implicação, em vez de por afirmação direta, isto estava ligado ao fio visto e relatado (durante a sessão) por Bird.

No final, Bird recuperou, do gancho de suporte de um dos cordões de suspensão, um pedaço solto de fio azul ou preto com cerca de três polegadas de comprimento. Não foi recuperado do mesmo suspensor no qual Bird tinha visto o fio durante a sessão.

Houve um pouco de discussão a seguir a esta revelação, no meio da sessão, de que Bird tinha visto algo descrito em termos de um fio. Crandon contribuiu com a atmosfera de assumir que o objeto visto era

um terminal teleplásmico semelhante a um fio. Todos os participantes concordaram com isto, e nada foi dito sobre fraude. Dudley tinha dado um toque a Bird na altura de fazer a sua (própria) observação, e deu como certo que Bird tinha partilhado a sua visão do primeiro fio. Bird tinha estado a olhar para a esfera do pêndulo e por isso tinha-o perdido. Os factos relativos à observação por Dudley só se tornaram conhecidos dos outros após a sessão, na sala dos livros. . . .13

Bird dactilografou estas notas na mesma noite. Curiosamente, em vez de fazer do assunto um tema para um artigo no Journal, na manhã seguinte enviou o relatório por correio registado para o seu escritório no número 15 da Avenida Lexington, a sede da Sociedade Americana de Investigação Psíquica. Assim, o envelope trazia o carimbo de correio de 16 de julho; não foi aberto até 30 de julho de 1930, quando Bligh Bond e dois outros membros da sociedade testemunharam o procedimento e declararam a sua crença de que o envelope nunca tinha sido aberto antes.14

Qual foi a razão para esta medida curiosa? Bird sabia por experiência que os observadores nunca mais eram readmitidos depois de publicarem opiniões adversas. Era sua convicção que alguma fraude era de esperar em qualquer mediunidade e que a ocorrência de um fenómeno supernormal cuidadosamente controlado era a única coisa sobre a qual valia a pena publicar. Para continuar a procurar tais ocorrências, Bird estava disposto a distorcer e até a suprimir outros factos.

Por isso, continuou a agir como o defensor de Margery, embora as aparições no Journal fossem menos frequentes; entretanto, trabalhava silenciosamente no Volume II dos Proceedings da ASPR, incluindo quase cem páginas sobre o problema da fraude. Contudo, nenhuma palavra da sua prolífica máquina de escrever tinha insinuado que Margery era tudo menos inteiramente genuína. O público acreditava nos fenómenos de Margery em grande parte devido aos contínuos apoios de Bird; não havia qualquer pista de que ele estava a contar apenas metade da história.

Entretanto, Margery avançou para novas variedades de fenómenos, de acordo com o desejo expresso de Walter de se tornar o controlo mais versátil na história do Espiritualismo. Sob a direção de

Richardson, ela tentava agora produzir comunicações em transe na forma de correspondências cruzadas.

A disposição geral de tais fenómenos, conforme estudados pela Sociedade Britânica de Investigação Psíquica, é a seguinte: a Médium A é mantida fora de qualquer possibilidade de contacto com os Médiuns B e C; a Médium A comunica em transe uma mensagem ininteligível; a única chave para a compreensão adequada desta mensagem é fornecida por comunicações dos Médiuns B e C. As comunicações cruzadas estão presumivelmente além do alcance normal da simpatia telepática entre sujeitos; os defensores afirmam que são esforços de espíritos sobreviventes para fornecer um teste das suas identidades individuais e dos limites da interação espiritual com almas ainda encarnadas.

Em fevereiro de 1928, Walter tentou manifestar-se através de Margery, do «Dr.» Henry Hardwicke de Niagara Falls e de George Valiantine — o primeiro médium a candidatar-se ao prémio da Scientific American e a primeira fraude a ser exposta por J. Malcolm Bird. Valiantine era um cúmplice estranho. Bird tinha-se pronunciado contra ele, e outros psiquistas tinham reagido e reagiriam de forma semelhante.

O Professor Hans Driesch, notável filósofo e por vezes presidente da Sociedade de Investigação Psíquica, chamou à sua sessão com Valiantine em Berlim, em 1929, «a maior burla que jamais vi».15 Uma participante nas correspondências cruzadas britânicas, a Sra. W. H. Salter, referiu-se a Valiantine como «completamente desacreditado».16 Hardwicke era apenas um dos incontáveis peixes miúdos que Houdini tanto se tinha deleitado em expor. Mina estava a tornar-se menos cuidadosa. Se existe algo como culpa por associação, ela abria-se agora a isso.

Os esforços de Walter para comunicar palavras parciais, ideogramas e imagens de Lime Street para Hardwicke em Niagara Falls e para Valiantine em Nova Iorque foram manchados pelo facto de a comunicação por telefone e telégrafo estar necessariamente aberta entre todas as partes, a fim de julgar o grau de sucesso.

Em 25 de fevereiro de 1928, às 21h, Margery, em transe, desenhou o mostrador de um relógio num pedaço de papel. Escreveu depois as letras TH. Às 22h55, Valiantine «foi relatado por telefone

[itálico meu] como tendo escrito WAL e desenhado o mostrador de um relógio de pulso». Às 23h30, Crandon recebeu um telegrama de Hardwicke, declarando que tinha desenhado algo semelhante a um «círculo que encerra um ângulo oblíquo», e que tinha escrito as letras MINE.

Na conclusão da sessão, uma palavra e uma imagem alvo selecionadas pelo Capitão Fife foram mostradas à médium; a palavra tinha sido WALTHAM e a imagem devia ser de um «dispositivo tipo relógio para manter a pontuação no golfe».17

Richardson estava correto ao supor que esta correspondência de detalhes era forte demais para ser coincidência. Também sentia, menos acertadamente, que, porque a médium não sabia a palavra a que devia estar a apontar, a correspondência podia ser atribuída a causas supernormais.

Contudo, o alvo tinha sido conhecido pelos outros participantes, que estavam a tentar desempenhar o papel de investigadores. Uma chamada telefónica de qualquer membro do círculo poderia ter comunicado o alvo de Boston para Nova Iorque muito mais eficazmente do que os esforços psíquicos de Walter. Nenhuma provisão adequada tinha sido feita contra isso. A Sra. Salter resumiu a situação como a via:

As correspondências cruzadas, se genuínas, argumentam poderes supernormais de uma ordem astronomicamente elevada; na sua precisão perfeita de resultado mantêm-se inigualáveis. Podemos supor que tais poderes tenham sido mostrados em cerca de meia dúzia de ocasiões por um homem que inquestionavelmente recorreu à fraude na produção de fenómenos físicos," e cuja reivindicação à posse de quaisquer poderes supernormais, à parte das correspondências cruzadas, se pode mostrar assentando numa fundação extremamente instável?18

Em seguida, Margery voltou-se para a «sessão a sós». Realizou uma para o Dr. R. J. Tillyard do Laboratório Nacional de Investigação Psíquica, F.R.S., e entomologista-chefe da Comunidade da Austrália.19 A sessão a sós, o gesto simbólico mais significativo de Margery perante o clamor contínuo por melhores controladores, colocava-a sozinha na sala de sessões com um investigador individual, enquanto outra pessoa ficava do lado de fora da porta para impedir a

cumplicidade vinda do exterior. As sessões a sós eram cuidadosamente restritas, mas o estado de espírito feliz de Tillyard em relação a Mina e ao seu trabalho era recomendação suficiente, e ele foi rapidamente admitido.

Margery estava sentada na cadeira de madeira baixa para esta sessão, que se destinava à produção de impressões digitais de espíritos. Tillyard prendeu-a aos braços da cadeira com fita adesiva, que depois marcou com linhas de lápis azul cruzando a fita e os pulsos dela para evitar que libertasse e voltasse a colar uma das suas mãos.

Margery queixou-se de que o seu pulso esquerdo estava pisado onde Walter tinha anteriormente tirado algum teleplasma dela e que a fita a magoava. Tillyard prestavelmente moveu a fita ao longo do antebraço dela, acima da nódoa negra.20 V. J. Woolley, da sociedade britânica, escreveu mais tarde que tinha a certeza de que a fita não controlava adequadamente o movimento das mãos de Mina; também acreditava que a cadeira tinha sido cuidadosamente construída para permitir tais movimentos que fossem necessários à produção fraudulenta de fenómenos na sala de sessões.21 Suponha-se que Margery tinha transferido a impressão digital de Walter para um cunho cilíndrico" e o tinha escondido dentro da sua pessoa. Sob os controladores de Tillyard, não havia nada que impedisse Margery de retirar o cunho e de o pressionar na cera sobre a mesa.

Tillyard não considerou a possibilidade; não ficou minimamente desconfiado quando notou no final da sessão que «a área pisada se tinha espalhado muito».22 Não é de admirar, depois de tal esticar e alcançar como seria necessário se as impressões que recebeu fossem produzidas por truques.

Durante a sessão, Walter tinha instado continuamente Tillyard a inspecionar as costas de Margery após a sessão, por isso, depois da sessão, Tillyard pediu a uma jovem para olhar para as costas de Mina na sala ao lado. Falando de si próprio na terceira pessoa, continuou depois: «A porta foi ligeiramente aberta; ela afirmou que havia uma enorme nódoa negra azul-avermelhada nas costas de Margery cobrindo duas vértebras.

O Dr. Crandon estava disposto a que Tillyard a examinasse, mas Tillyard disse que ficaria satisfeito por a ver a partir da ombreira da porta. A Miss [Landstrom, a "jovem" mencionada acima] drapejou

então Margery e colocou-a meio inclinada sobre uma cadeira, de costas para a porta, com a forte luz elétrica branca do teto a brilhar sobre ela. . . . Tillyard observou que estas eram as duas vértebras nas suas costas que tinham sido mais gravemente danificadas pela artrite; as suas próprias costas estavam a sentir-se imensamente melhores. . . .»23

Claro que o elemento psíquico é facilmente explicado se Tillyard tivesse mencionado as suas costas artríticas e se Margery tivesse uma nódoa negra conveniente nas suas costas previamente. Ao tirar partido da coincidência, Mina poderia criar um efeito extremamente impressionante. Devido à ausência de um exame minucioso antes da sessão, esta possibilidade não pode ser ignorada.

O que ele não considerou suficientemente foi o facto de a voz de Walter o ter acalmado, possivelmente empregando um tipo de hipnose sobre o qual Tillyard não fala tão amplamente como seria desejável, apenas dizendo que a voz apaziguadora de Walter o tinha deixado «sonolento».

“ Garland refere-se aqui ao único fenómeno físico significativo nunca produzido na sala de sessões de Lime Street: um fantasma materializado de corpo inteiro e a respirar. Tinha sido a sorte peculiar de Crookes ter vivido nesses primeiros dias do Espiritualismo, quando tais coisas eram comuns. Ver Researches in the Phenomena of Spiritualism de Crookes, Londres, 1926.

“ A Sra. Salter refere-se aqui às provas publicadas por H. Dennis Bradley no seu — And After, no qual ele delineia experiências em que Valiantine, ambicioso por recriar os fenómenos de impressões digitais de Margery, deixou impressões claras em papel que foram mais tarde identificadas como sendo do seu próprio dedo grande do pé.

“ Nota: Já em 1907, o brilhante escritor de histórias de detetives R. Austin Freeman tinha publicado o primeiro dos seus extremamente populares romances do «Dr. Thorndyke», The Red Thumb Mark, no qual um método de duplicação de impressões digitais era explicado com considerável extensão. Este método — e outros — de duplicação de impressões era bem conhecido dos peritos em impressões digitais por volta de 1926, e veremos em breve que a prova de que tal duplicação tinha ocorrido nos fenómenos de Margery é quase conclusiva.

A abordagem do entomologista à investigação psíquica é talvez mais interessante. Por que razão um homem de ciência se esquivaria de examinar as costas nuas de uma mulher, especialmente se o marido dela estivesse presente? A disposição de Crandon para exibir fotografias nuas da sua esposa a jornalistas sugeria gostos sexuais bizarras,24 tal como a propensão de Mina para falar das suas conquistas sexuais. Terá esta exibição lembrado Tillyard dos muitos rumores pitorescos sobre os Crandon que tinha ouvido?

Por mais lamentável que a técnica de Tillyard possa ter sido, o seu nome continuou a adornar a lista de crentes, e os colegas europeus não ouviram dele senão louvores sobre os incríveis poderes psíquicos de Margery, a médium.

Em dezembro de 1928, Crandon viajou sozinho para Inglaterra, onde organizou uma sessão com Gladys Osborne Leonard, a médium mental mais famosa de então. A associação com uma médium de honestidade inquestionável, cujo material de transe era profundamente verificado, daria credibilidade ao vacilante caso Margery. Crandon falou com o controlador da menina de Mrs. Leonard, Feda:

Crandon: És o fantasma mais famoso do mundo.

Feda: Sim, não é engraçado? Não sei se sou tão famosa como o Walter. Acho que o Walter é um pouco mais famoso.

Crandon: Não vamos lutar por causa disso.

Feda: O Walter não está a dizer nada; não é educado? Mas acho que o Walter e a Feda são famosos.

Crandon: Ele tira sempre o chapéu à Feda.

Feda: Sim, mas ele é muito simpático.

Crandon: A Feda tem de ter cuidado — ele é um grande engatador.

Feda: Oh — talvez ele seja interessante. Quando eu sair de dentro dela [Mrs. Leonard] vou perguntar-lhe se ele é.

Crandon: Mantém os dedos cruzados!

Feda: Está bem; vou ver isso. Talvez não queira cruzá-los. Não te esqueces do amor da Feda para a Margery. Adeus. Que Deus te abençoe.25

Entretanto, ao longo de 1929, Bird continuava a contribuir para o Journal com peças humorísticas e caprichosas como o artigo «Chips from the Workshop», no qual discutia as dificuldades dos tipógrafos,

as suas próprias preocupações e um pouco sobre o Journal.26 Depois, abruptamente, em 1930, Bird é visto apenas duas vezes: uma ao fazer a recensão da autobiografia do médium Wehner, A Curious Life, para a edição de março, e por último no seguinte anúncio no final do volume de 1930:

Atividades da Secção de Nova Iorque

A Reunião Inaugural da Sessão de outono realizou-se na segunda-feira à noite, 20 de outubro, na Hyslop House. Devido a indisposição, o Sr. J. Malcolm Bird não pôde proferir a sua palestra anunciada sobre «A Investigação Psíquica e a Sua Relação com a Ciência Organizada». O seu lugar foi, portanto, ocupado pelo Sr. Bligh Bond, que fez uma palestra sobre «Progressos Recentes na Investigação Psíquica».27

Em 1931, os primeiros números do Journal ainda listavam o seu nome como encarregado de investigação, mesmo que nenhum trabalho seu tivesse sido publicado em 1930 ou 1931. E depois, sem uma única palavra de explicação, o nome de J. Malcolm Bird desapareceu da capa do Journal.

O que aconteceu a Bird? Onde estava aquele tão aguardado segundo volume da história da sociedade sobre a mediunidade de Margery?

Durante mais de trinta e cinco anos, a especulação atribuiu o seu afastamento da sociedade a tudo, desde ciúmes pessoais à aceitação de uma oportunidade de negócio de grande promessa. Agora, com a abertura do arquivo Prince, uma riqueza de novo material veio à luz. Devido ao seu significado tanto para o próprio Bird como para Margery, citarei excertos detalhados pela primeira vez.

O primeiro documento é a única cópia existente conhecida de um documento cuja existência foi insinuada em 1933 por Prince, escrevendo na Scientific American:

«Há cerca de dois anos... ele [Bird] enviou aos seus empregadores um longo documento alegando a descoberta de um ato de fraude e reconstruindo a sua visão do caso para admitir um fator de fraude desde o início. Este documento não foi impresso e muito poucos dos crentes na Europa ou na América sabem da sua existência.»28 Nada mais se sabia dos elementos de fraude que Bird tinha detetado; mas estas seleções apresentam, tão de perto quanto

somos capazes de as reconstruir, um resumo das suas novas conclusões:

Excertos do relatório confidencial do Sr. Bird para o Conselho de Administração, maio de 1930

Da página 1 — Sendo facto que os fenómenos produzidos normalmente me impressionaram sempre como constituindo uma pequena percentagem do total, esteve dentro dos meus direitos concluir que este aspeto do caso não era de importância primária. Segue-se que, desde maio de 1924, quando concluí pela primeira vez que o caso era de mediunidade válida, as minhas observações nunca foram dirigidas em sentido amplo para a deteção de fraude, e ainda menos para a sua demonstração. À medida que prosseguia com as minhas sessões, aqui e ali fiz, por rotina, observações de que algum episódio particular era normal na sua causação. . . .

Da página 4 — Tudo o que o presente relatório visa fazer é dar a conhecer ao Conselho a data em que se baseia, na minha própria mente, a afirmação que fiz sempre que surgiu ocasião para a fazer: que os fenómenos de Margery não são cem por cento supernormais.

Da página 6 — «Uma Proposta Direta de Cumplicidade.» — Não me é agora possível afirmar positivamente se o episódio ocorreu em julho ou em agosto de 1924. . . . A ocasião foi uma das visitas de Houdini a Boston com o propósito de ter sessões. . . . Ela procurou uma entrevista privada comigo e tentou fazer-me concordar, no caso de não ocorrerem fenómenos, que eu próprio tocaria a caixa da campainha, ou produziria outra coisa qualquer que pudesse passar por atividade de Walter. . . . Esta proposta foi claramente o resultado do estado de espírito alterado de Margery. No entanto, parece-me de primordial importância, na medida em que a mostra, totalmente consciente e totalmente normal, numa situação em que pensou que poderia ter de escolher entre a fraude e uma sessão em branco; e onde esteve disposta a escolher a fraude.

Da página 7 — «Observações na Sala de Sessões Indicando Produção Normal de Fenómenos.»

Em 25 de abril de 1924: A mesa por vezes, e por vezes a plataforma das balanças, ficavam inclinadas; e tornou-se claro que o programa envolvia o deslocamento inicial dos pratos da balança desta forma, seguido pela sua manutenção em movimento através de meios

físicos. . . . Dos deslocamentos iniciais da mesa, três foram observados por mim como tendo sido produzidos pelo uso normal dos pés da Psíquica; dos deslocamentos da plataforma, um foi produzido normalmente através do uso do seu cotovelo. Considerei todos os outros deslocamentos iniciais como obtidos supernormalmente, bem como os períodos prolongados de oscilação dos pratos. Margery não estava em transe.

Da página 11 — Em dez sessões consecutivas com a presença de Carrington e Keating em julho de 1924, foram produzidas luzes psíquicas liberalmente. Uma técnica fraudulenta aqui consiste em besuntar tinta luminosa nas solas das meias. . . . Este dispositivo pode ser sempre detetado por testes inteligentemente escolhidos que forçariam um pé elevado a mover-se. Keating e Carrington relataram-me que por vezes tinham observações positivas de que esta técnica estava a ser usada; e que noutras ocasiões, quando não era, as luzes, tanto quanto podiam julgar, eram válidas.

Estas observações não são minhas e pode adequadamente objetar-se que não caem no escopo da resolução. Menciona-as porque foram feitas por investigadores responsáveis perante mim e a trabalhar para mim; e porque implicam o uso de uma fraude premeditada. Neste respeito, situam-se quase completamente sós, e eu teria uma certa simpatia por quem as rejeitasse com essa base.

Das páginas 14 e 15 — Para 26 de julho de 1925, é feita a afirmação nos Proceedings, p. 77, de que certas manipulações a decorrer no chão só teriam sido evidenciáveis na presença de um controlador de pés muito mais severo do que aquele que prevalecia. Esta minha observação corresponde à minha observação positiva de que a ação foi obtida normalmente. Além da localização e identificação positivas do pé direito da Psíquica, feitas sob a capa da minha liberdade na sala, estava confiante de que numa fase outro pé, vindo de outra direção, estava a atuar. Este teria sido o Dr. Brown, talvez a pregar uma partida e talvez a testar Walter como eu tinha feito antes. Ele não deve ser considerado um cúmplice frequente; por numerosos motivos esta hipótese pode ser descartada. Considero que a minha própria descoberta desta noite foi por sua vez observada; pois esta foi a última vez que gozei da liberdade da sala durante uma sessão.

Da página 21 — Quer através de Crandon dar a luz vermelha um pouco mais prontamente do que se teria esperado, quer através da infiltração na sala, vinda de fora, de luz suficiente para uma silhueta acidental, quer através da observação tátil da localização e da direção da extensão do membro envolvido na levitação, foi-me possível concluir com certeza que um braço ou perna da Psíquica estava a fazer o serviço de um terminal teleplásmico. . . .

O relatório de Bird causou o pandemónio nas fileiras dos crentes, apesar do acordo geral de que nenhum médium do tipo físico jamais foi considerado cem por cento genuíno. A explicação de Bird sobre esse facto elementar da investigação psíquica deveria ter fortalecido a confiança popular nas suas capacidades críticas.

Mas os responsáveis na sociedade viram que o pronunciamento de fraude por parte de Bird significava que a publicação da sociedade não tinha contado toda a verdade, mas tinha suprimido as conclusões de Prince, Hoagland, McComas e dos Rhine, e deturpado os factos que tinham sido apresentados.

Bird admitiu que num caso, nos Proceedings da ASPR, tinha escrito que os fenómenos só seriam evidenciáveis durante um melhor controlo de pés, quando na realidade queria dizer que tinha detetado um truque. Mesmo o apologista mais ardente do caso teria tido dificuldade em explicar como a implicação de uma genuinidade provável mas incerta presente nos Proceedings poderia realmente ter tido a intenção de ser um esforço honesto para relatar a investigação.

Em outras palavras, temos agora não apenas as acusações e suspeitas dos críticos de Margery, mas temos também a admissão suavemente formulada de Bird de que tinha tido a prática de contar meias verdades, o que na ciência é o mesmo que contar mentiras.

A personalidade menos afetada pela rejeição de Bird de quase metade dos fenómenos foi Walter. Informado do anúncio de Bird, apenas gracejou: «Bem, se ele admite meio fantasma, isso é tão bom como um fantasma inteiro!»29

A ASPR não podia ser tão descontraída. Era claro que a publicação deste documento — destinado originalmente a formar uma porção do segundo volume dos Proceedings da ASPR — destruiria a credibilidade da sociedade, que se mantinha de pé ou caía com a realidade objetiva da mediunidade de Margery. Quando os

responsáveis da sociedade defenderam Margery, não estavam a ser cavalheiros. Estavam envolvidos na luta desesperada para preservar a pouca confiança popular na ASPR que ainda restava.

De alguma forma tinham de manter Bird em silêncio e diminuir o seu controlo sobre a disseminação pública de informação. Foi por isso que, sob o pretexto de libertar Bird para ter mais tempo de investigação, a administração nomeou Frederick Bligh Bond para o cargo de editor do Journal.

A sociedade adiou o segundo volume dos Proceedings de Margery. Em dezembro de 1930, setecentas páginas estavam prontas para a aprovação do conselho, incluindo a análise de cem páginas sobre o problema da fraude, que tinha sofrido muitas revisões forçadas e uma reescrita completa.

Apesar dos esforços de Bird para manter as suas conclusões confidenciais — tendo aparentemente divulgado as suas novas descobertas apenas a Button e Walton —, ele recebeu a seguinte carta anónima «no início de maio»:

Meu caro Sr. Bird, hesitai em escrever-lhe esta carta e a minha única desculpa é a minha amizade pelos Crandon e o meu interesse na ASPR.

Pareceria quase que, ao jogar o jogo com os inimigos de Marjorie, jogou a favor deles. Fui informada num chá no outro dia de que um certo homem em Boston que tinha um amigo na sua Sociedade apanhou-o finalmente em falso, como ele disse. O amigo em N.Y. tinha-o mandado seguir, etc. etc., e afirma ter todos os dados da sua vida privada à sua disposição. O homem de Boston tenciona publicar isto no devido tempo, diz-me a sua filha, e através de si, eles esperam ruinar Marjorie e a ASPR.

Parece que os dados já foram entregues ao Conselho de Administração em N.Y. e eles vão confrontá-lo com isso. Eles também tencionam contar à Sra. Bird.

Conta-se a história de que o senhor está a dizer que Marjorie lhe pediu para fazer os chamados acontecimentos psíquicos e que o senhor está a trair todo o grupo com esta história. Isto também foi contado ao Conselho e eles mantêm que, se isto for verdade, o senhor tem de ir embora. O homem de Boston está apenas à espera que isto aconteça para publicar a história toda.

Claro que o senhor sabe que qualquer declaração ruinará todos os envolvidos. Ouvi Marjorie dizer a mesma coisa em tom de brincadeira, por isso talvez isso explique o assunto. No entanto, tudo isto é verdade e só lhe envio esta palavra para ser útil.

Sinceramente,
J. H.

A história das alegadas indiscrições de Bird, tal como emerge dos arquivos da ASPR, é brevemente esta: Bird, ao que parece, foi visto na companhia de uma certa «mulher imoral» não nomeada, e tinha aparecido, alegadamente bastante bêbado, com ela em Lime Street. Inútil será dizer que o elevado caráter dos Crandon não lhes permitiu admitir esta mulher na casa. Bird, nesta conjuntura, fez aparentemente algumas observações pouco caridosas sobre os gostos sexuais dos Crandon e foi perentoriamente expulso. Este incidente, como é evidente, chocou os Crandon, como Bird sem dúvida deveria ter esperado. Não só lhe foi negada nova entrada nas sessões, como os amigos dos Crandon não viram outra alternativa senão levar este episódio à atenção dos empregadores de Bird na ASPR.

Numa carta a Prince datada de 29 de julho de 1931, Bird lança a seguinte luz sobre esta acusação: «Eles [o Conselho] estão cientes de que estão a suprimir provas importantes, e só podem satisfazer as suas consciências fazendo-se acreditar que a testemunha que oferece estas provas não é digna de crédito. Não ficarei surpreso nem desgostoso com nada do que façam nesta direção, depois de terem chegado ao ponto de tentar fazer parecer que as minhas frequentes viagens a Boston eram o disfarce para uma série de amores ilícitos.»

Bird, pouco depois, completou os Proceedings e colocou-os nas mãos do Conselho de Publicações, eliminando qualquer menção à sessão de 15 de julho de 1927. Esta enorme produção de trabalho nunca foi publicada; com toda a probabilidade foi destruída, uma vez que procuras cuidadosas nos arquivos da ASPR não conseguiram revelar qualquer vestígio dela. A sua perda pode ou não ser atribuída à ausência do único indivíduo objetivo no conselho: em 22 de dezembro de 1930, o Dr. George H. Hyslop apresentou a sua demissão do conselho da Sociedade Americana de Investigação Psíquica, que o seu pai tinha fundado e em relação à qual tinha sentido uma lealdade

familiar até o caso Margery erradicar todos os elevados padrões de prova que o seu pai tinha trabalhado para estabelecer.

Bird, determinado a ver o seu trabalho publicado, ofereceu-o à BSPR. Após consulta com o seu conselho, Prince decidiu contra a publicação do documento. Embora seja evidente pelas suas cartas que ele era a favor de deixar as críticas de Bird verem a luz do dia, a maioria dos responsáveis sentiu que a melhor política era ignorar completamente o caso Margery. Nas suas sordidamente intrincadas e escandalosas complicações, o caso já era reconhecido como dominando a era mais negra na história da investigação psíquica.

Mesmo a sociedade britânica, separada como estava do envolvimento íntimo da organização de Boston, recusou-se a imprimir o documento de Bird.

Em dezembro de 1930, para surpresa de ninguém e deleite de muitos, Bird demitiu-se da sociedade. Os seus anos de feroz defesa de Mina Crandon tinham contribuído talvez mais do que qualquer outro fator para a crença pública nos seus fenómenos, mas o seu estilo de defesa degradou ultimamente a sociedade, fazendo-a passar de uma organização científica a um fórum para o assassínio de caráter de todos os que se recusavam a acreditar na grande Margery.

Após algumas breves discussões com Prince relativamente à possibilidade de apresentar o seu documento no próximo Congresso Internacional, Bird desapareceu da investigação psíquica. Em 8 de dezembro de 1932, depois de ter «passado um dia com ele», Prince observou caprichosamente a um correspondente: «Realmente, e de forma peculiar, não tenho a menor ideia do que Bird tem estado a fazer nos últimos dois anos. Não houve qualquer referência à sua ocupação durante a minha curta estadia na sua casa. A minha secretária aqui sugere que ele pode estar no "contrabando de bebidas", mas esta sugestão não deve ser tomada a sério. . . .»

Durante cinco anos fiz todas as tentativas possíveis para saber o que aconteceu a Bird, mas cada pista tornou-se um beco sem saída. Para todos os efeitos e propósitos, Bird, desiludido e amargurado, parece ter quebrado todas as ligações com o seu passado antes de se retirar para uma obscuridade misteriosa.

Como pode a sua contribuição para a história da investigação psíquica ser avaliada? Ele foi um apologista no seu melhor e um

maldizente no seu pior; era motivado por um vivo interesse na realidade dos fenómenos supernormais ao mesmo tempo que estava disposto a mentir para convencer os outros dessa realidade. Foi ele o responsável pela fama de Margery — foi até ele quem a batizou com o seu nom de séance. Que ele devesse sofrer as consequências do seu próprio programa propagandista quando ele próprio desejava discutir a fraude é de facto irónico. Mas nenhum toque de justiça mais poético poderia ter sido adicionado por qualquer escritor de ficção do que aquele proporcionado pelos factos: no dia em que conheceu Mina, ela tinha acabado de ouvir uma acusação de fraude, centrada num pedaço de fio ou num desfiado de um tapete, enquanto a desilusão final de Bird com Margery resultou da sua observação de um pedaço de fio preso à balança química.

Foi assim que James Malcolm Bird tinha começado a sua associação com a encantadora e enigmática mulher cujo efeito nele mudou a sua vida e o curso da investigação psíquica — uma associação que começou e terminou com um pedaço de cordel.

XVI
A Grande Exposição

Não há dúvida de que Bird e a sua abordagem à investigação psíquica causaram um dano imensurável a qualquer reivindicação que esta tivesse como disciplina científica. Mas, ao mesmo tempo, não era de ciência que o caso Margery precisava, era de crentes. Os crentes eram essenciais para espalhar a palavra de que Walter tinha provado a sua identidade, para dizer ao mundo que os fenómenos psíquicos eram repetidos à vontade e abundantemente verificados.

E para isto, uma abordagem científica teria sido inimiga. Dudley, por exemplo, era extremamente exigente nas suas classificações das impressões digitais de Walter, mas era inacreditavelmente laxista nos seus procedimentos de controlo de sessões. De modo que, embora houvesse uma ordem impressionante nas impressões digitais, a sua supernormalidade continuava em questão.

Entretanto, Mina estava finalmente a começar a perder a sua atração para os homens. Fotografias tiradas durante os anos trinta

mostram que estava a ganhar peso e a começar, não apenas a mostrar a sua idade, mas a parecer mais velha do que era.

De certa forma não importava, contudo: Button era extravagantemente dedicado a ela, tanto como mulher como como médium. Era um querido amigo para ela quando ela mais precisava de um, e era um advogado experiente, o que lhe permitia defender a sua honra e a sua mediunidade com um ardor impressionante. No Conselho de Administração da ASPR estavam agora incluídos Walton, Richardson, Pierson e vários outros, todos os quais eram amigos pessoais dos Crandon, e vários dos quais estavam em certa medida endividados para com a Margery pela sua crença na sobrevivência após a morte.

A sociedade apoiava Margery como o último e maior elo com um mundo invisível; tinham-se quase todos tornado, a esta altura, espiritualistas convictos, e Margery era a sua messias algo desgastada pela batalha. E para manter a excitação a esvoaçar à sua volta, sem deixar novos não crentes entrar no círculo, Margery por vezes necessitava de ajuda de meios «normais». Uma forma pela qual alargou a sua esfera foi através da assistência da Sra. Sary Litzelmann, uma amiga de longa data e ela própria uma médium cuja luz menor era frequentemente perdida ao lado da multitalentosa Mina Crandon.

Sary produzia frequentemente mensagens em espelho escritas automaticamente que serviam como uma correspondência cruzada dos pobres com algo que Walter estava a dizer através de Margery. Se estas duas senhoras não colaboravam nestes testes simples, então certamente faziam as coisas pelo caminho mais difícil sem qualquer razão clara; os testes nunca satisfariam um observador objetivo em todo o caso. Durante as sessões físicas, há alguma prova de conluio. Richardson relata que durante uma sessão (23 de setembro de 1930), detetou a mão de Sary a mover-se correspondentemente com os sons de um armário a inclinar-se e a ranger atrás da cadeira de Margery. Claro que ele acreditava que Sary estava a passar por um processo simpático em vez de causador.1

Uma investigação, que Richardson considerou «a primeira prova independente da sobrevivência das marcas individuais da personalidade num registo permanente sob condições de teste absolutas»,2 foi chamada «O Sinal Manual do Juiz». Charles Stanton

Hill foi um dos autores de Margery-Harvard-Veritas e um devoto no altar de Margery.

Era um advogado que era chamado Juiz simplesmente como um gesto de respeito. Hill morreu no dia dois de setembro de 1930, depois de ter deixado as suas próprias impressões digitais em cera com o duvidoso Capitão Fife. Se se encontrasse capaz de o fazer, tencionava deixar impressões pós-morte através de Margery. A primeira aparição incorpórea de Hill em Lime Street ocorreu a 8 de setembro, quando pancadas identificaram a sua presença.

Prometeu, assim que se habituasse ao seu novo ambiente, dar-lhes as suas impressões teleplásmicas. A 23 de setembro, realizou-se uma sessão na qual Walter apareceu, embora tivesse estado ausente de Lime Street durante quase dois meses. Algumas pancadas vieram do espírito ainda não familiarizado de Hill, e depois Walter anunciou: «Não há mais sessões esta semana.» Mas quando as luzes foram acesas, tanto Sary Litzelmann como Margery estavam em transe e incapazes de ser acordadas. Richardson descreve os acontecimentos que se seguiram:

Depois, no meio de um silêncio profundo (sem círculo), Margery levantou-se e com os olhos fortemente fechados e as mãos à frente do corpo, caminhou à volta da extremidade oeste da mesa em frente de Sherburne, e colocou as suas duas mãos nos lados da cabeça dele. Ele estava de pé, mas Margery empurrou-o para a cadeira dele. Ela rasgou então todo o papel vermelho da luz lateral, rasgou-o em duas massas e colocou uma na mão esquerda de Sary. À medida que Margery voltava para o seu assento, um dos seus pés arrastava-se como o pé do Juiz fazia após o seu ataque cardíaco. [Acendendo um fósforo, Margery queimou o papel vermelho numa mesa de vidro.] Enquanto ardia, ela ficou de pé e curvou-se sobre ele muito profundamente sete vezes usando gestos de mãos conhecidos do Sr. Litzelmann (dos seus estudos ocultos) mas não de Margery ou do resto de nós.3

Era evidente para Richardson que Mina estava «possuída» pelo espírito do Juiz Hill. E é claro para nós (se não o era antes) que os observadores já não eram investigadores psíquicos, mas meros ocultistas. Não obstante, Richardson sentiu alguma responsabilidade em conceber uma experiência para assegurar pelo menos uma

aparência científica. Este é o procedimento que ele sugeriu a Walter a 3 de novembro:

Eu traria para uma sessão dez números de calendário (devidamente marcados para identificação) em duas séries para corresponder aos dez dedos: D1, D2, D3, D4, D5 — E1, E2, E3, E4, E5. Destes dez números (devidamente baralhados) um único número seria escolhido (no escuro) e mostrado a Walter (no escuro). O Juiz deveria então produzir a impressão sugerida pelo número assim fortuitamente escolhido. [O leitor deve lembrar-se de que Walter lê no escuro sem dificuldade.]

Com tal procedimento é plano que o uso de cunhos exigiria (a) que Margery contrabandeasse para a sala de sessões dez cunhos; (b) que ela lesse o número escolhido no escuro; (c) que ela escolhesse o cunho adequado no escuro; e (d) que ela impressionasse o cunho na cera no escuro mesmo que ambas as mãos estivessem adequadamente seguras.4

Concederemos que isto parece bastante bom; a possibilidade de todas estas coisas serem efetuadas parece demasiado remota para consideração. Voltemos agora ao plano tal como funcionou na sessão real de 7 de novembro:

Círculo: Margery, Dr. Richardson, Sr. Button, Harriet Richardson, J. W. Fife (Especialista em Impressões Digitais), Patty Richardson, Sr. Dudley, Sra. Richardson, Sr. Litzelmann, Sra. Litzelmann e Dr. Crandon. Fora do círculo: R. G. Adams e B. K. Thorogood.

A sessão começou às 20h55. Transe muito profundo, intervalo entre respirações ocasionalmente tão longo como setenta segundos. Após alguma conversa preliminar, Walter pediu-me [ao Dr. Richardson] para trazer as minhas duas séries de números. Para identificação cada número estava marcado no verso pela impressão do meu polegar direito. A pedido de Walter os números, devidamente baralhados, foram colocados sobre a mesa para inspeção de Walter.

Depois de isto ter sido realizado os números foram dados ao Sr. Fife com a instrução de que os deveria contar. Isto fez ele mas só conseguiu encontrar oito tiras. Fife escolheu então das oito um único número e colocou-o sobre a mesa. Em poucos minutos Walter colocou esta tira na minha mão e eu entreguei-a ao Sr. Button que a colocou no

seu bolso. As restantes sete tiras foram dadas à custódia do Sr. Dudley. Walter pediu então água quente e o procedimento habitual foi realizado. Cera devidamente identificada por Thorogood e mais tarde por Dudley foi colocada na água quente. Em poucos momentos a impressão foi ouvida a espalhar-se na [vassoura de] água fria e foi removida por Fife. Walter disse então que Hill tinha feito a sua impressão «e agora ele vai voltar a dormir e não ouvirão falar muito dele durante algum tempo».

A sessão encerrou às 22h45. Fez-se então a procura das duas tiras em falta, e uma foi encontrada no chão sob o canto noroeste da mesa e a outra estava na cadeira de Margery.

Deve ser entendido que todo o procedimento de impressões digitais foi realizado em absoluta escuridão. Lá em baixo, sob luz brilhante, a Sra. Litzelmann escreveu algo em escrita em espelho e declarou que esta escrita designava com precisão o número na tira segurada por Button. Fife e Dudley examinaram a cera e fizeram um diagnóstico preliminar do polegar esquerdo do Juiz. . . .

Na sessão de 10 de novembro Button pela primeira vez revelou que a tira consignada a ele estava marcada E1. Litzelmann disse então que a escrita em espelho da Sra. Litzelmann também declarava que a impressão era E1.5

Este teste foi pensado pelo grupo como constituindo prova não apenas de exteriorização supernormal de energia mas também da sobrevivência do Juiz Hill. O relatório é típico dos padrões de prova aceitáveis para a Sociedade Americana de Investigação Psíquica, que estava agora lamentavelmente restrita aos crentes. É frequentemente citado como uma verificação estanque da sobrevivência do espírito. Nandor Fodor, na sua Encyclopedia of Psychic Sciences, carateriza «O Sinal Manual do Juiz» em termos apenas ligeiramente mais contidos. Vejamos quão bem a experiência escapa à possibilidade de fraude.

As impressões que Hill fez durante a sua vida estavam nos arquivos do Capitão Fife. Não nos é dito quando ele as recebeu. Foi um dia mais tarde, ou uma semana, após a morte de Hill? Teriam os Crandon tido tempo para fazer um cunho a partir destas impressões novamente, supondo que tal cunho pudesse ser feito? Sabemos o suficiente sobre o misterioso Fife para excluir a possibilidade de que

ele tenha ajudado em tal esquema? Podemos assumir que havia várias formas de Margery obter cunhos feitos de todas as impressões que Hill deixou. Em todo o caso, a falta de precauções tomadas para evitar tal probabilidade torna o relatório fraco além do ponto em que deveríamos ser exigidos a tomá-lo a sério.

Mas, na assunção de que Margery tinha realmente os cunhos, o resto do relatório combina bastante bem com a teoria de fraude. Considere-se o primeiro ponto no plano de Richardson: que Margery teria de contrabandear dez cunhos. Como o procedimento foi realmente efetuado na sessão de 7 de novembro, este não teria de ser o caso. As tiras numeradas foram primeiro apresentadas a Walter para a sua inspeção.

Quando foram depois contadas, apenas oito restavam. Richardson supõe que as outras duas tinham meramente caído ao chão, mas nós podemos supor que Walter as reteve. Tudo o que Walter teria tido de fazer era selecionar a tira que correspondia a um cunho já na posse de Margery ou de um cúmplice dentro do círculo. A outra tira em falta era pura ornamentação. Assim, quando Fife colocou a tira alvo sobre a mesa, Walter precisou apenas de substituir a tira que tinha retido, deixando cair a alvo real no chão. Claro que Fife não sabia qual tira tinha colocado sobre a mesa, e por isso não poderia ter detetado qualquer substituição dessa ordem.

Com um salpico de tinta luminosa no interior do seu roupão ou uma pequena lanterna de bolso escondida sob um pedaço de pano pesado, Margery poderia olhar através das tiras de papel e selecionar a que correspondia a um cunho. Quinze responsáveis da ASPR tinham sido enganados por um estratagema semelhante em 1927, quando McComas encenou a sua própria sessão. Que eles fossem novamente enganados não está certamente além dos limites da probabilidade.

Como poderia ela impressionar o cunho na cera quente «mesmo que ambas as suas mãos estivessem adequadamente seguras»? Mas Crandon admitia prontamente o seu hábito de abdicar do controlo da mão da sua esposa durante as sessões.

Do ponto de vista do cético, o relatório de Richardson quase descreve cada passo da fraude. Se Richardson pode ser desculpado com base em que pensava que Mina era incapaz de truques, os outros não podem ser tão levemente absolvidos. Eram tolos bem como

ingénuos, mas o seu trabalho encheu o novo Journal da ASPR para todo o mundo ler e maravilhar-se.

Outras mudanças estavam a ter lugar no Journal. Além de apresentar discussões sobre astrologia e ritos cabalísticos, estava, em 1931, a exibir uma tendência decididamente espiritista. Os artigos eram sem crítica e as análises superficiais. Muito espaço era agora dedicado a discussões entusiásticas de metafísica e religião. Durante vários meses, artigos de «William James e o Grupo da S.P.R.», sob o cabeçalho de Conhecimento Desencarnado, tinham estado a comunicar factos sobre o mundo dos espíritos. Estes documentos incríveis eram incluídos sem comentário editorial, e apenas os leitores que tinham seguido a série sabiam que os autores eram os espíritos de James, Myers e outras figuras de fama psíquica que tinham estado mortos durante anos. Houve até uma contribuição pós-morte de Charles Darwin!

Depois, em fevereiro de 1931, William H. Button foi eleito presidente da ASPR. Ele devia agora partilhar com Richardson a honra duvidosa de ser o principal cronista do trabalho de Lime Street. Dudley, entretanto, debruçava-se sobre as impressões digitais recolhidas de todos os que alguma vez tinham frequentado uma sessão de Margery, comparando-as cuidadosamente com as impressões que Walter proclamava como suas. Enquanto ocupado neste trabalho, Dudley era financiado pelo generoso Crandon, visto que «se tinha revelado que ele estava algo necessitado financeiramente».6 Artigos da sua pena enérgica eram vistos frequentemente no Journal.

Tudo isto deve ter dado a Mina a nítida sensação de que tinha a vida ganha. Ela era o centro do clique mais dedicado que jamais cercou um médium desde os dias de D. D. Home, e possuía também o favor pessoal e oficial de William Button.

Button tinha cinquenta e nove anos, era rico, bem-sucedido e uma pessoa totalmente desejável de se ter do seu lado. As suas fraquezas eram o ocultismo e a sua consequente crença na sobrevivência humana à morte corporal. Sobre ciência ele não sabia quase nada.

De acordo com um artigo no New York Times de 6 de maio de 1944, Button era um advogado de empresas admitido na ordem em 1890. Era um graduado de Middlebury e um membro ativo do Union League Club, do University Club, do Lawyers Club e da India House

em Nova Iorque; em Washington, pertencia ao Cosmos Club. Durante 1934 ganhou $41.504 pelos seus serviços jurídicos. Era casado e tinha duas filhas e um filho. A sua esposa frequentava as sessões de Lime Street e, apesar de rumores que ainda se podem ouvir, não há mprovas de que Margery se tenha interposto entre eles. Era tudo uma grande, bizarra, mas feliz família.

Foi assim que Richardson, a trabalhar no seu manuscrito em 1947, foi capaz de refletir nostalgicamente sobre esses bons dias em que «a Sociedade Americana de Investigação Psíquica, sob a liderança do seu presidente, o Sr. William H. Button, apoiou a mediunidade ao máximo».7

A qualidade da investigação psíquica de Button pode ser julgada pelo seu relatório de uma sessão a sós em 10 de março de 1931. Era uma sessão para impressões, por isso Button exerceu grande cuidado nas suas medidas de controlo: primeiro prendeu os dedos e pulsos de Margery aos braços da cadeira com fita, depois trancou a porta da sala de sessões e posicionou Richardson para impedir a entrada de um cúmplice. O inocente Button disse que «não teria pensado» nestas precauções mas Walter sugeriu-as. Button foi recompensado pelos seus esforços com outra bela impressão digital de Walter.8

Walter, entretanto, estava a explorar outras vias de expressão. Durante muitos anos tinha estado a produzir poesia através da escrita automática da sua irmã, tal como esta quadra amarga escrita após uma visita à cética Sociedade de Investigação Psíquica durante o ano de 1929:

À S.P.R.
Adeus a vós — a todos dizemos adeus,
O clarim chama — os fantasmas partem com pressa.
Não ficaremos mais dentro das vossas paredes,
Ver-vos-emos de longe — vós S.P.R.
(17 de fev. de 1930)

A dada altura Crandon mandou publicar um panfleto da poesia de Walter, mas no geral, não havia neles nada além dos esforços razoáveis da mente consciente de Mina. Um poema, contudo, destaca-se entre os outros pela sua expressão de um estado de espírito mais profundo. Foi composto a 7 de maio de 1931, aquando da morte da Mãe Stinson:9

Em Majestade a Morte Vem
Em majestade a morte vem:
Caminha só,
Vem aqui como tua amiga.
Por que chorar? Tu querias que assim fosse.
Ela sabe que sabes que não é o fim.

Como num dia perfeito:
O sol pôs-se.
Com mão graciosa dá-te paz perfeita.
Eles respondem ao seu grande chamamento:
Encontram libertação.

Ah! Majestade, adoramos no teu trono.
Seja feita a tua vontade: o poder,
Nós acreditamos.
Deus, dá-nos força
Para saber e sentir e não carpim.

Enquanto Walter se ocupava com os seus pequenos milagres, outro cisma começava a desenvolver-se dentro da já bastante dilacerada sociedade. Parece que o próprio Dudley estava a ficar desencantado. Dudley tinha tomado parte enérgica na defesa de baixo nível da honra de Margery que apareceu no Spiritualist Banner of Life após o relatório Rhine; a sua pena sem crítica era tão calorosamente apreciada que ele realmente prosseguiu a sua «investigação» sob o benéfico emprego de Crandon.

Além disso, pode dizer-se que Dudley era um homem pequeno e desalinhado cujo cabelo cinzento rebelde tinha uma forma de se eriçar em várias direções, enquanto o seu bigode cinzento caído servia apenas para acentuar a expressão baça da sua boca e a fraqueza do seu queixo.

Bird tinha-se mostrado indigno de confiança pública nas suas capacidades de observação, e Dudley entrou no seu elemento. Esta curiosa vitória desarmou de imediato um ataque e cortou muito da defesa anterior do caso.

No outono de 1929, Dudley apresentou os Crandon a um homem com o mais Pickwickiano dos nomes, Brackett K. Thorogood, o novo assistente de Dudley.

Thorogood frequentou a Chauncey Hall School em Boston e o Instituto de Tecnologia de Massachusetts. «Exerceu a sua profissão durante vinte anos», diz-nos Richardson, «e durante dez anos foi Instrutor no Departamento de Engenharia Mecânica da Escola de Pós-Graduação de Engenharia da Universidade de Harvard, da qual se demitiu para se encarregar da reabilitação e formação de ex-combatentes como Conselheiro Educacional na Franklin Union, um instituto técnico em Boston. . . . Durante mais de trinta anos o Sr. Thorogood tem prosseguido o estudo de psicologia anormal — e fenómenos psíquicos como um passatempo.»10 Em junho de 1931, Thorogood foi nomeado para o cargo especialmente criado de consultor de investigação.

O cargo deveria ter sido de Dudley. Ele tinha, afinal, estudado as impressões em maior detalhe do que qualquer outra pessoa, tinha estado lá mais tempo do que a maioria dos crentes atuais, e tinha dedicado um esforço considerável a reescrever a enorme massa de material de Bird. Mas em algum ponto do caminho Crandon tinha decidido que Dudley não servia as suas necessidades tão exatamente como Thorogood. Com brusquidão característica, Crandon tinha determinado colocar Thorogood no controlo completo das sessões de Margery.

Dudley ficou compreensivelmente picado. Começou agora a achar-se menos bem-vindo. O clímax da situação veio quando Dudley encontrou uma fechadura na sala de sessões, colocada ali por Crandon para proteger o aparelho de Thorogood. Como Dudley mais tarde se queixou, «vi-me forçado a sair».11

Talvez Crandon soubesse que Dudley estava num caminho perigoso que um dia o levaria a fazer descobertas desconfortáveis sobre Walter e o seu polegar invisível. Desde o início, Dudley tinha comparado as impressões de Walter com as de todos os participantes presentes nas sessões. O que ele pensava ter estabelecido — e o que a sociedade desejava que os outros acreditassem — era que este último facto provava a presença de «alguém» diferente na sala de sessões.

Agora Dudley começava a comparar as impressões de Walter com as de todos os participantes que tinham frequentado uma sessão em Lime Street antes da sua chegada ao cenário. Quando começou a contactar a lista de participantes de Bird para 1923-1924, achou-se menos bem-vindo do que antes.

Entretanto, Walter tinha realizado a façanha incrível de reproduzir em Lime Street as impressões digitais astrais de Sir Oliver Lodge enquanto este estava pacificamente a dormir do outro lado do Atlântico. Walter explicou que estas eram impressões do duplo etérico (ou espírito materializado) de Sir Oliver, convocado por poderes ocultos do corpo inconsciente do famoso físico. Estas experiências incríveis tiveram lugar sob os auspícios de Thorogood em 13, 14 e 15 de julho de 1931. 12

Outros problemas estavam a desenvolver-se dentro da sociedade. Em 1929, após observar a atuação de Margery numa sessão privada em Londres, Harry Price, o encarregado de investigação no estrangeiro da ASPR, escreveu a Theron Pierce, do Conselho de Administração:

É óbvio para todos os psíquicos neste país que a política da SPR Americana está a mudar rapidamente. Quando, em 1925, concordei em representar a Sociedade na Europa, senti que, sob o seu novo Encarregado de Investigação, seriam realizadas experiências de natureza científica e que os seus relatórios atrairiam a atenção da ciência oficial. . . .

Mas o que aconteceu foi isto: a Sociedade Americana de Investigação Psíquica está agora nas garras dos espiritualistas, e o domínio sufocante do grupo de Crandon — em ambos os lados do Atlântico — está lenta mas seguramente a estrangular a vida dela. . . . Se não fosse pelo seu excelente Journal . . . com os seus importantes colaboradores estrangeiros, a S.P.R. Americana não teria qualquer razão particular para continuar a sua existência. . . . Sou profundamente simpático aos princípios e à filosofia da religião espiritualista, mas a «fé» não tinha qualquer ligação com a investigação científica. . . . O meu conselho sincero e desinteressado para a S.P.R. Americana é: libertem-se do caso «Margery» antes que o desastre aconteça. . . .13

Em 1930, Price sentiu-se compelido a renunciar ao seu cargo, pelo qual nunca tinha recebido qualquer remuneração impressionante; e por volta de 1931 as suas destacadas «Notas Internacionais», que tinham abrilhantado os últimos setenta e um meses do Journal, foram terminadas.14

No lugar habitual de Price, Bligh Bond publicava agora as suas efusões editoriais e galantes afirmações de fé no material do transe subjetivo de Margery. Ele informa-nos numa edição que a «Mediunidade de Winnipeg» — iniciada no Canadá alguns meses antes — tinha conseguido abrir comunicações com Walter.15

Margery também não estava inativa. Eileen Garrett, uma talentosa médium de transe irlandesa, tinha cruzado o Atlântico para ser estudada por investigadores americanos. Margery teve uma sessão com ela em 5 de novembro de 1931. Em fevereiro de 1932, Mina teve a audácia despreocupada de submeter o seu «relatório» sobre a mediunidade da Sra. Garrett ao Journal, que de bom grado o imprimiu.

Walter, conta-nos Mina, manifestou-se em todo o seu esplendor habitual, dizendo coisas como: «Graças a Deus não canto. Bem, Miúda, tu és certamente uma velha fraude, mas eu estou metido nisto. Deixa lá, deixa-os pensar o que quiserem.»16 A ironia de Mina posar como investigadora torna-se mais divertida com a perspetiva histórica: sabemos agora que a Sra. Garrett era uma mulher excecionalmente talentosa cuja mediunidade era ricamente dotada de conhecimento supernormal genuíno e cujos dons foram submetidos ao estudo mais exigente.

Um dos seus investigadores mais cuidadosos foi o Dr. J. B. Rhine, agora do departamento de psicologia da Universidade Duke, onde já estava a analisar os dados para a realidade da perceção extrassensorial.

Em 1932, Button foi novamente eleito para a presidência da sociedade. «Aceitei este cargo,» disse aos leitores do Journal, «devido à minha convicção de que o trabalho da Sociedade é da maior importância e também porque os fenómenos com que lida são os mais fascinantes do mundo.»17

Entre os seus projetos estava um teste aparentemente muito bem feito dos poderes clarividentes de Walter. Button construiu uma caixa pesada, capaz de ser trancada e selada, dentro da qual colocou um

número de objetos conhecidos apenas por ele. Walter disse-lhe com precisão o que cada um era. Tais testes são frequentemente encontrados mesmo hoje entre médiuns questionáveis, e o seu sucesso depende de desaparafusar e depois remontar o fundo da caixa. A caixa de teste de Button não parece, em toda a justiça, suscetível a esta técnica.

A esta altura Margery estava longe de ser cuidadosa sobre as formas como obtinha os seus sucessos. Eileen Garrett contou-me em 13 de abril de 1967 vários casos em que Mina lhe ligava pelo telefone com ofertas de assistência nas sessões da Sra. Garrett. Numa ocasião, antes de uma sessão com alguns nova-iorquinos prestigiados, a Sra. Garrett recebeu uma chamada de Margery oferecendo-se para contar os segredos dos participantes, a título de cooperação profissional.

Embora a Sra. Garrett tenha rejeitado repetidamente estas propostas, Margery contava com deleite como fornecia informação através de conversas inocentes à famosa médium britânica. Os rumores quase conseguiram danificar seriamente a reputação da Sra. Garrett neste país. Apesar de tudo, a personalidade de Mina era tão cativante que a Sra. Garrett nunca conseguiu realmente ressentir-se com ela: «Ela era provavelmente a mulher mais absolutamente encantadora que jamais conheci.» Embora a opinião da Sra. Garrett fosse a de que os fenómenos de Margery neste período eram produzidos por fraude e conluio, era de algum modo difícil ressentir-se com a sua destruição leve e despreocupada do psiquismo americano.

Foi neste cenário plácido e feliz que, em março de 1932, uma revelação explodiu como uma bomba, abalando os próprios alicerces da causa.

Certa noite Dudley regressou do consultório do Dr. Frederick Caldwell, o dentista de Margery, que tinha sido o primeiro a sugerir o uso de cera dentária para as impressões digitais; ele acomodou-se para inspecionar por rotina as impressões digitais que tinha obtido durante a semana de pessoas na sua lista de participantes de 1923-1924. Foi então que viu.

Examinou ambos os conjuntos de impressões para ter a certeza, mas não havia engano. Os polegares, tanto o direito como o esquerdo, que Walter vinha anunciando como seus desde 1926, eram idênticos

em todos os respetivos aspetos aos do Dr. Caldwell! Tentando reprimir o seu espanto, Dudley contou não menos do que vinte e quatro correspondências absolutas.

No dia seguinte, foi novamente ao consultório de Caldwell e perguntou-lhe categoricamente se se lembrava de dar as suas impressões a Mina. Vendo que havia sarilhos à vista, Caldwell recusou-se a responder às perguntas de Dudley até ligar a Margery. O que ela lhe disse não se sabe, mas a cooperação de Caldwell não se concretizou.

Dudley percebeu que não precisava de qualquer admissão por parte de Caldwell; tinha provas suficientes para condenar um criminoso. Comunicou a Button o seu desejo de alterar o segundo volume dos Proceedings, que estava agora em forma de manuscrito e pronto para ser impresso. Não especificou a natureza das alterações, embora garantisse que não seriam extensas. Mas a chamada telefónica de Caldwell para Margery tinha revelado o segredo, e Button estava ciente da provável natureza da descoberta de Dudley.

Numa carta a Button datada de 18 de março de 1932, Dudley expressou o caso sucintamente:

Na minha carta de 11 de março, afirmei que tinha obtido provas adicionais em ligação com o assunto das impressões digitais que necessitariam de certas alterações textuais. Isto consiste na identificação das impressões do polegar direito e esquerdo conhecidas como «as Impressões de Walter», com as impressões digitais de uma pessoa viva, um dos primeiros participantes nas sessões de Lime Street.

Depois de estas terem sido ampliadas e analisadas, levei-as a peritos competentes que concordaram que a identificação era invulgarmente completa. . . . Duas coisas estão provadas: impressões tridimensionais de forma normal podem ser duplicadas com sucesso; e as impressões de «Walter» não são as de Walter Stinson, falecido. Portanto, as impressões de uma pessoa viva têm sido feitas desde o início das experiências.

Button expressou a sua surpresa, mas não ficou convencido, como mais tarde assegurou aos leitores do Journal: «O problema foi apresentado a "Walter" e ele ridicularizou imediatamente a ideia de que as suas impressões fossem idênticas às do Sr. X.»18

Fortalecido por isto, Button perguntou a Dudley em 21 de março: «Por que razão deveria Walter selecionar a impressão de um homem vivo para produzir durante todos estes anos?»

Dudley parece ter acreditado nesta altura que nem todas as impressões digitais produzidas por Walter eram fraudulentas. Numa carta datada de 24 de março, assegurou a Button que a supernormalidade das impressões manter-se-ia de pé ou cairia conforme as condições de controlo sob as quais foram obtidas.

De um ponto de vista estritamente científico a identificação tem muito pouca relevância sobre a questão da origem supernormal versus normal. O senhor levanta a questão de saber por que razão «Walter» selecionou as impressões de outra pessoa. Eu não sei. Isso cabe-lhe a ele. Há muitos enigmas na investigação psíquica. Este é mais um. Pode ser resolvido mais tarde; ou pode não o ser. Presentemente é apenas um facto inevitável.

Ele definiu a sua posição mais claramente numa carta no dia vinte e sete:

Caro Sr. Button,

Margery informa-me de que o senhor não está satisfeito com a minha carta do dia 24, e que quer que eu faça uma afirmação direta e positiva de que as impressões digitais são de origem supernormal.

Nunca controlei o curso destas experiências de impressões digitais, nunca ocupei a posição de controlo enquanto eram feitas, nem tive uma sessão a sós. As impressões foram feitas na escuridão, portanto, estou dependente das afirmações de outros quanto à maioria das suas ações, e estas afirmações devo aceitá-las por fé, como deve o leitor dos relatórios. Se estas afirmações forem aceites sem reservas, pareceria que um número considerável das impressões foi feito supernormalmente. Testemunhei a minha parte nestas sessões, e o meu conhecimento sobre o que outros fizeram ou não fizeram. Além disso não posso ir adequadamente. . . . Mostrei que certas impressões seriam difíceis de produzir por meios normais. Penso que ninguém afirmaria que tal produção seria impossível. . . .

Sinceramente seu,
E. E. Dudley

A fiabilidade de Margery como médium de comunicação mesmo normal era questionável, como a resposta de Button de 28 de março demonstra:

Na sua do dia 27 o senhor diz que Margery o informou de que eu estava insatisfeito com a sua carta do dia 24 e desejava que fizesse uma afirmação direta no sentido de que as impressões digitais produzidas em Lime Street são supernormais. Isto é inteiramente incorreto. Margery informou-me de que o senhor lhe tinha dito com grande extensão que, apesar da sua informação recente, era sua opinião que todas as impressões obtidas em Lime Street eram supernormais e que qualquer pessoa que não fosse tola o saberia. Disse a Margery que, se essa era a sua posição, desejava que me escrevesse isso em vez da posição não comprometida que tomou nas suas . . . cartas. . . .»

Dudley esclareceu isto no dia 31 dizendo: «Disse-lhe que era tolo, até absurdo, assumir que Caldwell tinha tido algo a ver com a feitura das impressões da sala de sessões . . . era óbvio que tal homem não tomaria parte em enganos. Ela avançou então esta proposição: Ele não fez as impressões (sala de sessões); ela sabia que não as tinha feito, portanto deviam ter sido supernormais. Isto é um raciocínio tão ilógico que pareceu não requerer comentário. . . .» Esta foi a primeira revelação de Dudley sobre o possuidor das chamadas impressões digitais de Walter.

A decisão foi tomada no sentido de adiar toda a discussão da prova das impressões digitais que já estava no segundo volume dos Proceedings. Um terceiro volume examinaria o problema exclusivamente. Dudley escreveu não obstante um artigo lidando com a prova; para clareza, concisão e lógica, foi a melhor coisa que ele alguma vez fez. Dando a Caldwell o pseudónimo Kerwin, submeteu o trabalho ao Journal e recebeu a seguinte nota, datada de 6 de julho de 1932:

Caro Senhor,

Por direção do Comitê de Investigação da A.S.P.R. informá-lo-ia de que a Sociedade não se importa de publicar o seu artigo sobre o assunto das impressões digitais Walter-Kerwin pela razão, entre

outras, de que o Comitê não está satisfeito com a identidade das impressões envolvidas conforme sustentada pelo senhor.

Compreendo que uma afirmação em referência a isso aparecerá no número de julho do Journal. Devolver-lhe-ei o artigo quando voltar a Nova Iorque.

Muito sinceramente,

Sociedade Americana de Investigação Psíquica,

Por Wm. H. Button, Pres.

Dudley não se deixou intimidar por isto. Comunicou a situação ao Dr. Walter Franklin Prince na Sociedade de Investigação Psíquica de Boston. Prince ficou estupefacto com a audácia de Button ao recusar publicar um dos estudos mais importantes de qualquer fenómeno individual de sala de sessões na história do caso. Temendo que a ASPR suprimisse este relatório como tinha suprimido os de Hoagland, Code, McComas, dos Rhine, de Bird e até a sua própria revisão, Prince decidiu patrocinar o artigo de Dudley para publicação como um Boletim da sociedade de Boston. Os membros do conselho de Boston concordaram que era ainda mais conclusivo do que o longo documento de Bird; foi portanto publicado como o Boletim da Sociedade de Investigação Psíquica de Boston, Volume 18, outubro de 1932.

Este artigo — pelo homem que se recusava até a ver a procedência da prova de fraude de Bird, que foi empregado pela sociedade com o propósito de desacreditar Bird como observador, e que era, antes desta descoberta, um dos apoiantes mais enérgicos de Margery — criou o quase-pandemónio quando foi publicado. Thorogood foi instruído pelo comitê de investigação a fazer o que pudesse para combater as acusações; entretanto, Button submeteu as ampliações das impressões ao Dr. Harold Cummins do departamento de anatomia da Universidade Tulane para obter a sua opinião.

Thorogood e Button expressaram finalmente a conclusão — expandida em The Margery Mediumship III: The "Walter" Hands de Thorogood — de que Dudley, quer por negligência quer por razões mais bem conhecidas por ele, tinha substituído as verdadeiras impressões de Walter por aquelas feitas a partir de cunhos das impressões de Caldwell. Embora isto seja uma simplificação do argumento, o relatório esteve longe de ser lisonjeiro para Dudley.

Acusou-o de nutrir ressentimentos profundos em relação aos Crandon e à sociedade por o excluírem de uma posição de controlo e intimou que Dudley procurava desacreditar o caso devido a essa ambição frustrada. Mas além disto, Thorogood tentou combater a acusação com novas provas — um método quase único para a sociedade nos anos recentes.

Analisou as primeiras luvas de parafina e descobriu que as suas impressões digitais não correspondiam às de Caldwell. Thorogood sugeriu que as luvas estavam tão incompletamente documentadas que ofereciam pouca garantia de que as impressões fossem realmente de Walter e que aquilo a que Dudley chama a impressão «padrão» de Walter fosse realmente padrão. Novas experiências foram conduzidas para obter um conjunto de impressões estabelecidas como sendo de Walter. Estas novas impressões variavam significativamente das impressões de Caldwell sob o microscópio. Tal foi a defesa de Thorogood.

Foi tudo em vão: um golpe final, desferido do outro lado do Atlântico, despedaçou todas as tentativas de desacreditar a descoberta de Dudley. A opinião solicitada a Cummins tinha chegado a tempo de ser incluída no relatório de Thorogood.

Cummins, que nada sabia da controvérsia e foi consultado apenas pela sua perícia na identificação de impressões digitais, era da opinião de que a impressão de «Walter» e a de «Kerwin» eram absolutamente idênticas.19 Talvez Button e os seus amigos não tivessem visto alternativa à publicação deste relatório adverso, porque ele foi de facto impresso. Estava rodeado, contudo, pelas críticas de Thorogood, engenheiro mecânico e psicólogo anormal amador. Ele tinha feito um estudo acelerado da ciência das impressões digitais e concluiu que Cummins estava enganado e era preconceituoso contra os fenómenos psíquicos.

Alguns meses depois de os Proceedings saírem, a Sociedade de Investigação Psíquica de Boston publicou o seu Boletim intitulado: «As Impressões Digitais "Walter"-"Kerwin"». Neste volume, Cummins analisou o ataque feito à sua competência. Não se envolveu em abusos pessoais (como os que tinham sido dirigidos contra ele), mas voltou a examinar os itens específicos de identificação. As suas

conclusões foram: (1) Os polegares direito e esquerdo de «Walter» eram idênticos aos de «Kerwin»; (2) as impressões que incluíam tanto as palmas como as impressões de «Walter» eram compósitas: os polegares eram de «Kerwin» enquanto as palmas eram de um indivíduo desconhecido; e (3) é um «processo simples» fazer cunhos precisamente adequados para a produção fraudulenta da impressão digital de qualquer sujeito.20

Nesta opinião ele foi apoiado pelo Inspetor W. T. Bell da Scotland Yard, que informou a ASPR de que cunhos das impressões digitais de uma pessoa podiam ser feitos após apenas um curto encontro. Acrescentou que acreditava que as impressões de Oliver Lodge poderiam ter sido feitas desta forma durante as visitas de Crandon a Inglaterra em 1929. Assim um teste promissor dos poderes de Walter foi desacreditado e ninguém falou muito alto das impressões de Lodge depois disso.21

Mesmo Frederick Bligh Bond ficou abalado pelo primeiro relatório de Cummins. Em 31 de dezembro de 1933, quando o trabalho de apologia de Thorogood tinha acabado de aparecer, Bond escreveu numa carta privada:

As coisas na Hyslop House estão a correr mais loucamente do que nunca e agora sou chamado como Editor a publicar um artigo do nosso presidente sobre o velho assunto «Margery» das impressões digitais, e não posso recusar fazê-lo, embora tenha vergonha de ter de patrocinar a sua aparição mesmo até este ponto. É um disparate puro — não é de modo algum um documento científico mas uma peça de argumentação tendenciosa e na minha mente muito fraca e carecendo de qualquer sentimento de sinceridade. Mas ouço dizer que o nosso Conselho está determinado a prosseguir o seu curso de «vindicar» esta mediunidade e organizou outro ano de investigação e manteve os serviços do seu homem de investigação durante todo o ano de 1934 para este propósito, fazendo dos seus honorários um primeiro encargo sobre o fundo para a nossa dotação. Entretanto os nossos recursos internos na Hyslop House estão sob tensão, os nossos salários cortados, e toda a ajuda de escritório negada. Não temos sequer um paquete para atender a porta.22

A crise final no caso Margery foi a publicação de um terceiro relatório de Cummins no início de 1935. Foi impresso pela Sociedade

de Investigação Psíquica, esse bastião de silêncio conservador durante o meio século de debate mais aquecido relativamente ao caso Margery.

Parece que Margery não tinha exercido cuidado suficiente sobre a distribuição das impressões digitais do seu irmão. Em 7, 8 e 9 de dezembro de 1929, a sala de sessões da sociedade de Londres foi usada para sessões de demonstração pelos visitantes Dr. e Sra. Crandon.

Presentes, entre outros, estavam o Dr. V. J. Woolley (então encarregado de investigação da sociedade), a Sra. Eve Brackenbury (também da sociedade), e o persistente Harry Price, que tinha insistido em que lhe fosse concedida uma sessão de Margery apesar da relutância de Crandon em permitir ao famoso caçador de fantasmas um lugar. Woolley e Price foram cada um recompensados com uma impressão digital de Walter, e foi esta indiscrição por parte de Walter que vinha agora assombrá-lo.

O Dr. Harold Cummins estava por acaso em Londres no Verão de 1934, quando se encontrou com W. H. Salter, um dos membros mais bem conhecidos da sociedade de Londres. Salter mencionou a Cummins que o secretário da sociedade tinha recentemente entrado na posse de uma chave, mantida por Woolley até à sua demissão. A chave abria uma caixa na qual Woolley tinha guardado a impressão digital do fantasma após a sessão de 7 de dezembro, cinco anos antes. Salter e Cummins estavam igualmente ansiosos por dar outra olhada a esta impressão: se se pudesse mostrar que era uma impressão de Caldwell, então não haveria dúvida de que Dudley não tinha substituído quaisquer impressões por um espírito de vingança em relação à ASPR e a Margery, e que Walter tinha, durante oito anos, estado a usar a impressão de Frederick Caldwell como sua.

Em 1 de agosto de 1934, Cummins abriu a caixa e examinou a impressão na presença da Miss Newton, de Salter e de Stanley de Brath (um crente em Margery que tinha sido convidado a trazer consigo uma impressão de Walter do British College of Psychic Science, um «laboratório» espiritualista). Além das impressões fornecidas por Woolley e de Brath, Cummins inspecionou dois polegares de Walter enviados para o efeito por Lord Charles Hope.23 Mais tarde, foi capaz de examinar três impressões pertencentes ao

Professor F. C. S. Schiller, datadas de 9, 10 e 11 de setembro de 1929. Todas estas impressões tinham estado intocadas durante cinco anos. E todas elas, inquestionavelmente, eram as impressões digitais do Dr. Frederick Caldwell de Boston.24

O grupo de Crandon nunca respondeu adequadamente a esta prova. Aqui não se tratava do caso de um investigador dizer que viu uma coisa, enquanto um defensor de Margery afirmava ter visto outra; a prova era clara e permanente, e nenhuma refutação teria sido da menor utilidade.

Poucos dias após a descoberta de Cummins, Walter Franklin Prince morreu, à idade de setenta e um anos. Ele era (se alguém neste caso incrível o era) o herói do caso Margery. Através dos seus esforços para dar a conhecer ao público factos que de outro modo poderiam ter sido suprimidos, forneceu um fórum para a crítica mais significativa do caso. Publicou também os muitos estudos positivos que culminaram em 1934 na publicação de Extra-Sensory Perception de J. B. Rhine, o livro que remodelaria o futuro da investigação psíquica.

Em pleno reconhecimento do rumo que ele manteve nesses anos histéricos, anos tão cruciais para a história da ciência psíquica, concluímos este capítulo com a estimativa de Prince sobre esta última grande exposição, escrita a Joe Rinn em 1 de fevereiro de 1934,25 «Agora, no meu entender, o caso Margery virá, com o tempo, a ser considerado o complexo de fraude mais engenhoso, persistente e fantástico na história da investigação psíquica.»

XVII
O FIM DE UMA ERA

Os últimos anos de Mina Crandon estão mal documentados. Com a morte de Prince, o último arquivo privado deixou de ser compilado, deixando apenas sombras ocasionais entre as linhas dos relatórios que continuavam a encher as páginas do Journal da ASPR.

Com Button na casa dos sessenta anos e Mina na dos quarenta, a sua amizade turbulenta tornou-se mais próxima à medida que estes últimos anos agitados passavam. Nos anos trinta Walter convocou

energias renovadas, mantendo assim Margery e os seus convictos investigadores ocupados.

Alguns dos fenómenos durante este período eram palpavelmente ridículos; outros eram tão misteriosos que muitas pessoas inteligentes continuam a sentir que um elemento da mediunidade era genuíno. A descrença, bem como a crença, é um estado de espírito no qual as emoções desempenham um grande papel; e o caso Margery foi notado pelas emoções inflamadas que despertou em ambos os lados.

Richardson, o melhor e mais verdadeiro amigo de Margery, estava envolto com o problema da sobrevivência dos seus dois filhos ao ponto de a sua sagacidade ser afetada. Ele nunca pensou por um minuto que as personalidades dos seus dois amigos justificassem qualquer consideração real de fraude.

Havia alguma justificação para o incómodo que Richardson e outros sentiam com o descrente dogmático. Muitos que escreveram com autoridade aparente sobre a falsidade da mediunidade nunca tinham tido a concessão de uma única sessão. Se a fraude não era evidenciada nos relatórios de sessões, assumia-se que a fraude ocorria sem ser notada.

Este tipo de raciocínio circular dominou muito da crítica do caso; baseava-se na assunção a priori de que acontecimentos físicos supernormais não podem ocorrer. Há pessoas vivas hoje que não conseguem falar sobre o caso durante cinco minutos sem ficarem furiosas. Temos de olhar para os fenómenos registados o mais objetivamente possível, seguindo o caminho estreito entre os fanáticos e os zelotas.

Um dos prodígios realizados por Walter foi relatado aos leitores do Journal em 1932 por Button sob o infeliz título: «Demonstração da Passagem da Matéria através da Matéria: Os Resultados do Professor Zollner Confirmados.» (Zollner foi um investigador do confessadamente fraudulento médium Henry Slade nos anos 1870. Por volta de 1932, contudo, toda a gente deveria saber que a investigação Slade-Zollner tinha sido considerada insuficiente. Vinte e cinco anos antes, Carrington tinha descartado qualquer reivindicação à crença no relatório ingénuo de Zollner.) Agora Button sentia que o muito difamado Zollner tinha sido vindicado porque Margery, também, tinha

passado matéria através da matéria usando uma caixa de invenção de Button.

Certamente uma das empresas de maior suspense que o círculo de Lime Street jamais empreendeu começou em março de 1932, mesmo enquanto Dudley examinava as suas descobertas surpreendentes relativamente ao notável polegar de Walter. Se esta experiência tivesse tido sucesso, a sociedade possuiria finalmente prova de uma ocorrência que seria autoevidentemente supernormal — um acontecimento que pela sua própria natureza não poderia ser fraudulento.

Walter anunciou uma noite que ia tentar obter impressões em cera do pé de um bebé ainda não nascido! A água quente foi devidamente colocada na sua panela ao lado da fria sobre a mesa em frente a Margery. A massa endurecida de cera Kerr foi colocada por perto, e todos deram as mãos no círculo habitual. Mina, banhada na luz vermelha irreal da sala de sessões, reclinou-se na sua cadeira e, com uma piada final, serenou-se lentamente até ao transe.

Walter veio em breve, e não muito depois, após muitas das queixas habituais sobre o calor da água e as dificuldades sob as quais trabalhava, ordenou que a luz, embora ténue, fosse apagada. Depois, na escuridão breu, ouviu-se a água a salpicar várias vezes: primeiro quando a cera foi amolecida e retirada da água quente, depois novamente quando foi endurecida na água fria. Duas impressões — indubitavelmente as impressões dos pés de um bebé — foram obtidas. E Walter informou adicionalmente o círculo de que os nomes dos pais destes bebés ainda não nascidos seriam fornecidos.

Em mensagens de transe posteriores, os nomes foram recebidos e todo o mundo interessado permaneceu em suspense até que as crianças nascessem. O suspense, dificilmente será necessário acrescentar, era partilhado por Margery. Ela estava de facto num bom sarilho agora: as impressões tinham de ser genuínas. Não havia forma de ela organizar o resultado desta pequena aventura meramente sendo simpática para com os seus amigos no comitê de investigação da ASPR. A Sra. Garrett contou-me que recebeu uma chamada telefónica de Mina nesta conjuntura, a pedir conselho.

No final de 1932, os leitores do Journal ficaram desapontados ao ler que os pais de uma das crianças se recusaram a cooperar com as

sérias investigações científicas da sociedade e que a impressão do outro bebé era demasiado pouco clara para permitir uma identificação positiva, eliminando o teste mais empolgante de Walter do catálogo de sucessos dos crentes.1

Anos mais tarde, alguém fez a sugestão macabra de que estas impressões eram na realidade as de pés de bebés, desmembrados por Crandon a partir dos muitos corpos fetais disponíveis para qualquer cirurgião ligado a um grande hospital. A sugestão não se aplicava especificamente a este episódio, mas de outro modo temos de dar conta do aparecimento de duas impressões de pele fetal feitas em cera na sala de sessões de Margery; a possibilidade de o médico «poder esgueirar tais coisas para fora do hospital» não era algo a ser descurado.2

Apesar deste escândalo e do anúncio quase simultâneo da descoberta de E. E. Dudley, o círculo de crentes de Margery manteve-se firme e defendeu-a contra todos os ataques. Um dos seus admiradores era o poeta irlandês William Butler Yeats, que estava a dar palestras na América nesta altura. Crandon foi o médico de Yeats em Boston durante as suas frequentes visitas, e a amizade deles parece ter sido bastante próxima.

O trabalho do falecido Joseph Hone, W. B. Yeats, 1865-1939, é típico da crença prevalecente entre os estudantes da vida de Yeats. Falando do crescente envolvimento do poeta com a investigação psíquica, Hone escreveu: «Este movimento da sua imaginação foi encorajado grandemente por um encontro, enquanto ele estava em Boston em 1911, com uma médium americana muito notável, a esposa de um médico chamado Crandon» (p. 281).

Mas Yeats conheceu Margery em 1932, altura em que lhe foi oferecida uma exibição de energia psíquica que foi mais uma vez tirada de um modelo do Professor Zollner. Margery (com a ajuda de Walter, claro) começou a sessão com dois anéis de madeira inteiros sobre a mesa, e terminou a conversa da noite com o seu alegre irmão exibindo os dois anéis entrelaçados mas ainda inteiros e sem quebra!

Crandon pensou que dois destes anéis entrelaçados deveriam ser enviados a Sir Oliver Lodge para verificação independente. Ora, era bem sabido que tais anéis podiam ser feitos esculpindo-os a partir do mesmo pedaço de madeira, mas se os anéis fossem feitos de pedaços

de madeira diferentes, não havia forma de os ligar sem os partir. Sir Oliver recebeu devidamente a sua encomenda dos Crandon, abriu-a, e ficou consternado ao descobrir que um dos anéis tinha sido rachado e partido, presumivelmente em trânsito. Os restos eram feitos de madeiras diferentes, tal como Walter prometera. Mais uma vez o destino privou-nos do que poderia ter sido uma demonstração impressionante de poder psíquico.

O manuscrito de Richardson fala de sessões dadas a um não nomeado «homem de letras» europeu recomendado aos Crandon por Sir Oliver, mas não as fixa no tempo. Ocorreram provavelmente nos anos trinta, quando Mina começava a cansar-se do seu extenuante passatempo. Este visitante europeu tinha tido um efeito infeliz nos espíritos de Margery; a sua depressão só pôde ser aliviada pela sua partida. O visitante retirou-se com pesar, pedindo desculpa pela situação embaraçosa.

Pouco depois, uma personalidade chamando-se a si própria Lila Lee tomou posse das funções motoras de Mina. Os participantes estupefactos souberam então que Lila Lee era o amor falecido do convidado europeu, e que ela tinha cometido suicídio atirando-se de um autocarro. Ela alarmou agora o círculo prometendo fazer o mesmo a Mina. O resto é contado pelas próprias palavras de Richardson:

Estávamos a tentar de todas as formas acalmar este «espírito» perturbado quando, de repente, Margery se levantou, e antes que a pudéssemos impedir, correu pelo corredor fora e subiu um escadote para o telhado da casa. Foi seguida de perto pela Sra. Richardson, que a encontrou junto ao parapeito a quatro andares acima da rua. A sua atitude era de desafio. Disse: «Como se atreve a vir aqui acima?» Na presença do desastre iminente a Sra. Richardson teve um impulso de repetir o Pai Nosso. Imediatamente Margery descontraiu, e voltou para a sala de sessões sem hesitação.3

Após esta experiência desgastante e dramática, Lila Lee desapareceu para sempre de Lime Street, mas o significado da sua breve aparição não pode ser descurado: as pressões constantes sob as quais Mina tinha vivido durante dez anos não deixavam de ter os seus efeitos na sua personalidade.

Em 1933 Brackett Thorogood publicou uma modesta apologia de Margery e do estilo de investigação psíquica da ASPR, fornecendo o

único estudo experimental claro do caso que nunca foi explicado. Foi conduzido para testar a independência da voz de Walter em relação à de Mina.

Primeiro, Thorogood colocou um microfone numa caixa à prova de som e trancou e selou a tampa. Depois passou o cabo do microfone pelo andar de baixo até à sala de estar, onde um altifalante foi instalado. Regressando ao quarto andar, Thorogood sentou-se com Mina e verificou o facto de o microfone não levar a sua voz até às testemunhas que tinha posicionado na sala de estar. Colocando Margery sob controlo estrito, Thorogood apagou as luzes e a sessão começou. No final da sessão, os observadores na sala de estar relataram ter ouvido a voz característica de Walter distintamente. Não tinha sido ouvida de todo na sala de sessões. Thorogood concluiu que a caixa de voz ectoplásmica de Walter se tinha materializado dentro do recipiente trancado.

Qualquer que fosse a força que este fenómeno intrigante dava ao caso, era em medida considerável diminuída por várias fotografias no mesmo volume. Catalogadas como Figuras 74, 75, 79 e 79A, estas notáveis fotografias com flash das mãos de Walter fornecem prova quase conclusiva de fraude por conluio. A Figura 74 é um pormenor da Figura 75, e ambas mostram uma mão esquerda masculina perfeitamente normal a estender-se a partir das cortinas do gabinete logo atrás da orelha direita de Margery. A mão está a segurar uma pequena mesa, e, ao contrário de materializações anteriores, parece desligada do corpo da médium. Não tem qualquer semelhança com os apêndices disformes e em forma de garra habitualmente reivindicados por Walter, mas parece ser uma mão normal, com dedos e unhas normais, e a quantidade de pelo habitualmente encontrada em antebraços masculinos.

Em suma, a alegação de Thorogood de que este é um apêndice supernormal deve ser encarada com a devida reserva. A legenda sob a Figura 75 diz: «Isto mostra o autor a segurar as mãos da médium. Os pés dela estão no chão e não estão obviamente a ser usados para produzir este braço esquerdo. Pode naturalmente alegar-se que alguém estava atrás da cortina, mas apenas Adams, que estava na câmara, "Margery" e o autor estavam presentes na sala de sessões trancada e revistada. Esta fotografia foi tirada a 13 de nov. de 1931.» Esta

fotografia, apesar das alegações de Thorogood, fornece prova inescapável de um cúmplice na sala de sessões nesta ocasião.

Outros fenómenos que ocupavam a mente de Margery eram de menor interesse. Em 1932 um farmacêutico chamado Minthorn enviou pelo correio um bloco de gesso com vários objetos embutidos nele para Walter discernir clarividentemente. O gesso aparentemente não estava marcado para evitar a substituição. No final de 1934, Walter nomeou o seu conteúdo.4

Os céticos sugeriram que a tarefa de Walter teria sido mais fácil se houvesse máquinas de raios X no mundo dos espíritos — mas talvez ele pudesse usar a do consultório de Crandon. Crandon afirmou que Walter tinha extraído um frasco de químico do bloco de gesso sem o partir. O bloco não marcado foi depois enviado pelo correio a Minthorn juntamente com o frasco e uma lista de itens que Walter disse estarem embutidos no bloco. Após dois anos, a sua memória poderia ter falhado, e ele poderia ter sido enganado por uma duplicata feita a partir de um molde do primeiro bloco no qual os objetos tinham sido embutidos nas posições originais conforme verificado por uma fotografia de raios X. Mas Minthorn estava satisfeito; ele estava a tentar impressionar um grupo de espiritualistas na sua cidade e sentia a certeza de que este teste faria o efeito. A «experiência» era muito fraca mas os crentes ficaram bastante impressionados.

A última grande rutura nas fileiras da ASPR resultou do descontentamento do zeloso Frederick Bligh Bond. Em maio de 1935, Bond permitiu que surgisse um editorial declarando a sua posição agora adversa, seguido por um resumo das descobertas de Cummins. A declaração foi publicada sem a revisão habitual do Comitê de Publicações.

Em conformidade com um pedido influentemente assinado por parte de Membros Votantes da A.S.P.R., o Editor nesta edição apresenta um resumo do Relatório do Professor Harold Cummins sobre as impressões em cera dos polegares de «Walter» que têm estado na posse de vários investigadores psíquicos ingleses desde a data da sua produção original. Como estas impressões em cera foram em cada caso diretamente apresentadas às pessoas que as detêm, como participantes nas sessões, e desde então permaneceram na sua custódia

pessoal, segue-se que não pode haver qualquer sugestão possível de que tenham sido adulteradas ou falsificadas por substituição.

Observar-se-á que o Relatório em questão, que aparece nos Proceedings de abril da Sociedade de Investigação Psíquica (Londres) (Parte 139. Vol xliii.), afirma de uma forma conclusiva a identidade das alegadas impressões de «Walter», especificamente em todos estes oito casos, com as impressões digitais do Dr. «Kerwin» vivo. As descobertas do Professor Cummins, um dermatologista qualificado, serão geralmente aceites como finais, e sentir-se-á alívio com a terminação de uma controvérsia tediosa e dolorosa que não só tem testado a paciência dos críticos durante um longo tempo passado, mas tem feito dano à causa da investigação psíquica e prejuízo à reputação da própria mediunidade que foi concebida para defender.

As descobertas do Professor Cummins dizem respeito puramente à questão dos espécimes submetidos a ele para estudo comparativo sem qualquer referência a uma origem em sessão. A questão portanto da sua alegação a uma natureza supernormal não se levanta. Os factos que lhe é pedido que verifique são simplesmente se dois conjuntos de espécimes submetidos são, ou não, de origem idêntica. Assim ele permanece inteiramente fora da área de controvérsia, como um juiz desapaixonado das provas submetidas.

As suas conclusões, contudo, trazem à luz do dia o infeliz erro que levou os escritores no Vol. xxii dos Proceedings da Sociedade Americana de Investigação Psíquica (1933) a atribuir a responsabilidade por certas substituições, confusões ou falsificações de provas ao Sr. E. E. Dudley, o encarregado de investigação que esteve no comando dos procedimentos de sessão em Boston quando as impressões em cera foram obtidas pela primeira vez (julho de 1926) e durante um longo tempo depois.

O Sr. Dudley fica completamente vindicado pelo Relatório, e é no entanto justo que o Journal da A.S.P.R., como seu órgão representativo, declare isto de forma não incerta, e sem hesitação ou atraso. Resta apenas expressar a esperança de que a clarificação final de uma questão vexada que tem perturbado todo o mundo da Investigação Psíquica possa abrir caminho para um desenvolvimento adicional do trabalho construtivo da Sociedade Americana.5

A imaginação de Button pode ser calculada quando os seus olhos caíram sobre estas palavras. Ele em breve recebeu e fez várias chamadas telefónicas confusas mas enérgicas, e realizou uma conferência do comitê de investigação para determinar um curso de ação. Em poucos dias, um suplemento do Journal de maio, escrito por Button, foi enviado a todos os membros da sociedade. O assunto atingiu uma fase tão aquecida que toda a questão explodiu na primeira página do New York Times em 13 de maio de 1935:

PSIQUISTAS EM ZANGA POR CAUSA DE «IMPRESSÕES DE ESPÍRITOS»

Sociedade Demite Editor por Questionar
Genuinidade dos Fenómenos do Caso Walter
ADMINISTRADORES APOIAM MÉDIUM
Líderes do Grupo Americano Emitem Pedido de Desculpas
por «Conspiração»“ — Ação Legal É Insinuada

A controvérsia sobre a autenticidade dos contactos de espíritos reivindicados por Margery, famosa médium de Boston, atingiu ontem uma fase mais amarga do que nunca quando os administradores da Sociedade Americana de Investigação Psíquica repudiaram uma declaração na edição de maio do seu jornal que pretendia indicar que a organização tinha mudado de ideias e agora condenava Margery.

Os administradores anunciaram que tinham demitido o Rev. Frederick Bligh Bond” como editor do jornal e como empregado. O Sr. Bond recebeu a notícia com calma. Disse que tinha esperado algo do género e intimou o possível recurso à «autoridade externa».

Uma declaração dos administradores deve ser impressa hoje como um suplemento especial à edição de maio do jornal. Foi composta por William H. Button, um advogado e presidente da sociedade, e por Daniel Day Walton, vice-presidente e conselheiro da organização. Ambos disseram que a sociedade, através dos seus administradores, ainda sustentava que os fenómenos atribuídos a Margery tinham sido provados definitivamente como tendo sido «sobrenaturais». . . .

A declaração dos administradores «pedia desculpas» e dizia que a sociedade, os seus membros e o público «tinham sido vitimizados por uma conspiração para obter uma publicação fraudulenta das opiniões

da sociedade». Foi declarado que, contrariamente às ordens sobre todos os assuntos pertencentes à controvérsia de Margery,

"Bond foi ordenado, de acordo com a investigação do Professor Kenawell, como «O Reverendíssimo Monsenhor Bond, Vigário-Geral da Igreja Católica Antiga na América» por volta de 1932. Isto era, claro, uma mera seita e não estava de forma alguma ligada à Igreja de Roma.

o editor tinha falhado em submeter a cópia ao comitê executivo dos administradores e que a edição de maio tinha sido apressada com os dirigentes e administradores sem conhecimento do seu conteúdo.

Ao anunciar a demissão do Sr. Bond os administradores disseram que, além disso, «outras vias de reparação para a sociedade estão a ser consideradas».

O Sr. Bond escreveu ao Sr. Button na quarta-feira passada [8 de maio] recordando que lhe tinha dado aviso de uma publicação iminente em Londres que prejudicaria a organização e que tinha procurado autoridade para «prevenir isto por uma publicação nossa que protegeria os interesses legítimos por um desmentido franco dos elementos não científicos e incompetentes na investigação». Continuou dizendo que tinha agora publicado o que previamente tinha aconselhado.

«Fiz isto como um dever moral e sem olhar a quaisquer consequências pessoais,» acrescentou. «Não me proponho entrar em qualquer argumento em defesa da minha posição. Não me proponho renunciar ao meu cargo de editor. Está aberto para si, como presidente, ou endossar a minha ação ou usar tais poderes de prerrogativa que possa possuir para me demitir se puder encontrar fundamentos legais.»

O Sr. Bond anexou uma cópia de uma carta de sete membros da sociedade instando o jornal a publicar um resumo dos factos das «alegadas impressões digitais de Walter». Esta carta dizia que o relatório Cummins constituía «uma acusação dos métodos e competência da investigação» conduzida pelo comitê da sociedade.

Antes de receber a notícia da sua demissão o Sr. Bond disse na sua casa no número 39A de Gramercy Park North que a política dos administradores era governada por um grupo «mais ou menos

empenhado no apoio de um interesse particular, nomeadamente, a mediunidade da Sra. Crandon e a defesa do seu caráter supernormal».

Em 14 de maio o mesmo jornal acrescentou estes pormenores:

Quando o Sr. Bond chegou ao seu escritório no número 15 da Avenida Lexington ontem, foi recebido por Thomas H. Pierson, um administrador e secretário da sociedade, que lhe entregou uma carta de demissão. Enquanto o Sr. Bond encaixotava os seus pertences, os homens envolveram-se numa troca acesa de palavras.

«Fui despedido, é bem verdade,» disse o Sr. Bond ontem à noite, «mas a luta começou e virá agora a público. Mantenho a minha posição.

A impressão digital de Margery foi um truque.»

William H. Button, presidente da sociedade, mantém que a médium de Boston deu provas abundantes de ter poderes supernormais. É apoiado por um número de administradores. A controvérsia sobre as impressões, que se desenvolveu há alguns anos, atingiu uma fase em que a organização de mais de 800 membros está ameaçada de cisão como resultado do artigo escrito pelo Sr. Bond.

A agitação foi contudo acalmada, e Bond partiu pacificamente, deixando Arthur Goadby, um antigo crente que agora apoiava Dudley, para ler o seguinte na reunião anual da sociedade em janeiro:

Como tem sido alegado que ao publicar sob a minha própria responsabilidade como Editor, uma reimpressão do Relatório do Dr. Harold Cummins sobre as Impressões Digitais «Walter»-Kerwin eu tinha agido deslealmente para com o Conselho de Administração, desejo afirmar que a minha lealdade era para com a Fundação do Dr. Hyslop e os seus propósitos, e que eu tinha deixado de reconhecer [que] um grupo de pessoas que tinham usurpado o controlo da Fundação e da sua dotação e tinham enchido o Conselho com os seus próprios nomeados e para os seus próprios propósitos, de qualquer forma representasse a intenção original do Fundador.

Considerei a política e os métodos deles como sendo de várias formas desonestos e sabia que eles tinham durante algum tempo passado suprimido sistematicamente a verdade quanto às provas no caso.

A demissão do Sr. J. M. Bird em 1929-30 foi um aviso para eles de que eles iriam, se eu não me submetesse à sua política e direção,

estudar para descobrir «causa» para a minha demissão, e que se eu lhes permitisse fazer isto, teria servido muito mal a causa da ciência e da verdade.

Em três ocasiões separadas foram feitas tentativas pelo Sr. W. H. Button e pela Sra. Crandon e por ambos juntos, para me lisonjear ou persuadir a uma participação ativa na defesa da mediunidade de Margery. A estas sugestões fui apenas capaz de dar a garantia de que veria o jogo limpo. A minha oferta de uma investigação independente sobre a mediunidade foi recusada e a proposta para um comitê independente repudiada.

Convidei o Sr. Button a permitir que o Journal publicasse as descobertas do Dr. Cummins antes da SPR inglesa, e assim salvar a reputação da Sociedade Americana; mas ele esteve surdo à oferta. Considero portanto que tomei o único curso certo e equitativo na defesa da Investigação Psíquica contra uma política não ética e degenerada que deveria ser repudiada por todas as pessoas de pensamento reto.

Confio que o atual conselho se aperceberá de que a sua conduta neste caso destruiu a reputação da ASPR como um corpo científico sério e que eles verão a necessidade de demissão.6

O alvoroço que se poderia ter esperado falhou em ocorrer, e as coisas continuaram a rolar colina abaixo. O ano de 1936 passou em relativa calma; 1937 trouxe a reforma de Crandon da prática médica ativa.

Em junho de 1937 Mina estava muito mais pesada e parecia mais velha do que era. Mas a Sra. Virginia Pierson, a única testemunha que publicou um relato de uma sessão de Margery durante este tempo, escreveu: «A impressão que recebemos em geral foi a de que as manifestações são em muitos aspetos mais fortes e mais marcantes do que nunca. A voz de "Walter" é mais profunda e mais vibrante e a condição de transe atinge-se rápida e facilmente exceto quando, como ocasionalmente acontece, nenhum transe parece possível e decorre uma sessão em branco. Mesmo sob esta condição desapontante a voz de "Walter" usualmente fala.»7

Durante oito sessões nesse Verão, a Sra. Pierson observou muitos dos fenómenos habituais e uma inovação interessante: «Sobre a mesa tinha sido colocado um prato de vegetais de porcelana com cerca de

oito polegadas de comprimento por seis polegadas de largura e nele foram colocadas quatro bolas de borracha vermelha maciça listadas com largas bandas de tinta luminosa.» No escuro, as bolas podiam ser observadas a rodar dentro deste prato enquanto Margery estava sob controlo tátil.8

Com a publicação em 1937 do primeiro volume do Journal of Parapsychology, uma nova era da investigação psíquica começou. Publicado pela Universidade Duke, o Journal of Parapsychology consistia em relatórios cuidadosos e bem ordenados de estudos experimentais conduzidos por J. B. Rhine e outros na equipa do departamento de psicologia de Duke. Eram sem paralelo pelo seu sucesso bem como pelo cuidado demonstrado por psicólogos e estatísticos profissionais.

Os métodos que Rhine e os seus colaboradores usaram são agora bem conhecidos: pedia-se aos sujeitos para adivinharem a ordem de baralhos de cartas previamente baralhados e estas respostas eram comparadas com a pontuação provável a ser esperada apenas por acaso. Tão simples como parece, os resultados foram tão dramáticos como quaisquer obtidos na sala de sessões obscurecida, e consideravelmente mais científicos. Com as condições perfeitamente suscetíveis a salvaguardas contra a fraude, estas experiências forneceram provas a favor da perceção extrassensorial mais significativas do que todos os anos passados em salões obscurecidos e salas de sessões de médiuns profissionais.

Gradualmente, ao longo de um período de anos, as notáveis descobertas publicadas no Journal of Parapsychology trouxeram a reputação da investigação psíquica a novos pontos altos. A ASPR saudou estes importantes estudos com apenas moderado entusiasmo. A memória da discussão de 1927 com Rhine ainda estava fresca. Não conviria conceder demasiado respeito a quem tinha decidido contra Margery de uma forma tão decisiva.

Margery foi, pois, incitada a reavivar os seus velhos testes de leitura de cartas. Desta vez ela atuou com uma nova reviravolta: adivinhou a ordem das cartas num baralho comum de jogar segurado por Fred Adler sentado a dez pés de distância.9 Sete desses testes foram registados em dezembro de 1937, com Button presente,

esforçando as suas faculdades críticas num esforço para eliminar a fraude.

Ele negligenciou separar Adler (um dos amigos mais antigos de Mina) dela nem que fosse por uma cortina, falhando assim em afastar um código visual pelo qual Adler pudesse sinalizar Margery. Com estes «testes» (e outros feitos no mês de maio anterior nos quais Sary Litzelmann tinha identificado corretamente 46 de 52 cartas de jogar10) a sociedade sentia-se confiante em falar do alto para os resultados menos dramáticos de Rhine, todos eles obtidos sob controladores mais cuidadosos do que alguma vez foram vistos em Lime Street.

O bluff deve ter funcionado; quase todas as edições do Journal, a esta altura uma mistura geral de caprichos ocultos, continham um artigo sobre as «experiências» de Margery em transferência de pensamento. Um desses testes no qual Margery pontuou cem por cento encontrou o seu caminho para a revista Time em 1938; o artigo intimava que as descobertas de Rhine eram de algum modo mais suspeitas do que as de Button.

Dois dias depois do Natal, em 1939, Le Roi Goddard Crandon morreu na sua cama após uma longa doença, «induzida,» diz-nos Richardson, «por um grave acidente [cair por um lance de escadas] e . . . suportada por ele com coragem sem queixas.»11 Com ele morreram muitos dos segredos da mediunidade e todos os segredos que a propagaram em face de uma adversidade quase contínua. Aquele rosto sombrio, misterioso, intelectual — sob o qual ardiam os fogos do fanatismo — tinha dominado e dirigido a mediunidade desde o seu próprio início. Agora esse rosto estava imóvel; agora todas as suas perguntas iam ser respondidas.

A vida de Mina após a morte do seu marido tornou-se cada vez mais desordenada. Em breve se tornou aparente para os seus amigos que ela se estava a tornar uma alcoólica.

Já em 1927, ela se tinha queixado de que Prince estava a tentar difamá-la dizendo a amigos que ela bebia. Prince tinha registado este rumor na lista de acusações sem fundamento dirigidas a ele e à BSPR pelos defensores de Crandon (documento sem data, c. 1927, no arquivo Prince). Estaria o rumor destinado a angariar as simpatias de observadores não comprometidos ou a encobrir a sua propensão real

para o álcool? O álcool podia ser obtido de forma bastante fácil durante a Lei Seca, e com a ratificação da Vigésima Primeira Emenda em 1933 tornou-se lugar-comum. Certamente ela tinha razões amplas para beber excessivamente.

Com hordas de admiradores a implorar por provas físicas para fortificar uma fé que de outro modo não podiam manter; com toneladas de papel gastas numa controvérsia vitriólica, na qual os segredos mais íntimos de Mina estavam sujeitos à especulação popular; com defensor após defensor a cair das fileiras e a juntar-se à oposição; e com as suas próprias energias drenadas pela necessidade constante de fenómenos sem paralelo, não é de admirar que ela se tenha voltado para o álcool. Sem ninguém em quem confiar, ninguém a quem se confessar, Mina começou, muito subitamente, a envelhecer.

Um dos nossos últimos vislumbres de Margery vem de um artigo bonito e sensível de Francis Russell numa edição de 1959 da Horizon. A única sessão de Russell com Margery ocorreu em 1940, numa noite de outono tempestuosa. De pé no alpendre com os ombros curvados contra o pé-d'água, o pequeno grupo esperou enquanto um deles tocava a campainha. A própria Margery veio à porta e convidou-os a entrar.

A luz do corredor iluminava os seus traços. Pouco restava da mulher encantadora e delicada que, dezasseis anos antes, tinha rido feliz com o regresso do seu irmão favorito na meia-luz misteriosa da sala de sessões. «Ela era,» observou Russell, «uma mulherzinha atarracada, vestida em demasia, afável, contudo com uma ténue e elusiva brejeirice sobre si que se percebia assim que ela falava.»12

Richardson estava encarregado dos procedimentos. O objetivo da sessão nessa noite era obter impressões em cera dos dedos espirituais de Crandon. Enquanto Margery se serenava para o transe, Russell ficou alarmado ao ouvir a respiração dela aprofundar-se num «gemido estertoroso». Acrescentou: «Apenas uma vez antes tinha ouvido tais sons — quando passei por um quarto de hospital onde um homem estava a morrer.»13

Walter assobiou estridentemente no escuro e depois falou. Era «uma voz de homem a falar muito depressa». Russell localizou a voz «vários pés acima da cabeça de Margery».14 Após distribuir alguns golpes satíricos aos participantes, Walter relatou notícias

desapontantes. Roy ainda não estava pronto para aparecer com uma impressão digital e todos deviam ter paciência.

Com mais algumas observações brincalhonas, Walter partiu. As luzes foram acesas. Russell não tinha visto nenhum dos fenómenos espetaculares que tinham capturado a atenção pública uma década antes. Apenas a voz de Walter se tinha manifestado, e essa, sentiu Russell, era marcantemente parecida com a de Margery, apenas «afinada noutro tom».15

Depois, Margery sorriu para nós de uma forma indolente e bem-humorada, esticando os seus braços gordinhos e bocejando. Enquanto saíamos ela apertou a mão de cada um de nós no topo do patamar. «Têm de vir todos tomar chá no próximo domingo,» disse ela. «Tenho a sensação de que vai ser importante. Todos vocês, no próximo domingo — mas não antes das cinco horas. Tenho de ir ver o túmulo do Roy mais cedo.» Ela deu uma risadinha. «Os jardineiros paisagistas fizeram uma embrulhada terrível, plantaram hortênsias. O Roy odeia hortênsias. Agora não se esqueçam — próximo domingo às cinco.»16

Mesmo Richardson se incompatibilizou com Margery no final da vida dela, como resultado de «uma ação minha que ela, equivocadamente, considerou como "deserção" por parte de um dos seus amigos mais antigos.»17 Esta vaga alusão foi tornada mais clara pela filha de Richardson, que sugeriu que a incompatibilização pode ter ocorrido quando o seu pai expressou a sua preocupação pela saúde de Mina e a sua desaprovação da sua dependência crescente em relação ao álcool.

De facto, o Dr. Nandor Fodor, o não ortodoxo psicanalista húngaro que permaneceu amigo de Mina através destes tempos difíceis, observou sobre este facto curioso:

Os médiuns físicos, no curso dos anos, encontram-se tão drenados de energias vitais que quase invariavelmente se tornam alcoólicos crónicos ou toxicodependentes. Nem mesmo Stainton Moses, cuja honestidade e probidade nunca foram questionadas, escapou a este destino. Margery bebeu até à morte. Fui a muitas das suas sessões alcoólicas com W. H. Button e achei-as lamentáveis.18

Em 1 de novembro de 1941, Mina Stinson Crandon morreu durante o sono de complicações do seu alcoolismo crónico; tinha cinquenta e quatro anos.

Morreu sem se reconciliar com Richardson, que disse dos seus últimos anos: «Infeliz e desiludida quanto ao valor do trabalho da sua vida, foi perseguida primeiro pela longa doença do Dr. Crandon e depois pela sua própria. . . . Mas Margery estava errada. A sua fama espalhou-se a todos os cantos da terra, e os factos, espantosos na sua natureza trazidos à luz através dela e de Walter, estão destinados a ter uma influência que fará época sobre o pensamento físico e espiritual do futuro.»19

Alguns anos mais tarde, o bom e velho médico fez a sua paz com Margery, que o instou a escrever o seu livro. Pois, escreveu ele, «Desde a "passagem" de Margery tenho estado no que considero o contacto mais comprovativo com ela através da Sra. B——, uma amiga de anos recentes . . . que possui um marcado poder psíquico subjetivo. . . . A única e característica injunção de Margery é para fazer isto "num ápice".»20

Ele completou o seu livro pouco antes da sua própria morte. Nas páginas de encerramento deixou-nos com a esperança comovente que fundamentava a sua filosofia: «Não podemos acreditar,» escreveu ele, «que, neste universo de lei e ordem, a mediunidade de Margery tenha ocorrido sem um propósito distinto.»21

A morte de Margery libertou a investigação psíquica na América de um domínio sufocante. Foi seguida pela reforma de William H. Button, que morreu três anos mais tarde, e pelo regresso de George H. Hyslop à posição de liderança da sociedade americana. Serviu como presidente da sociedade de 1941 até 1962, reavivando estudos psíquicos sérios a partir do torpor amadorístico em que tinham esmorecido durante os anos dominados pela metodologia ingénua e conclusões fantasiosas dos crentes em Margery.

Estes homens e mulheres eram, no principal, advogados, homens de negócios, médicos e os seus cônjuges; eles garantiam fenómenos que, se verdadeiros, alterariam as conceções básicas da ciência, e faziam-no como se estas coisas fossem factos que apenas o fanatismo e o preconceito da ciência estabelecida mantinham afastados do reconhecimento geral. Ter tido todo aquele jorro de energia supernormal tão de forma canhestra estudado parece uma perspetiva a não ser suportada com alegria.

Havia algumas coisas, contudo, que pareciam — e ainda parecem — inexplicáveis. Podemos nunca vir a saber nada mais sobre aquela mesa que perseguiu Caldwell pela casa fora durante os primeiros dias da mediunidade; podemos nunca vir a compreender realmente como aqueles rolamentos de esferas rolaram rampa acima do «Sísifo» em luz vermelha; certamente nunca teremos a resposta para o problema da voz direta; nem foram todas as impressões em cera tão evidentemente fraudulentas como o polegar Walter-Kerwin — provavelmente nunca saberemos tudo sobre aquelas impressões de palmas humanas inteiras que carregavam a impressão digital de outro homem.

Havia incontáveis outras perguntas a que os críticos nunca foram capazes de responder de forma convincente, mas ao mesmo tempo examinámos a prova de fraude fornecida por uma panóplia tão diversa de personalidades como McDougall, Prince, Helson, Houdini, Dingwall, Hoagland, Code, Shapley, McComas, Wood, Dunlap, Rhine, Bird e Dudley. Ninguém poderia dizer que todos estes homens formaram uma vasta conspiração para suprimir fenómenos que eram realmente bastante genuínos. De facto, vimos que várias destas pessoas foram firmes crentes em alguns dos efeitos psíquicos de Mina numa altura, apenas para alterarem as suas opiniões sob as várias circunstâncias que descrevemos.

Estamos, portanto, perante três possibilidades: (1) Margery era inteiramente genuína; (2) Margery era inteiramente fraudulenta; (3) Margery representava um caso da chamada mediunidade «mista», exibindo características de ambas as categorias. Estamos armados com provas positivas de fraude em alguns casos, ao mesmo tempo que temos apenas possibilidades de genuinidade noutros. Em outras palavras, das duas primeiras proposições, a segunda é imensuravelmente mais forte do que a primeira.

A terceira proposição — a de que a mediunidade era «mista» — fornece-nos aquela medida de segurança sempre proporcionada por ficar em cima do muro. O argumento principal a seu favor reconhece primeiro, claro, a ocorrência de fraude em dada ocasião, ou seja, meramente para «ajudar» os fenómenos genuínos; mas também supõe claramente que houve alguns acontecimentos verdadeiramente supernormais na sala de sessões de Lime Street.

Bird parece ter acreditado nisto quando deixou a sociedade, e Bond, após a sua própria demissão, continuou a falar da realidade de alguns dos fenómenos, particularmente o material subjetivo. Ao mesmo tempo que esta posição é a mais segura, é também a menos satisfatória. Não se pode apontar para nenhum teste único feito com Walter que confirme a hipótese supernormal. Não há provas irrefutáveis para apoiar a sugestão de uma genuinidade mesmo ocasional. Não li nenhum argumento em apoio desta proposição que me impressione como sendo algo mais do que uma preferência pessoal.

O leitor é deixado para fazer a sua própria escolha entre as três proposições, embora eu sugerisse que a primeira posição parece insustentável em vista da discussão precedente. De outro modo, uma vez que não se pode provar o emprego universal de truques, resta decidir entre as duas últimas com perfeita liberdade.

O leitor pode ter aqui motivo para recordar, enquanto pondera este problema incrivelmente intrincado, as palavras de Johnson em Rasselas: «Inconsistências não podem ambas estar certas, mas, imputadas ao homem, podem ambas ser verdadeiras.»

Após o longo e dramático encontro entre esta mulher engenhosa e fascinante e as forças da ciência, a parapsicologia americana desviou o seu foco dos problemas da mediunidade durante quase trinta anos, de modo a concentrar-se nos modos básicos de comunicação extrassensorial. Hoje, com este historial atrás de si, os parapsicólogos estão mais uma vez a investigar a utilidade da investigação da sobrevivência, desta vez com um conhecimento mais claro dos problemas a serem superados ao abordar este, o maior dos mistérios do homem.

O que poderia ter acontecido à parapsicologia moderna, se à tendência iniciada pelos crentes fervorosos tivesse sido permitido continuar, é uma especulação além dos nossos poderes menos do que oraculares. Mas foi uma história pitoresca e até escandalosa enquanto durou. A vida de Mina Crandon foi tanto feliz como absurda; a sua mediunidade tanto intrigante como desastrosa.

Perto do fim, a bebida e o desapontamento roubaram-lhe a vitalidade juvenil, a sua alegria elusiva, o seu charme exuberante. Ela era apenas um eco daquela rapariga que tinha começado naquela noite

quente de primavera, dezassete anos antes, a abalar os alicerces do mundo. A ciência e a religião tinham vacilado brevemente perante a incrível Margery, a médium.

Agora tinha terminado.

Epílogo

Há uma história contada sobre Margery que de algum modo capta o mistério, o humor e a tragédia da sua vida de uma forma que só um mito pode fazer. Ouvi-a da Sra. Garrett, e ela obteve-a de Nandor Fodor; gosto de acreditar que é verdade.

Nos últimos dias restantes da vida de Mina, ela jazia na cama num canto sombrio do seu quarto. Sentado ao seu lado numa cadeira de madeira estava Nandor Fodor, nas suas mãos um bloco de papel. Inclinando-se muito perto do rosto da mulher, disse-lhe que agora era a altura de fazer uma confissão completa; ambos sabiam que ela não tinha muito tempo de vida e ele sugeriu que ela partiria mais feliz se lhe ditasse uma confissão.

Todos sabiam, acrescentou ele, que alguns dos fenómenos eram genuínos; mas que métodos usava ela para efetuar o resto? Como é que o fazia? E, o mais intrigante de tudo, por que razão deu ela a sua vida por isso? O que a tinha levado à voz no escuro? Fodor fez todas as perguntas que fizemos aqui; ela sabia que podia confiar nele para reter qualquer informação que lhe pudesse dar até após a sua morte.

O rosto gordinho estava afundado num travesseiro de penas. Os caracóis outrora dourados estavam agora desbotados numa tonalidade indistinta enquanto descansavam sobre a fronha branca. Ela escutava silenciosamente. Depois, numa voz fraca, murmurou algo que Fodor não conseguiu entender. Ele pediu-lhe para repetir.

«Com certeza,» disse ela, desta vez mais distintamente. «Disse que podia ir para o inferno. Todos vós, "investigadores psíquicos", podem ir para o inferno.»

E depois Fodor pareceu ver algo muito parecido com o velho e familiar brilho de alegria entrar nos olhos dela enquanto olhava para ele e se ria baixinho. «Por que não adivinham?», disse ela, e riu-se baixinho novamente. «Ficarão todos a adivinhar . . . pelo resto das vossas vidas.»

NOTAS

INTRODUÇÃO

Ver H. Feigl, «The "Mental" and the "Physical,"» em H. Feigl, M. Scriven e G. Maxwell, eds., Minnesota Studies in the Philosophy of Science, II (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1958), pp. 370-497.

CAPÍTULO I

1 Mark W. Richardson, «Truth and the Margery Mediumship» (Não publicado, ca. 1947), p. 89.

2 Ibid., p. 105.

3 Eric J. Dingwall, «Report on a Series of Sittings with the Medium Margery,» Proceedings of the Society for Psychical Research, XXXVI (1928), 81.

4 Richardson, p. 89.

5 Journal of the American Society for Psychical Research, 23 (1928), p. 304.

6 Journal ASPR, 26 (1931), p. 60

7 Richardson, p. 15.

8 Ibid., p. 14.

9 J. Malcolm Bird, «Margery» the Medium, p. 14.

10 Dingwall, p. 81.

11 John T. Flynn, «The Witch of Beacon Hill: An Interview with "Margery,"» p. 7.

12 Ibid., p. 7.

13 Richardson, p. 15.

14 Dingwall, p. 81.

15 Bird, M. M., p. 13.

16 Bird, M. M., p. 13.

17 William L. Gresham, Houdini: The Man Who Walked Through Walls, p. 245

18 New York Times, 2 de novembro de 1941.

CAPÍTULO II

1 J. Malcolm Bird, The «Margery» Mediumship (Nova Iorque, 1926-1927).

2 William L. Gresham, Houdini: The Man Who Walked through Walls, p. 245.

3 Eric J. Dingwall, «Report on a Series of Sittings with the Medium Margery,» p. 128.

4 Hamlin Garland, Forty Years of Psychic Research, p. 293.

5 New York Times, 28 de dezembro de 1939.

6 Richardson, p. 106.

7 S. Ralph Harlow, A Life after Death, p. 72.

8 Harlow, p. 73.

9 Bird, p. 16.

CAPÍTULO III

1 Eric J. Dingwall, «Report on a Series of Sittings with the Medium Margery,» p. 84.

2 John T. Flynn, «The Witch of Beacon Hill,» p. 7-8.

3 Mark W. Richardson, «Truth and the Margery Mediumship,» p. 4.

4 Ibid., p. 13.

5 Ibid.

6 Ibid.

7 Ibid., p. 13a.

8 Ibid.

9 J. Malcolm Bird, «Margery» The Medium, p. 16.

10 Bird, p. 20.

11 Flynn, p. 7.

12 Bird, p. 107.

13 Dingwall, pp. 86-87.

14 S. Ralph Harlow, A Life after Death, p. 78.

15 Flynn, p. 7.

CAPÍTULO IV

1 Journal of the American Society for Psychical Research, 28 (1934), p. 4.

2 J. Malcolm Bird, «Margery» The Medium, p. 22.

3 Ibid., p. 34.

4 Ibid., p. 39.

5 Ibid., p. 37.

6 Ibid., p. 40.

7 Ibid., p. 61.

8 Ibid., pp. 66-67.

9 Ibid., p. 66.

10 Ibid., pp. 66-67.

11 Ibid., p. 63.

12 Bird, p. 23.

13 Ibid., p. 48.

14 Hereward Carrington, The Story of Psychic Science, pp. 153-154.

15 Bird, p. 49.

16 Ibid.

17 Hamlin Garland, Forty Years of Psychic Research, pp. 304, 309.

18 Mark Richardson, «Truth and the Margery Mediumship,» p. 15.

19 T. R. Tietze, «Eusapia Palladino: A Study in Paradox,» Psychic Magazine, 3 (fevereiro de 1972, pp. 9-13 ff.; abril de 1972, pp. 40-45).

20 Carrington, p. 156.

21 J. T. Flynn, «The Witch of Beacon Hill,» p. 8.

22 Richardson, p. 89.

23 Ibid.

24 Ibid., p. 90.

25 Ibid., p. 92.

26 Flynn, p. 42.

CAPÍTULO V

1 J. Malcolm Bird, «Margery» The Medium, p. 103.

2 Ibid., p. 51.

3 Ibid.
4 Ibid., p. 52.
5 Mark Richardson, «Truth and the Margery Mediumship,» p. 104.
6 Bird, p. 90.
7 Ibid., pp. 88-91.
8 Ibid., pp. 103-106.
9 Ibid., 108.
10 Ibid., p. 111.
11 Ibid., p. 110.
12 Ibid., pp. 110-111.

CAPÍTULO VI

1 Who's Who in America, Vol. 17 (1932-33), p. 310.
2 J. Malcolm Bird, My Psychic Adventures, p. 112.
3 Scientific American, 127 (1922), p. 389.
4 Leonard Maltin, Behind the Camera (Nova Iorque, 1971), p. 31.
5 Bird, «Margery» The Medium, p. 151.
6 Bird, et al., «Our Psychic Investigation,» Scientific American, 129 (1923), p. 84.
7 Bird, «Margery,» pp. 404-405.
8 Bird, «Our Psychic Investigation,» p. 307.
9 Arthur Conan Doyle, Our Second American Adventure, p. 55.
10 Walter Franklin Prince, «Review of "My Psychic Adventures,"» Journal of the ASPR, 18 (1923), p. 422.
11 Bird, «Our Psychic Investigation,» p. 307.
12 Ibid., p. 308.
13 Bird, «Our Psychic Investigation,» p. 86.
14 Ibid.
15 Ibid., p. 71.
16 Bird, «Our Psychic Investigation,» p. 14.
17 Bird, «Our Psychic Investigation,» p. 379.
18 Doyle, p. 48.
19 Prince, pp. 422-433.

CAPÍTULO VII

1 Walter Franklin Prince, «Experiments by the Scientific American,» Journal of the American Society for Psychical Research, 18 (1923), p. 392. Ver também: Sra. W. H. Salter, «The History of George Valiantine,» p. 390.

2 Salter, p. 389.

3 J. Malcolm Bird, et al., «Our Psychic Investigation,» Scientific American, 129 (1923), p. 14.

4 Prince, pp. 393-395.

5 Ibid., p. 396.

6 Ibid., p. 401.

7 Ibid., p. 409.

8 Bird, «Margery» The Medium, pp. 114-115.

9 Ibid., pp. 113-114.

10 Bird, «Margery» The Medium, p. 114.

11 Ibid., p. 155.

12 Hereward Carrington, Psychic Science, p. 201.

13 Journal of ASPR, 19 (1925), p. 185.

14 Ibid., p. 153. Carrington, p. 153.

15 Journal of ASPR, 19 (1925), p. 186.

16 William L. Gresham, Houdini: The Man Who Walked through Walls, p. 216.

CAPÍTULO VIII

1 Walter B. Gibson e Morris Young, eds., Houdini on Magic, p. 141.

2 Ibid., pp. 143-144.

3 Ibid., pp. 141-142.

4 Ibid., p. 156.

5 J. Malcolm Bird, «Margery» The Medium, p. 433.

6 Gibson e Young, p. 156.

7 Bird, p. 434.

8 William L. Gresham, Houdini: The Man Who Walked through Walls, p. 254.

9Milbourne Christopher, Houdini: The Untold Story (Nova Iorque, 1969), p. 198.

10 Gibson e Young, p. 160.

11 Ibid., p. 159.

12 Ibid., p. 160.

CAPÍTULO IX

1 Scientific American, 130 (novembro de 1924), p. 304.

2 Grant Code, Hudson Hoagland, Everard Feilding, «Concerning Mr. Feilding's Review of Mr. Hudson Hoagland's "Report on Sittings with Margery,"» p. 416.

3 Mark Richardson, «Truth and the Margery Mediumship,» p. 101.

CAPÍTULO X

1 Ibid., p. 84.

2 Eric J. Dingwall, «Report on a Series of Sittings with the Medium Margery,» p. 80.

3 Ibid., pp. 83-84.

4 Ibid., p. 102.

5 Ibid., p. 103.

6 Ibid., p. 125.

7 Ibid., p. 117.

8 Ibid., p. 129.

9 Ibid., p. 130.

10 Ibid., p. 129.

11 Ibid., p. 128.

12 Ibid., p. 117.

13 Ibid., p. 112.

14 Ibid., p. 116.

15 Ibid., p. 132.

16 Ibid., pp. 114-115.

17 Ibid., p. 147.

18 Ibid., p. 130.

19 Ibid., p. 135.

20 Ibid., p. 135n.

21 Ibid., p. 140.

22 G. H. Estabrooks, Spiritism, pp. 203-204.

23 Journal of American Society for Psychical Research, 19 (1925), p. 225.

24 Dingwall, p. 124.
25 Ibid., p. 140.
26 Journal of ASPR, 19 (1925), p. 227.
27 Dingwall, p. 140.
28 Everard Feilding, «Review: Mr. Hudson Hoagland's "Report on Sittings with Margery,"» p. 159.
29 Dingwall, p. 156.
30 Ibid., p. 151.
31 Ibid., p. 84.
32 Ibid., pp. 157-158.
33 Estabrooks, p. 209.
34 Dingwall, p. 155.

CAPÍTULO XI

1 Hudson Hoagland, «Science and the Medium: The Climax of a Famous Investigation,» p. 667.
2 Everard Feilding, «Review: Mr. Hudson Hoagland's "Report on Sittings with Margery,"» p. 170.
3 John T. Flynn, «The Witch of Beacon Hill,» p. 7.
4 Hoagland, pp. 669-670.
5 Ibid., p. 670.
6 J. Malcolm Bird, «The Margery Mediumship I,» pp. 39-40.
7 Hoagland, p. 670.
8 New York Times, 22 de outubro de 1926.
9 Ibid.
10 Hoagland, p. 668.
11 Ibid.
12 Ibid.
13 Ibid., p. 669.
14 Bird, p. 108.
15 Ibid., p. 35.
16 Journal of the American Society for Psychical Research, 19 (1925), p. 727.
17 Hoagland, p. 671.
18 Ibid., p. 673.
19 Ibid., p. 672-673.
20 Ibid., p. 674.

21 Ibid., pp. 674-675.
22 Ibid., p. 674.
23 Ibid., pp. 675-676.
24 Ibid., p. 676.
25 Ibid., p. 678.
26 Ibid.
27 Ibid.
28 Ibid., p. 678-679.
29 Ibid., p. 679.
30Grant Code, Hudson Hoagland, Everard Feilding, «Concerning Mr. Feilding's Review of Mr. Hudson Hoagland's "Report on Sittings with Margery,"» p. 427.
31 Ibid., p. 428.
32 Ibid.
33 Ibid., p. 429.
34 Hoagland, 681.
35 Feilding, p. 168.
36 Ibid.
37 Bird, p. 142.

CAPÍTULO XII

1 Ibid., pp. 287-291.
2 Ibid., pp. 292-304.
3 Ibid., pp. 312-323.
4 J. Malcolm Bird, «The Margery Mediumship I,» p. 223.
5 Ibid., pp. 223-226.
6 Ibid., p. 223.
7 Ibid., p. 368.
8 Henry Clay McComas, Ghosts I Have Talked With, p. 18.
9 Ibid., p. 17.
10 Ibid.
11 Ibid., p. 121.
12 Ibid., p. 123.
13 Ibid., p. 124.
14 Ibid., p. 118.
15 Ibid., p. 124.
16 Ibid., p. 133.

17 Ibid., pp. 133-135.
18 Ibid., pp. 139-140.
19 Ibid., p. 140.
20 E. E. Dudley, et al., «The Margery Mediumship II,» p. 718.
21 McComas, pp. 147-148.
22 Ibid., pp. 149-150.
23 Ibid., p. 145.

CAPÍTULO XIII

1 Carl Murchison, ed., The Case For and Against Psychical Belief, p. i.
2 Ibid., p. 82.
3 J. Malcolm Bird, «The Margery Mediumship I,» p. 490.
4 Murchison, p. 104.
5 Ibid.
6 Ibid., p. 89.
7 Ibid., p. 91-92.
8 T. R. Tietze, «The Mysterious Wax Gloves of Franek Kluski,» Psychic Magazine, 11 (abril de 1971), pp. 24-25.
9 Ibid., p. 94.
10 J. B. Rhine e L. E. Rhine, «One Evening's Observation on the Margery Mediumship,» p. 411.
11 Ibid., p. 407.
12 Ibid., p. 414.
13 Ibid., pp. 413-414.
14 Ibid., p. 413.
15 Ibid., pp. 414-415.
16 Bird, pp. 4-5.
17 Rhine, p. 417.
18 Murchison, p. 95.
19 George Lawton, The Drama of Life after Death, p. 263.
20 Bird, pp. 229-230.
21 Rhine, p. 419.
22 Ibid.
23 Bird, p. 448.
24 Ibid.

CAPÍTULO XIV

1 William W. Kenawell, The Quest at Glastonbury: A Biographical Study of Frederick Bligh Bond, pp. 23-28.

2 Ibid., pp. 94-95.

3 Ibid., p. 98.

CAPÍTULO XV

1 Hamlin Garland, Forty Years of Psychic Research, p. 288.

2 Ibid.

3 Ibid., p. 292.

4 Ibid., p. 300

5 Journal of the American Society for Psychical Research, 29 (1935), p. 85.

6 Garland, p. 313.

7 Ibid.

8 Ibid., p. 293.

9 Ibid., p. 294.

10 Ibid., p. 311.

11 Ibid., p. 321.

12 Journal of the ASPR, 23 (1929), pp. 278-280.

13 E. E. Dudley, et al., «The Margery Mediumship II,» pp. 636-642.

14 Ibid., p. 642.

15 Sra. W. H. Salter, «The History of George Valiantine,» p. 395.

16 Salter, p. 389.

17 Mark W. Richardson, «Truth and the Margery Mediumship,» p. 57a.

18 Salter, p. 409.

19 Journal of the ASPR, 25 (1931), p. 136.

20 Ibid., pp. 139-144.

21 Proceedings of the Society for Psychical Research, 39 (1929-1931), p. 358-368.

22 Journal of the ASPR, 25 (1931), p. 143.

23 Ibid., pp. 142-143,

24 Carta de Stewart Griscom (repórter do Boston Herald) para o Dr. George H. Hyslop, 18 de junho de 1927 (dos arquivos de Walter Franklin Prince na Sociedade Americana de Investigação Psíquica).

25 Journal of the ASPR, 23 (1929), pp. 295-313.

26 Ibid., pp. 270-277.

27 Journal of the ASPR, 24 (1930), p. 532.

28Walter Franklin Prince, «The Case against Margery,» p. 262.

29 Richardson, p. 10.

CAPÍTULO XVI

1 Journal of the American Society for Psychical Research, 26 (1932), p. 50.

2 Journal of the ASPR, 24 (1930), pp. 484-485.

3 Journal of the ASPR, 26 (1932), pp. 48-54.

4 Ibid., pp. 55-56.

5 Ibid.

6 Brackett K. Thorogood, «The Margery Mediumship III,» p. x.

7 Mark W. Richardson, «Truth and the Margery Mediumship,» p. 7.

8 Journal of the ASPR, 25 (1939), p. 147.

9 Richardson, p. 98.

10 Ibid., p. 8-9.

11 Thorogood, p. xi.

12 Journal of the ASPR, 26 (1932), pp. 97-132.

13 Paul Tabori, Harry Price, The Biography of a Ghost Hunter, pp. 163-164.

14 Ibid.

15 Journal of the ASPR, 25 (1931), p. 365.

16 Journal of the ASPR, 26 (1932), pp. 58-60.

17 Ibid., p. 46.

18 Ibid., pp. 266-276.

19 Thorogood, pp. 201-208.

20 Bulletin of the Boston Society for Psychic Research, 22 (abril de 1934), p. 26.

21 Journal of the ASPR, 26 (1932), p. 118.

22 William W. Kenawell, The Quest at Glastonbury, p. 102.

23 Proceedings of the Society for Psychical Research, 43 (1935), p. 17.

24 Ibid., pp. 22-23.

25 Joseph F. Rinn, Sixty Years of Psychical Research, p. 573.

CAPÍTULO XVII

1 Journal of the American Society for Psychical Research, 26 (1932), pp. 405-406.

2 Francis Russell, «The Witch of Beacon Hill,» p. 110.

3 Mark W. Richardson, «Truth and the Margery Mediumship,» pp. 81-82.

4 Journal of the ASPR, 29 (1935), pp. 37-51.

5 Ibid., pp. 130-131.

6 William W. Kenawell, The Quest at Glastonbury, p. 103.

7 Journal of the ASPR, 31 (1937), pp. 193-194.

8 Ibid., p. 194.

9 Journal of the ASPR, 32 (1938), pp. 1-4.

10 Ibid., pp. 65-68.

111 Journal of the ASPR, 34 (1940), p. 35.

12 Russell, p. 110.

13 Ibid., p. 111.

14 Ibid.

15 Ibid.

16 Ibid.

17 Richardson, pp. 2-3.

18 Nandor Fodor, «The Coming of the Ghouls,» Fate Magazine (março de 1963), p. 45.

19 Richardson, p. 108.

20 Ibid., p. 3.

21 Ibid., p. 109.